UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Letras

Neusa de Araújo Fernandes

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM DISCURSOS SOBRE A INFLUÊNCIA DA EUROPA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E DEFINIÇÃO DOS PARÂMETROS CULTURAIS DOS HABITANTES DO TIJUCO/DIAMANTINA

Belo Horizonte
2012

Neusa de Araújo Fernandes

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM DISCURSOS SOBRE A INFLUÊNCIA DA EUROPA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E DEFINIÇÃO DOS PARÂMETROS CULTURAIS DOS HABITANTES DO TIJUCO/DIAMANTINA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Juliana Alves Assis.

Belo Horizonte
2012

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Fernandes, Neusa de Araújo
F363r Representações sociais em discursos sobre a influência da Europa na formação da identidade e definição dos parâmetros culturais dos habitantes do Tijuco/Diamantina / Neusa de Araújo Fernandes. Belo Horizonte, 2012.
251f.

Orientadora: Juliana Alves Assis
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Representações sociais – Diamantina (MG). 2. Identidade. 3. Cultura. 4. Análise do discurso. I. Assis, Juliana Alves. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 301.151(815.1)

Neusa de Araújo Fernandes

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM DISCURSOS SOBRE A INFLUÊNCIA DA EUROPA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E DEFINIÇÃO DOS PARÂMETROS CULTURAIS DOS HABITANTES DO TIJUCO/DIAMANTINA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Prof.ª Dr.ª Juliana Alves Assis — PUC Minas (Orientadora)

Prof.ª Maria Angela Paulino Teixeira Lopes— PUC Minas

Prof.ª Dr.ª Anneliese Maria Bento Gama de Carvalho — UFMG

Prof. Dr. Johnny José Mafra — PUC Minas

Prof. Dr. Adilson Ribeiro de Oliveira — IFMG

Belo Horizonte, 09 de março de 2012.

Àqueles que certamente se sentiriam muito felizes se aqui ainda estivessem: meus pais Bileu e Conceição, meu marido Luiz Marilac, minha filha Marilane, e Malu, minha professora no Mestrado e professora e orientadora no Doutorado.

Aos meus familiares, filhos, genro, noras e netos, que sempre me proporcionaram uma vida em família participativa e agradável.

A Diamantina, minha terra de adoção, que me motivou a melhor conhecê-la pela pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este curso, depois de cinquenta e quatro anos e meio de efetivo exercício de magistério e de administração de colégios e faculdade, sinto que tenho muito a agradecer a Deus, que me tem protegido constantemente, dando-me saúde, disposição e entusiasmo para o trabalho e para a vida. Obrigada!

Aos professores do Curso de Pós-graduação em Letras da PUC, especialmente à dedicada e sempre atenciosa orientadora, professora Juliana: todo o meu reconhecimento pela contribuição valiosa para que fosse possível alcançar o meu objetivo.

Aos meus filhos Leônidas, Gleice, Jefferson, Ronaldo e Luiz Orlando, pelo carinho, presença, cuidados, incentivo e apoio constantes.

A alguns amigos do Clube da Maturidade que sempre me ouvem e me apoiam nos meus projetos, ainda que os considerem extemporâneos.

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: Sapiência: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor. (BARTHES, 1978, p.47).

RESUMO

O propósito deste trabalho é apresentar o resultado de pesquisa realizada em discursos de escritores e entrevistados diamantinenses acerca das relações entre a Europa e o Arraial do Tijuco/Diamantina, nos séculos XVIII, XIX e XX. A pesquisa teve como foco a descoberta do diamante – período em que uma nova fase na história do arraial começou, em decorrência de intensa, duradora e, muitas vezes, conflituosa relação com a metrópole –, assim como a grande presença de europeus que passaram a se radicar nessa região minerária. Como ponto de partida, construiu-se a hipótese de que houve forte influência de europeus, principalmente portugueses e franceses, na formação de traços de "identidade" e definição de "parâmetros culturais" dos habitantes e que a comprovação seria feita pela análise das "representações sociais" flagradas nos discursos analisados. Ao longo desse percurso, algumas decisões preliminares nortearam os seus rumos: primeiro, não buscar imprimir um caráter de pesquisa histórica ao trabalho; e segundo, adotar as estratégias de métodos qualitativos na análise dos discursos que privilegiam a "compreensão", a "interpretação" e o "entendimento" das Representações Sociais nas falas dos escritores e entrevistados como *sujeitos sociais* que interagiram entre si, interpretando ou construindo conhecimentos sobre um determinado objeto de sua realidade comum, para o qual convergiram diversos sentimentos partilhados pelo grupo de pertença. Feita a análise dos discursos concluiu-se que as influências europeias, notadamente, a portuguesa, a francesa e a inglesa, muito contribuíram para a formação da identidade e definição dos parâmetros culturais dos habitantes do Tijuco/Diamantina e que suas características permanecem na cultura dos diamantinenses até os dias atuais.

Palavras-chave: Representações Sociais; Traços de identidade; Parâmetros culturais; Análise de discursos.

RÉSUMÉ

Le but de cet article est de présenter le résultat de recherches menées dans les discours et interviewé diamantinenses écrivains sur la relation entre l'Europe et Arraial do Tijuco/Diamantina, dans le XVIIIe, XIXe et XXe siècles, avec le point de départ de la découverte de diamants, au cours de laquelle une nouvelle phase dans l'histoire du camp a été initié à la suite de relation intense et durable, et souvent conflictuelle avec la métropole, ainsi que la présence importante d'Européens ont commencé à s'installer dans cette région minière. Comme point de départ, nous avons construit l'hypothèse qu'il y avait une forte influence des Européens, principalement en portugais et en français, dans la formation de traces de "l'identité" et la définition de "modèles culturels" des habitants et que la preuve serait faite en examinant "représentations sociales" pris dans le discours analysé. En cours de route, guider sa direction des décisions préliminaires: d'abord, ne soyez pas d'imprimer le caractère de travaux historiques et deuxièmement, d'adopter les stratégies des méthodes qualitatives dans l'analyse des discours qui mettent l'accent surla "compréhension", "interprétation" et "compréhension" des représentations sociales dans les états des écrivains et des personnes interrogées en tant que sujets sociaux qui ont interagi avec l'autre, l'interprétation ou la construction de connaissances sur un objet particulier de leur réalité commune, qui ont convergé vers les différents sentiments d'appartenance partagé par le groupe. Après analyse des discours avant que les résultats obtenus, il a été conclu que les influences européennes, notamment le portugais, français et anglais, ont grandement contribué à la formation de l'identité et la définition des paramètres culturels des habitants de Tijuco/Diamantina et ses caractéristiques diamantinenses rester dans la culture jusqu'à aujourd'hui.

Mots-clés: Représentations Sociales; Traces de l'identité; Modèles culturels; Analyse des discours.

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO ADOTADAS

Ocorrências	Sinais
Truncamento	/
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))
Citações literais ou leituras de textos durante a gravação	“ ”
Entonação enfática	MAIÚSCULAS
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	: :: :::
Comentários que quebram a sequência temática da exposição (desvio temático)	-- --
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto (não no seu início)	[...]
Indicação de simultaneidade de falas	|

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 23
1.1 Objetivo geral 29
1.2 Objetivos específicos 29

2. A LINGUÍSTICA DO DISCURSO, SUBJETIVIDADE, IDENTIDADE E PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO: ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS 32
2.1 Linguagem como atividade social: a linguística do discurso 32
2.2 Sujeito, subjetividade e identidade no discurso 33
2.3 Da referência aos processos de referenciação: "objetos de discursos" e construção de sentidos 37
***2.3.1 Objetos de discursos e construção de sentidos: exemplificação* 40**
2.3.1.1 Condições de produção do discurso: sujeito e contexto 41
2.3.1.2 As dimensões internas do discurso: diferentes recursos linguístico-discursivos 41

3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: REFERENCIAIS TEÓRICOS E ILUSTRAÇÕES EM DISCURSOS DE ESCRITORES DIAMANTINENSES 46
3.1 Processos de construção, natureza e funções das Representações Sociais: ilustração em discursos de diamantinenses 48
3.2 A evolução das Representações Sociais de Referência (RR) e de Uso (RU), *Themata* e *thematização*: uma ilustração em discursos sobre Chica da Silva 56

4. DIRETRIZES METODOLÓGICAS PARA A OPERACIONALIZAÇÃO DA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NOS DISCURSOS PUBLICADOS E NAS ENTREVISTAS 71
4.1 Considerações preliminares 71
4.2 Da teoria à prática: operacionalização da análise dos discursos constitutivos do *corpus* 73
***4.2.1 Os sujeitos sociais: enunciadores e enunciatários nas atividades linguageiras* 74**
***4.2.2 O contexto de produção* 75**
***4.2.3 Dimensões internas do discurso na construção das* Representações Sociais 75**
***4.2.4 As diversas estratégias adotadas na análise das RS* 80**

5. DE ARRAIAL DO TIJUCO À CIDADE DE DIAMANTINA: O CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 82
5.1 Primeiro período: o Arraial do Tijuco/Vila Diamantina (século XVIII / início do século XIX) 83
***5.1.1 A demarcação do distrito diamantino* 86**
***5.1.2 A época dos contratadores (de 1º de janeiro de 1740 a 31 de dezembro de 1771)* 87**
***5.1.3 A Real Extração: seu regimento no "Livro da Capa Verde" (1772 a 1845)* 91**
5.2 2º Período: Arraial do Tijuco/cidade de Diamantina, no século XIX 94

6. A INFLUÊNCIA EUROPEIA NA CULTURA DO ARRAIAL DO TIJUCO/DIAMANTINA NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESCRITORES 103
6.1 Análise dos excertos selecionados 104
6.1.1 Primeiro excerto: de José Vieira Couto 105
6.1.1.1 Contexto de produção: fatores históricos, sociais e situacionais 105
6.1.1.2 O enunciador do discurso, um "sujeito social" 106
6.1.1.3 Dimensões internas das Representações Sociais: recursos linguístico-discursivos estruturais dos eixos temáticos 107
6.1.2 Segundo excerto: de Joaquim Felício dos Santos 113
6.1.2.1 O contexto de produção: fatores históricos, sociais e situacionais 114
6.1.2.2 O sujeito enunciador, um pensador diamantinense, um "sujeito social" 115
6.1.2.3 Dimensões internas das representações sociais: recursos linguístico-discursivos estruturais dos eixos temáticos 116
6.1.3 Terceiro excerto: de Aires da Mata Machado Filho 120
6.1.3.1 O contexto de produção: fatores históricos, sociais e situacionais 121
6.1.3.2 O sujeito do discurso: um intelectual filho de Diamantina 121
6.1.3.3 Dimensões internas das Representações Sociais: recursos linguístico-discursivos estruturais dos eixos temáticos 122
6.1.4 Quarto excerto: de Junia Ferreira Furtado 126
6.1.4.1 O contexto de produção: fatores históricos, sociais e situacionais 127
6.1.4.2 O sujeito enunciador do discurso: uma pesquisadora 127
6.1.4.3 Dimensões internas das representações sociais: recursos discursivo- linguísticos estruturais dos eixos temáticos 128
6.2 Análise dos dados 132

7. A INFLUÊNCIA EUROPEIA NA CULTURA DO ARRAIAL DO TIJUCO/DIAMANTINA NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ENTREVISTADOS 134
7.1 Análise dos discursos produzidos pelos entrevistados: execução 135
7.1.1 Primeiro eixo temático: as diversas origens das influências identificadas na formação da identidade e definição dos parâmetros culturais dos habitantes do Tijuco/Diamantina 139
7.1.1.1 Excertos da fala do entrevistado 1 sobre o primeiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das representações sociais 139
7.1.1.2 Excertos da fala do entrevistado 2 sobre o primeiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais 141
7.1.1.3 Excertos da fala do entrevistado 3 sobre o primeiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais 141
7.1.1.4 Excertos da fala do entrevistado 4 sobre o primeiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais 145
7.1.1.5 Excertos da fala do entrevistado 5 sobre o primeiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais 147

7.1.2 O segundo eixo temático: A influência europeia sobre o povo tijucano/diamantinense: na filosofia, na política na religião e na educação 148
7.1.2.1 Excertos da fala do entrevistado 1 sobre o segundo eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais 149
7.1.2.2 Excertos da fala do entrevistado 3 sobre o segundo eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais 150
7.1.2.3 Excertos da fala do entrevistado 4 sobre o segundo eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais 153
7.1.2.4 Excertos da fala do entrevistado 5 sobre o segundo eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais 155
7.1.3 O terceiro eixo temático: as manifestações culturais de arte do Tijuco/Diamantina: as influências diversas na música, na pintura, na arquitetura, na ourivesaria e nas manifestações folclóricas 156
7.1.3.1 Excertos da fala do entrevistado 1 sobre o terceiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais 156
7.1.3.2 Excertos da fala do entrevistado 2 sobre o terceiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais 157
7.1.3.3 Excertos da fala do entrevistado 3 sobre o terceiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais 158
7.1.3.4 Excertos da fala do entrevistado 4 sobre o terceiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais 160
7.1.3.5 Excertos da fala do entrevistado 5 sobre o terceiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais 161

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS 164

REFERÊNCIAS 172

ANEXO A – MATERIAL USADO NA DINÂMICA DAS ENTREVISTAS 177
ANEXO B − PRIMEIRO EXCERTO DOS DISCURSOS ANALISADOS 180
ANEXO C − SEGUNDO EXCERTO DOS DISCURSOS ANALISADOS 182
ANEXO D − O TERCEIRO EXCERTO DOS DISCURSOS ANALISADOS 184
ANEXO E − QUARTO EXCERTO DOS DISCURSOS ANALISADOS 186

APÊNDICE A – ENTREVISTA 1 187
APÊNDICE B – ENTREVISTA 2 207
APÊNDICE C – ENTREVISTA 3 212
APÊNDICE D – ENTREVISTA 4 228
APÊNDICE E – ENTREVISTA 5 241

1. INTRODUÇÃO

> Leis extravagantes regeram a Demarcação Diamantina, este estado no Estado. As duras exigências da Metrópole ensinaram a lição da liberdade, haurida e sofrida na opressão. Cívica altivez pontilha a história local, do auto de fé popular com o livro da Capa Verde à injustiça de que foi alvo o nosso Juscelino Kubitschek de Oliveira. (MACHADO FILHO, 1969, s/p).

O propósito deste trabalho é apresentar o resultado de pesquisa realizada em discursos de escritores e entrevistados diamantinenses acerca das relações entre a Europa e o Arraial do Tijuco/Diamantina, nos séculos XVIII, XIX e XX. A pesquisa teve como foco a descoberta do diamante – período em que uma nova fase na história do arraial começou, em decorrência de intensa, duradora e, muitas vezes, conflituosa relação com a metrópole –, assim como a grande presença de europeus que passaram a se radicar nessa região minerária.

Inicialmente, partiu-se da hipótese de que houve forte influência de europeus, principalmente portugueses e franceses, na formação de traços de "identidade" e definição de "parâmetros culturais" dos habitantes e buscou-se comprovar essa pressuposição em dados obtidos pela análise de discursos de escritores e entrevistados sobre o objeto de estudo.

Para se ter mais clareza nesta introdução, embora sejam os suportes teóricos adotados alvo de estudos detalhados em capítulos específicos, entendeu-se ser conveniente definir sucintamente as três expressões componentes do título dado a esta tese: "representações sociais", "formação da identidade" e "parâmetros culturais".

A primeira expressão, "representações sociais", pode ser definida, no campo da psicologia social, como um conjunto de imagens, conceitos e categorias sobre um referente, socialmente construídas e compartilhadas num processo de interação social; são maneiras de se ver e sentir uma realidade, consolidadas na cultura de um grupo social. O termo "identidade" toma aqui o sentido de "diferença", conforme definição de Souza (1994, p.17): "identidade é o que em princípio nos diferencia dos outros.".

A expressão "parâmetros culturais" liga-se a conceitos de "cultura", com uma abrangência bastante ampla e diversificada proposta por Clifford Geerts (1966, p.4): "o legado social que o indivíduo adquire de seu povo"; o "que quer que seja que alguém tem que acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros"; "um celeiro de aprendizagem em comum"; "uma forma de pensar, sentir e acreditar". Esses enfoques socioculturais podem ser complementados por considerações de Edward Tylor, que toma o vocábulo inglês "culture" em um sentido etnográfico amplo, "que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, leis costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo

homem como membro de uma sociedade.” (TYLOR, 1871, p.1 *apud* LARAIA, 2004, p.25). Diferentes desses conceitos antropológicos de cultura, há conceitos filosóficos que priorizam o estatuto ontológico que rege a atividade cultural dos homens como unidades de diversos ciclos efetivados em difrentes momentos históricos, em diferentes tempos.

Assim é que na civilização ocidental, a partir do século XVIII, privilegiou-se o conceito de cultura como saber intelectual, como habilidades referentes ao ato de aprender, como um conjunto de conhecimentos teóricos e práticos que se aprendem e se transmitem aos contemporâneos. Essas noções encontram-se bem presentes em alguns discursos analisados e permitem perceber diferentes graus de cultura de uma pessoa, de um povo, assim como a existência do processo de crescimento ou regressão cultural. Entende-se por regressão cultural o fato de que determinadas comunidades, por fatores vários, desviam-se de fontes de transmissão do saber e perdem padrões culturais antes presentes em gerações anteriores. Vale ressaltar que esse fenômeno é visto no sentido de cultura como conjunto de conhecimentos, como saber acumulado.

Nos discursos analisados, ora aparecem considerações pertinentes ao sentido mais amplo, antropológico, ora privilegia-se a cultura no sentido filosófico, como um saber intelectual, até mesmo como “erudição”. Deduz-se, assim, que são esses dois conceitos nitidamente relacionados ao de “identidade”, revelada nos padrões socioculturais diferenciadores de Diamantina no contexto da província mineira.

À luz dessa premissa, para identificar traços da identidade do tijucano/diamantinense, nada melhor do que recorrer à literatura da terra dos diamantes, que assinala como tema recorrente as características especiais dos habitantes do Tijuco/Diamantina se comparados aos de outras cidades vizinhas.

Entre outros autores, Joaquim Felício dos Santos, Soter Ramos Couto, Aires da Mata Machado Filho e João Antônio Meira manifestaram opiniões sobre uma relação bem explícita entre a identidade do diamantinense e sua história, a partir do Tijuco do século XVIII, ressaltando-se a primeira profissão praticada no Tijuco, a de garimpeiro, em que sofrimento e heroísmo temperaram o espírito corajoso e independente como primeiros traços de “identidade” ainda hoje reconhecidos.

Joaquim Felício dos Santos (1978, p.115-117), em seu livro Memórias do Distrito Diamantino, obra considerada básica na historiografia de Diamantina, manifesta as suas “representações” sobre os fatores intervenientes na definição dos costumes do povo tijucano e as mudanças ocorridas a partir de meados do século XVIII (1748):

> Notável alteração sofreram os costumes de um povo, isolado neste canto do Brasil. Procurou-se imitar à risca os usos e modas da metrópole, que também por sua parte procurava imitar o que via na França.[...] Um dos mais graves e sérios estudos do tempo era o da denominada política ou civilidade, isto é da maneira por que cada um devia em público regular o seu comportamento.[...] Em uma sociedade, a menor discrepância das regras do ritual, ou inobservância das etiquetas burlescas e ridículas que se era obrigado a observar, constituía crime de lesa-civilidade, e o delinquente era apontado a dedo como homem grosseiro e falto de educação. (SANTOS, 1978, p.115-117).

Aires da Mata Machado Filho (1980, p.156) vê no seu povo "certo ar de nobreza e distinção que nem os andrajos conseguem esconder":

> O viajante atilado poderia observar que há um tipo diamantinense caracterizado que na capacidade inata para a alegria plenária, bem mostra ser minerador, acostumado à folga das horas propícias, mas sempre à espera dos momentos infelizes, segundo o fluxo e refluxo da fortuna própria da mineração. [...] O espírito diamantinense radica-se no passado. Tem por isso a segura nitidez das atitudes antigas. (MACHADO FILHO, 1980, p.156).

Couto (1954, p.93), por sua vez, assim descreve o caráter do diamantinense:

> Expansivo por índole e liberal por princípio, gosta de falar de igual para igual, respeitando os investidos da autoridade, quando sob o império da justiça, mas não dobrando os joelhos como escravo para receber um direito como migalha de favor. [...] ainda hoje é qualidade do nosso povo a sua independência de opinião, exercendo-a e conservando-a como precioso legado de seus antepassados. (COUTO, 1954, p.93).

A partir dessa identidade reconhecida na "diferença", foi construído recentemente um discurso sobre a "diamantinidade", vocábulo criado pelo Professor Aires, cujo sentido é explicado por João Antônio Meira, em discurso proferido em 31 de outubro de 1985, em homenagem ao inventor da palavra. Ele diz que diamantinidade

> [...] traduz um estado de espírito e um sentimento do coração para com as coisas de nossa terra. Manifesta-se em canções e serenatas, nas noites de luar, quando saímos cantando, noite adentro pelas ruas afora, pelas ladeiras e capistranas, "onde as ruas são as pautas e o luar faz as canções" (PADRE CELSO, 1992, p.166) e na voz enternecida de nossos seresteiros indormidos. Desponta na rebeldia do povo indômito que fez queimar em praça pública o famigerado Livro da Capa Verde, rompendo os grilhões da prepotência lusitana no Distrito Diamantino. Reflete-se no olhar do garimpeiro que nunca perde a esperança, eterna e incansável esperança que sempre se adia. Diamantinidade que fez Juscelino construir Brasília, a capital da esperança. (MEIRA, 1985, s/p).

Diamantinidade refere-se, portanto, a traços identitários do diamantinense, conceito a que não falta certa dose de idealização e poesia de escritores da terra, mas que é capaz de

sensibilizar os interlocutores, principalmente se integrantes desse universo marcado por uma rede de convivência permanente, ou mesmo em um contato esporádico como visitantes e turistas. Enfim, entende-se que Diamantina se distingue entre as comunidades do norte de Minas por seus traços socioculturais tradicionalmente estruturados sob os moldes de uma sociedade elitizada, afeita a hábitos marcados pela polidez, com certo ar de superioridade sem afetação, mas bem especiais. Na epígrafe, Aires da Mata Machado Filho (1969, s/p) descreve características do povo diamantinense explicadas por sua própria história: “As duras exigências da Metrópole ensinaram a lição da liberdade, haurida e sofrida na opressão. Cívica altivez pontilha a história local [...]”.

A verdade é que essa representação não constituiu uma novidade do momento, já era sentida ao longo das subidas, descidas e caminhadas pelas ruas e praças misteriosas da histórica Diamantina, a partir do final da década de quarenta do século passado, quando distante da família passou a adolescente, hoje pesquisadora, a pertencer à comunidade estudantil do Colégio Nossa Senhora das Dores. As observações contínuas e os envolvimentos diversos fizeram surgir o latente interesse pela terra adotiva, o que se tornou a semente deste trabalho e, depois de longo período de germinação, com diversos fatores interferindo no seu crescimento, fez-se planta viva que hoje se põe à mostra, com as ramificações de pesquisas, de descobertas e de “representações” construídas.

Naquela época, Diamantina já ostentava orgulhosamente os títulos de “Atenas do Norte”, de “polo cultural” do norte mineiro e seduzia seus admiradores com seu grande desenvolvimento sociocultural, seu prestígio político, suas práticas religiosas solenes e tradicionais, suas manifestações artísticas e folclóricas, enfim, estava marcada a sua presença no cenário mineiro e brasileiro com um desempenho que lhe justificava os títulos que lhe foram conferidos.

Foi certamente nesse contexto que as raízes deste projeto começaram a se firmar a partir das minhas primeiras experiências vividas como estudante interna, quando entre embevecida e curiosa presenciava as conversas em francês entre as Irmãs da Congregação Religiosa das Vicentinas, de origem francesa, que dirigiam o educandário e ministravam aulas de diversas disciplinas.

Seguiu-se o início do estudo do francês como disciplina do plano curricular na primeira série do curso ginasial, junto com o latim, seguido do inglês, passando a dar nova visão a uma realidade não restrita ao mundo das localidades interioranas do norte mineiro de onde provinha a maioria das alunas do internato. Com o avanço de minhas pesquisas e a participção em aulas magistralmente ministradas por bons professores e em grêmios literários,

quando as sessões compunham-se de discursos cuja tônica era, muitas vezes, a exaltação à beleza das produções literárias portuguesas, francesas, associadas às gregas e às latinas, as relações de Diamantina com o Velho Mundo foram se tornando mais claras, importantes e atraentes para mim. A França aparecia como um país que teria oferecido ao Brasil, a Diamantina, no passado, modelos de cultura, o que bem ressaltou o Professor Aires da Mata Machado Filho (1969, s/p), em sua Aula Inaugural de instalação da Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina:

> Aliás, da fina educação do centenário Colégio Nossa Senhora das Dores fazia parte, ainda mais antigamente do que hoje, o esmerado ensino do idioma [o francês] que foi a segunda língua dos homens de letras e de pensamento do Brasil, enquanto o nosso meridiano intelectual passava por Paris, no dizer de Eduardo Frieiro. (MACHADO FILHO, 1969, s/p).

Somaram-se, mais tarde, às impressões e às atividades iniciais, a escolha de uma formação acadêmica em Letras e o exercício profissional de docente de Língua Portuguesa nos diversos níveis de ensino em Diamantina e no Curso de Letras da Faculdade de Filosofia e Letras (FAFIDIA), em que estiveram incluídas entre as disciplinas ministradas, a História da Língua Portuguesa, a Filologia Românica e a Filologia Portuguesa. Houve, portanto, um despertar de interesse pela leitura e pesquisa de textos antigos, principalmente obras de escritores diamantinenses, que constituem rico acervo das bibliotecas da localidade.

Nesse interesse profissional, incluiu-se, também, a presunção de que este trabalho passasse a constituir para Diamantina uma contribuição nos avanços de estudos linguísticos de produções de escritores diamantinenses, área em que as pesquisas são pouco numerosas. Mais ainda, somou-se a tudo isso a perspectiva de uma oportunidade para que as experiências profissionais na área fossem consolidadas e reescritas sob nova perspectiva, embasadas em estudos linguísticos mais atualizados, o que se tornou, sem dúvida, um desafio empolgante e sedutor. Enfim, esta tarefa tornou-se uma realização pessoal com o doce sabor de um fruto bem sazonado colhido no outono da vida.

Diante dessas justificativas, como se pode perceber, não se pretedeu imprimir características de pesquisa histórica a este trabalho, mas tão somente, “interpretar os discursos”, que, conforme definição de Charaudeau (2009, p.31), são “hipóteses sobre o sujeito enunciador, sobre os seus pontos de vista em relação aos seus enunciados e também seus pontos de vista em relação ao sujeito destinatário, lembrando que toda ‘interpretação’ é uma suposição de intenção.”. Assim, buscou-se compreender as posições tomadas, as avaliações levadas a efeito pelos autores dos discursos escritos ou orais diante dos fatos

vividos, lidos, observados e comentados, incluindo neles as diversas ações de autoridades europeias no exercício dos seus poderes político-administrativos na Demarcação Diamantina, pontuadas com certa frequência na bibliografia estudada ao longo desta pesquisa.

Como já assinalado, o *corpus* é constituído de discursos publicados e entrevistas que expressam as *representaçõe*s, valores, crenças, opiniões, atitudes sobre a presumida influência da Europa na formação de identidade e cultura dos habitantes de Diamantina, desde a descoberta do diamante, século XVIII, até o século XX.

Alguns critérios determinaram a seleção dos discursos constitutivos de produções escritas, a saber: a) tema relativo aos objetivos; b) obra de reconhecido destaque na literatura pertinente; e c) posicionamento do autor a respeito do tema, originado de uma avaliação, de um juízo e não de uma simples referência a episódios históricos. Além disso, valorizou-se o critério dos gêneros discursivos restritos a memórias, artigos, romances e documentos de cunho científico produzidos por historiadores. Foram selecionados quatro excertos de discursos: o primeiro de autoria de José Vieira Couto (1779); o segundo de Joaquim Felício dos Santos (1886); Aires da Mata Machado Filho é o autor do terceiro (1969); e Junia Ferreira Furtado do último (2003). Outros escritores que focalizaram o tema foram analisados nas exemplificações de estudos dos referenciais teóricos, dentre eles: Aires da Mata Machado Filho (1980), Soter Ramos Couto (1954), Augusto de Lima Júnior (1951), José Teixeira Neves (1951) e Paulo Amador dos Santos (1992).

Somaram-se aos discursos escritos outros oriundos de entrevistas, estratégia de coleta oral de informações, seguindo critérios bem restritos na escolha dos entrevistados: a) pessoas que viveram ou vivem experiências significativas como “sujeitos sociais”, ou seja, tenham desenvolvido ou estejam desenvolvendo uma ativa interação como profissionais com a comunidade diamantinense; b) pessoas de diferentes profissões e grupos sociais; e c) de diferentes idades. Enfim, foram cinco os entrevistados: um professor-historiador, um político e comerciante, um professor-pesquisador, um profissional de educação e um *designer* gráfico.

Acredita-se que esses critérios tenham atendido ao propósito de se trabalhar com *representações*, valores, crenças, opiniões e atitudes, a partir da pressuposição de que cada entrevistado tenha condições de dar a sua posição sobre o objeto de pesquisa apresentado, com independência, em vista de suas experiências de vida.

Para a execução da dinâmica, fez-se a associação da entrevista projetiva, que “se constitui de convite ao entrevistado para discorrer sobre o que vê ou lê”, com a entrevista aberta, em que perguntas e orientações são feitas imprimindo mais profundidade às reflexões, conforme Minayo (2009, p.65).

Inicialmente, foram apresentados aos entrevistados, com antecedência, excertos de discursos de escritores sobre as relações entre a Europa e o Arraial do Tijuco/Diamantina. Para dar maior precisão e objetividade à operacionalização do trabalho, foram traçados os principais objetivos dos processos de seleção/construção/análise do *corpus*.

1.1 Objetivo geral

Investigar, em discursos de escritores e de entrevistados, predominantemente diamantinenses, representações sociais sobre a relação entre a presença de europeus na formação da identidade e na definição dos parâmetros culturais dos habitantes do Tijuco/Diamantina, nos séculos XVIII, XIX e XX.

1.2 Objetivos específicos

a) identificar, nos discursos pesquisados, alusão a fatos político-sociais europeus e fatos ocorridos na demarcação diamantina que indicam a relação entre os parâmetros culturais europeus e as várias manifestações culturais do Tijuco/Diamantina;
b) identificar índices de cristalizações e variações/mudanças de representações sociais sobre a presença dos europeus na formação do Tijuco/Diamantina, nos diversos segmentos de discursos analisados no *corpus*;
c) mostrar, com a análise dos processos discursivos das representações sociais, que a identidade do diamantinense e sua cultura se estruturaram sob influência de parâmetros culturais europeus.

Reafirma-se, portanto, que o escopo desta pesquisa é a compreensão de discursos, em um trabalho interpretativo orientado por pressupostos epistemológicos construtivistas na tradição hermenêutica, cujo foco principal é a explicação dos processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou contabilizam o mundo no qual vivem, incluindo a si mesmas. Ressalte-se que cada fala, determinada por um contexto sociocultural, é tomada como *representação* de um grupo de pertença que revela seus valores, suas condições sociais, admitindo-se, naturalmente, posições diversificadas.

Da definição dos objetivos é possível inferir o caráter interdisciplinar deste trabalho, o que implica que sejam tecidas não só considerações sobre os suportes teóricos básicos da Linguística e Análise de Discurso, disciplinas a que esta pesquisa está afeta, mas também

sobre Ciências Humanas e Sociais, tais como Psicologia Social, Antropologia Cultural, História, buscando-se nelas subsídios de conceitos, métodos e procedimentos aplicáveis ao campo da pesquisa linguística, particularmente, às atividades de análise de discursos ocorridos em práticas discursivo-interacionais dos escritores e entrevistados.

Diante disso, há de se levar em conta uma proposta de maior aproximação entre a Linguística e a História, entre os analistas de discurso e os historiadores, discussão para a qual muito contribuiu Michel Foucault, apontado como "aquele que ajudou a pensar um lugar epistemológico para o discurso que deve ser visto em sua função enunciativa no qual o importante é considerar não apenas quem o produziu, mas de que lugar institucional e sob que regras socio-históricas produziu", conforme aponta Giselda Brito Silva (2004, p.42).

Enfim, a História e a Análise do Discurso se intercomplementam quando se adotam as propostas teórico-metodológicas apresentadas por Spink (2009) para a análise das Representações Sociais em seu contexto de produção, aqui entendido não apenas como o conjunto de fatores situacionais que permeiam a construção dos significados sociais, mas também como os componentes estruturais e as relações sociais constituídos em diferentes tempos históricos.

Dizendo de uma forma mais especifica, fez-se opção pela abordagem teórico-metodológica da associação entre *discurso* e Representações Sociais, em que se identificaram como recursos linguístico-discursivos os *processos de referenciação* ao mundo, tendo os aspectos *socioculturais* e *históricos* lugar de relevo, o que reforça o papel da linguagem na vida social do homem, na sua prática sociointerativa, nas produções discursivas e nas suas dimensões empíricas efetivas.

Os pressupostos metodológicos adotados e devidamente discutidos no quarto capítulo embasam-se em uma epistemologia construcionista, alinhada à vertente da pesquisa edificante como hermenêutica, conforme proposta de Spink e Menegon (1995, p.75), "que cumpre o papel de abertura continuada ao novo e, dessa forma, possibilita manter a conversação fluindo em vez de fechar precocemente a discussão.". Essa metodologia qualitativa, na vertente edificante, deixa de ser meramente uma técnica associada aos objetivos da investigação, passando a alinhar-se a uma postura epistemológica específica.

Em síntese, ratifica-se a adoção, portanto, dos pressupostos que situam a linguagem como um conjunto de práticas cognitivas, sociais e interativas por meio das quais os sujeitos constroem, na intersubjetividade, o discurso de que o texto, no caso em pauta, é a produção escrita ou falada, a materialização desse processo de interação contextualizada, situada e única, a enunciação. As especificidades psicossociais dos sujeitos manifestam-se na linguagem como

atividade constitutiva da relação do homem com o mundo e com o outro, o que equivale a dizer que a língua não é vista como um sistema autônomo de representações mentais, nem os textos, um sistema de representações semânticas transparentes e construídas *a priori*.

A partir dessas premissas, alguns fundamentos dos estudos da linguística do discurso passaram a constituir o **segundo** capítulo, enquanto o **terceiro** apresentou noções sobre a teoria das Representações Sociais, em que se fundamentaram a compreensão, a interpretação dos discursos. Nesses dois capítulos, houve a preocupação de ilustrar alguns conceitos com exemplos que destacaram o objeto de estudo proposto, com episódios da história do Tijuco/Diamantina e alguns de seus personagens, ou seja, mostrou-se que os sujeitos dos discursos enfocaram na presença dos europeus em Diamantina a sua contribuição para a formação da identidade dos seus habitantes e definição de suas manifestações culturais.

O **quarto capítulo** descreveu os aspectos específicos da linha metodológica adotada na operacionalização do trabalho, em que se focalizou-se, nos aspectos discursivo-linguísticos, as manifestações das Representações Sociais dos escritores e entrevistados.

Diante da opção por uma metodologia que considera os contextos histórico e sociocultural como determinantes do processo de análise e compreensão dos discursos selecionados, apresenta-se, no **quinto capítulo**, um esboço bem sucinto da história do Arraial do Tijuco, cidade de Diamantina, como cenário dos fatos onde se desenvolveram os episódios marcantes, numa perspectiva bem objetiva, em que não se discutem variáveis de versões apresentadas pela historiografia pertinente. Reitera-se, portanto, que não se trata de uma pesquisa histórica.

O **sexto capítulo** desenvolveu o processo da análise propriamente dita de excertos de discursos escritos e publicados sobre a relação entre a Europa, a identidade e os padrões culturais dos habitantes do Arraial do Tijuco/Diamantina, e discutiu seus resultados, apresentando conclusões parciais.

O **sétimo** capítulo também foi composto por processos de análise de discursos, mas daqueles produzidos por diamantinenses em entrevistas atuais, orais, nas quais foram observadas Representações Sociais sobre a atuação ou não dos europeus no Tijuco/Diamantina, bem como as repercussões da influência europeia no passado e nos dias de hoje, em caso de manifestada a sua ocorrência.

Finalmente, as considerações finais sintetizaram as conclusões delineadas, expressando a confirmação da hipótese levantada sobre a presença da cultura europeia na formação identitária e cultural dos habitantes do Tijuco/Diamantina, nos séculos XVIII, XIX e XX, resultante da investigação levada a efeito.

2. A LINGUÍSTICA DO DISCURSO, SUBJETIVIDADE, IDENTIDADE E PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO: ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

> É na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego. (BENVENISTE, 1991, p.83-87).

A linguagem é própria do homem. Desde a Antiguidade, os filósofos o repetem, o que vem sendo confirmado pelas ciências sociais através de suas análises e experimentos. Postula-se que é a linguagem que permite ao homem pensar e agir, pois não há ação sem pensamento, nem pensamento sem linguagem. É também a linguagem que permite ao homem viver em sociedade. A linguagem é um poder, talvez o primeiro poder do homem.

2.1 Linguagem como atividade social: a linguística do discurso

O percurso de estudos linguísticos através dos tempos possibilitou que fossem feitos recortes bem específicos do estudo da linguagem verbal humana, focalizando, basicamente, duas vertentes teóricas: a primeira, considera a língua como um sistema autônomo, abstrato, imanente, que o homem utiliza como um código estruturado, e a segunda, preocupa-se com o estudo do percurso social da língua, como atividade humana sociointerativa. Em outras palavras, há uma visão formalista que se opõe a uma visão sociológica e interacionista da língua, gerando quadros teóricos próprios com várias abordagens, conforme a ótica do pesquisador, o que não significa o desconhecimento das múltiplas especificidades das abordagens surgidas ao longo da história dos estudos linguísticos.

Dentre os estudos sociointeracionistas, há o posicionamento de Bronckart (1999, p.31-38) a partir do conceito de *atividade*, vista como algo que designa as organizações funcionais dos organismos vivos, através das quais eles têm acesso ao meio ambiente e podem construir elementos de representação externa (ou de conhecimento) sobre esse mesmo ambiente. A linguagem é, portanto, considerada uma atividade social humana cuja função maior é de ordem comunicativa ou pragmática.

De Bakhtin (1997, p.113) depreendem-se fundamentos precursores do subjetivismo no discurso, que se associam ao interacionismo e que fortalecem a visão da linguagem como forma de interação: “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia em mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor.”.

Benveniste (1989, p.284), por sua vez, preconiza o evento da enunciação como origem da língua e do discurso. O locutor, enunciador do discurso, institui-se como sujeito, primeira pessoa, e institui o seu interlocutor, o enunciatário, a quem comunica as suas decisões, numa atividade discursiva.

Tendo em vista a línguagem como "instância de discurso", destacam-se, atualmente, os estudos desenvolvidos pela Análise do Discurso, por Maingueneau (1995, p.5-11), com a introdução:

> A linguística da língua, do sistema, é constantemente desdobrada em uma linguística do discurso, que, no lugar de se limitar a trabalhar com a linguagem do ponto de vista arbitrário de suas unidades e regras, a estuda com base na articulação com o referencial social, psicológico, histórico, considerando-a como atividade de sujeitos que interagem em situações determinadas. (MAINGUENEAU, 1995, p.5-11).

Charaudeau (2009, p.7) ressalta a importância da linguagem como atividade social da comunicação do ser humano, indispensável ao seu convívio social, constituindo um recurso básico estruturante das *representações* que constrói sobre as suas relações com os participantes de seu grupo.

A Análise do Discurso, atualmente importante ramo das ciências da linguagem, busca analisar a produção discursiva de uma dada sociedade, por meio de suas formas de expressão. Interessa-se pelos efeitos de sentido nos discursos produzidos pelos sujeitos da linguagem, no tempo e no espaço das suas práticas sociais linguageiras, e estuda, assim, a língua em funcionamento na vida dos interactantes. Por conseguinte, é nessa "linguística do discurso" que se constroem os pilares do presente trabalho.

O termo "discurso", embora polissêmico, assume o sentido de um evento interativamente comunicativo, conforme proposta de Marcuschi (2003, p.11). Baseado nesse princípio, o autor cita Beugrande (1997, p.10), que toma o texto como "como um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas sociais", de uma maneira integrada (BEAUGRANDE, 1997, p.10 apud MARCUSCHI, 2003, p.11). Discurso é o texto em seu funcionamento socio-histórico, isto é, a encenação de um ato de enunciação, embora se dê na manifestação linguística e apresente uma configuração morfossintática.

2.2 Sujeito, subjetividade e identidade no discurso

Diante da premissa de que a linguagem do discurso é considerada como uma atividade de sujeitos que interagem em situações determinadas, faz-se necessário tecer algumas

considerações sobre a instituição “sujeito”, a fim de proporcionar uma melhor compreensão dos enfoques feitos e da terminologia adotada para as noções de sujeito, subjetividade e identidade na prática discursiva.

Os estudos de Benveniste (1991) conferiram um *status* verdadeiramente linguístico à noção de subjetividade. Para ele, a subjetividade nada mais é que a capacidade do locutor de se posicionar como sujeito, e é, portanto, na linguagem que se devem procurar os fundamentos dessa aptidão: “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego.” (BENVENISTE, 1991, p.83-87). A instância do discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito. O funcionamento desses pressupostos pode ser observado em discursos com objetivos pragmáticos, produzidos por autoridades do Arraial do Tijuco durante o período da Real Extração, como os do Intendente João Inácio e do Comandante do Destacamento do Tijuco, citados por Felício dos Santos (1978, p.254):

> Querem guerrear-me, disse ele [João Inácio], no dia em que chegou ao Tijuco: pois bem, terão guerra. Executarei sem indulgência as ordens secretas, que tenho da diretoria. [...] Eis a lista sobre aquela mesa, disse o intendente; amanhã todas as pessoas nelas mencionadas serão intimadas para despejarem a demarcação.
> Protesto em nome do Governador, respondeu o comandante, que se tal ordem for dada juntar-me-ei eu e o meu destacamento ao povo para resistirmos à sua execução. (SANTOS, 1978, p.254).

O Intendente e o Comandante assumem ora a primeira pessoa do discurso (eu), ora a segunda (tu), funções próprias da interação humana: locutor e alocutário, numa situação real discursiva, a enunciação, de acordo com os papéis sociais exercidos na comunidade da Demarcação Diamantina. Nota-se, ainda, a referência já em funcionamento no próprio processo interlocutivo, que é o mundo de que fala cada sujeito. No processo da referência/referenciação do Intendente, pode-se destacar que “todas as pessoas nelas mencionadas serão intimadas para despejarem a demarcação.” (SANTOS, 1978. p. 254-255).

Outros estudos teóricos fundamentam a compreensão dos vários conceitos, constituição e funcionamento do sujeito da linguagem, do discurso. No campo da linguagem, conforme aponta Brandão (2005, p.265-273), as reflexões sobre subjetividade herdaram da filosofia kartesiana a noção de representação, com duas tendências. Uma é positivista e, de acordo com a epistemologia clássica kartesiana, considera a língua como função representativa do real, tendo o enunciado a condição de verdade, estabelecendo uma correspondência ao estado de coisas existentes, estudo que é objeto da semântica representacional. Nessa perspectiva, a preocupação volta-se para as formas de representação

do real, construído por um sujeito que separa e elimina o contraditório, classifica e nomeia os objetos do mundo; um sujeito detentor de certezas e marcado pela preocupação de transparência e unidade e que, em razão disso, não questiona outro papel de sujeito.

Por sua vez, na epistemologia moderna, opondo-se ao tradicional paradigma clássico, emerge uma nova tendência, isto é, uma nova maneira de ver a língua, apreendendo-a no seu funcionamento concreto enquanto função demonstrativa que passa a ser desvendada na sua especificidade própria. O sujeito, assim, passa a ocupar uma posição privilegiada, já que a verdade não é algo que se manifesta por sua força interna, mas por um sujeito que lhe confere sentido.

A noção de *representação* desloca-se do eixo da verdade para ser solidária com a subjetividade que se constitui na e pela intersubjetividade, como bem demonstra Bakhtin (1997, p.113): "Ao instituir-se como *sujeito* do ato da enunciação, o locutor constitui um outro sujeito interlocutor, real ou fictício, numa segunda instância da interlocução, ou seja, locutor e alocutário são dois sujeitos do discurso." (grifo do autor).

Dito de outra forma: é pela linguagem que o homem se constitui enquanto sujeito, porque abre o espaço para as relações intersubjetivas e para o reconhecimento recíproco das consciências. Assim, recorre-se ao dialogismo de Bakhtin (1997, p.113), precursor dos estudos da linguagem associada ao interacionismo. Para Bakhtin (1992, p.35-36), a alteridade define o ser humano, uma vez que, em sua concepção, é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro. Em diferentes oportunidades, Bakhtin trata do diálogo entre interlocutores e ingressa, dessa forma, no campo dos estudos que hoje se desenvolvem sobre a interação verbal entre os sujeitos, bem como sobre a intersubjetividade. Vê-se, portanto, que, na linguagem, a intersubjetividade é condição da subjetividade, vista aqui como a capacidade do locutor para se propor como sujeito.

Ducrot (1984), retomando o conceito de diálogo de Bakhtin e trazendo-o para o campo da linguística, mostra, segundo a perspectiva da semântica da enunciação, como se podem detectar mais vozes em um mesmo enunciado: trata-se da polifonia, da diversidade de sujeitos em um mesmo discurso, o que não se contrapõe aos pressupostos adotados.

Importante também para os estudos da Análise do Discurso foi a contribuição de Michel Pêcheux, filósofo com sólido conhecimento de Linguística, que, na interlocução da Análise do Discurso com a História, o Materialismo Histórico e a Psicanálise, defende o sujeito ideológico, inserido na prática social, perspectiva esta que não se despreza quando se tem em vista a conotação ideológica dos pronunciamentos dos sujeitos dos discursos constitutivos do *corpus* deste trabalho, mas não se aceita a noção do sujeito "assujeitado",

uma “forma de sujeito”. A ideologia aparece como tendência orientadora, não como determinante a ser, obrigatoriamente, seguida pelo sujeito enunciador do discurso, anulando-lhe a subjetividade.

Não se pode, nessas rápidas considerações sobre a subjetividade, negligenciar a contribuição de Foucault, filósofo e historiador, para quem a subjetividade emerge com a noção de homem e não com a noção de representatividade, o que só ocorre no século XIX. Ele destaca um novo tipo de poder que chama de “disciplinar”, preocupado com a regulação, a vigilância. A subjetividade só pôde nascer quando o ser humano passou a ser reconhecido como dotado de características que o distinguem da natureza, que o fizessem capaz de apropriar-se dessa mesma natureza pela capacidade de trabalho e a sua capacidade de fazer uso da linguagem. Assim, Foucault vai estudar o sujeito nas diferentes práticas discursivas, o que é considerado um avanço e um traço de modernidade. O sujeito, na visão de Foucault, é marcadamente histórico. Foucault considera os discursos enquanto práticas que obedecem a regras. Considera-se, pois, sua contribuição valiosa quando se atenta para os diferentes discursos resultantes de sujeitos pertencentes a diferentes grupos sociais organizados sob definições de princípios e normas.

Nos dias atuais, Hall (2003, p.7-46) desenvolve novos estudos sobre sujeito e identidade na perspectiva da teoria social, com o propósito de explorar algumas das questões sobre identidade cultural na chamada “modernidade tardia” e avaliar se existe mesmo uma “crise da identidade”. O autor descreve as principais mudanças na forma pela qual o sujeito e a identidade são concebidos no pensamento moderno, resumindo-as em três pontos estratégicos, três concepções de identidade: 1) a do sujeito do Iluminismo, “baseada na concepção da pessoa humana como um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (HALL, 2003, p.11); b) a do sujeito sociológico, “formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e símbolos a cultura dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2003, p.11); e 3) a do sujeito pós-moderno, visto como “não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas formada e transformada continuamente.” (HALL, 2003, p.13).

Ao estudarem sobre o *ethos*, Pauliukonis e Monerat (2008, p.63) defendem que “a identidade do sujeito passa por representações sociais: o sujeito falante tem a identidade que lhe é permitida pelas representações que circulam em um dado grupo social de que faz parte e que são configuradas como ‘imaginários sociodiscursivos’.” (PAULIUKONIS; MONERAT, 2008, p.63).

Dessa retrospectiva de diferentes posicionamentos de linguistas e estudiosos sobre a instituição “sujeito”, adotam-se predominantemente aqueles que privilegiam o ser social na sua atividade discursiva, dialógica, do dialogismo de Bakhtin (1997, p.113), precursor dos estudos da linguagem associada ao interacionismo, à interação verbal entre os sujeitos, bem com à intersubjetividade. A construção de “objetos de discurso”, de sentido dos “referentes” como resultantes da intersubjetividade, e não definidos *a priori*, fundamenta-se nessa conceituação, que oferece subsídios para a análise de discursos historicamente situados, o que implica conhecer os agentes da prática linguageira e verificar como se manifesta sua subjetividade nas produções discursivas.

Busca-se, ainda, em Hall (2003, p.7-46) o sujeito marcadamente histórico, de caráter social a quem se atribuem as características do sujeito sociológico, em que a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade, tendo, portanto, o seu lugar propício na prática discursiva. Assim, na identidade do sujeito, articulam-se a identidade social e a identidade discursiva. Diante disso, ratifica-se que os discursos constitutivos do *corpus* deste trabalho são de “sujeitos” que, em sua época, passada ou presente, ocuparam/ocupam determinados papéis representativos em grupos sociais da comunidade: políticos, escritores, comerciantes, historiadores, educadores e profissionais, sendo, portanto, “sujeitos sociais”.

2.3 Da referência aos processos de referenciação: “objetos de discursos” e construção de sentidos

A proposta de se analisarem os discursos constitutivos do *corpus* como Representações Sociais *de* sujeitos sociais não dispensa o conhecimento dos processos da *referência/referenciação*, uma vez que a construção negociada de sentido, num processo intersubjetivo e criativo, não implica uma nova invenção do significado, não são anulados os conhecimentos enciclopédicos consolidados. Assim, pressupostos teóricos sobre o discurso não podem prescindir de alguma abordagem, ainda que sumária, sobre a Semântica. Sobre isso, recorre-se a Greimas (1973), que preconiza que o homem vive num mundo significante. Para o autor, o problema do sentido se impõe como uma evidência, como um sentimento de compreensão absolutamente natural. Assim, ele reconhece a importância de seus estudos, que pertencem ao ramo da linguística que se ocupa da significação.

As formas pelas quais o homem se refere ao mundo, como expressa a sua relação com os fatos e objetos que o rodeiam, como externa seus pensamentos e constrói seus conhecimentos pela linguagem, como imprime significado, sentido ao seu discurso e como

compreende o discurso do outro, têm dado origem a diversas abordagens teóricas dos estudos semânticos durante a sua evolução. Assim é que Guiraud (1972, p.9) mostra a sua grande complexidade ao defender a participação da semântica em três ciências distintas: a lógica, a psicologia e a linguística, que estudam, cada uma por sua própria conta, o problema da significação e do sentido dos signos. Logo, trata-se, sem dúvida, de um estudo de caráter multidisciplinar.

Confirmam a diversidade e provisoriedade desses estudos as considerações de Ilari e Geraldi (1987, p.6) sobre a semântica: “um domínio de investigação de limites movediços e não um corpo de doutrina supostamente acabado.”. Embora não se pretenda discutir as diversas tendências dos estudos semânticos, rastrear a sua evolução permite melhor compreender a presente opção de uma abordagem mediada pelas influências das ciências humanas.

Guimarães (1995) descreve a relação dos estudos da linguagem desde a antiguidade clássica, no interior da filosofia, marcando um enfoque semântico da linguagem, colocando a questão do sentido como uma relação com o mundo, os objetos, edificando uma teoria semântica de caráter lógico-formal. Duas outras perspectivas orientam os estudos semânticos: a cognitiva, com o objetivo de explicar a passagem dos fatos reais à sua representação, estabelecendo as correlações necessárias entre cognição, significação/intensão e referência/extensão; e a semântica objetivista, que prega que o significado baseia-se na referência e na verdade como correspondência da relação direta com o mundo. A outra perspectiva é a linguística, que trata, de forma geral, da problemática das relações entre pensamento, linguagem e significado e busca estabelecer o papel da semântica enquanto componente linguístico, pretendendo descrever os traços comuns de todas as linguagens naturais.

Ao presente trabalho interessa, particularmente, a terceira abordagem, a semântica linguística, que apresenta, assim como os estudos da linguística já referidos, duas vertentes: a semântica intensional, que se ocupa da língua como sistema autônomo, vê a língua como abstrata, imanente, ou seja, é uma semântica circunscrita ao domínio do sistema, do signo como fundamento da significação, com seus componentes: o significante, o significado e a significação, numa semântica lexical do enunciado. A segunda vertente, a semântica extensional, embasa-se no evento da enunciação, no funcionamento efetivo da língua praticada por sujeitos reais em dada situação, em determinado contexto. Preocupa-se com o estudo do percurso social da língua de que o homem se utiliza em determinada situação

comunicativa para a construção do seu conhecimento e da sua relação interacional com seu semelhante.

A visão de Pottier (1992, p.11) reforça, de alguma forma, esse viés do estudo discursivo da semântica, afirmando que a semântica

> [...] se fundamenta na relação com a exterioridade, preocupa-se com os mecanismos e operações sobre o sentido, através do funcionamento das línguas naturais, tentando explicitar as ligações que existem entre os comportamentos discursivos baseados em um ambiente sempre renovado e as representações mentais que parecem ser partilhadas pelos usuários das línguas naturais. (POTTIER, 1992, p.11).

Mondada e Dubois (2003, p.19), por sua vez, afirmam que "não existe uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua". Mondada (2005, p.11) reforça o sentido de instabilidade dos quadros referenciais por serem eles resultantes de um processo dinâmico e intersubjetivo de trocas e negociações, e por sofrerem modificações, evoluírem no curso do desenvolvimento das atividades sociointerativas da língua: "a referência é o resultado de um processo dinâmico e, sobretudo, intersubjetivo, que se estabelece no quadro das interações entre locutores, e é suscetível de se transformar no curso dos desenvolvimentos discursivos, de acordos e desacordos." (MONDADA, 2005, p.11).

A partir desses pressupostos, substituiu-se o termo "referência" por "referenciação", recorrendo-se a Mondada e Dubois (2003), que, em estudos sobre a instabilidade constitutiva das categorias, definem referenciação como um processo discursivo e intersubjetivo. As autoras a referenciação como advinda de práticas simbólicas mais do que uma ontologia dada: "uma atividade criativa e não simples ato de designação." (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.17). Entende-se, pois, que o termo referência constitui um enfoque estático e formal em oposição ao processo dinâmico e discursivo constitutivo do termo referenciação.

Os processos de referenciação constroem os objetos de discurso, "elaborados pelos sujeitos, em um processo dinâmico e intersubjetivo." (JUBRAN, 2005, p.219). Para Marcuschi (2005, p.70), "o mundo comunicado é sempre fruto de um agir comunicativo ou de uma ação discursiva e não de uma identificação de realidades discretas, objetivas e estáveis.".

Desse modo, a partir do princípio de que a referenciação acontece em cada instância de discurso, reconhecê-la processual, dinâmica e intersubjetiva torna-se imperioso. Nesse sentido, Marcuschi (2007) propõe que a uma teoria linguística seja associada a uma teoria social para se compreender a construção do conhecimento humano. O autor reforça a sua tese apresentando uma modificação do clássico triângulo semiótico (conceito/linguagem/mundo) para a inclusão dos sujeitos envolvidos no processo de semantização, o que faz do triângulo,

um losango: linguagem/mundo/eu/tu, e conclui: “sem interlocução não há produção de sentido, já que o sistema não providencia mais do que o momento histórico dessa construção, cabendo aos interlocutores o papel central na arena cognitiva.” (MARCUSCHI, 2007, p.72).

Enfim, esta tese procurou mostrar que o processo de semantização da linguagem se dá na prática discursiva, em que a referenciação é um processo de construção de objetos de discurso com base nas “representações” dos sujeitos, na sua realidade, na sua história, na sua cultura, por isso adotou-se a expressão “sentidos dos discursos” e não “significado dos discursos”, por se considerar o sentido um modo de percepção do objeto referido e não a sua denotação pura e simples. Além disso, a pluralização (sentidos) diz respeito à variabilidade e flexibilidade diante dos sujeitos e dos contextos sociocognitivos e situacionais em que ocorrem: não se busca, pois, estabelecer o sentido do discurso, mas como ele faz sentidos de acordo com o agir intersubjetivo nas práticas discursivas permeadas pelas intenções de uso.

2.3.1 Objetos de discursos e construção de sentidos: exemplificação

Um excerto de um dos discursos de Aires da Mata Machado Filho (1980) é um exemplo significativo e eloquente de que referir-se ao mundo é um processo discursivo e interativo, de que não há uma “referência” estabelecida *a priori*, mas sim, *processos de* construção de objetos de discurso, cujos sentidos são humanos e não puramente a imagem do real observado.

> É doce evocar, ao longo de ruas veneráveis, entre vetustos edifícios, que falam com eficaz eloquência de um passado ainda vivo, esses tipos característicos do velho Tijuco, desde o reinol orgulhoso e casquilho, à dama fina, educada à europeia, até o contrabandista rigorosamente condenado, apesar da miséria de numerosa família, o quilombola perseguido, e audaz, e finalmente, o garimpeiro de antanho, heróico e desprendido, cuja existência acidentada de quem ia buscar à terra o que lhe pertencia ainda excita a imaginação do povo diamantinense. (MACHADO FILHO, 1980, p.89).

Diante dos pressupostos apresentados, devem ser naturalmente considerados na análise do excerto: a) as condições de produção do discurso, enfocando o sujeito e os traços gerais de sua identidade e o contexto da enunciação de seu discurso, incluídos os fatores históricos, sociais e situacionais; e b) as dimensões internas do discurso pela identificação de determinados recursos linguístico-discursivos usados nos processos de referenciação e caracterização/construção dos objetos de discurso.

2.3.1.1 Condições de produção do discurso: sujeito e contexto

O excerto selecionado acima é parte do final do capítulo “Os garimpeiros”, (1980, p.89) da obra de Aires da Mata Machado Filho, o *Arraial do Tijuco Cidade Diamantina*. Conforme Jodolet (1984, p.84), “não é um indivíduo isolado que é tomado em consideração, mas sim, as respostas individuais enquanto manifestações de tendências do grupo de pertença ou de afiliação na qual os indivíduos participam.”.

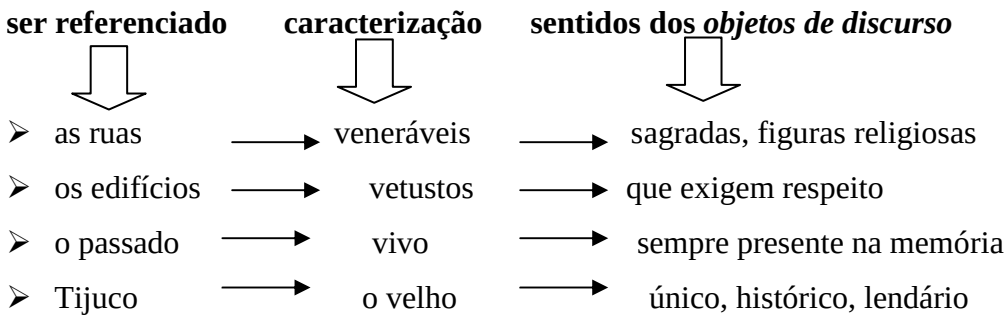
O Professor Aires, como era conhecido, foi um diamantinense ilustre, escritor bem-sucedido, professor de Língua Portuguesa e Literatura em Faculdades de Letras, e não só ministrou aulas, mas produziu obras de consulta sobre os estudos realizados em sua cátedra, incluindo pesquisas em sociolinguística, além de publicação de memórias sobre Diamantina.

As suas representações são sedimentadas na história, nos pré-construídos culturais do povo diamantinense sobre a figura do garimpeiro com suas façanhas e sofrimentos, destacando o Isidoro, reconhecido como mártir. O autor aponta os principais tipos característicos do velho Tijuco, assim como insinua suas ressalvas e censuras às atitudes dos senhores da mineração, dos representantes da metrópole, no Tijuco.

2.3.1.2 As dimensões internas do discurso: diferentes recursos linguístico-discursivos

Para imprimir um teor mais didático à analise das dimensões internas do discurso, divide-se o excerto em dois fragmentos. No primeiro fragmento (“É doce evocar, ao longo de ruas veneráveis, entre vetustos edifícios, que falam com eficaz eloquência de um passado ainda vivo esses tipos característicos do velho Tijuco”), é enfocado o contexto em que são situados “os tipos característicos do velho Tijuco”, assim constituído: 1) as “ruas veneráveis”; 2) os “vetustos edifícios”; 3) o “passado vivo”; e 4) o “velho Tijuco”.

Não se pode negar que se constroem objetos de discursos, naturalmente, a partir de determinada seleção de referentes e seus significados, com o uso de recursos linguístico-discursivos já disponíveis na língua, mas que tomam o caráter de construções da referenciação, definida como processo discursivo e intersubjetivo. Demonstra essa assertiva o diagrama abaixo:



Percebe-se que os sentidos das categorizações não se referem propriamente a características físicas do objeto observado, o referente. Elas não são qualidades imanentes, são categorizações resultantes de uma comparação com os seres vivos. Houve uma personificação de seres inanimados: são “figuras religiosas”, “respeitáveis pela idade”, num “passado sempre lembrado”, do “arraial lendário”, que desvelam com expressividade valores afetivos, histórico-sociais e culturais. Em outras palavras, não há propriamente referência ao contexto, não são simples enumerações por sintagmas nominais, denominações objetivas: há um processo de referenciação, de categorização, que sai do foco no significante e reflete a “dimensão social dos processos linguístico-discursivos”, em que o sujeito se faz presente com suas representações sobre o objeto, como propõem Mondada e Dubois (2003, p.17).

Aplica-se, aqui, o conceito de categorização no campo da semântica cognitiva de Martins (2002, p.68): “a explicitação do ponto de vista de um observador sobre o objeto observado”. Logo, não se trata de uma simples etiquetagem de coisas do mundo já discretizadas. Em consequência, toda a percepção da realidade do autor é orientada, na linguagem, para a construção de suas representações que se fundamentam na memória social do grupo de pertença, habitantes de Diamantina, cidade vista pelos olhos do sentimento de admiração do autor. Os sentidos dos objetos de discurso são bens humanos e não fenômenos naturais: eles são produtos de interações sociais no interior da cultura e da história, como defende Marcuschi (2007).

Esse ponto de vista da sacralidade das ruas de Diamantina foi uma imagem também compartilhada pelo trovador de Padre Celso de Carvalho (1992), em sua obra *Estas ruas serpeantes*. O trovador orienta sua observação para novas perspectivas, mais vivas pelo uso de recursos narrativos na construção das categorizações, às quais acrescenta características estéticas como naturais componentes de discursos poéticos:

> Eu ouvi, tal qual Moisés, / as palavras abrasadas: / Tira as sandálias dos pés, / que essas ruas são sagradas. / Descalcei-me. E, peregrino, / fiz-me igual pela lembrança, / ao seu filho Juscelino / nos seus tempos de criança. / Reparai na arquitetura / das

> casas coloniais / aquilo é arte, é ternura, / não era ouro demais. / Estas ruas serpeantes, / é tão fácil entendê-las: / descem doidas por diamantes, / sobem ávidas de estrelas. (CARVALHO, 1992, p.16 e 162).

Em situações bem diferentes dessas, confirmando o caráter subjetivo e cultural dos processos de referenciação, outras maneiras de enxergar o mesmo cenário descrito pelo Professor Aires e pelo Padre Celso podem ser constatadas em conversações mais informais, em avaliações, representações de alguns habitantes atuais de Diamantina, sejam eles ali nascidos ou, principalmente, vindos de outros lugares e que, parece, não foram tocados pela "diamantinidade" dos genuínos filhos da cidade ou de seus admiradores e filhos adotados.

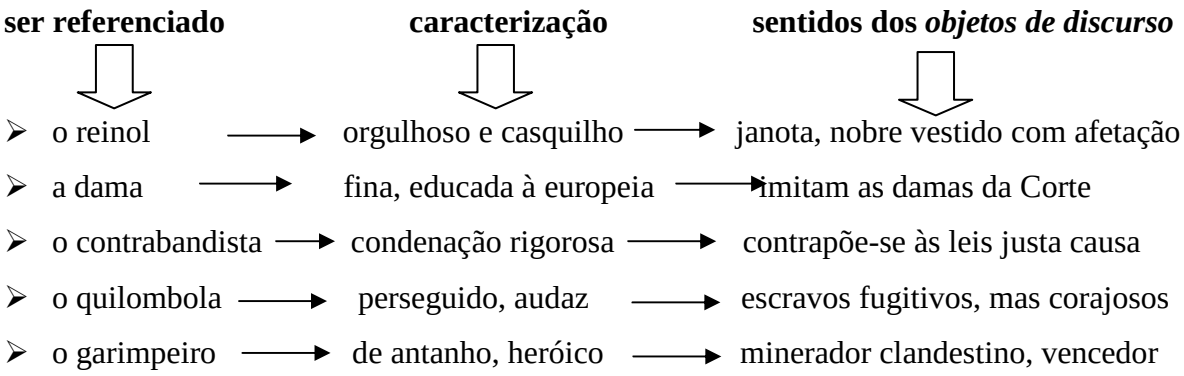
Assim, o realismo exacerbado desses novos observadores leva-os a caracterizarem as ruas como "velhas", "íngremes" e "estreitas"; o seu calçamento, "irregular" o que dificulta a locomoção, quer seja de carro ou a pé, gerando insegurança ao se caminhar e ao andar de carro nas ruas "calçadas de pedras". Os imponentes e coloniais prédios centrais (tombados pelo patrimônio histórico) são considerados "velhos", "anacrônicos"; a sua arquitetura "antiga", "imprópria", dada à proximidade dos prédios e a sua funcionalidade comprometida pelos seus interiores "mal-divididos", "sem conforto", às vezes "sem luminosidade" e "abafados"; e, enfim, o casario secular é visto como "triste", "escuro", causando certo sentimento de angústia, depressão. Diante disso, é forçoso reconhecer que as diferentes representações resultam de diferentes categorizações construídas pelo sujeito conforme sua ótica na explicitação do seu ponto de vista.

Dando prosseguimento à análise, vê-se que o Professor Aires, num processo de remissão discursiva, retoma conhecimentos pressupostos como partilhados e localiza no cenário descrito alguns tipos característicos do velho Tijuco, com o uso de expressões nominais definidas, ou seja, ele remonta a episódios que esboçam um quadro retrospectivo de parte da história do Arraial do Tijuco, ele mostra as figuras e, ao fazê-lo, constrói objetos de discurso no processo de referenciação:

> [...] desde o reinol orgulhoso e casquilho, à dama fina, educada à europeia, até o contrabandista rigorosamente condenado, apesar da miséria de numerosa família, o quilombola perseguido, e audaz, e finalmente, o garimpeiro de antanho, heróico e desprendido, cuja existência acidentada de quem ia buscar à terra o que lhe pertencia ainda excita a imaginação do povo diamantinense. (MACHADO FILHO, 1980, p.89).

Seguindo a mesma estratégia adotada, destacam-se os objetos de discurso construídos, em que as categorizações e os seus sentidos resultam de avaliações pessoais, são

posicionamentos do sujeito, são representações que, no capítulo seguinte, passam a ser tratadas como representações sociais.



Essas descrições são episódios históricos assim entendidos: a Coroa Portuguesa, representada pelos nobres janotas, tem o domínio do Distrito Diamantino; as mulheres da sociedade tijucana, sob a influência da cultura europeia, imitam as damas da nobreza em trajes e costumes; o contrabandista, o garimpeiro, apesar da miséria de numerosa família foge do controle dos mandatários e exerce o contrabando, faz a venda ilegal dos diamantes para garantir a própria subsistência e de sua família e é, muitas vezes, condenado pela tirania da administração do arraial; os escravos corajosos, fugitivos e perseguidos não se sujeitam aos caprichos e exigências das autoridades e formam quilombos; enfim, o garimpeiro exerce o garimpo clandestino, irregular e, na sua existência acidentada naqueles tempos remotos, com coragem e sofrimento, escreve a saga da exploração e comercialização do ouro e do diamante que por direito deviam lhe pertencer, mas lhe foram usurpados.

Na associação da personagem à sua situação na comunidade: “rigorosamente condenado” (contrabandista), “perseguido e audaz” (quilombola), “heróico e desprendido” (garimpeiro), fica patente que, embora sejam situações marcadas pela ilegalidade e combatidas pelas autoridades, são aceitas e enaltecidas pelo autor. Em nenhum momento, foram usadas palavras que denotassem crítica às ações criminosas dos tijucanos, mas demonstrado repúdio aos seus tiranos exploradores, os europeus; houve uma seleção intencional de “categorias”, numa perspectiva das representações registradas na tradição, na história da terra, plenamente compreendidas por enunciatários, leitores, que, de alguma forma, delas compartilham, num processo de intersubjetividade da construção de objetos de discurso. Reforça essa observação a presença frequente de representações semelhantes na literatura produzida sobre o Tijuco, o que leva a crer em seu pertencimento a determinada formação discursiva, definida por Pêcheux (1988, p.16) como

> [...] o lugar da constituição de sentido, sua matriz, pois, uma palavra, expressão ou proposição que lhe seria próprio vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras expressões ou proposições mantêm com outras palavras da mesma formação discursiva. (PÊCHEUX, 1988, p.16).

Enfim, esse rápido mapeamento dos objetos de discurso construídos pelo Professor Aires pôde comprovar os pressupostos teórico-metodológicos adotados. Dito de outra forma: os objetos do discurso foram construídos numa perspectiva discursiva, seus sentidos, mais que nomearem pessoas, objetos e fatos do mundo, são representações do sujeito-enunciador, crenças e conhecimentos de senso comum estocados na cultura de que ele faz parte, e não são apenas evidências empíricas, expressas pelos conhecimentos enciclopédicos.

Nesse processo, deve-se ainda salientar a presença da afetividade, elemento componencial das atividades humanas, da construção das representações. Assim, a observação e a comunicação da realidade estão impregnadas de um misto de ternura e angústia, aliadas a uma censura aos que, tiranicamente, submeteram o povo do Tijuco às mais sofridas adversidades. Esse colocar-se do sujeito em seu discurso com as naturais cargas afetivas, integra-se aos discursos dos antepassados e têm acolhida em seus interlocutores, os enunciatários, uma vez que esses discursos são lidos e apreciados nos meios acadêmicos, nos grupos sociais que partilham da cultura oral ou letrada de Diamantina: historiadores, escritores, poetas, seresteiros, estudiosos que vivem e divulgam as produções discursivas do rico acervo cultural do Tijuco/Diamantina, além dos admiradores, dos turistas, que se embevecem diante da paisagem que remonta a gloriosa história da terra.

Finalmente, neste capítulo sobre referenciais teóricos da linguística discursiva, considera-se importante uma comprovação da tese que se defende: a presença de europeus na formação da identidade dos habitantes do Tijuco/Diamantina. Mais explicitamente: a partir da descoberta, extração e comercialização do diamante, iniciou-se a formação do primeiro profissional do Tijuco, o “mineirador”, com as denominações variantes de “faiscador”, “garimpeiro” e outras recebidas de acordo com as múltiplas situações enfrentadas por eles: “contrabandista”, “quilombola”, “capangueiro”, “escravo”, e foi nesse momento da história que as marcas de identidade dos habitantes tiveram seus primeiros sinais, quando as manifestações de coragem, destemor e cidadania começaram a se esboçar. A presença dos “reinóis” de cultura europeia traduz-se nas “damas da sociedade do Tijuco”, em características e hábitos bem diferentes dos nativos da terra dos diamantes.

3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: REFERENCIAIS TEÓRICOS E ILUSTRAÇÕES EM DISCURSOS DE ESCRITORES DIAMANTINENSES

> Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (ABRIC, 2000, p.21).

A decisão de se proceder à análise de discursos sobre a relação entre a Europa e o Arraial do Tijuco/Diamantina, a partir de Representações Sociais (RS) construídas por escritores e entrevistados diamantinenses, justifica-se pelas asserções de Abric, que defende a dúplice função das RS: a de orientação do homem em seu mundo e a de maior possibilidade de uma interação efetiva por produções discursivas entre os membros de um grupo que participa de uma cultura reflexo dos conhecimentos estratificados na sua memória coletiva. Explica-se: os sujeitos em suas interações humanas, em diferentes situações comunicativas colocam em cena as suas experiências, procuram assimilar as experiências do seu grupo, assim como buscam compreender o mundo que os cerca, numa relação intercultural com o contexto social, com as experiências registradas na história do grupo.

Assim, definem-se Representações Sociais (RS) como formas de conhecimento prático, do senso comum, produzidas e sustentadas por grupos sociais específicos numa determinada conjuntura histórica, e que se manifestam como elementos cognitivos, como imagens, conceitos e categorias socialmente elaborados e compartilhados. As RS são, portanto, fenômenos essencialmente sociais. Elas são pré-construídas pela articulação entre o social e o psicológico, como um processo dinâmico, permitindo compreender a formação do pensamento social e a participação do ser individual nessa construção.

A partir dessas premissas, faz-se necessário delinear algumas noções básicas dos estudos desenvolvidos por Moscovici (2009), o introdutor do conceito de Representações Sociais na Psicologia Social do conhecimento, uma perspectiva europeia que emergiu entre as décadas de 1960 e 1970 e que visava processos através dos quais o conhecimento é gerado, transformado e projetado no mundo social.

O pesqisador Moscovici reconhece que o conceito de RS teve a sua origem nos estudos de “representações coletivas” de Durkheim (1891/1974), que, mais fiel à tradição aristotélica e kantiana, tem uma concepção mais estática de representações e estabelece uma

separação radical entre representações individuais, no campo da psicologia, e representações coletivas, no campo da sociologia.

Para Durkheim, conforme afirma Marková (2003, p.175-177), o mundo pode ser entendido não por meio de representações *a priori* das mentes, mas sim, por meio de experiências sociais. As representações coletivas, isto é, as imagens, crenças, símbolos e conceitos, surgem diretamente das estruturas sociais. Elas incluem todos os fenômenos socialmente produzidos que circulam e são compartilhados na sociedade, abrangendo uma cadeia completa de formas intelectuais que incluem ciência, religião, mito, modalidades de tempo, enfim, qualquer tipo de ideia, emoção ou crença que ocorra dentro da comunidade.

Serge Moscovici, considerando o princípio de que "o indivíduo só existe dentro da rede da sociedade, que nada mais é que o resultado da interação entre os indivíduos por meio de práticas linguageiras" (MOSCOVICI, 2009, p.7-28), propôs que a Psicologia Social estudasse as representações por um ângulo diferente, concebendo-as como fenômenos e não apenas como conceitos, como eram vistas anteriormente, defendendo que é necessário explicitar os processos de sua construção, desvendar seu mecanismo de funcionamento, mapear a abrangência de sua significação nas atividades interativas dos seres humanos em dada comunidade e não apenas registrar a sua ocorrência e classificar as suas modalidades no campo da psicologia.

Interessado nessa inovação dos estudos das ideias coletivas das sociedades modernas, Moscovici sugere que os estudos da relação entre comunicação e representação sejam realizados na perspectiva sociopsicológica, substituindo-se, assim, a denominação representações coletivas por Representações Sociais (RS), o que constitui uma forma sociológica de Psicologia Social, tendo em vista que estudar as RS é observar o ser humano enquanto pensa, reflete, faz perguntas e procura respostas para as suas inquietações de ser social. Portanto, o seu objetivo é compreender o mundo, interagir com ele.

Há, dessa forma, interesse pelo estudo das representações que envolvem a sociedade, o meio político, científico e humano, uma vez que elas são formas de conhecimento produzidas e sustentadas por grupos sociais específicos, numa determinada conjuntura histórica e, desSe modo, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. Além disso, elas não constituem apenas variáveis explicativas da realidade, são fenômenos específicos, imbricados na estabilidade e nas mudanças da sociedade, já que novidades e mudanças, conservação e preservação são partes integrantes da vida social. Assim, novas representações surgem dos pontos de tensão no sistema de representações de uma cultura, uma vez que são fenômenos dinâmicos que evoluem.

Insiste-se que, para Moscovici, há sempre uma explicação histórica para a emergência das Representações Sociais, ligada à legitimação e aceitação, em que se leva em conta a identidade do sujeito (indivíduo ou grupo) com sua história, suas experiências. É o sujeito considerado, conforme Mondada e Dubois (2003, p.20), "não somente o sujeito 'encarnado', mas um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo.".

Além desses fundamentos teóricos propostos por Moscovici, foram considerados alguns estudos sobre a aplicação desses pressupostos no campo das práticas discursivas desenvolvidos por Py (2000; 2004). Também são comentadas e aplicadas proposições de Spink (1993; 2000; 2009), cujos fundamentos e estratégias de aplicação são pertinentes aos objetivos da análise de discurso aqui operacionalizada, conforme será desenvolvido no próximo capítulo das diretrizes metodológicas.

3.1 Processos de construção, natureza e funções das Representações Sociais: ilustração em discursos de diamantinenses

Para melhor explicar a formação das RS, Moscovici (2009, p.49-53) defende a existência de dois tipos de universo: o consensual, quando a sociedade é vista como um grupo de pessoas que são iguais e livres, cada uma com a possibilidade de falar em nome do grupo ou sob seus auspícios; e, em oposição, o reificado, quando a sociedade é vista como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais. Para o autor, "tudo o que é dito ou feito no universo consensual, do senso comum, apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora mais que contradiz a tradição." (MOSCOVICI, 2009, p.54). Como resultado desse processo, a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e a imagem sobre a realidade, ou seja, prevalecem as Representações Sociais construídas pelo grupo de convivência. É, portanto, nos conhecimentos de senso comum que se reconhecem as RS de uma comunidade, conforme defende o autor.

A fonte de articulação entre processo e estrutura, na gênese e organização das representações, está na função das próprias representações, cujo propósito, para Moscovici, é tornar familiar algo não familiar, ou ainda, tornar familiar a própria não familiaridade. Dito em outras palavras: diante de novos estímulos que surgem para o ser humano na sua interação com o universo, buscando torná-lo pertencente ao seu mundo particular, fazer conhecido o que era desconhecido. Assim, as Representações Sociais são geradas por dois processos complementares que se fundem: a ancoragem e a objetivação. O primeiro processo busca

transformar uma situação desconhecida em conhecida, comparando-a com um paradigma de uma categoria já pertencente ao mundo das experiências anteriormente vivenciadas pelo ser humano; daí a denominação ancoragem, apoio, aproximação, para traduzi-la em uma categoria, uma imagem comum, torná-la pertencente ao contexto familiar, quando ocorre uma categorização, entendendo categorizar como classificar, rotular, dar nome a alguma coisa.

Logo, a ancoragem é fundamentalmente um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes, quando entra em ação o senso de julgamento humano, em que são consideradas a história desse ser social e suas experiências, ou seja, a escolha das categorias dá-se de acordo com as características que o sujeito social da prática linguageira busca salientar no objeto, fato ou ser desconhecido.

O segundo processo, a objetivação, é a cristalização dessas representações, é a reprodução de um conceito em uma imagem: transforma o abstrato em concreto, une a ideia não familiar à realidade conhecida, tornando-a verdadeira essência da realidade, um objeto de discurso no processo de referenciação ao mundo. O processo de familiarização, portanto, é sempre um processo composto de ancoragem e objetivação, por meio do qual o não familiar passa a ocupar um lugar dentro do mundo familiar, conhecido. As coisas tornam-se significativas, conhecidas, se for estabelecida uma ponte entre o que já se conhece e o novo, entre o familiar e o desconhecido. A produção do conhecimento está na dependência desses dois processos.

Moscovici (2009) identifica, ainda, três subprocessos envolvidos no processo de objetivação: no primeiro deles, as informações acerca de um objeto da representação passariam por um processo de seleção e descontextualização, subordinado a crenças, valores e normas das formações sociais de que emergem, a partir do qual se configura um todo coerente, implicando a retenção de parte das informações. O segundo subprocesso diz respeito à reorganização dos elementos que constituem núcleos figurativos. Já o terceiro, é o de naturalização das relações esquemáticas estabelecidas entre os elementos do núcleo central, o qual representa de forma figurativa a estrutura conceitual, de modo que adquire certa materialidade, criando-se vínculos estáveis entre a organização e as expressões da linguagem. Há, portanto, três níveis da realidade no processo de objetivação: o real (objeto selecionado), o simbólico (nova reorganização no plano figurativo) e o imaginário (novo conceito).

O mesmo autor explica o processamento sociocognitivo da constituição das representações: as experiências e memórias não são nem inertes, nem mortas; elas são dinâmicas. Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando

e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, classificados de acordo com um tipo e rotulados com um nome. A segunda, sendo direcionada para fora (para os outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. A imagem do conceito perde a noção de origem, o seu caráter abstrato e se torna uma entidade quase física. Portanto, assim que a sociedade aceita um paradigma figurativo, essa imagem adquire certa independência, torna-se uma realidade convencional e o seu uso passa a ser comum.

Abric (2000, p.13) afirma que "a representação funciona como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações do indivíduo com seu meio físico e social, ela vai determinar seus componentes e suas práticas", mostrando, assim, que todo convívio social é, necessariamente, permeado pelas Representações Sociais dos componentes do grupo de convivência. Para a autora, as funções das RS são: a) função do saber, que permite às RS compreender e explicar a realidade; b) função identitária, que define a identidade e, assim, permite a proteção da especificidade dos grupos; c) função de orientação, que guia os comportamentos e as práticas; e d) função justificadora, que ancora a justificativa, *a posteriori*, das tomadas de posição e dos comportamentos.

Moscovici procura explicar a natureza convencional e prescritiva das Representações Sociais. Convencionais, as RS, pelas categorizações, classificam em determinada categoria os objetos, pessoas, ou acontecimentos, dão-lhes uma forma definitiva, e, gradualmente, colocam essa categoria como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas, ou seja, são acionadas experiências, que são as informações agrupadas e classificadas em razão de paradigmas pré-determinados e socializados. Elas convencionalizam as ideias e são essas convenções que ajudam a reconhecer o que as representações significam. Dessa forma, a identidade desse grupo é resultante da participação, das trocas realizadas entre os seus componentes, a partir do que lhe foi legado pelos seus antecessores, suas RS, que, "partilhadas por tantos, penetram e influenciam a mente de cada um, elas não são pensadas por eles; melhor, para sermos mais precisos, elas são re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas", como é explicado por Moscovici (2009, p.37).

Daí resulta a sua função prescritiva: as RS são orientadoras de comportamentos dos participantes, regulam suas posições nas redes de interação social e os auxiliam na definição de sua identidade em relação ao grupo, guiam os membros desse grupo nos modos de nomear e definir os diferentes aspectos da realidade, de referir o mundo que os cerca.

As Representações Sociais são, portanto, determinantes para a tomada de posições subjetivas nas relações sociais com as quais e através das quais o sujeito organiza seus

processos simbólicos e intervém nessa rede de relações. Isso explica as razões por que as RS interferem em fenômenos tão variados quanto à difusão e à assimilação de conhecimentos, ao comportamento inter e intrasubjetivo, à construção de identidades, às ações de resistência ou de impulsão de mudanças sociais.

Py (2000) apresenta em seu estudo introdutório sobre Representações Sociais e discurso algumas asserções mais gerais, entre elas: 1) a noção de RS encontra-se hoje em todas as ciências humanas, incluída aí a linguística; 2) o termo representação é fortemente polissêmico; 3) há em relação às RS uma multiplicidade inevitável de definições e de objetos epistemológicos; 4) a linguística, reconhecida por certa evolução, em especial pela noção de discurso e de interação verbal, propõe mostrar como pode contribuir de maneira particular para melhor compreender a natureza e o papel das RS.

O autor preconiza que é pelo discurso que as Representações Sociais existem e se difundem pelo tecido social, pois o discurso é o instrumento mais eficaz de categorização, de denominação, e diz que o discurso é o meio natural por excelência das RS, que é no discurso e pelo discurso que elas se estruturam, desenvolvem-se, transformam-se e, até mesmo, desaparecem.

Sob a égide dessas premissas, o autor desenvolve pesquisas sobre Representações Sociais em discursos selecionados, mostra as possibilidades de se obterem dados importantes sobre o objeto de estudo, o que contribui de maneira decisiva para uma análise de discurso sob a perspectiva das Representações Sociais.

Py (2000) mostra as diversas etapas de formação das RS, sob a perspectiva de sua trajetória em relação com as trajetórias cognitivas. Conforme o autor, sob o ponto de vista da ancoragem, os indivíduos podem conceber idealmente as RS como segmentos que firmam, fundamentam pré-construídos culturais que, no sentido de Grize (1990), percorrem as seguintes etapas: evidências (crenças pré-críticas); convicções (crenças explicitadas, explicadas); representações (crenças elaboradas com e pelo debate, confrontação, argumentação); e conhecimentos enciclopédicos, científicos (representações estruturadas por processos com apoio de informações e reflexões críticas). A opinião, afirma o autor, é o resultado de uma solicitação exterior, portanto, das crenças em um ponto qualquer de sua trajetória. Mais especificamente, o pré-construído cultural pode dar a convicção sob a forma de máxima; a convicção pode, a seu turno, se transformar em representação social ao sabor do debate ou de uma discussão crítica, depois em um conhecimento, graças a uma elaboração mais desenvolvida. Cada etapa dessa trajetória é lugar de uma complexidade e, provavelmente, de uma ruptura qualitativa mais ou menos profunda.

Para Py (2000), uma representação social é como uma “microteoria econômica”, no sentido de que ela reúne em si uma grande simplicidade e um vasto domínio de aplicação. Ele ilustra essa asserção com o exemplo: quando se diz que as mulheres são mais sensíveis que os homens, divide-se a humanidade inteira em duas partes e lhes atribui, respectivamente, duas qualidades complementares que parecem evidentes ao enunciador: uma sensibilidade desenvolvida ou uma tendência à indiferença afetiva.

O caráter pré-estabelecido das fórmulas das RS participa desse caráter econômico: elas são imediatamente interpretadas, não requerem trabalho de argumentação, pois apenas o ato de sua enunciação, sua difusão confere-lhe uma aparente legitimidade, e elas dizem mais que posições teóricas destinadas a um debate argumentativo.

Essas microteorias das RS têm por função fornecer, geralmente pela urgência, as interpretações úteis a uma atividade em curso, como se elas valessem como uma atividade técnica presa a uma decisão ao longo de uma atividade simbólica, ou seja, têm por função argumentar de acordo com o quadro da discussão.

Os provérbios, axiomas e máximas, *slogans* reveladores de Representações Sociais do homem, comprovam o caráter econômico dessas microteorias. Eles, ao encarnarem uma atitude valorativa, condenando ou perpetuando determinadas condutas, refletem a consciência coletiva dominante. São verdades tidas como irrefutáveis, veiculam valores indiscutíveis e constatações gerais, verbalizadas e aceitas por todos, e distinguem-se, muitas vezes, por sua autonomia contextual e são atribuídos a enunciadores anônimos que se dirigem a destinatários igualmente anônimos. Com seus enunciados concisos, precisos, com fórmulas estereotipadas, os provérbios, os axiomas equivalem a uma informação, a uma interpretação, a uma argumentação, a uma justificativa, a uma orientação de conduta do homem, a um conselho. Como Representações Sociais facilitam a construção do conhecimento, o entendimento e a comunicação verbal têm efeitos convencionais e prescritivos, estabelecendo formas de comportamento convenientes.

Há, sem dúvida, uma função moral e didática no gênero provérbio: o ar de autoridade ampliado pela impessoalidade confere-lhe *status* de verdade atemporal e imutáveil; o uso frequente da metáfora imprime-lhe uma forma morfossintática simples e de grande riqueza e eficiência expressiva. Por exemplo, “Aquilo que não tem utilidade para o enxame não é útil à abelha”, do livro *Meditações*, de Marco Aurélio (2002, s/p), o nobre romano, estóico, general e imperador. Essa máxima desenvolvida em um enunciado explicativo torna-se longa, perdendo a concisão que lhe é característica e a precisão de sentido.

A cultura popular brasileira é riquíssima em provérbios que fazem parte efetiva das práticas linguageiras dos diversos grupos sociais, expressando suas representações num gênero discursivo, com forma composicional bem específica, um estilo adequado às suas funções e o conteúdo temático com possibilidade de variar indefinidamente para atender à intencionalidade e ao objetivo do sujeito enunciador, por exemplo, ao se tentar explicar, justificar uma fuga conveniente, oportuna e astuta de uma pessoa diante de determinadas situações embaraçosas, basta que se enuncie o provérbio: “Macaco velho não pisa em taquara seca”. Ainda, outro tipo de justificativa: “Filho de peixe, peixinho é”, referindo-se a uma qualidade herdada, a uma atitude de um sujeito em cuja ascendência se reconhecem as mesmas características evocadas. Essas considerações sobre os provérbios têm o escopo de mostrar que as Representações Sociais definidas, na prática, como um conjunto de conceitos, frases e explicações originadas na vida diária, durante o curso de comunicações interpessoais, revestem-se de formas discursivas bem presentes no senso comum; apresentam certa autonomia, ou seja, “uma vez criadas [...] elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem”, conforme aponta Moscovici (2009, p.41).

Feitas diversas considerações acerca dos processos de estruturação, a natureza e as funções sociais das RS como orientadoras de comportamento dos participantes de determinado grupo social, necessário se torna demonstrar, de acordo com ponderações de Py, a sua relação intrínseca com o discurso, explicitando os recursos linguístico-discursivos utilizados como meios pelos quais elas cumprem o seu papel nas práticas discursivas, na encenação dos atos de linguagem, no evento da enunciação.

Diante disso, a título de ilustração dos processos de construção das Representações Sociais em um enunciado do discurso, foram analisados alguns recursos linguístico-discursivos utilizados em um excerto da obra *Vultos e Fatos de Diamantina* (1954), do diamantinense Soter Couto, sobre a relação conflituosa do Tijuco/Diamantina com a Metrópole:

> Os galeões partem abarrotados de ouro e diamantes para sustentar o brilho da dissoluta corte de Dom João V, cujo título Fidelíssimo custou ao nosso povo quatrocentos milhões de cruzados, arrancados por todos os meios [...]. E sobre o pequeno povoado perdido no coração de Minas, abateram-se as garras afiadas do abutre metropolitano. (COUTO, 1954, p.46).

Nesse episódio relativo à extração e à apropriação dos minérios do Brasil e do Arraial do Tijuco/Diamantina pela Coroa Portuguesa (conforme síntese histórica apresentada no quinto capítulo), Soter Couto representa o seu posicionamento, compartilhado pelo grupo social de que faz parte (“ao nosso povo”), caracterizando-se como um “sujeito social”, participante do grupo de pessoas que elaboram, assimilam as ideias, crenças e imagens acerca do mundo e da realidade em função do lugar social ocupado e de acordo com seus interesses específicos e de seu grupo.

Assim considerando, percebe-se que essas RS são construídas na e pela linguagem que intervém na seleção dos recursos linguístico-discursivos empregados (intervenção precedente) e na sua interpretação (intervenção posterior), num processo de reflexividade, conforme propõe Py (2000). Ao observar esses processos, constata-se de imediato que o sujeito enunciador Soter Couto, na realização da ancoragem/objetivação para a construção das RS, define categorias pelos processos de referenciação aos fatos e personagens, selecionando recursos linguístico-discursivos disponíveis na língua, sendo eles dotados de grande força expressiva, com considerável sentido argumentativo para construir a sequência narrativa dos fatos. A escolha das categorias deu-se de acordo com as características que o autor buscou salientar no objeto, fato ou ser que deve ser conhecido, explicado, como se pode perceber no diagrama do episódio em questão.

“Os galeões partem abarrotados de ouro e diamantes”: fato desencadeador do processo

⇩

cheios em demasia

“para sustentar ⇩ garantir as despesas

o brilho ⇩ ostentação

da dissoluta corte de Dom João V”: ⇩ devassa, libertina

c) “cujo título Fidelíssimo custou ao nosso povo quatrocentos milhões de cruzados”:

⇩

alto valor confiscado

d) “arrancados” por todos os meios:

⇩

recursos violentos

e) E sobre o pequeno povoado perdido no coração de Minas

abateram-se ⇩ lançaram-se fortemente

as garras ⇩ unhas aguçadas

do abutre ⇩ ave carniceira

metropolitano: ⇩ estrangeiro ganancioso

Nota-se que Couto usa a expressão indicadora de pequenez, inferioridade da aldeia tijucana: “pequeno povoado perdido no coração de Minas”, estabelecendo uma oposição superioridade x inferioridade: proporções grandiosas do ato do agressor poderoso que sem piedade abate a vítima impotente na sua pequenez, ressaltando, assim, a intensidade, a violência dos recursos empregados pelos metropolitanos na usurpação das riquezas do Tijuco.

No último enunciado, os processos de ancoragem/objetivação são desenvolvidos pela construção da metáfora (povo português = abutre) que se caracteriza pela reinterpretação de um domínio conceptual (humano) em termos de outro domínio conceptual (animal). São associados na metáfora fatores cognitivos, fatores conceituais e fatores linguísticos, conforme posição defendida por Moura (2005). Essa dependência mútua explica a razão de a interpretação metafórica ser sensível ao contexto.

Em outras palavras, levou-se em conta não apenas o mapeamento dos domínios conceituais, mas a estrutura semântica dos itens lexicais que ocupam a função de tópico (entidade da qual se fala: governo português, Dom João V), e de veículo da metáfora (expressão linguística que predica algo sobre o tópico: abutre). Houve, naturalmente, na

construção da metáfora um processo de comparação entre as características do governo metropolitano (ganancioso, destruidor) e as características da ave “abutre” (cruel, sanguinário, ave de rapina de índole assassina). Houve um ponto de intercessão: maldade (domínio humano e domínio animal), garantindo a semelhança estabelecida, gerando o efeito expressivo de impacto pelo rebaixamento das características humanas a características de animais de uma espécie vista como predadora e nefasta aos seres vivos.

Resumidamente, as Representações Sociais foram construídas pelos processos de ancoragem/objetivação; houve a seleção das informações, descontextualização, comparação entre categorias, foi estruturado um novo núcleo figurativo, entendido, aceito. Há, portanto, três níveis da realidade no processo de objetivação: o real (objeto selecionado: abutre), o simbólico (nova reorganização no plano figurativo: humano semelhante a abutre) e o imaginário (novo conceito: povo português é abutre).

Foram construídas Representações Sociais que, prescritivas, orientaram o julgamento dos fatos e a tomada de atitude diante deles e, convencionais, funcionaram como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações do indivíduo com seu meio físico e social, confirmando Grossman e Boch (2006, p.30) que definem as funções das RS: “As Representações Sociais permitem a elaboração de um sistema de referência que serve para avaliar (apreciar ou rejeitar) os comportamentos dos outros.”.

3.2 A evolução das Representações Sociais de Referência (RR) e de Uso (RU), *Themata* e *thematização*: uma ilustração em discursos sobre Chica da Silva

Moscovici defende que os sujeitos e grupos se movem em função das RS, e não necessariamente em função das realidades objetivas. As RS fazem parte de conhecimentos e de crenças indispensáveis à vida social e, sobretudo, à comunicação, à cultura. Em vista de se considerar essa inerência das Representações Sociais ao ser humano, tem-se como consequência o reconhecimento de que elas não permanecem imutáveis, fixas; são produtos de elaborações ocorridas no evoluir do tempo pelos participantes de uma comunidade, portanto, modificam-se de acordo com as participações individuais dos sujeitos do discurso e as diversificadas situações contextuais, sociais e culturais, portanto, apresentam um caráter evolutivo, de mudanças.

Entende-se o processo dessas mudanças naturais das RS a partir da descrição da estrutura interna de uma representação que é composta de um núcleo central, estável, pertencente à memória discursiva de um grupo social, de uma cultura, uma organização

estabilizante, resistente a mudanças, e de esquemas periféricos, que são as variáveis particulares dos enunciadores dos discursos no momento da enunciação, provenientes de novas experiências vividas e que constituem uma interface entre o núcleo central e uma situação concreta, na qual a representação se manifesta, isto é, no discurso, conforme pontifica Py (2000), considerando proposta de Guimelli et. al (1994).

O autor propõe a divisão das RS em Representações de Referência (RR), constituídas pelo núcleo central, e Representações de Uso (RU), que remetem aos esquemas periféricos. No entanto, segundo o autor, cada par de expressões não deve ser considerado, propriamente, como sinônimo, mas como semelhante. Dessa forma, as Representações de Referência são uma fórmula primitiva, o enunciado desencadeador, que se constitui em uma "fonte comum de referência", enquanto as Representações de Uso constituem a continuidade desse núcleo central, como uma fase considerada evolutiva no decorrer da interação, portanto, sujeita a variadas modificações. Desse modo, fica claro que é a partir dos esquemas periféricos que as RS evoluem.

As estratégias das mudanças das RR em RU podem ser em função da ratificação ou refutação dos juízos antes construídos pelas Representações Sociais de referência com uso de critérios variados de reformulação: atenuação, modalização, redução ou deslocamento do domínio de aplicação, o que explica numerosas fórmulas variantes das Representações de Referência em Representações de Uso. Em decorrência disso, as RR, ao sofrerem alterações, muitas vezes, têm seu domínio de aplicação ora reduzido, ora ampliado, ora refutado ou ratificado, processos estes resultantes de intervenções subjetivas dos enunciadores do discurso ou de outras situações intervenientes, numa prática interativa sociodiscursiva no domínio contextual.

Em síntese, esse processo de evolução estabelece um espaço delimitado por dois aspectos indissociáveis das Representações Sociais: de um lado, seu valor convencional, reconhecido entre os membros de uma comunidade, de outro, seus valores individuais, definidos pela distância que os separa do valor convencional, que não pode variar sem medida, sob pena de anular o seu valor de referência.

Observa-se, no entanto, que, quanto ao valor individual, a RU pode variar de maneira bastante livre ao longo do tempo, sendo que o seu valor convencional subsiste, às vezes apresentado em forma de tópico a ser, em seguida, comentado, assegurando-se, dessa forma, a coesão do discurso construído, a interdependência, a associação entre as RR e as RU.

Py (2000) justifica essa dúplice apresentação de modelos com a afirmativa de que todos os discursos se submetem a um jogo entre duas forças contrárias: uma com tendência à

estabilização e outra à desestabilização. A estabilização é favorecida pela estruturação inerente a toda verbalização, porém, as variações têm como resultado colocar constantemente em questão as construções efetuadas pelo discurso. De acordo com o autor, essas duas tendências de estabilização e de mudança das Representações Sociais em seu uso por uma comunidade são assim explicadas: os membros de um grupo sentem interesse pela estabilidade das representações, uma vez que sua desestabilização tornaria aleatórias as interpretações que interviessem no quadro das interações sociais, o que enfraqueceria a ação coletiva e a comunicação. Daí a tendência que as Representações Sociais têm de perpetuar, de modo que, mesmo quando as experiências dos sujeitos venham a desmenti-las, elas são resistentes a mudanças.

O autor reforça a sua tese, citando a contribuição de Laurent Gajo, que propõe a distinção entre representações como pré-construção ou como coconstrução; a primeira estratégia conduz as RS à estabilidade e as torna implícitas, enquanto a segunda favorece a troca e a explicação do enunciado desencadeador. Por conseguinte, as RR e RU não se excluem: há a coexistência das duas operações, ocorrendo, em certos contextos, um caso particular em que elas se juntam, articulam-se mutuamente, coincidem, quando o enunciador adere sem reservas ao que ele considera como uma evidência incontestável verbalizada pela representação social evocada. Mas, quando uma representação social é questionada, os sujeitos preferem manipulá-la, modificá-la ou, até mesmo, abandoná-la. Essas adaptações a uma nova necessidade asseguram, de alguma maneira, certa estabilidade que se opõe a uma frequente desestabilização, ambas inerentes às práticas sociodiscursivas.

As RS, reelaboradas no decorrer dessas práticas, tornam-se objetos de discurso, produções marcadas pela subjetivação dos enunciadores, portanto, estão diretamente associadas ao contexto discursivo em relação com um contexto pragmático em que o discurso é produzido, tornando-se susceptíveis a instabilidades e mudanças, daí a complexidade de seu estudo como objeto da Análise do Discurso.

Para ilustrar os pressupostos de que as representações podem evoluir de Representações de Referência em Representações de Uso, propõe-se uma breve análise dos mecanismos llinguístico-discursivos usados por escritores, em excertos sobre uma personagem histórica e lendária, Chica da Silva, do Arraial do Tijuco do século XVIII. A escolha dessa personagem se deve ao fato de ser ela a protagonista de episódios da história em que o intenso convívio entre europeus e tijucanos marcou o início de um processo de formação de identidade dos habitantes da Demarcação Diamantina e implantação das primeiras manifestações culturais de acordo com os parâmetros da Europa. Assim, conhecer

as diversas identidades de Chica da Silva construídas em Representações Sociais torna-se uma forma de se iniciar a comprovação da tese defendida neste trabalho: os europeus marcaram sua presença de forma indelével na história de Diamantina.

Sabe-se que durante esse período destacou-se na Demarcação Diamantina o Contratador Desembargador João Fernandes de Oliveira (o filho), que, dono de enorme fortuna, ao lado da famosa Chica da Silva, administrou as terras diamantinas como verdadeiro soberano e fez da vida no Arraial uma réplica da Metrópole. Dessa forma, a presença da Europa no Tijuco, com traços de sua cultura, teve no Contratador João Fernandes sua maior representação, gerando histórias e lendas que muito enriqueceram o imaginário popular do lendário Arraial, um pequeno, mas famoso vilarejo no interior mineiro.

De uma verdade se tem certeza: a singularidade de uma ex-escrava como destaque social no velho Tijuco, que ostentava características de luxuosa sociedade, réplica dos padrões sociais da Europa, constituiu um objeto de estudos diversificado e contínuo na história de Diamantina. Enfim, cada autor escolheu categorizações especiais, buscando salientar determinadas características no seu objeto de referência, daí a diversidade de perfis construídos, de imagens, de Representações Sociais construídas e transmitidas pela cultura oral do Tijuco e por historiadores, romancistas e poetas, que fizeram de Chica da Silva um mito. Inicialmente, sob a figura de uma ex-escrava que se tornou poderosa "Rainha do Tijuco", associada à imagem de mulher lasciva, sensual, devoradora de homens. Em épocas mais recentes, foi também retratada como heroína, em razão de atitudes e qualidades humanitárias de defensora dos desprotegidos e promotora da igualdade racial e social, e mãe dedicada, consciente de seu papel de educadora, companheira apaixonada e fiel ao rico e poderoso Contratador.

De acordo com informações da pesquisadora e historiadora Junia Ferreira Furtado (2003), em seu livro *Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes, o outro lado do mito*, a elevação de Chica da Silva à categoria de "personagem histórica" foi feita por Joaquim Felício dos Santos, em sua crônica publicada nas páginas de *O Jequitinhonha*, em 1868, reunidas depois no livro *Memórias do Distrito Diamantino*. Esse memorialista e jornalista constrói a representação da pessoa Chica da Silva no excerto:

> 1) Só uma mulher partilhava o seu poderio [de João Fernandes, o Contratador]: era a sua amante Francisca da Silva, vulgarmente chamada Xica da Silva. [...] Francisca da Silva era uma mulata de baixo nascimento. [...] Tinha as feições grosseiras, alta e corpulenta, trazia a cabeça raspada e coberta com uma cabeleira anelada em caixos pendentes como então se usava; não possuía graças, não possuía beleza, não possuía

> espírito, não tivera educação, enfim não possuía atrativo algum, que pudesse justificar uma grande paixão. (SANTOS, 1978, p.170).

Como já se expôs, para construir o significado, foi feita uma ancoragem em categorias já conhecidas para a classificação, escolhendo o sujeito enunciador as características julgadas eficazes no processo de categorização. Importante é se questionar: quais seriam as "categorias" privilegiadas pelo autor nos processos de referenciação a Chica da Silva? Esse questionamento exige de um analista um trabalho de "interpretação" próprio das pesquisas qualitativas, como se propõe no quinto capítulo, considerando-se que o significante é a forma discursiva em que aparece o significado, uma forma definida por seu conteúdo, que, tomado sob determinada perspectiva subjetiva, torna-se o sentido, de cuja construção, portanto, o enunciatário participa durante o processo interativo no evento da enunciação.

Como se vê, a construção de uma imagem, de um objeto de discurso pelo autor foi em consonância com sua história como sujeito social, sua identidade determinada pelo papel social ocupado, suas experiências, seus valores condizentes com a época, o século XIX, e com seu grupo de pertença, a elite intelectual diamantinense.

Acredita-se, portanto, que, para atingir o seu objetivo, marcado pela sua intencionalidade, que parece ser a de mostrar a contradição entre a pessoa Chica e a função social que ela desempenhou no Tijuco, Joaquim Felício escolhe algumas características fundamentais à sua visão, ao seu posicionamento, o que se procura explicitar a seguir.

No primeiro segmento do enunciado ("Só uma mulher partilhava o seu poderio [de João Fernandes, o Contratador]: era a sua amante Francisca da Silva, vulgarmente chamada Xica da Silva"), as categorias privilegiadas para a referenciação são: sexo, posição social e estado civil. A designação do sexo da referenciada mulher em relação ao reconhecimento do seu poder junto ao mandatário do Arraial ("partilhava o seu poderio") e a sua condição de amante ("era a sua amante Francisca da Silva") configuram um paradoxo, uma vez que o papel social da mulher naquele tempo não poderia nunca ser o de auxiliar de governo de um Contratador e, mais inadmissível, se essa mulher ocupava o lugar de uma concubina, ou seja, vivendo com o Contratador João Fernandes sem os laços sagrados do matrimônio, de acordo com os preceitos religiosos do catolicismo, como diriam naquela época.

No segundo segmento ("Francisca da Silva era uma mulata de baixo nascimento [...]. Tinha as feições grosseiras, alta e corpulenta, trazia a cabeça raspada e coberta com uma cabeleira anelada em caixos pendentes como então se usava; não possuía graças, não possuía beleza, não possuía espírito, não tivera educação, enfim não possuía atrativo algum, que

pudesse justificar uma grande paixão"), o autor destaca como categorias importantes: a cor de Chica da Silva, sua origem, seus traços físicos e sua posição na escala social.

Na descrição, os recursos linguístico-discursivos utilizados são marcantes na definição negativa do perfil de um estereótipo de uma mulher negra e ex-escrava. Confirma-se o paradoxo já identificado: de acordo com os padrões sociais e culturais da época, uma "escrava", "uma amante", além do mais, "mulata", e com traços físicos tão desabonadores, nunca poderia ascender à posição de detentora de incalculáveis poderes no pequeno, mas importante "reino", protagonizado pela riqueza mineral que abastecia a Coroa Portuguesa, como afirmam memorialistas e escritores que escreveram sobre o Tijuco.

As categorizações de Chica da Silva apresentadas por Felício dos Santos – "amante", "escrava" e "mulata" – constituem-se em designações, nominações, carregadas de sentido pejorativo, calcado nas representações negativas construídas pelo sujeito enunciador, as quais basearam-se em processos de ancoragem, entendidos fundamentalmente como sistemas de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes, quando entra em ação o senso de julgamento humano.

Ressalta-se, ainda, que os recursos linguístico-discursivos do uso reiterado da negativa "não", no início de cada parte do enunciado, denunciam a intenção do enunciador de enfatizar o sentido das representações negativas construídas, ausência de qualidades da retratada: "não possuía graças, não possuía beleza, não possuía espírito, não tivera educação, enfim não possuía atrativo algum, que pudesse justificar uma grande paixão".

A tentativa de compreensão do posicionamento de Felício dos Santos é feita considerando o fato de que ele viveu na segunda metade do século XIX, enquanto Chica da Silva tornou-se a "rainha" do Tijuco a partir de 1753, ou seja, um século separa o memorialista da época em que viveu Chica da Silva. A esse respeito, comenta Furtado (2003, p.267): "Membro da elite branca preconceituosa do século XIX, o autor era incapaz de compreender a atração que exerciam as mulheres de cor. Joaquim Felício a descreveu como uma mulher de baixo nascimento.".

Diante dos pressupostos teóricos adotados, tem-se claro que o discurso de Felício dos Santos constituiu a Representação de Referência (RR) de Chica da Silva no percurso de sua história. Melhor dizendo: há, nessa RR, o pré-construído cultural, o núcleo central, que é um conhecimento comum aos participantes do grupo, uma evidência conhecida de que evoluíram a muitas outras Representações de Uso, constatadas nos discursos de outros escritores, que se referem à mesma personagem Chica da Silva, como se pode notar ainda no prosseguimento deste capítulo, quando a imagem registrada na memória coletiva, construída por Felício dos

Santos, é ratificada em parte, modificada ou contestada por outros sujeitos enunciadores de discursos congêneres, como a *Chica que manda*, do romance de Agripa de Vasconcelos, que a descreve como uma mulher indomável, representante da rebeldia dos colonos e da raça negra.

Em continuidade à defesa da proposta de que as Representações Sociais como produtos sociais evoluem, considera-se que, na evolução das RR em RU, as estratégias podem ocorrer em função da ratificação ou refutação dos juízos antes construídos pelas Representações Sociais de Referência, razão por que se focaliza um novo discurso, produzido por Soter Couto, também diamantinense, sobre Chica da Silva:

> 2) Com Chica da Silva, mulata inculta, paradoxal fenômeno, transforma-se o cenário do arraial [Tijuco]. [...] Dotada de grande vivacidade e solécia, fácil lhe foi copiar delas [as sinhás] os hábitos e ademanes, educando-se na convivência da família, que era uma das mais conceituadas do arraial. Assim viveu alguns anos até trocar o jirau da senzala por um leito de damasco, num palácio no Tijuco, governando-o qual nova rainha de Sabá, senhora absoluta num arraial de governo absoluto. [...] Tais foram as paixões acendidas, que nos levaram a crer, num tipo completamente inverso ao retratado pelo nosso patrício [Felício dos Santos, autor do excerto acima]. Chica da Silva, cabocla cor de canela, pelo cruzamento das raças, devia ter num rosto de expressão carnal, uma boca bem traçada e ornada de alvos dentes miúdos e certos. De olhos vivos grandes e ardentes, como das morenas brasileiras, trazia a flor dos lábios carnudos, permanente convite a outras bocas para lhe provarem a polpa sazonada. (COUTO, 1951, p.17).

Nesse fragmento, novas Representações de Uso são construídas, ratificando, parcialmente, as representações construídas por Felício dos Santos, mas, em seguida, delas divergindo, como se pode perceber. Inicialmente, quando Couto confirma parte das informações de Felício dos Santos, ele estrutura as caracterizações comuns, aceitas pelos dois, com recursos discursivos diferenciados, num estilo mais literário, com efeitos mais estéticos e, assim, os termos referenciadores imprimem novos contornos à imagem de Chica da Silva se comparadas às usadas no enunciado desencadeador da discussão, constituído pelas representações de Felício dos Santos, consideradas as Representações de Referência como núcleo central.

O autor desse excerto elabora caracterizações ditadas pelo processo de idealização da referida, até mesmo dotando Chica da Silva de um perfil de “mulata brasileira”. A tonalidade da pele (“cabocla cor de canela”) e a forma do rosto (“carnal”, boca “bem traçada”, dentes “miúdos e certos”, olhos “vivos, grandes e ardentes”, lábios “carnudos”) são complementados com a insinuação de ser Chica da Silva uma mulher desejada, o que contradiz, frontalmente, com os traços descritos anteriormente por Felício dos Santos.

Py (2000) explica que uma das razões para a evolução das Representações da Referência em Representações de Uso é identificada ao se colocar em oposição uma representação parcial como verdade ideal e outra representação distinta com outro foco. Dessa forma, constroem-se Representações de Uso como crenças elaboradas pela confrontação, pela argumentação, após uma reflexão, um julgamento, uma nova atitude diante do objeto representado.

Couto enaltece a beleza de Chica da Silva, em contraposição ao memorialista Felício dos Santos, que a considera desprovida de atrativos. Assim, percebe-se que há uma diferença significativa entre as representações de um sujeito social do século XVIII (1868) e as de um sujeito de meados do século XX (1951), confirmando o que Mondada e Dubois defendem (2003, p.19) quando afirmam que os objetos de discurso são construídos na língua: "não existe uma estabilidade a priori das entidades no mundo e na língua". Há um trabalho social designando o mundo por um sistema simbólico, cuja semântica vai-se construindo situadamente, o que demonstra que as RS devem ser analisadas sob uma perspectiva discursiva, logo, contextualizada, em que os sujeitos sociais vivem, interagem.

Um terceiro excerto vem corroborar a tese de que, sendo uma representação social questionada, os sujeitos preferem manipulá-la, modificá-la ou, até mesmo, abandoná-la. Essas adaptações a uma nova necessidade, de alguma maneira, asseguram uma relativa estabilização ao pré-construído e também promovem a sua desestabilização, ambas inerentes às práticas sociodiscursivas. Esse processo está descrito na contracapa do livro do romancista Paulo Amador, *Rei Branco, Rainha Negra* (1992, s/p):

> 3) A negra Xica da Silva seduziu o homem mais rico do mundo no século XVIII, e criou em Diamantina um verdadeiro império. Mulher incomum, protegeu as artes, inventou a democracia racial, lutou contra a opressão. Porque era negra, teve sua glória reduzida à lenda menor de uma sexualidade grotesca, e assim atravessou mais de duzentos anos de história. Mas agora surge sua verdadeira vida, redescoberta pela sensibilidade do romancista Paulo Amador, nesse livro de cores nítidas que recoloca em discussão a mulher extraordinária que sonhou com a liberdade de seu povo, e pagou pelo sonho a moeda aviltante do preconceito. (AMADOR DOS SANTOS, 1992, s/p).

Nesse excerto, ratificam-se algumas informações já detectadas nos dois primeiros fragmentos apresentados. São convicções alicerçadas na memória coletiva sobre a figura de Chica da Silva, mas, na construção da nova RU, no processo de discursivização, optando-se por fixar sua atenção em categorias humanitárias da mulher representada. Os recursos discursivos usados reforçam qualidades da Chica da Silva como mulher autônoma, capaz de realizações sociais próprias, ativa e decidida de acordo com os modelos valorizados na época:

são palavras de ação, verbos, em aspectos de ação conclusa: “seduziu”, “criou”, “protegeu”, “inventou”, “lutou”. As novas categorias adotadas têm o escopo de “representar” o mito Chica da Silva, vista, agora, como o protótipo da mulher lutadora pela igualdade social, sob a ótica das lutas por mundo democrático. É firmada uma posição atribuída a Paulo Amador contra o preconceito racial, “aviltante” que condena quem demonstrou atitudes favoráveis à perpetuação dessas crenças.

Essas representações confirmam ponderações de Moscovici de que as RS devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. Elas não são apenas variáveis explicativas e a sua construção deve ser vista como fenômeno, imbricado na estabilidade e mudanças na sociedade, uma vez que novidades e mudanças, conservação e preservação são partes integrantes da vida social, como se buscou demonstrar.

Um último excerto tem o propósito de mostrar como as RS – como esse “sistema de valores, ideias e práticas” – são construídas por uma historiadora, em um discurso pretensamente científico, que teve como objetivo resgatar a verdade sobre Chica da Silva, a partir de documentos estudados, analisados. É oportuno repetir o nome de sua obra: *Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes, o outro lado do mito.* Apenas alguns fragmentos dos relatos sobre a história de Chica da Silva são transcritos:

> 4) No segundo semestre de 1753, pouco depois de chegar ao Tejuco e assumir suas funções [Contratador], João Fernandes de Oliveira comprou de Manuel Pires Sardinha, por 800 mil réis, a escrava Chica. [...] Os documentos da época a designam como parda com que se descrevia a tonalidade de pele mais clara entre os mestiços. [...] A jovem [Chica] possuía a beleza das mulheres oriundas da Costa Mina, com frequência elogiadas pelos europeus. [...] Chica da Silva teria entre dezoito e 22 anos quando João Fernandes, então com 26 anos, a conheceu. [...] Durante dezessete anos, entre 1753 até 1770, ano em que João Fernandes voltou para Portugal, ele e Chica mantiveram um relacionamento estável, do qual nasceram treze filhos, nove meninas e quatro meninos. [...] A média de um parto a cada treze meses faz desmoronar o mito da figura sensual e lasciva, devoradora de homens, ao qual Chica esteve sempre ligada. [...] Assim como as outras forras da época, ela alcançou sua alforria, amou, teve filhos, educou-os, buscou ascender socialmente com vistas a diminuir a marca que a condição de parda e forra impunha para ela mesma e seus descendentes. (FURTADO, 2003, p.103-156).

No caso em pauta, as imagens de duas pessoas são modificadas, ressaltando-lhes os papéis sociais que desempenham no Arraial do Tijuco: o Contratador e a sua “companheira” Chica da Silva, escrava adquirida por ele numa transação comercial.

Os dados biográficos pesquisados levam em conta categorizações, informações julgadas importantes para um processo de referenciação capaz de gerar o efeito desejado pelo sujeito enunciador de convencer seus enunciatários da legitimidade de suas asserções para

contrastá-las com as conhecidas Representações Sociais identificadas por meio da história oral e escrita do Tijuco.

Como se pode perceber, algumas considerações sobre a Chica retratada por Junia Furtado são diferenciadoras, dentre elas: a) escrava comprada por João Fernandes; b) parda, pele mais clara entre os mestiços; c) possuía a beleza das mulheres oriundas da Costa Mina, com frequência elogiadas pelos europeus; d) João Fernandes e Chica mantiveram um relacionamento estável, do qual nasceram treze filhos; e) a frequência dos partos destrói o mito da figura sensual e lasciva, devoradora de homens de Chica; e f) como as outras forras da época, ela alcançou sua alforria, amou, teve filhos, educou-os, buscou ascender socialmente.

Dessa forma, com base em dados históricos, documentais, a historiadora construiu argumentos contra as caracterizações negativas da mulher que, para ela, foi apenas mais uma integrante de um contexto social bem específico do século XVIII, numa demarcação diamantina. São, enfim, novas Representações de Uso estruturadas por processos apoiados em informações e reflexões críticas, em que as características físicas de Chica da Silva, a tonalidade da sua pele e também as suas qualidades morais configuram dados significativos do contexto sociocultural da comunidade oitocentista da demarcação diamantina em Minas Gerais. Assim, a historiadora propõe aos enunciatários a modificação de suas representações sobre o mito que há mais de duzentos anos povoa o imaginário dos diamantinenses ou admiradores de sua história.

As Representações de Uso, geradas pela evolução do valor convencional das Representações de Referência, são dinâmicas, são fenômenos sociais, como se percebeu pela análise dos excertos selecionados sobre a lendária Chica da Silva, em que as formas discursivas constitutivas das RS representaram processos de categorização elaborados pelos diversos sujeitos enunciadores, focalizando Chica sob diversos aspectos: 1) origem, nascimento; 2) raça, tonalidade de pele; 3) seu papel na escala social do Tijuco; 4) suas características físicas, psíquicas e morais; e 5) o seu julgamento pelos sujeitos enunciadores, orientando os enunciatários sobre o modo de reconhecê-la no imaginário social.

As Representações de Referência de Chica da Silva tendem a se perpetuar, mesmo quando as experiências de outros sujeitos enunciadores – escritores, memorialistas, romancistas e historiadores – tentem desmenti-las, elas são resistentes a mudanças. Esse fenômeno reforça o princípio de que os membros de um grupo sentem interesse pela estabilidade das representações, uma vez que sua desestabilização prejudicaria sua compreensão, o que enfraqueceria a ação coletiva e a comunicação.

Em consequência disso, uma verdade se impõe: o valor convencional quanto à referida "Rainha do Tijuco" tem persistido e o mito, Chica da Silva, está vivo e continua a ser objeto de estudos, pesquisas e, principalmente, encantamento e admiração para os turistas que colocam Diamantina em seus roteiros de viagens e em seus objetos de afeto.

Essa discussão acerca das Representações Sociais sobre a lendária figura do imaginário social do Tijuco podem ser melhor justificadas se tecidas algumas ligeiras considerações sobre os novos estudos de Moscovici. Após os 1990, Moscovici reconceituou a sua teoria relativa à *themata* e *thematização* em relação às várias funções do *núcleo* e da *periferia* em diferentes Representações Sociais. Os termos "tema" (singular) e "temas" (plural), e "*thema*" (singular) e "*Themata*" (plural) são relacionados, mas os dois últimos são os empregados em relação às Representações de Referência, assim como em outras disciplinas, com base em conceitos propostos por Gerald Holton (1975, 1978).

Conforme explicações embasadas em estudos de Lima (2008), o autor usa os conceitos de *thema*/*themata* em relação à filosofia da ciência, tendo como objeto a imaginação e a invenção científica. O trabalho preconiza a articulação entre o conceito de *themata* tal como ele foi definido por Holton (1981, 1982) e desenvolvido por Moscovici e Vignaux (1994) e, posteriormente, por Marková (2000, 2003) e o conceito de "fundos tópicos", desenvolvido por Reinert.

Em seus estudos sobre a formação de conceitos e teoria científicos, Holton (1981) constata a insuficiência explicativa pelos eixos empírico e analítico e defende a necessidade de introduzir um terceiro eixo que dá acesso à dimensão temática onde se encontra nosso arsenal de "instrumentos imaginativos". Diante disso, Holton introduz um modelo epistemológico mais aperfeiçoado e abrangente de investigação da história da ciência. Suas pesquisas empíricas levaram-no a postular a existência do que ele chamou de *thema* ou *themata* e que ele definiu como "concepções primeiras" às quais os homens de ciência aderem e que modulam a maneira pela qual a imaginação deles é governada.

Trata-se de concepções fundamentais, estáveis, largamente difundidas, comuns a um grande número de cientistas. Elas se concretizam em conceitos, métodos ou hipóteses, que orientam a atividade de pesquisa e que não podem ser reduzidas nem à observação, nem ao cálculo. Ele observa que o número de *themata* é restrito e quase invariável através dos anos; que de vez em quando acontece de algum deles perder todo crédito como sistema explicativo, em um determinado momento da história; e que raramente acontece de algum deles desaparecer para sempre. Holton (1982) nota que os *themata*, em sua maioria, prosperam, declinam e desenvolvem de novo, segundo as vagas das necessidades do momento ou das

modas intelectuais. Suas pesquisas conduziram-no a descobrir que as teorias científicas evoluem graças a um movimento dialético de *thema* opostos. Eles são detectáveis por intermédio do que Holton chamou de “díades-antitéticas”, como: “simplicidade-complexidade”; “análise-síntese”; “invariância-evolução” etc. A direção do pensamento científico é determinada, acima de tudo, por um pequeno número de antinomias do pensamento, a que ele chama de *themata*.

Moscovici e Vignaux (1994) retomam esse conceito de *themata* a fim de adaptá-lo ao quadro da psicologia social e de utilizá-lo relativamente à organização do pensamento social, à partilha dos conhecimentos do senso comum e à formação das Representações Sociais. O conceito se transformará nessa passagem da filosofia da ciência à psicologia social. Enquanto Holton se referia ao plano temático, Moscovici e Vignaux (1994) se referem ao plano axiomático: aos conceitos, aos princípios primeiros, agindo ao nível do pensamento social e às “noções primeiras”, às “ideias-força” ou às “imagens” que intervêm na formação das representações sociais. Eles consideram a noção de *thema* como “quadros do pensamento pré-existente, tributários de sistemas de crenças, ancorados em valores, tradições, imagens do mundo e do ser, nos quais as representações sociais se inscrevem” (MOSCOVICI; VIGNAUX, 1994 apud Marková, 2003, p.252). Moscovici e Vignaux (1994) admitem, como Holton, que os *thematha* estão submetidos a um movimento dinâmico, gerado pela alternância de polos opostos. Cada representação é formada a partir de um esquema funcional de antinomias, entretidas pela relação dialética de oscilação entre tensão-integração de teses opostas.

Partindo da suposição de que os *themata* científicos tenham se originado do senso comum, os autores propõem que os *themata*, que se referem a taxonomias de natureza oposta, constituem a base do senso comum e, por implicação, as Representações Sociais também (MOSCOVICI; VIGNAUX, 1994 apud MARKOVÁ, 2003). *Themata* são conceitos dialógicos que contribuem significativamente com o desenvolvimento teórico das Representações Sociais, como uma teoria do conhecimento social; é o pensamento pré-existente, são os termos gerais, as ideias centrais, universais, a partir das quais são criadas as RS; são uma síntese de elementos com significações históricas, capazes de gerar outras concepções e representações; são, portanto, o núcleo central da estrutura de uma representação social.

Marková (2003) chegará a uma conclusão semelhante. Nas suas pesquisas sobre representações sociais, ela pôde constatar a existência de uma “themata de base”, implícita na

cultura e profundamente enraizada nos indivíduos e no pensamento social, quando o pensamento, o saber e a linguagem são de natureza oposicional.

Holton demonstrou que as célebres controvérsias entre grandes cientistas dizem sempre respeito a antinomias primordiais, nas quais cada protagonista representa uma facção, uma posição diferente. Elas remetem, frequentemente, a pares (por vezes trios) de *thema* antitheticos.

Moscovici e Vignaux (1994) postulam que toda representação social corresponde à expressão reiterada no discurso das trocas de teses entre grupos ou categorias de indivíduos de interesses opostos, nos quais eles negociam. Esses grupos ou categorias de indivíduos estão mobilizados em torno de um objeto investido. Ambas as facções estão ligadas ao mesmo objeto, mas, para cada uma delas, ele se apresenta de uma maneira diversa e representa algo diferente, gerando comunicações, discursos diferentes.

Diante desses pressupostos, consideram-se ilustrativas as RS construídas sobre Chica da Silva, diante das antinomias ficção/realidade, mito/mulher comum, mulher bela/mulher feia, má/bondosa, honesta/desonesta, que têm se constituído em fortes motivos de discussão e de controvérsias na história de Diamantina, uma vez que o papel de Chica da Silva na sociedade tijucana constituiu um fato extraordinário no século XVIII. Marková (2003, p.252) afirma: “As antinomias no pensamento de senso comum se tornam *themata* se, no curso de certos eventos socais e históricos, isto é, políticos, econômicos, religiosos, elas se transformam em problema e se tornam o foco da atenção social e fonte de tensão e conflito.”.

Podem-se aplicar as noções de *themata*, aqui, no sentido das antinomias existentes sobre Chica da Silva: realidade/ficção, estabelecendo-se a oposição entre o valor convencional, pré-construído, fundante das opiniões sobre Chica da Silva, e o valor de dados históricos, resultante de pesquisas científicas. Essa mudança do perfil de Chica da Silva de mito a mulher comum e virtuosa não constituiu um fato aceito pela comunidade, o que se pôde constatar na palestra da historiadora Junia Furtado em Diamantina. Nessa palestra, foi possível perceber que muitos participantes discordaram e contestaram a representação construída pela autora, alegando que a verdade era aquela já reconhecida pela história, pela tradição, ou seja, *as Representações de Referência* eram estáveis como expressão de uma “verdade” e que o mito de Chica da Silva condizia mais com o imaginário social dos diamantinenses.

Mapa1: Construção de alguns objetos de discurso nos quatro excertos analisados, tendo como referenciada Chica da Silva, em RS de mudanças

Chica da Silva

Felício dos Santos

"amante"
"escrava"
"mulata"
"baixo nascimento"
"feições grosseiras"
"alta e corpulenta"
"cabeça raspada"
"não possui graças"
"não possui beleza"
"não possui espírito"
"não tivera educação"
"não possuía atrativo algum"

Soter Couto

"mulata inculta"
"paradoxal fenômeno"
"grande vivacidade e solécia"
"mulata brasileira"
"cabocla cor de canela"
"rosto carnal"
"boca bem traçada"
"dentes miúdos e certos"
"olhos vivos, grandes e ardentes"
"lábios carnudos"
"mulher desejada"

Da contracapa do livro de Paulo Amador

"forra da época"
"mulher incomum"
"seduziu o homem mais rico do mundo"
"criou um verdadeiro império"
"protegeu as artes"
"inventou a democracia racial"
"lutou contra a opressão"
"vítima de preconceitos"

Junia Furtado

"escrava comprada"
"parda, pele mais clara"
"beleza das mulheres da Costa Mina"
"relacionamento conjugal estável"
"teve treze filhos"
"educou-os"
"alcançou sua alforria"
"buscou ascender socialmente"

Esses exemplos demonstram o que Abric (1986) explica sobre a função prescritiva das RS, que também servem para avaliar, apreciar ou rejeitar os comportamentos dos outros, uma vez que, ao categorizar os objetos, os acontecimentos, faz-se normalmente uma avaliação de acordo com os valores, com a visão de mundo pré-construída, que constitui um tipo de realidade pré-existente, não limitada ao tempo e espaço da produção do discurso, mas ao "tempo longo, domínio das memórias coletivas onde estão depositados os conteúdos culturais cumulativos de nossa sociedade, ou seja, o imaginário social." (SPINK, 2009, p.122).

A análise dessas representações sobre a "Rainha do Tijuco" vem confirmar a tese de que a presença do europeu na formação da identidade dos habitantes do Tijuco/Diamantina interferiu nos parâmetros culturais do Arraial. A história de Chica da Silva, por exemplo, traz, de maneira inequívoca, o início de uma participação da Europa com seus modelos de cultura e

a reprodução dos seus hábitos que, durante mais de três séculos, foram partilhados em Diamantina.

Enfim, as Representações Sociais de uma Coroa Portuguesa despótica e perversa na condução das atividades de extração e comercialização dos principais produtos minerais no Tijuco/Diamantina, nos séculos XVIII e XIX, representada pelo Contratador João Fernandes, que construiu um império comandado por Chica da Silva, são frequentes em diversos discursos da história do Tijuco, refletindo marcas da identidade do povo tijucano, perpassada de velada ideologia, entendida aqui como uma expressão de identidade que, embora possa ser mascarada ou inconsciente, sempre traduz a participação do sujeito num sistema de valores e crenças. Constituem exemplos da formação discursiva, expressão de formações ideológicas, as produções jornalísticas do escritor Joaquim Felício dos Santos, que teve considerável número de seguidores.

4. DIRETRIZES METODOLÓGICAS PARA A OPERACIONALIZAÇÃO DA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NOS DISCURSOS PUBLICADOS E NAS ENTREVISTAS

> A objetividade, elemento primeiro e fundador da verdade e da validade das teorias científicas, pode ser considerada como o último consenso sociocultual e histórico da comunidade/sociedade científica. (MORIN, 1985, p.16).

Este capítulo tem como objetivo apresentar subsídios à definição de uma metodologia em consonância com as opções teóricas assumidas, ressaltando-se que se buscou interpretar as representações sociais construídas pelos sujeitos numa prática discursiva realizada num contexto socio-histórico definido.

4.1 Considerações preliminares

Antes de apresentar a operacionalização do trabalho, algumas reflexões propostas por Spink e Menegon (1995, p.63-92) e por Spink (2009, p.117-145) sobre a pesquisa científica e as metodologias gerais e específicas são consideradas pertinentes. No debate clássico sobre a cientificidade das ciências sociais em comparação com as ciências da natureza, esses autores defendem que a dicotomia tende a ser arrefecida pelos estudos sociológicos da pesquisa, o que constitui um esforço para minimizar o antagonismo pregado entre o rigor científico das ciências naturais e o pressuposto de uma realidade externa objetiva, produto da consciência, do subjetivismo e da interferência do homem.

Apesar disso, persistem os questionamentos sobre a visão tradicional de objetividade e a visão social da pesquisa científica. Entre as conclusões a que chegaram estudiosos do assunto sobre a relação estreita entre o homem e as atividades científicas, a de Woolgar (1996, p.15), conforme Spink e Menegon (1995, p.73), torna-se convincente: “os cientistas não estão apenas engajados na descrição passiva de fatos pré-existentes sobre o mundo, mas também estão engajados na formulação ou construção ativa das características desse mundo.”. Logo, conclui-se que o conhecimento científico é determinado pelas relações sociais, sistemas de crenças e valores das comunidades científicas, uma vez que a atividade científica é permeada por definições, escolhas de instrumentos de pesquisa, presumindo-se a presença do subjetivo e não o simples registro de dados de caráter efetivo do mundo. Além disso, os instrumentos de que dispõem os cientistas para pesquisar as probabilidades do mundo são socialmente construídos.

Spink (2009, p.128-129) assim fundamenta a sua argumentação em defesa da subjetividade na pesquisa científica:

> A objetividade num mundo socialmente construído passa a ter uma conotação diferente. Como aponta Morin (1983, p.16-17), na epistemologia da complexidade, que sucede a epistemologia do realismo ingênuo, a objetividade é produto do consenso sociocultural e histórico da comunidade científica, regida, portanto, pelo signo da intersubjetividade. (SPINK, 2009, p.128-129).

Ocorre, portanto, que a discussão sobre as diferenças entre métodos quantitativos e qualitativos, embora confirmada pela tradição, é minimizada diante das reflexões sobre a atual ressignificação dos métodos qualitativos nas ciências humanas em geral, e na Psicologia, em particular, devido aos trabalhos recentes na área dos estudos sociais das ciências e dos estudos críticos da visão.

Nessa perspectiva, Spink e Menegon (1995, p.75) propõem uma epistemologia construcionista alinhada à vertente da pesquisa edificante, hermenêutica, “que cumpre o papel de abertura continuada ao novo e, dessa forma, possibilita manter a conversação fluindo em vez de fechar precocemente a discussão.”. Essa metodologia qualitativa, na vertente edificante, deixa de ser meramente uma técnica associada aos objetivos da investigação, passando a alinhar-se a uma postura epistemológica específica.

O debate desloca-se, dessa forma, da dicotomia entre quantidade e qualidade para a dicotomia entre realismo e construcionismo. “O cerne do construcionismo, na perspectiva da teoria do conhecimento, é a compreensão de que os termos em que o mundo é compreendido são artefatos sociais.” (GERGEN, 1985, p.267). Em decorrência disso, o método propriamente dito, uma vez definido o alinhamento psicológico, pode ser único ou múltiplo, combinando estratégias qualitativas (observação, questionamento, compreensão) ou quantitativas (mensuração).

A partir desses princípios, entende-se que, na postura construcionista, a investigação tem como foco principal a explicação dos processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou contabilizam o mundo no qual vivem, até mesmo como se veem nesse mundo observado. As explicações dos processos de conhecimento, ponderam Spink e Menegon (1995), são transferidas das regiões internas da mente para a exterioridade dos processos e estruturas da interação humana. Há, assim, uma mudança na relação entre sujeito e objeto: tanto o objeto como o sujeito são construções socio-históricas.

Considerados os posicionamentos defendidos, pode-se afirmar que o modo como se acessa a realidade institui os objetos que constituem essa realidade, o que quer dizer que ela

não existe independente do modo de acessá-la. As autoras explicam o perigo da adoção do relativismo: “o conhecimento não é uma ficção desenfreada, sua produção obedece a restrições que orientam o seu relato possível.” (SPINK; MENEGON, 1995, p.77). O que equivale a dizer que os resultados de sua construção não são dependentes das idiossincrasias de quem os produz, adverte o bom senso das autoras.

Enfim, o construcionismo convida a examinar as convenções e a entendê-las como regras socialmente situadas; aceita a natureza socialmente construída do fazer-ciência; aprofunda a reflexão sobre o método qualitativo, não identificando quantidade com realismo e qualidade com construcionismo, ou seja, busca o entendimento das diferenças existentes no âmbito das metodologias qualitativas. Assim, na postura construcionista, não se trata mais de definir que métodos devam ser usados, se qualitativos ou quantitativos: ambas as metodologias produzem versões sobre o mundo e podem ser usadas complementarmente.

4.2 Da teoria à prática: operacionalização da análise dos discursos constitutivos do *corpus*

Ratifica-se, pois, que nesta pesquisa optou-se pela adoção de métodos qualitativos, uma vez que, de modo geral, privilegiam a compreensão, a interpretação, o entendimento e enfatizam o compartilhamento entre os seus participantes de todos os problemas e possibilidades para se dar sentido ao mundo e não a medida, a contabililização do fenômenos observados, próprios dos métodos quantitativos.

Essa postura se identifica bem com os pressupostos teóricos da semântica da enunciação adotados, cujo centro está na prática social da linguagem, na construção dos sentidos do discurso, e com este trabalho, que assume a perspectiva da análise das Representações Sociais dos sujeitos e dos processos de referenciação por eles utilizados, conforme proposta já formalizada.

Diante disso, as diretrizes metodológicas que determinaram a operacionalização do plano de investigação levado a efeito traduzem-se em algumas orientações propostas em estudos de Spink (2009), de Minayo (2009) e de Bernard Py (2000; 2004). Este trabalho adotou as estratégias usadas por esses autores a partir dos referenciais teóricos de Moscovici (2003) sobre Representações Sociais, em consonância com a teoria da referenciação de Mondada e Dubois (2003), definida como um processo discursivo e intersubjetivo de uma concepção de língua como prática discursiva. Ressalvam-se, na aplicação dos procedimentos metodológicos, algumas possíveis simplificações a que a prática se torna exposta.

Dando prosseguimento, retoma-se Spink que, em seu trabalho *Desvendando as Teorias Implícitas: uma metodologia de Análise das Representações Sociais* (2009), propõe uma introdução a um método de análise das Representações Sociais, e discute o embasamento epistemológico e teórico e os aspectos do procedimento de análise dos dados, fazendo uma combinação de "um círculo contínuo constituído de teoria, epistemologia e metodologia" (SPINK, 2009, p.117-145), que se influenciam mutuamente. A autora conjuga as observações quanto à natureza das Representações Sociais e as diversas implicações que naturalmente são trazidas para a pesquisa, e enfatiza que a forma de análise proposta se insere na tradição hermenêutica de pesquisa, sendo norteada por pressupostos epistemológicos construtivistas.

Ao desenvolver essa reflexão, na interface da teoria da observação empírica do cotidiano, Spink parte da premissa de Jodelet (1989a) de que os estudos das Representações Sociais abrangem as representações como modalidade de conhecimento prático para a compreensão do mundo e para a comunicação e o outro, que diz respeito às representações como construções de caráter expressivo, como elaborações de sujeitos sociais sobre objetos sociologicamente valorizados, que revelam o poder de criação e de transformação da realidade social. Diante disso, a análise aqui proposta vai enfocar os sujeitos do discurso, o contexto de sua prática e os recursos linguístico-discursivos utilizados na construção dos sentidos sociais do discurso.

4.2.1 Os sujeitos sociais: enunciadores e enunciatários nas atividades linguageiras

Retomando-se os referenciais teóricos sobre o sujeito, apresentados no primeiro capítulo, destacam-se, neste momento, os seus pontos cruciais para a descrição dos sujeitos enunciadores dos discursos, cujos excertos são tomados como *corpus*, buscando-se compreender como se posicionaram a respeito das relações de convivência e de divergência entre as duas sociedades, europeia e tijucana, a influência dos lugares sociais que ocuparam no contexto sócio-histórico da época, para melhor percepção dos sentidos dos discursos definidos como influentes na formação da identidade e definição cultural dos habitantes da nascente Diamantina.

Spink (2009, p.120) faz referência a uma definição de sujeito social elaborador de objetos sociologicamente valorizados proposta por Jodelet (1984, p.36):

> [...] um indivíduo adulto, inscrito numa situação social e cultural definida, tendo uma história pessoal e social. Não é um indivíduo isolado que é tomado em consideração, mas sim as repostas individuais enquanto manifestações de tendências

> do grupo de pertença ou de afiliação na qual os indivíduos participam. (JODOLET, 1984, p.36).

Dada a sua relação com a história, privilegiou-se, nas análises efetuadas neste trabalho, como já se afirmou, o caráter social do sujeito, a quem se atribuem as características do sujeito sociológico definido por Hall. De acordo com essa visão, a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade e, portanto, o seu lugar propício é na prática discursiva.

4.2.2 O contexto de produção

Spink (2009) postula que, enquanto formas de conhecimento, as Representações Sociais são estruturas cognitivo-afetivas e não podem ser reduzidas ao conteúdo cognitivo; "precisam ser entendidas, assim, a partir do contexto que as engendram e a partir de sua funcionalidade nas interações sociais do cotidiano." (SPINK, 2009, p.121). Dessa forma, elas passam a ser estudadas como formas estruturadas ou campos socialmente estruturados, mesmo sendo uma expressão da realidade intraindividual. São, também, formas estruturantes, na medida em que revelam o poder de criação e o poder de transformação da realidade social, bem como a articulação entre o social e o psicológico, como um processo dinâmico, permitindo compreender a formação do pensamento social e a participação do ser individual nessa construção.

Esse contexto de produção é aqui entendido, não apenas como um conjunto de fatores situacionais, mas também como as determinações estruturais e as relações sociais, assim como os diferentes tempos históricos que permeiam a construção dos significados sociais, sendo esses tempos, conforme preconiza (SPINK, 2009): a) o tempo curto da interação; b) o tempo que diz respeito ao processo de socialização em função do grupo de pertença; e c) o tempo longo, domínio das memórias coletivas onde estão depositados os conteúdos culturais cumulativos de nossa sociedade, ou seja, o imaginário social, o que foi considerado na realização dos processos investigatórios utilizados no estudo dos contextos dos discursos selecionados.

4.2.3 Dimensões internas do discurso na construção das Representações Sociais

Feitas as considerações sobre o sujeito do discurso e o contexto de produção, faz-se necessário retomar o processo da estruturação e o funcionamento das Representações Sociais nas práticas linguageiras. Spink (2009) considera dois aspectos centrais nos seus estudos das

Representações Sociais: a teoria do conhecimento, que lhe é subjacente, e os determinantes de sua elaboração, sendo que seus estudos inserem-se mais especificamente entre as correntes que investigam o conhecimento do senso comum, visto como conhecimento legítimo e propulsor das transformações sociais.

A prática metodológica da análise das Representações Sociais como produções socialmente partilhadas, deve, pondera a autora, considerar a complexidade dos discursos, os múltiplos aspectos que neles são envolvidos, para o que sugere dois caminhos alternativos: 1º) em discursos de tema mais circunscrito, deve-se mapear o discurso, a partir das dimensões internas da representação, ou seja, seus elementos cognitivos, a prática do cotidiano e o investimento afetivo; 2º) já nos discursos de representações complexas, o caminho é o mapeamento do discurso, a partir de temas emergentes e definidos pelos objetivos do pesquisador, verificando-se a retórica do discurso, suas formas de argumentação e, especialmente, definindo o objeto da representação. Nas duas situações, o mapeamento deve contemplar toda a entrevista (ou excerto), respeitando a ordem do discurso, e ficando bem clara a associação de ideias entre as dimensões.

A etapa final consiste em transportar essas associações para um gráfico, pontuando as relações entre os elementos cognitivos, as práticas e os investimentos afetivos. Coletados, mapeados os dados, nessa perspectiva teórico-metodológica adotada, muda-se consideravelmente a posição do sujeito na produção do conhecimento: de observador neutro e passivo, ele passa a ter um papel central enquanto formulador de teorias científicas ou de senso comum na criação de uma realidade consensual. Trabalhar os dados de forma qualitativa implica em rediscutir o estatuto da interpretação na atividade científica. Spink (2009, p.141-142) apresenta algumas justificativas de seu uso, cruciais para o seu entendimento, afirmando ser a interpretação essencial na perspectiva construtivista, em três sentidos complementares:

> Em um primeiro sentido, como aponta Birmn (1991, p.15) o próprio "fato" – o dado objetivo que é a nossa matéria prima – "já é um recorte realizado mediante uma operação interpretativa", uma vez que só podemos conhecer os fenômenos através das teorias e estas são construções humanas historicamente datadas [...]; num segundo sentido [a interpretação] remete à empatia: possibilidade de compreender e discutir as intenções subjacentes de um outro que é diferente, por sua externalidade, ao *self*; atribuir a atores individuais e coletivos crenças e intenções que fazem com que seus discursos se apresentem como racionais e no terceiro sentido, a interpretação suscita o debate, já o nosso velho conhecido, sobre a objetividade da atividade científica centrada na hermenêutica. Antes de mais nada, coloca a questão da relatividade das versões ou interpretações, uma vez que não existe uma única interpretação e não há a garantia de que a interpretação escolhida seja mais verdadeira que as demais. A escolha é regida por opções teóricas que antecedem ou mesmo determinam as interpretações, já a validade pertence à esfera da

> intersubjetividade; não na busca de consenso acalentador, mas na busca constante da contradição criativa. (SPINK, 2009, p.141-142).

No caso da presente pesquisa, considerados, essencialmente, o objeto de estudo e os objetivos do trabalho, entende-se que os discursos analisados se inscrevem no tipo apontado pela autora como o de "tema circunscrito de cada discurso". Por conseguinte, adota-se, com pequenas modificações, a matriz metodológica mais adequada a essa modalidade proposta por Spink. Essas orientações oferecem, sem dúvida, elementos básicos que devem ser levados em consideração ao se construir um mapa do processo de associação de ideias proposto pela autora para a análise das Representações Sociais dos enunciadores em seus discursos, possibilitando enfocar diferentes abordagens de seus posicionamentos.

Considerando ainda que a análise dos dados da pesquisa tem como foco principal as Representações Sociais e o discurso, enfatizando-se a perspectiva discursiva das representações, recorre-se à proposta de Bernard Py (2000; 2004) em caráter complementar e enriquecedor. O autor propõe dois vieses metodológicos nos estudos das representações: um viés etnográfico, que consiste em reconhecer um catálogo de representações no caso do *corpus* de sua pesquisa; e um viés discursivo, que consiste em estudar as diferentes formas sob as quais se manifestam as representações recenseadas nas conversações desenvolvidas a respeito do assunto proposto por ele.

Ratificando essas considerações metodológicas, foram acrescidas as propostas de Gomes (2009) que, numa perspectiva da pesquisa qualitativa, sugere uma análise de conteúdo sob a perspectiva da avaliação das representações que medem as atitudes dos entrevistados quanto aos objetos de que falam. Para isso, foram feitas, concomitantemente, três formas de tratamento: a descrição como apresentação dos dados de maneira mais objetiva possível; e a análise em que se vai além do descrito, fazendo-se uma decomposição dos dados e buscando-se as relações entre as partes e a interpretação, quando se buscam os sentidos das falas para se chegar a uma compreensão, uma explicação, o que vai além do descrito e analisado. Em tudo isso, não se dispensa o procedimento da inferência, consistindo em uma dedução de maneira lógica de algo do conteúdo analisado.

Analisando as representações, Bernard Py (2000), no trabalho *Análise conversacional e Representações Sociais: unidade e diversidade da imagem do bilinguismo*, opta por adotar os vieses etnográfico e discursivo, em paralelo, por analogia com o princípio estruturalista de que toda unidade linguística associa um significante a um significado: o significado é aqui uma representação definida por seu conteúdo e o significante é a forma discursiva onde ele

aparece. De alguma maneira, há conjugadas a análise de conteúdo e a análise das formas linguísticas de que o princípio estruturalista é constituído.

O autor focaliza, ainda, a análise das regularidades das correspondências entre representações e organizações locais dos discursos, método compatível com a premissa de que a linguagem não é transparente e intervém de modo decisivo na elaboração das representações, isto é, a configuração discursiva não é um simples reflexo de uma representação existente, mas contribui para a construção de sua natureza, mantendo um equilíbrio constante entre os dois aspectos. Portanto, um mesmo conteúdo pode ser dito de diversas maneiras, mas cada uma delas apresenta diferenças, nunca são iguais. Além disso, um enunciado, mesmo tendo a mesma forma, pode ser interpretado diferentemente em função do contexto em que o discurso é produzido e as interveniências dos horizontes culturais dos interlocutores. Em última análise, isso quer dizer que, na conjugação da análise de conteúdo com a análise das formas linguísticas, são consideradas as “dimensões internas das representações”, acrescidas das “condições sociais de produção do contexto”, o que ratifica a proposta de Spink já explicada: as representações devem sempre ser consideradas em seu contexto de produção, no sentido de conjunto de fatores sociais e tempos diversos.

Py (2000) defende que o discurso é mais especificamente o lugar onde as Representações Sociais se constituem, se fazem, se modificam ou se desagregam. Reafirma-se, pois, que as pessoas ou grupos sempre e em qualquer circunstância, no processo de interação com seus semelhantes, na produção do conhecimento, na construção da realidade, usam “representações”, formas de conhecimento prático, do senso comum, produzidas e sustentadas por grupos sociais específicos, numa determinada conjuntura histórica.

O autor pondera, no entanto, que os linguistas não têm oferecido instrumentos sociológicos que permitam avaliar a difusão de uma representação num grupo social e que, apesar dessa dificuldade, necessário se torna pesquisar o papel que ela desempenha numa interação verbal, seu estatuto de expressão pré-construída e a sua integridade lexicalizada nos recursos verbais de um grupo social, seu modo de inserção no contexto verbal e, também, o desenvolvimento coletivo e negociado de sua construção.

Py (2000) comenta, também, que os pesquisadores das representações sociais como membros de diversas comunidades linguísticas e culturais têm a experiência direta da difusão de uma crença, de um conhecimento, mas ele lamenta que, principalmente em Psicologia Social, embora os autores reconheçam o papel da linguagem na elaboração das representações, estuda-se pouco seus mecanismos de funcionamento, sua difusão e transformação.

Diante dessas ponderações, é incontestável que a forma mais adequada de se estudar as Representações Sociais construídas por sujeitos sociais é, portanto, realizar a análise dos discursos que as estruturam, e que, para subsidiar a operacionalização desse trabalho, devem ser consideradas propostas mais específicas de teorias de Análise de Discurso como estratégia de estudo de discursos sociais.

Adotada a associação de sugestões das duas propostas dos autores citados, Spink e Py, acredita-se no enriquecimento do processo de análise com estratégias mais abrangentes, considerando que os dois autores desenvolvem seus estudos a partir da análise das representações expressas nos diversos instrumentos de investigação utilizados, como produções socialmente partilhadas. Há, nas propostas dos dois autores, certa identificação nas técnicas utilizadas de coleta de dados, privilegiando a tecnologia da entrevista, assim como os trabalhos de grupo, conversas, ou seja, estratégias que valorizam a busca da expressão das Representações Sociais pelos sujeitos de determinado grupo de pertença, ouvindo os próprios integrantes do grupo em questão.

Uma visão de Spink e Menegon (1995, p.63-92) bastante proveitosa para esta pesquisa é sobre o uso das categorias nas práticas discursivas, constituindo importantes estratégias linguísticas, presentes na própria organização da linguagem (oral, escrita, gestual, icônica), uma vez que são utilizadas para organizar, classificar e explicar o mundo. As autoras defendem a importância das categorizações, afirmando não ser difícil de se perceber que as categorizações estão presentes nas falas do cotidiano, já que se fala por categorias sem se dar conta disso. Logo, elas devem ser compreendidas como práticas discursivas situadas, sujeitas ao estudo à luz do contexto e da finalidade com que são organizadas.

Como as categorizações inerentes aos processos de referenciação já foram discutidas e consideradas basilares aos posicionamentos definidos nos estudos da análise dos discursos ao longo deste trabalho, enfatizar esse ângulo da análise das representações enriquece o método, possibilita melhor organizar, classificar e explicar o mundo.

No tocante a essa conjugação de análise de conteúdo com a análise das formas linguísticas no estudo das Representações Sociais e dos processos de referenciação numa abordagem discursiva, julga-se enriquecedora a proposta feita por Kerbrat-Orecchioni, conforme sugestões de Georges Perec (1975, p.59-108), que preconiza alguns lugares da inscrição da subjetividade a serem observados na análise aplicada a um *corpus*, assim especificados: a) intervenção por seleção (quais os objetos e fatos que merecem mais atenção do enunciador); b) organização hierárquica das informações (ordenação do processo); c) subjetividade afetiva (permite-se um *flash* introspectivo do observador-enunciador); d)

subjetividade de tipos interpretativos: a denominação lexical ou perifrástica (interpreta o referente de uma estrita percepção, numa avaliação subjetiva ou que estabelece uma relação que mais revela um saber cultural); e) subjetividade modalizadora (os modalizadores explicitam o fato enunciado com uma carga da subjetividade, da individualidade do enunciador); e f) subjetividade axiológica (avaliação do fato ou objeto sob o aspecto valorativo). Embora sem atentar para a sistematização desses aspectos, eles serão considerados na operacionalização das análises pela objetividade das suas orientações.

4.2.4 As diversas estratégias adotadas na análise das RS

Enfim, para a operacionalização da análise dos discursos escritos, traçou-se um roteiro que compreendia as considerações sobre o contexto de produção, os fatores históricos, sociais e situacionais; os sujeitos enunciadores do discurso, sua identidade social; os discursos de tema mais circunscrito; a análise das dimensões internas dos enunciados na construção das Representações Sociais, a partir dos seus elementos cognitivos pela identificação dos recursos linguístico-discursivos utilizados; o investimento afetivo do sujeito; e as estratégias argumentativas construídas.

O mapeamento feito é composto, basicamente, dos tópicos que passaram a constituir as seções do tema circunscrito, especificamente: a) a identificação das relações positivas ou negativas entre a Europa e o Arraial do Tijuco no discurso; b) os tipos de manifestações e as áreas de predominância com os fatos que os comprovem; c) os recursos linguístico-discursivos usados e sua força argumentativa; d) a relação afetiva dos sujeitos com os fatos ou personagens históricos, em vista da sua identidade como sujeito social; e) a significação de todo o processo observado pelo sujeito do discurso, de acordo com a sua visão pessoal, ou seja, a sua avaliação; e f) o grau de intensidade e valor da influência europeia na cultura do Arraial, se confirmada no discurso.

Quanto às técnicas específicas seguidas para a análise das entrevistas, destacam-se a transcrição das entrevistas e a leitura/escuta do material transcrito, realizadas com atenção para as características do discurso que podem fornecer valiosas pistas quanto à natureza e construção das representações, tais como: a variação de versões de falas, os detalhes sutis (hesitações e silêncios, por exemplo, são pistas importantes quanto ao envolvimento afetivo) e a retórica, ou seja, a organização da argumentação a favor ou contra um ponto de vista ou uma versão dos fatos apresentada. Adota-se, no restante, o mesmo roteiro supracitado, definido para a análise dos discursos dos escritores.

Em síntese, reafirma-se que se trata de uma análise de discursos, compreendendo um trabalho interpretativo orientado por pressupostos epistemológicos construtivistas na tradição hermenêutica, cujo foco principal é a explicação dos processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou contabilizam o mundo no qual vivem. Assim, busca-se a compreensão, a interpretação dos dados coletados e, considerando-se que cada fala é determinada por um contexto histórico, temporal, cultural, são tomadas como representação de um grupo de pertença, revelam valores, condições sociais, sendo, sem dúvida, passíveis de ambiguidades e ocorrências naturais dos processos interpretativos.

Enfim, defende-se que essa metodologia seja uma forma de atender à sugestão de Jodelet (1989b) para o estudo das representações como produtos sociais, que preconiza ser preciso articular os “elementos afetivos, mentais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que afetam as representações sociais e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm.” (JODELET, 1989b, p.41).

5. DE ARRAIAL DO TIJUCO À CIDADE DE DIAMANTINA: O CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

> Diamantina, que nasceu no pé do mais áspero dos píncaros mineiros, tem, no monte Itambé, o símbolo do seu destino. Coroado de brilhantes, romântico e sofredor, o Santo Antônio do Tijuco, desmembrando-se do Serro Frio, ficou como ele, berço de inteligências. (LIMA JUNIOR, 1951, p.10).

O objetivo deste capítulo é delinear o cenário socio-histórico em que ocorreram os fatos que deram origem aos discursos selecionados. Tal cenário é entendido não apenas como um quadro descritivo de diferentes tempos históricos e fatores situacionais ligados à sua ocorrência, mas também como o conjunto das relações estruturais e sociais que permeiam o processamento dos significados nos discursos que constituem o *corpus* da análise discursiva aqui realizada.

O registro dos diversos momentos marcantes do desenvolvimento da história do Tijuco justifica-se pela importância do contexto de produção para o estudo das representações sociais dos sujeitos do discurso, e também do espaço social, visto numa perspectiva temporal, conforme aponta Spink (2009, p.122):

> Três tempos marcam esta perspectiva temporal: o tempo curto da interação que tem por foco a funcionalidade das representações; o tempo vivido que abarca o processo de socialização – o território do *habitus* (BOURDIEU, 1983) das disposições adquiridas em função da pertença a determinados grupos sociais; e o tempo longo, domínio das memórias coletivas onde estão depositados os conteúdos culturais cumulativos de nossa sociedade, ou seja, o imaginário social. (SPINK, 2009, p.122).

Assim considerando, aos fatos e circunstâncias relativas ao convívio entre os sujeitos componentes de um grupo social em determinado momento histórico, foram acrescidos alguns fatores de sua evolução, resultando essa imbricação em uma história, uma tradição, um imaginário social, enfim, uma transformação de um arraial em uma cidade histórica, "patrimônio da humanidade".

Há de se ressaltar, no entanto, que esse breve informe histórico não é resultado de uma rigorosa pesquisa de dados, nem de uma completa e minuciosa conjugação de tempos históricos, mas apenas a busca de uma interpretação possível de fatos narrados por historiadores, memorialistas, pesquisadores, feita por determinados escritores ou pessoas entrevistadas, que nasceram, viveram no Arraial do Tijuco ou cidade de Diamantina. Incluem-se, também, nesses relatos, as próprias experiências vividas pelos informantes, o que significa

que eles são enfocados sob prismas diversos, construindo-se, portanto, realidades díspares a partir das Representações Sociais dos sujeitos enunciadores dos discursos.

Um exemplo dessa afirmação é a epígrafe deste capítulo, de autoria de Augusto de Lima Júnior. Sua visão sobre o Arraial do Tijuco/Diamantina é uma descrição não propriamente histórico-geográfica, mas uma construção de uma imagem, um objeto de discurso, cujos dados são personificados numa ótica idealizada frente às cidades referidas: Serro e Diamantina. Houve uma avaliação, um processo reflexivo sobre os objetos referidos, resultantes de um envolvimento psicossocial do sujeito enunciador, e uma atitude bem pessoal de reconhecimento das qualidades intelectivas dos nascidos em Serro e Diamantina.

Assim, considerada a necessidade de se analisar a construção das Representações Sociais no processo da compreensão da realidade pelo sujeito do discurso, torna-se indispensável a reprodução *ipsis litteris* de alguns excertos das obras selecionadas.

Diante do exposto, optou-se por dividir "o tempo longo, domínio das memórias coletivas onde estão depositados os conteúdos culturais cumulativos de nossa sociedade, ou seja, o imaginário social" (SPINK, 2009, p.122), em **dois períodos** da história do Arraial do Tijuco/cidade de Diamantina, do século XVIII ao século XX. O **primeiro período** compreende o tempo entre a descoberta do diamante no Arraial do Tijuco, no século XVIII e princípio do XIX, em que se considera a época da implantação e construção da relação do Arraial com a cultura da Europa em razão da forte dependência e aproximação entre as terras coloniais e a Metrópole, ditadas por razões administrativas e socioeconômicas. O **segundo período** corresponde ao tempo da consolidação dessas relações e focaliza um novo momento histórico de elevação do Arraial à Vila (1831) e à cidade (1838), bem como a sua natural independência político-administrativa nos séculos XIX e XX e, até mesmo, o seu reconhecimento como polo político, cultural e educacional do norte mineiro, de acordo com reiterados discursos produzidos por personalidades ligadas à vida social, política e comercial da terra dos diamantes, no passado e no presente, o que será devidamente explicitado ao longo deste capítulo.

5.1 Primeiro período: o Arraial do Tijuco/Vila Diamantina (século XVIII / início do século XIX)

Os episódios da história do Arraial foram coligidos em obras de vários escritores. Nesse primeiro período, os excertos destacados, visando à compreensão do contexto histórico-social, são de Joaquim Felício dos Santos, Sóter Couto, Augusto de Lima Júnior, Junia

Ferreira Furtado, Paulo Amador dos Santos, José Vieira Couto, Aires da Mata Machado Filho e José Teixeira Neves, preponderando as obras de Joaquim Felício dos Santos, em que se basearam os demais escritores na construção de seus comentários.

A história do arraial do Tijuco/cidade de Diamantina se prende à descoberta do ouro e do diamante em Minas Gerais. As fontes de pesquisa para estudo dessa história fazem, de modo geral, um retrospecto da origem e evolução do Arraial do Tijuco/cidade de Diamantina, onde uma verdadeira saga foi escrita pela coragem de exploradores, pela determinação e sofrimento dos primeiros mineradores da terra e pelo despotismo dos "colonizadores-exploradores" da Coroa Portuguesa.

A origem do Arraial do Tijuco, por muito tempo conhecido apenas por Arraial, prende-se à história das Bandeiras constituídas de aventureiros portugueses, mamelucos e sertanistas, que se embrenharam pelos sertões de Minas em busca do ouro, fundando povoações, vilas e arraiais, em geral, nas proximidades de córregos e rios que lhes facilitavam a sobrevivência. Foi assim que, no final do século XVII, na confluência dos córregos Piruruca e Rio Grande, nasceu o Arraial do Tijuco, nas terras do Serro Frio, que se elevou a Vila do Príncipe e é hoje a cidade de Serro.

Com a notícia da descoberta do ouro, o Arraial do Tijuco foi se tornando populoso e importante, mas seus dias de progresso foram marcados pela descoberta do diamante, em cuja história lendas e verdades se mesclam. Certo é, no entanto, que as consequências dessa descoberta determinaram toda a história econômica e sociocultural do nascente Arraial do Tijuco, que se tornou mais diretamente ligado à Coroa Portuguesa e a outros países europeus, tais como a França, Inglaterra e Holanda.

A descoberta, extração, comercialização e apoderamento dos diamantes pelos europeus operou uma mudança radical na vida do Tijuco. A mineração do diamante passou a ser a principal atividade econômica do Tijuco, permanecendo até os dias de hoje, embora tenha sofrido grande redução, explicada, muitas vezes, pelo exaurimento das fontes, além das exigências das leis ambientais que interferiram nos métodos de extração da poderosa pedrinha, que tornou Diamantina a mais destacada cidade do norte mineiro, desde os tempos coloniais.

Passadas as diversas fases conturbadas da exploração do diamante no século XVIII e princípio do século XIX assistiu-se à mecanização do garimpo com a participação de empresas instaladas em diversas áreas garimpeiras, como se pode constatar nos discursos dos entrevistados, comentados no sexto capítulo. Mas o princípio da história é aqui narrado por Joaquim Felício dos Santos (1978), que registra, em seu livro *Memórias do Distrito*

Diamantino, o impacto da descoberta dos diamantes sobre a Corte Portuguesa e a Europa, e explicita a relação atípica que foi estabelecida entre a Metrópole e a Demarcação Diamantina:

> Logo que a Corte portuguesa teve notícia do aparecimento dos diamantes na Comarca de Serro Frio, por carta régia de 9 de fevereiro de 1730, ao mesmo tempo que se estranhava a D. Lourenço o ter sido tardio em fazer esta comunicação a El-Rei, foi ele investido de poderes amplos e ilimitados para regular e providenciar sobre este novo e importante ramo de rendimentos, que em breve ia enriquecer a fazenda real.
> O descobrimento do diamante, topázios e pedras preciosas, que começou efetuar-se em 1727 e 1728, acrescentou o júbilo da corte de D. João V, e deu motivo de festas esplêndidas, que em Lisboa e no reino todo se celebraram, e a *Te-deums* e procissões inumeráveis que extasiaram o povo português, por quadrarem à sua religiosidade. Para Roma remeteu o governo as primeiras amostras, que lhe foram enviadas. Ações de graças solenes se deram ao Todo-Poderoso na capital do mundo católico. O Santo Papa e os cardeais felicitavam ao rei de Portugal. Cumprimentaram-no todos os monarcas da Europa. Não se ocupavam os povos da terra com outro objeto e notícia. Dir-se-ia que se descobria coisa que devia regenerar e felicitar o universo. (SANTOS, 1978, p.71).

O historiador entrevistado, Erildo Nascimento de Jesus (Capítulo 7), explica que essa manifestação ruidosa "se deve ao fato de que a Colônia Espanhola não produzia diamantes. Outro fato muito importante: a Europa Ocidental só conhecia diamante do oriente. Foi então realmente uma grande e significativa descoberta." (Entrevistado 03).

Ao comentar as comemorações do evento, percebe-se, no relato de Felício dos Santos, o seu tom de censura, de crítica: "ao mesmo tempo que se estranhava a D. Lourenço ter sido tardio em fazer esta comunicação a El-Rei." (SANTOS, 1978, p.71). A censura é entendida pela desconfiança de que D. Lourenço teria retardado, intencionalmente, a comunicação, uma vez que no ano de 1729 os diamantes já estavam descobertos e eram explorados. É de se notar também do seu tom irônico: "Não se ocupavam os povos da terra com outro objeto e notícia. Dir-se-ia que se descobria coisa que devia regenerar e felicitar o universo." (SANTOS, 1978, p.71). O tom irônico do autor pode ser atribuído a sua representação, ao seu posicionamento de desaprovação, às atitudes da Coroa na exploração da preciosa pedra, avaliação muito presente em outros escritores.

Novamente, reporta-se ao memorialista Felício dos Santos, um crítico contumaz da monarquia portuguesa, com seu comentário sobre a emigração dos portugueses para o Arraial do Tijuco, que narra e julga os fatos, justificando-os pelas características atribuídas ao representante legal do governo português da época, D. João V:

> Quando em Portugal chegou a notícia do descoberto diamantino do Serro Frio, cujas riquezas foram excessivamente exageradas, como sói acontecer em tais ocasiões, bandos de aventureiros dali partiram em demanda de uma fortuna, que julgavam

> certa e fácil: daí data uma continuada arribação de portugueses ao nosso solo, que sempre tiveram mais fácil entrada nas terras diamantinas, apesar das ordens terminantes, dadas posteriormente, proibindo ingresso de toda e qualquer pessoa nas terras da demarcação. As autoridades encarregadas da execução dessas ordens eram portuguesas e só as cumpriam com severidade quando se tratava dos que não eram seus patrícios.
> E não eram de estranhar tão violentas exações por parte da corte portuguesa. Estávamos no reinado de D. João V, Príncipe despótico, pusilânime, beato, dissoluto, licencioso, passava a vida engolfado nos prazeres da sensualidade. (SANTOS, 1978, p.73-74).

Em 1731, em vista de um decreto do Rei D. João V, o ouvidor da Vila do Príncipe mandou imediatamente despejar das lavras diamantinas toda pessoa, de qualquer condição que fosse que nelas minerasse, mesmo que aí tivesse moradia e família, sob pena de dez anos de degredo na África e confisco dos bens. Também o ingresso de pessoas era proibido. Joaquim Felício, ao comentar as injustiças praticadas pelas autoridades, traça o perfil de D. João V em ousados termos de reprovação às atitudes do monarca: “Príncipe despótico, pusilânime, beato, dissoluto, licencioso, passava a vida engolfado nos prazeres da sensualidade.”. O autor, desse modo, demonstra as Representações Sociais que se formaram no século XIX sobre a tirania e o despotismo da Metrópole e que seriam consolidadas na história do Arraial do Tijuco/Diamantina, ao longo de sua história.

No século XX, confirma essa asserção o escritor Augusto de Lima Júnior (1951, p.10): “Criada a Demarcação Diamantina, estendendo por uma vasta e rica região, o arraial do Tijuco encheu-se de funcionários, tornou-se uma pequena Corte, onde o luxo, a corrupção e a opressão, assentaram seu trono por mais de um século.”. Assim, a caracterização do Tijuco como “pequena corte” assinala a introdução de valores culturais europeus na povoação, sendo as suas características acentuadas ao longo da história. Como se poderá perceber, a associação dos componentes de uma vida social criticada, sem dúvida, revela um modelo transplantado das sociedades europeias da época.

5.1.1 A demarcação do distrito diamantino

Ainda no primeiro período, que se convencionou denominar de fase de implantação e construção das relações entre o Arraial do Tijuco e a Europa, a história registra novos fatos que fazem perdurar uma visão bem pessimista da presença portuguesa em terras diamantinas. Assim que foi feita a demarcação do Distrito Diamantino, em 1731, procurou-se dificultar o acesso às lavras por meio de altíssimas taxas de captação, estipuladas de acordo com o número de escravos utilizados no serviço. A exploração de diamantes foi proibida e criou-se

uma administração própria para a região. Esses fatos se confirmam por Augusto de Lima Júnior (1978, p.62), que comenta a suspensão da extração de diamantes e o despejo dos moradores das terras diamantinas, determinados na carta de D. João V, rei de Portugal:

> A ordem violenta e desumana aterrorizou os moradores da vasta região que se compreendia na carta-régia, ficando eles subitamente privados dos meios de subsistência, arrancados de seus lares, privados de suas roças e serviços, lançados inopinadamente na mais tremenda das misérias por uma resolução tomada a distância, sem exame das possibilidades de sua execução, sem o menor vislumbre de caridade cristã de um rei que se intitulava "Fidelíssimo". (LIMA JÚNIOR, 1978, p.62).

É uma constante nas narrativas e comentários sobre os fatos históricos, políticos, sociais e econômicos feitos por escritores diamantinenses desse primeiro período, no século XVIII, que a história da produção e comercialização do diamante foi marcada pela ação cruel e desumana da administração direta do Distrito Diamantino pela Coroa Portuguesa, marcada pela tirania e despotismo.

5.1.2 A época dos contratadores (de 1º de janeiro de 1740 a 31 de dezembro de 1771)

Reabertas as lavras em 1739, a extração e comercialização do diamante passaram a ser monopólio de um Contratador ou consórcio de arrematantes, que comprava da Coroa o direito de extração em todo o território demarcado. Esse sistema de administração permaneceu até 1771, quando a Coroa novamente assumiu os negócios, criando a Real Extração, sistema que se estendeu até o século XIX (1845).

Percebe-se, portanto, que, no período classificado de implantação de uma relação mais estreita e atípica entre o Distrito Diamantino e a Europa, destacaram-se duas formas importantes de administração do Distrito Diamantino: a dos Contratadores e a da Real Extração. Marcadas por suas especificidades, ambas foram objeto de constantes avaliações nos discursos produzidos por viajantes e cientistas estrangeiros que visitaram o Arraial, além dos memorialistas e escritores, que relataram episódios significativos de cada uma delas.

A época dos famosos Contratadores ocupa um lugar de destaque na história do Arraial do Tijuco, dada a riqueza e diversidade de informações, impressões relatadas em produções escritas de cunho científico ou em obras de ficção, em que mitos, sentimentos e magia se mesclam com romances, poesias e canções. Nesse período da sua história, o Tijuco apresentou um notável desenvolvimento: "houve crescimento da população, desenvolveu-se o

comércio, construíram-se templos e outros valiosos edifícios, houve em suma, certo progresso.” (MACHADO FILHO, 1980, p.56).

Felício dos Santos (1978, p.164-165) mostra como nessa época os portugueses procuraram o Tijuco como terra prometida, destino dos que buscavam a felicidade, destacando-se a sua observação marcada por explícita desaprovação: “enriquecerem depressa e sem trabalho.”.

> Um acontecimento, que aliás pareceria indiferente, e que entretanto muito concorreu para o engrandecimento do Tijuco foi o terremoto de Lisboa sucedido no 1º de novembro de 1755. [...] Estes receios pânicos produziram a emigração de muitas pessoas para países longínquos, onde se julgavam abrigados da imaginária catástrofe que temiam, e quase todas procuravam o Brasil. [...] O Distrito Diamantino de Minas Gerais era em Portugal muito conhecido por sua riqueza, e muitos desses emigrantes vieram aqui se estabelecer, na esperança de se enriquecerem depressa e sem trabalho. (SANTOS, 1978, p.164-165).

No regime de administração do distrito Diamantino controlado pelos Contratadores, dos seis contratos para extração de diamantes firmados pela Coroa Portuguesa, cinco deles foram com João Fernandes de Oliveira (o pai) e, depois, com o Desembargador João Fernandes de Oliveira (o filho), sendo apenas um contrato, o terceiro, estabelecido pela Coroa com Felisberto Caldeira Brant e seus irmãos Sebastião, Joaquim e Conrado.

Destacou-se, nesse período dos contratos, o Contratador Desembargador João Fernandes de Oliveira (o filho), que, dono de enorme fortuna, ao lado da famosa Chica da Silva, administrou as terras diamantinas como verdadeiro soberano e fez da vida no Arraial uma réplica da Metrópole. A presença da Europa no Tijuco, personificada pelo Contratador João Fernandes, gerou histórias e lendas que muito enriqueceram o imaginário popular do lendário Arraial do Tijuco. “O Desembargador João Fernandes foi o mais feliz dos contratadores. Nenhum outro extraiu diamantes em tanta abundância. Era célebre: parecia que uma fada propícia dirigia os passos do Contratador”, afirma Felício dos Santos (1978, p.165).

A historiadora Junia Furtado (2003), em seu livro *Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes: o outro lado do mito*, relata sobre a chegada de João Fernandes ao Tijuco, em 1753, e do primeiro comparecimento do jovem Desembargador a um batizado, como padrinho. Descreve a autora o traje que a elite branca do Arraial, à moda europeia, usava em algumas ocasiões:

> A primeira peça do ritual em que vestir-se consistia era a ceroula, seguida de uma camisa branca de linho com babados, de calção ou calça e meias finas de seda. Por cima, usava-se uma casaca de droguete preta, vermelha ou azul ou um fraque de baeta, veludo ou seda. Por fim, um casacão ou capote com mangas, quase enrolado

> sobre o corpo. Os adereços eram variados: pescocinho; no bolso, lenço de seda com babados, outro azul para o tabaco; cabeleira, chapéu com presilha e pluma; a cruz da Ordem de Cristo pendurada no pescoço, sapatos com fivela de prata ou ouro, bengala de tartaruga com castão de ouro ou prata e anéis de pedras preciosas. Na algibeira, Fafá e espadachim com cabos de prata, além das pistolas. (FURTADO, 2003, p.157-158).

Quanto ao Desembargador João Fernandes de Oliveira, Furtado (2003, p.183-184) descreve suas qualidades e seu relacionamento com Chica da Silva, procurando desfazer a imagem da famosa mulata como uma mulher depravada, criticada pela elite do Arraial e pelos defensores dos bons costumes.

> O Desembargador era um homem culto, educado em Coimbra, possuidor de apurado gosto musical e teatral. [...] Chica passou a frequentar saraus, peças de teatro e apresentações musicais promovidas por ele, sobretudo de óperas, estilo preferido da época. [...] Enquanto frequentou como estudante o seminário de São Patrício, o futuro desembargador aprendeu a apreciar o teatro, parte central da pedagogia inaciana. [...] Durante dezessete anos, entre 1753 até 1770, ano em que João Fernandes voltou para Portugal, ele e Chica mantiveram um relacionamento estável, do qual nasceram treze filhos, nove meninas e quatro meninos. A média de um parto a cada treze meses faz desmoronar o mito da figura sensual e lasciva, devoradora de homens, ao qual Chica esteve sempre ligada. João Fernandes jamais teve dúvidas sobre a paternidade dos rebentos, pois legitimou e lhes legou todo o seu patrimônio, apesar de em seu testamento demonstrar esperança de que ainda pudesse vir a ter um filho legítimo que o sucedesse. (FURTADO, 2003, p.183-184).

Na *Revista Acaiaca,* Sóter Couto (1951, p.17-21) descreve a vida no Tijuco no tempo do Contratador João Fernandes e de Chica da Silva:

> No século XVIII, era o Tijuco um aglomerado de nômades e aventureiros, que, assim como arrancavam à procura da sorte, levantavam também barracas quando vítimas da adversidade. Com Chica da Silva, mulata inculta, paradoxal fenômeno, transforma-se o cenário do arraial. O homem radica-se à terra pelas melhores condições de vida e sociedade, a música e artes recebem estímulos, aparece o teatro, constroem-se novos e majestosos edifícios, formam-se lares, estabiliza-se o comércio, enquanto as hematias da mulata se impregnam do oxigênio de um nacionalismo embrionário.
> [...] As recepções no seu afamado palácio tinham o cunho das grandes festas da corte. Seu castelo na Palha, junto à confluência dos dois regatos, de estilo medieval, com salas imensas, vastos salões para bailes e teatros, jardins e carcetas iluminados por milhares de búgias, nada ficava a dever aos dos Rajás das Índias. (COUTO, 1951, p.17-21).

O romancista Paulo Amador dos Santos (1992), em seu livro *Rei Branco, Rainha Negra*, reafirma a presença da influência europeia na vida, costumes e moda dos habitantes do Tijuco:

> Os homens importavam moda francesa. Andavam de cabeleira trançada e rabicho, chapéu de três bicos e camisas de colarinho branco, colete de cetim bordados de lantejoulas, abotoaduras de pedras e casaca de veludo, calção de seda e sapato de fivela de ouro e pedras. [...] O Arraial aprendia a ler. E lia os tratados de civilidade, nas aulas de boas maneiras, de professores vindos da França. (SANTOS, 1992, p.55-56).

Mas, como bem defende Junia Furtado (2003), a vida do Contratador, da Chica e seus descendentes não era só de festas, opulência e prazeres: praticavam eles, regularmente, a religião católica trazida pelos colonizadores portugueses e tiveram livre trânsito nas diversas irmandades religiosas de brancos, especialmente a do Santíssimo, São Miguel e Almas, Nossa Senhora do Carmo do Tijuco e da Vila do Príncipe, São Francisco e Terra Santa. Levavam uma vida normal de toda elite branca do arraial, que não era naturalmente muito numerosa, uma vez que a população mineradora era maior e movimentava a extração e comercialização do diamante, incluindo o inevitável contrabando, uma prática presente no dia a dia do garimpeiro, o que possibilitou o intercâmbio do Arraial com vários países europeus, especialmente a Holanda.

A fortuna de João Fernandes, seu poder e seu sucesso acabaram por despertar invejas e, como em geral acontece nesses casos, surgiram intrigas e descontentamentos. Havia desconfianças e, diante disso, João Fernandes de Oliveira foi chamado à Metrópole pelo Marquês de Pombal, que queria tê-lo por perto, sem um rompimento declarado, dada a imensa riqueza e extraordinário poder do Contratador. Há outras versões que buscam explicar a sua ida definitiva para a Corte em 1770, como a necessidade de administrar os bens de seu pai João Fernandes de Oliveira e os seus, que eram fabulosos. Além do mais, como pondera Joaquim Felício dos Santos (1978, p.173),

> [...] por esse tempo, a América Inglesa dava começo às guerras de sua independência; o espírito de liberdade, como um eflúvio elétrico, fazia estremecer todos os povos americanos. Já se falava em despotismos, tirania, independência, liberdade, direitos do povo: palavras antes desconhecidas. Alguns escritos dos filósofos e livres-pensadores da França, como objeto de contrabando, tinham-se introduzido entre nós, e começávamos a sentir o peso do jugo metropolitano: a isto a Corte denominava contágio revolucionário, e a Inquisição, em sua linguagem mística, lepra hebraica. (SANTOS, 1978, p.173).

Diante disso, começam a surgir manifestações de descontentamento, sentindo-se que não é mais possível uma rica região ficar à mercê das ambições e desmandos da Metrópole. Enfim, nessa significativa fase da formação dos alicerces da sociedade, especialmente durante o período do domínio dos contratadores, considerada a fase áurea da vida do Arraial do Tijuco, pode-se perceber que os valores, costumes e hábitos foram transplantados da Europa

para os longínquos sertões das Minas Gerais. O Arraial era um pequeno núcleo habitacional que respirava ares europeus, formando uma elite social que perdurou através dos tempos. As apresentações teatrais, as audições musicais, os saraus, as festas religiosas com representações apoteóticas atravessaram o século XIX, continuaram durante o século XX, e se constituem, na atualidade, motivo de exaltação às maneiras finas e aristocráticas dos herdeiros dessa tradição.

É justo ressaltar que o terceiro contrato, de 1748 a 1751, como já dito, o único não celebrado pela Coroa Portuguesa com os Fernandes (pai e filho), teve como Contratador Felisberto Caldeira Brant, sendo um período também marcado pelo progresso, como assevera Aires da Mata Machado Filho (1980, p.53):

> No tempo dos Caldeiras cresceu a população e com ela o bem-estar dos Tijuquenses. A um Intendente enfermo sucedia outro valetudinário, nomeado interinamente. Demais, o contratador não perseguia aos garimpeiros e parecia tolerar o contrabando. Com isso muitos se enriqueceram, vivendo no luxo e na opulência. Dominava o espírito frívolo do século XVIII, na elegância dos trajes, no requinte das maneiras e nas regras do bom tom. A preocupação dominante era imitar a corte, de onde vinham até professores de civilidade. (MACHADO FILHO, 1980, p.53).

José Teixeira Neves (1951, p.36) descreve a prática do teatro no Arraial do Tijuco no tempo dos Caldeira Brant:

> É possível que na época do contratador de diamantes Felisberto Caldeira Brant (1748-1752), famosa pelo requintado luxo dos tijucanos, algumas peças fossem representadas nos vastos salões da casa do Contrato. Os tijucanos observavam rigorosamente todos os costumes dos grandes centros europeus e, por certo, não olvidariam o teatro nesta decantada fase de sua evolução social. (NEVES, 1951, p.36).

Caracteriza-se, dessa forma, o período dos Contratadores como marcante nas práticas culturais da sociedade tijucana, o que veio a contribuir para o estabelecimento de parâmetros da cultura europeia em Diamantina.

5.1.3 A Real Extração: seu regimento no "Livro da Capa Verde" (1772 a 1845)

Em seguida à época dos contratadores, foi implantada no Distrito Diamantino a Real Extração. A Coroa, depois do afastamento do famoso contratador João Fernandes, assumiu os negócios da extração e comercialização do diamante, editando o Regimento Diamantino, conhecido como o "Livro da Capa Verde", que se constituiu de rígidas normas para o controle

administrativo dos negócios da Coroa nas terras diamantinas, sendo protagonistas de sua execução os Intendentes, que, com os Fiscais e Caixas, formaram a Junta Diamantina.

Junia Furtado (1996, p.27) afirma que, conforme memorialistas e historiadores pesquisados, “a Real Extração teria sido o exemplo mais acabado do despotismo metropolitano, revelando a sua face mais cruel, que em seu afã tributarista teria sido capaz de alterar toda a sociedade e a economia da Demarcação.”. O Arraial do Tijuco, no entanto, de acordo com Furtado (1996), continua seu desenvolvimento, tendo a classe dominante uma grande oportunidade de aumentar as suas riquezas, de buscar formas de usufruir as *benesses* dos Intendentes ou praticar o comércio ilícito do contrabando dos diamantes.

Furtado (2003, p.27) destaca que, “apesar de afastado, o arraial era como um caleidoscópio do mundo ao seu redor e a vida que lá transcorria espelhava seu tempo.”. Sem dúvida, de todos os pontos da capitania, o Tijuco era o que entretinha relações mais imediatas, não só com a Metrópole como com outros países da Europa, em razão do contrabando que se fazia contínuo pela Bahia e Rio de Janeiro com a Holanda e Inglaterra principalmente, quase os únicos consumidores dos diamantes brutos extraviados.

Dessas relações, resultou que o Tijuco, antes de outras regiões, tornou-se conhecedor entusiasta da grande agitação política e moral por que passava a Europa no século XVIII, e logo se animou com o mesmo espírito de filosofia dos enciclopedistas. Seus livros eram procurados e suas ideias de liberdade aceitas com entusiasmo e com desejo de que se tornassem realidade, uma vez que já se considerava tirania as pesadas exigências do “Livro da Capa Verde”.

Felício dos Santos (1978, p.230-231) registra a presença da filosofia dos enciclopedistas na vida cotidiana da classe dominante da distante povoação do distrito diamantino. A leitura de Montesquieu, Voltaire e Rousseau, representantes mais importantes da revolução de ideias na França, abria novas perspectivas para os tijucanos.

Soter Couto (2002), em *Vultos e Fatos de Diamantina*, descreve o gosto dos habitantes do Tijuco pela leitura das obras que lhes caíam nas mãos. “A fascinação que o livro despertava no tijucano era maior que o brilho do diamante. Via naqueles caracteres e iluminuras uma resplandecência do espírito, a chave que abria larga porta para um mundo de emoções.” (COUTO, 2002, p.130). O autor esclarece ainda que

> [...] os autodidatas proliferavam bebendo nos compêndios que clandestinamente entravam no arraial a seiva dos grandes movimentos político-sociais que abalavam o mundo. Os mais abastados encaminhavam os filhos para as academias europeias, os quais de lá voltavam diplomados como os Vieira Couto, Rolim e outros, recebendo,

> ao regressar à terra, a outorga do povo para defender-lhes o direito. (COUTO, 2002, p.34).

A Inconfidência Mineira, malograda conspiração de Minas, foi um dos resultados das novas ideias em circulação. Os conjurados contavam com um numeroso partido no Tijuco, foco das ideias revolucionárias da comarca, que se correspondia diretamente com Vila Rica e transmitia os planos da conspiração ao Norte da Capitania. Padre Rolim, um diamantinense ilustre no Tijuco, foi uma figura importante da Inconfidência Mineira. Condenado como inconfidente, fazia parte de uma associação com o fim de promover a independência do Brasil e libertar dos "tiranos", dos monarcas, a pátria brasileira. Portanto, os tempos já estavam mudados, o povo já pensava de outra forma, começava a reagir, mas a Real Extração continuava com seus rigores administrativos.

Em pesquisa feita pela historiadora Junia Furtado sobre as bibliotecas existentes no Tijuco, no século XVIII, percebe-se a presença das obras mais importantes em circulação na Europa nos diversos campos do saber: História Antiga e Moderna, História Natural, Minerologia, Geografia, Literatura Clássica, Filosofia, Direito Romano, Jurisprudência, Lógica, Aritmética, Metafísica e Saúde. Livros da ilustração francesa, como a obra de Montesquieu e a Enciclopédia, pareciam se destacar. Enfim, novos tempos se prenunciam no Tijuco, em Minas Gerais, no Brasil.

Das leituras e comentários apresentados nesse período da história do Tijuco, algumas conclusões relativas às atitudes dos sujeitos dos discursos, que consusbstanciaram as avaliações da presença do europeu na formação da cultura do arraial, podem ser resumidas da seguinte forma: 1º) houve um posicionamento de rejeição e crítica ao autoritarismo, à tirania da administração do Arraial, entendida como uma forma de a Metrópole melhor usufruir dos benefícios de uma abundante produção de diamante na demarcação; 2º) esse espírito de rejeição às medidas de controle implantadas, de inconformidade e de rebeldia dos primitivos da terra, transformou-se em demonstrações práticas como a mineração clandestina, "o garimpo" e o contrabando de diamantes, que parecem perdurar até os dias de hoje; e 3º) a intensidade dos sofrimentos, da inevitável sujeição de grande parcela dos mineradores, dos trabalhadores em geral, incluindo comerciantes, imprimiu no povo um ressentimento que se personifica na admiração por vítimas como Isidoro, martirizado, e os quilombolas, que se tornaram símbolos de uma classe injustiçada.

5.2 2º Período: Arraial do Tijuco/cidade de Diamantina, no século XIX

Reafirmando o pressuposto de que a análise de Representações Sociais em uma produção discursiva de escritores e entrevistados deve ser fundamentada no contexto de produção do discurso, dá-se, neste momento, continuidade ao informe histórico do Arraial do Tijuco/cidade de Diamantina, tomando-se como foco de considerações o segundo período que se convencionou chamar de consolidação da presença de aspectos culturais europeus no Arraial do Tijuco/cidade de Diamantina, tendo em vista que, naturalmente, a implantação desses traços culturais tenha se dado no século XVIII, após a descoberta dos diamantes.

Algumas informações buscadas em Felício dos Santos (1978) são básicas para se entender a evolução da história do Tijuco, focada na exploração e comercialização do diamante. No início do século XIX, com a disputa entre ingleses e franceses, houve grande instabilidade econômica em toda a Europa. Diante disso, Portugal procurou aumentar a carga tributária da Colônia e novas cobranças foram feitas no Distrito Diamantino e, em consequência, ocorreram novas dificuldades e sofrimentos para a população da região.

Um fato que se destacou para a mudança nos rumos da administração da demarcação diamantina foi a vinda da Família Real para o Brasil e, sendo uma das instituições transplantadas o Erário Régio, foi criada, no Rio de Janeiro, uma Diretoria Diamantina para dirigir os negócios da administração do Tijuco. Dos vários Intendentes que governaram o Arraial do Tijuco, o desembargador Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt, o 12º Intendente, foi o primeiro brasileiro a ocupar o cargo. Natural da demarcação diamantina, Minas Novas, tomou posse em 1807, permanecendo no cargo durante 15 anos, até 1823, ano em que tomou assento na Assembleia Constituinte.

A vinda do Intendente Câmara para o Tijuco foi na mesma época da chegada da Família Real para o Brasil, e ele, para tratar de assuntos de sua administração, esteve com D. João VI, que, “contentíssimo com o seu Intendente”, como comenta Joaquim Felício, aceitou as suas propostas e determinou, por decreto, o pagamento à vista pelo Erário de todas as despesas da Extração à Intendência.

Câmara foi respeitado, ou antes, temido como um pequeno soberano, que governava o Distrito Diamantino com um poder absoluto. Antes dele quase que só portugueses obtinham emprego na administração, mas Câmara, ao contrário, sempre dava preferência aos brasileiros, “daí a guerra encarniçada que sofreu durante todo o tempo de sua intendência por parte do governo de Vila Rica.” (SANTOS, 1978, p.288).

Não resta dúvida de que a presença predominante de Intendentes portugueses durante um período bastante prolongado garantiu a mais estreita relação entre os hábitos, costumes e manifestações culturais do Arraial do Tijuco com a Europa. Um eloquente exemplo foi a manifestação feita pela Intendência, por ocasião da aclamação de D. João VI e o desposório de D. Pedro. Foram organizadas, no Tijuco, memoráveis festas que duraram seis dias, conforme narra Felício dos Santos, quando descreve os quadros emblemáticos que foram feitos em referência aos objetivos das festividades. Todos os quadros com representações de imagens e textos em latim foram colocados nas diversas janelas da residência do Intendente, no Alto da Rua da Glória. Representavam eles o despotismo, a aristocracia, a monarquia, a democracia, a anarquia, a justiça, o reino unido, o casamento, o amor conjugal, a moral pública e a clemência.

Fogos de artifício, salvas de palmas, melodiosas sinfonias, peças de teatro, marchas, cavalhadas, danças públicas e particulares, solene *Te Deum*, além de mesa farta e copiosas guloseimas em barraca para esse fim montada, fizeram parte das festejadas comemorações. Percebe-se, pelas descrições apresentadas, a diversidade de manifestações dos participantes, classificadas por Felício dos Santos como demonstrações de amor e vassalagem de todos a Sua Majestade. E assim Felício dos Santos (1978, p.320) termina o capítulo: “Cremos que ao leitor da escola do despotismo não terá desgostado a descrição destas festas.”.

Viajantes naturalistas e metalúrgicos visitaram o Distrito Diamantino nessa época. Entre eles, estiveram no Tijuco, no início do século XIX, John Mawe e Saint Hilaire, que apresentaram suas visões sobre o arraial, admirados pela vida atípica dos seus habitantes com relação a outras comunidades do Brasil. Mawe (apud MACHADO FILHO, 1980, p.80-84) afirma: “as lojas estão abarrotadas de mercadorias inglesas, assim como presuntos, queijos e outros produtos de consumo”; e completa: “os oficiais vivem com um grau de conforto, que o estrangeiro está longe de pensar encontrar em lugar tão afastado”. Mas refere-se, também, ao grande número de pessoas pobres e desocupadas em busca de alimentação, o que se leva a crer nas diferenças sociais reinantes no povoado.

Saint Hilaire (apud MACHADO FILHO, 1980, p.65-84), entre outras considerações, elogia a administração do Intendente Câmara: “[...] distribuía justiça de maneira paternal. [...] Vivia no meio dos empregados e dos habitantes do Tijuco como se fossem seus iguais. [...] O povo o amava [...]”; e reafirma a presença dos produtos importados da Europa, explicando as razões dessa ocorrência:

> O arraial de Tijuco é com abundância abastecido de fazendas da Europa; e, o que por certo parecerá singular, os objetos provenientes das manufaturas inglesas e francesas, são tão baratos em Tijuco como nas cidades marítimas. Uma circunstância mui simples explica este fato: os contrabandistas de diamantes tiram bastante lucro das permutações que cotidianamente fazem, para que se obstinem em não vender por preço razoável as fazendas, que trazem do litoral. A estas trocas ilícitas se reduz o comércio interior de Tijuco. (HILAIRE apud MACHADO FILHO, 1980, p.84).

Dando continuidade à história do Arraial, Machado Filho (1969) reporta-se novamente a Felício dos Santos (1978, p.36), que critica a demorada independência do Tijuco, que teve erigida Paróquia só em 1819, até então dependente da Vila do Príncipe, embora seja reconhecido o desenvolvimento do arraial e sua povoação seja considerada a mais importante da capitania. O autor explica que, "governado por uma lei especial não podia sair do seu estado de arraial, seria incompatível com o sistema despótico dos Intendentes", e lamenta o fato de o povo ser de uma região tão rica, regido por leis peculiares, exercidas por um poder absoluto, formando uma colônia particular isolada, sofrendo toda sorte de vexames e discriminações.

Machado Filho (1969) busca explicar, com certo alívio, a evolução das ideias libertárias do povo do Tijuco a partir da revolução constitucionalista em Portugal, que pedia a volta de D. João VI. Esse movimento contrário ao absolutismo ganhou força na Bahia e, naturalmente, no Tijuco. Consumada a revolução constitucional no Rio de Janeiro, proclamado o regime constitucionalista, o Arraial do Tijuco, depois de manifestações públicas de rebeldia a ordens da Administração, regozijou-se com entusiasmo.

A independência do Brasil (1882) e a proclamação de D. Pedro Imperador provocaram também o mais vivo regozijo público no Tijuco, com missa, aclamações e festa geral. Segue-se o curso da história do Tijuco/Diamantina que, pela lei de 13 de outubro de 1831, foi elevado a Vila Diamantina, tendo sido instalada a sua primeira Câmara Municipal em 4 de junho de 1832. Em 1835, já se torna cidade de Diamantina, como município.

Considerada a perspectiva de sua contribuição para a consolidação da presença da cultura europeia na vida da cidade, no século XIX, alguns acontecimentos importantes da história de Diamantina merecem ser ainda lembrados. Os fatos políticos da Europa e suas mudanças sociais inspiravam os movimentos de rebeldia e pregação dos ideais liberais no Tijuco e, para divulgá-los, houve a criação do primeiro jornal no Tijuco, o *Eco do Serro*, em 1828, pelo ourives Manuel Sabino, liberal exaltado para combater D. Pedro I, visto como o déspota da época. A rebeldia do tijucano, qualidade que se aprimorou diante do sofrimento da época colonial, tinha necessidade de combater o governo de Dom Pedro I, que já se esboçava, em 1828, despótico e tirânico.

Ao mesmo tempo, no arraial de Itambé do Serro surgiu o jornal *Liberal do Serro*. Em 1830, Teófilo Otoni, já perseguido na Corte por suas ideias liberais, publicava em Vila do Príncipe (Serro) o jornal *Sentinela do Serro*. Em 1832, já Vila Diamantina, fundava-se uma nova tipografia onde se publicava o *Diamantino*, a que seguiram o *Tribuno do Serro* e o *Exorcista*. Em 1860, o periódico *O Jequitinhonha*, criado por Joaquim Felício dos Santos, marcou sua presença entre jornais combativos da época e se constituiu no mais lídimo representante do pensamento da sociedade Diamantina do século XIX.

Alexandre Eulálio (1978, p.34), biógrafo de Felício dos Santos, registra seu lançamento, enumerando as suas principais características, o que, de alguma forma, ratifica o gosto pela presença de línguas europeias em produções escritas em Diamantina:

> Em princípio, de 1861, Joaquim Felício dos Santos, que faria trinta e três anos, lança o segundo número de "O Jequitinhonha", jornal "político, literário, comercial e noticioso" como o devia ser uma folha às direitas. Epígrafe, tinha-a em francês, clara para o "happy few" que a entendia: "la loi son empire, aux hommes leur dignité". (EULÁLIO, 1978, p.34).

O mesmo autor explica por que era *O Jequitinhonha* tão diversificado. Esse jornal representava todo um programa e não podia ter apenas notícias e editoriais políticos, por se propor a publicar a história do Distrito Diamantino que dava matéria para muitos números do jornal. Assim continua Alexandre Eulálio (1978, p.36-40) a justificar a diversidade de gêneros discursivos:

> Ou porque ficasse patente ser necessária uma outra atividade que distraísse o público, ou porque o autor resolvesse se distrair a si próprio, fosse porque fosse, ainda em meio de seu estudo histórico, Joaquim Felício, procurando brincar com o material histórico de que dispunha, começou a publicar em *O Jequitinhonha* uma série dos mais diversos e curiosos folhetins. Ora cômicas ora sérias, estas variedades [as novelas], sucederam-se por longo tempo no jornal. Grande era o prazer dos leitores locais em se sentirem ligados a este autor, que lhes falava das ruas em que andavam, das lavras que conheciam. Identificavam-se dessa maneira com os cenários de tão encantadas aventuras, acompanhavam episódios e personagens com muito maior interesse. (EULÁLIO, 1978, p.36-40).

O sucesso foi compensador: o romance *Acaiaca* foi editado como livro logo a seguir, nascido das publicações de *O Jequitinhonha* e, a partir do seu terceiro número, Joaquim Felício dos Santos, criador e redator do jornal, iniciou a publicação de uma série de narrativas, que resultaram na história de Diamantina na época colonial, cuja primeira edição recebeu o

nome de *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio*, no Rio de Janeiro, em 1868[1].

O Jequitinhonha passou a fazer parte da vida dos diamantinenses e, por sua história de lutas políticas e sociais e seu conteúdo literário, constituiu-se em uma fonte valiosa de informação e entretenimento, tornando-se uma frequente, prestigiosa e requisitada forma de interação da comunidade afastada dos centros urbanos mais desenvolvidos do Brasil, pela distância e escassez de meios de comunicação. Nos editoriais de *O Jequitinhonha*, como militante do Partido Liberal, Felício dos Santos desenvolve uma verdadeira cruzada de combate à Monarquia, representada por Dom Pedro II, usando o jornalista para convencer o seu enunciatário-leitor, importantes e significativas referências à história da Europa e sua política, desde Roma até os últimos acontecimentos das monarquias da época.

Outros fatos importantes que aconteceram em Diamantina nessa época contribuíram para consolidar a presença de marcas europeias no cotidiano da cidade. O primeiro a ser registrado é a criação da Diocese de Diamantina, em 1853, que só foi instalada em 2 de fevereiro de 1864, com a posse de Dom João Antônio dos Santos, que desempenhou importante papel na formação da juventude diamantinense, sendo responsável mais tarde pela mudança dos rumos da cidade, cognominada a "Atenas no Norte". Natural de São Gonçalo do Rio Preto, D. João Antônio dos Santos estudou no Colégio do Caraça, depois Congonhas do Campo, tendo sido ordenado sacerdote pelo bispo de Mariana, Dom Viçoso, com quem trabalhou como professor e reitor do seminário.

Em 1848, o então Cônego João Antônio dos Santos partiu para Roma, onde cursou Ciências Jurídicas, indo, em seguida, para a França cursar Ciências Biológicas no Seminário São Sulpício, em Paris. De volta à Diamantina, fundou o jovem sacerdote, em 1852, o Ateneu São Vicente de Paulo, de que foi professor e diretor, mas que funcionou só até 1863, sendo um dos professores seu irmão, Joaquim Felício dos Santos, de quem vários excertos de suas obras são apresentados neste trabalho.

Como bispo de Diamantina, D. João, na sua primeira Carta Pastoral, propõe como parte de seu programa de trabalho a reforma dos costumes e a educação dentro dos princípios cristãos. Em março de 1866, instala, na Casa do Contrato, o Seminário Diocesano, entregue depois aos padres lazaristas da Congregação francesa de São Vicente de Paulo, que permaneceram à frente da administração do estabelecimento até 1964, quando deixaram

[1] Alguns excertos de *Acaiaca* e *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio*, de Joaquim Felício dos Santos, constituíram-se em objeto de leitura e análise em atendimento ao objetivo proposto neste trabalho.

Diamantina. O seminário, como se costuma dizer, foi o grande celeiro de intelectuais e homens de projeção de Minas Gerais. Como exemplo pode-se citar Juscelino Kubitschek, cuja carteira escolar ainda era recentemente apontada pelos caracteres do seu nome nela gravados. Além de ex-alunos do Seminário, sacerdotes fizeram história na Igreja Católica da região, como o Cardeal Dom Serafim Fernandes de Araújo, ex-Arcebispo de Belo Horizonte e o Padre Geraldo Magela, ex-Reitor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e da UNA, em Belo Horizonte, dentre tantos outros profissionais de diversas áreas que ali tiveram a base de sua formação humanística.

Em 1867, D. João cria também o Colégio Nossa Senhora das Dores e, anexo, o Asilo de Órfãs, entregues às Irmãs de Caridade da Congregação de São Vicente de Paulo, que lá permaneceram até 1994. Acrescente-se às realizações de Dom João Antônio dos Santos a sua colaboração a seu irmão Antônio Felício dos Santos e a seu sobrinho, João Felício, para a instalação da Fábrica de Tecidos, em Biribiri, com a finalidade de dar emprego às moças pobres da cidade, conforme reza a tradição.

Como se percebe, no final do século XIX, não resta dúvida de que foi decisiva para consolidar a presença da cultura europeia, no caso específico a francesa, em Diamantina, a vinda dos padres e freiras da congregação religiosa francesa de São Vicente de Paulo para a administração dos educandários em Diamantina, Seminário Diocesano e Colégio Nossa Senhora das Dores, reforçando-se, assim, como já se disse, os laços entre as duas culturas, e beneficiando Diamantina com o longo e permanente contato com os costumes e orientações educacionais e literárias do velho continente, berço da cultura ocidental. Enfim, Diamantina constituiu-se, no século XIX, em um grande polo cultural e educacional da região.

O Professor Aires (1969, s/p) demonstra essa realidade em um discurso pronunciado na Aula Inaugural da Faculdade de Filosofia de Diamantina:

> O Seminário do Coração de Jesus, o Colégio Nossa Senhora das Dores, o extinto Internato São Vicente de Paulo, todos da segunda metade da centúria passada, serviram ao norte de Minas, até ao sul e ao centro da Bahia. [...] Do fim da “belle époque”, até um pouco além da primeira grande guerra, rapazes e moças discreteavam em francês, quando “batiam capistrana”, para fazer bonito ou “esnobar”, como hoje se diz barbaramente. Aliás, da fina educação do centenário Colégio Nossa Senhora das Dores fazia parte, ainda mais antigamente do que hoje, o esmerado ensino do idioma que foi a segunda língua dos homens de letras e de pensamento do Brasil, enquanto o nosso meridiano intelectual passava por Paris, no dizer de Eduardo Frieiro. (MACHADO FILHO, 1969, s/p).

Eduardo França Paiva, no Estado de Minas, em agosto de 2009, na Seção Cultura, p.2, faz algumas consideraçõs sobre a influência da França no Brasil:

> A influência que a cultura francesa exerce no Brasil não é algo pontual. Foi realidade em várias partes do mundo, a partir do ápice da monarquia francesa, sob Luiz XIV, quando o país se torna potência mundial. Ao longo dos séculos 17 e 18 a cultura da França vira algo a ser copiado. [...] Com a Revolução Francesa, em 1789, a influência se amplia ainda mais, quando o ideal de liberdade passa a se exportado. Intelectuais de várias partes são inspirados pela tríade liberdade, igualdade e fraternidade. Ao longo de todo o século 18, a noção de "França perfeita", berço da civilização, em oposição à barbárie, se amplia. (PAIVA, 2009, p.2).

Os programas de ensino e as atividades estudantis dos dois estabelecimentos apresentavam características semelhantes, moldadas nos paradigmas das Casas Centrais da Congregação de São Vicente de Paulo, na França, o que foi percebido em pesquisa atual na biblioteca do Seminário Arquidiocesano: pôde-se notar um grande acervo de obras em francês e latim editadas no século XIX, com indícios de terem sido manuseadas, marcadas pelos estudantes que por ali passaram no afã de construírem um saber moldado nos clássicos da Filosofia, das Letras e das Ciências.

Apenas a título de exemplo, podem ser encontradas OEVRES completes de Cíceron: Etude sur la vie et ses ouvrages, par M. Carpentier. Paris: Avril, 1874; Forme et matiere p. Le Dr. F. Fredault. Paris, 1876; Ouvres completes de Joseph de Maistre. Lyon, 1891; dentre outras muito numerosas, que apresentam anotações indicativas de utilização no cumprimento dos programas de ensino do estabelecimento. O acervo do Colégio Nossa Senhora das Dores, diluído na Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina, ainda apresenta algumas obras em francês, de uso das antigas alunas do "Colégio das Irmãs", como era chamado para distingui-lo da Escola Normal da cidade.

As associações religiosas, as devoções dos egressos desses educandários remetiam às práticas religiosas herdadas dos europeus: as histórias de Fátima, Lourdes, Salete, tendo Nossa Senhora como protagonista, povoaram o imaginário dos devotos e, muitas vezes, sedimentaram a fé religiosa dos alunos e suas famílias. Por exemplo, a instituição da Guarda de Honra do Sagrado Coração, que teve origem na cidade de Bourg, na França, em 1863, foi instalada no Brasil em 1876, convertendo-se em Confraria em 1894. O Seminário tornou-se sede dessa Associação e a Basílica do Seminário foi consagrada ao Sagrado Coração de Jesus e a devoção ali implantada continua a ter adeptos fervorosos na, hoje, Paróquia do Sagrado Coração de Jesus de Diamantina.

Enfim, uma pesquisa realizada por Maria da Conceição Duarte Tibães (2001), publicada em seu livro *O artífice João Rose, um inglês em Diamantina*, da arquitetura de Diamantina mostra a presença de um inglês que realizou uma série de obras de construção e

reformas de igrejas, de residências e da fábrica de fiação e tecidos do Biribiri, e foi, conforme considerações de sua família, “o braço direito de D. João Antônio dos Santos no desenvolvimento dos projetos da Diocese.” (TIBÃES, 2001, p.46). A pesquisadora foi uma das entrevistadas neste trabalho e, assim, a contribuição do inglês John Rose para a construção e reforma de prédios em Diamantina foi alvo de maiores considerações no capítulo VII.

Ainda, a presença de vitrais de origem francesa na Basílica construída em estilo gótico atesta que a relação Diamantina/França não foi fortuita. A *Gruta de Lourdes*, denominação da Chácara das “Irmãs do Colégio”, também fala dessa relação, trazendo a sua entrada uma réplica da gruta, onde, na França, teria aparecido Nossa Senhora.

Outros discursos que se referem à presença da cultura europeia na formação do jovem diamantinense constituem-se de falas espontâneas de Helena Morley, cognome de Alice Dayrell Caldeira Brant, cujos diários escritos de 1893 a 1895 formaram a obra *Minha Vida de Menina*, editada pela primeira vez em 1942. A autora dá mostras da presença das relações Diamantina/Europa no seu cotidiano, de uma forma bem sutil e crítica:

> Eu fui acabando de aprender a ler e tia Madge, que só acha bom o que é inglês, arranjou *O Poder da Vontade* e me fez ler para ela ouvir. Acabado este deu-me outro: *O Caráter*. Eu tinha de ler e contar-lhe tudo timtim por timtim. Afinal os dois dão na mesma coisa: economia, correção, força de vontade. [...] Tenho certeza de que esses livros não me valeram de nada. Força de vontade não adquiri nem um pingo mais do que eu tinha. Caráter não mudei em nada. Bondade, nada mais do que eu já tinha. (MORLEY, 1942, p.58).

> Acabei de traduzir a fábula de La Fontaine da rã que queria ficar do tamanho do boi e não tive tempo para as outras lições. Fiquei pensando por que exigem estas coisas de nós na Escola, se todas ali estudamos com intenção de ser professora. Que precisão eu teria de fábula de La Fontaine se for professora no Bom Sucesso, Curralinho ou mesmo em Diamantina? (MORLEY, 1942, p.228).

Essa síntese da história do Tijuco/Diamantina buscou mostrar, principalmente, marcas da implantação e construção de sua relação com a cultura da Europa e marcas da fase da consolidação dessas relações, perceptíveis em pronunciamentos de memorialistas, historiadores e pessoas entrevistadas, que procuraram explicitar suas Representações Sociais diante dos fatos enunciados.

A fundação do Arraial já revela as marcas da ambição desmedida dos exploradores do ouro, intensificadas pela descoberta do diamante, que fez exacerbar o espírito de verdadeira obsessão de europeus pelo domínio das preciosas pedras, como expressa Soter Couto (1954,

p.46), “para sustentar o brilho da dissoluta corte de Dom João V”, representando os demais governantes que tiveram o mesmo propósito.

A seguir, são identificados vários episódios da história do desenvolvimento do Tijuco, salientando a época dos contratadores, em que João Fernandes de Oliveira fez o Arraial tornar-se uma pequena corte, intensificando, portanto, a implantação e consolidação de traços europeus na cultura do Tijuco. Houve, nesse tempo, o raiar dos primeiros movimentos da transplantação das ideias de liberdade da Europa para o arraial do interior mineiro, gerando naturais conflitos.

Ressaltou-se, ainda que, no século XIX, a implantação de novos parâmetros culturais trazidos da Europa relacionados à educação, ao aprimoramento das instituições civis e religiosas marcou Diamantina como um centro de cultura moldada em modelos europeus. Esse período, século XIX, trouxe a contribuição de muitos escritores de renome, tais como Couto de Magalhães, João Júlio dos Santos, Mariana Higina, Abílio Barreto, Antônio Torres, Joaquim Felício dos Santos, D Joaquim Silvério de Souza, Aureliano Lessa, Helena Morley, dentre outros.

Pode-se concluir que houve em Diamantina, no século XIX, o florescimento de uma cultura, uma vida intelectual, religiosa e social sedimentada na educação oferecida pelos educandários Ateneu São Vicente de Paulo (1852-1863), Seminário Diocesano (hoje Arquidiocesano), Colégio Nossa Senhora das Dores e Escola Normal (hoje Colégio Estadual Leopoldo Miranda). Também, criou-se, em 1876, um “Externato de preparatórios para os cursos de estudos superiores”, além de uma “Escola de Latim” e de um estabelecimento de formação primária chamado de “primeiras letras”, o que se confirma as palavras de Saint Hilaire, que aqui esteve já no tempo do Intendente Câmara: “Encontrei em Tijuco mais ilustração que em todo o resto do Brasil, mais gosto pela literatura e um amor mais vivo pela instrução.” (MACHADO FILHO, 1969, s/p).

6. A INFLUÊNCIA EUROPEIA NA CULTURA DO ARRAIAL DO TIJUCO/DIAMANTINA NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESCRITORES

> Nos tempos primitivos havia muita devoção em Tejuco [1729]. Não era como hoje, [1863] que a sociedade está eivada no espírito pestilencial do filosofismo europeu. (SANTOS, 2004, p.179).

Este capítulo tem o propósito de identificar e analisar nos discursos constitutivos do *corpus* representações sociais indicadoras da relação entre a Europa e o Arraial do Tijuco, a partir da hipótese de que a presença de europeus no nascente vilarejo influenciou a formação da identidade de seus habitantes, a definição dos seus parâmetros culturais, no evoluir de sua história.

A síntese histórica apresentada no quinto capítulo demonstrou uma aproximação acentuada entre fatos político-administrativos e sociais do Tijuco e os ocorridos na Europa, especialmente em Portugal e na França, em decorrência da relação entre a Europa e o Arraial do Tijuco/Diamantina nos séculos XVIII, XIX e XX.

Além disso, foram consideradas manifestações de hábitos, modos de comportamento social e costumes de grande parcela de pessoas nascidas na lendária cidade de Diamantina que mostram características bem especiais, se comparados à história das demais comunas do Vale do Jequitinhonha: são traços denominados “diamantinidade”, traços creditados às raízes de sua formação cultural, firmados nas relações com os europeus que imigraram para as regiões minerárias do Serro Frio, de que o Tijuco era o centro populacional mais importante, tornando-se a reprodução dos padrões culturais da Europa uma constante.

A análise dos discursos, a seguir, foi desenvolvida em consonância com os pressupostos teóricos relativos à teoria das Representações Sociais, com os princípios da semântica extensional, destacando-se os processos de referência/referenciação na construção de objetos de discurso, considerando-se, ainda, as diretrizes metodológicas apresentadas no quarto capítulo, em que se optou pela preponderância dos métodos qualitativos, que, de alguma forma, privilegiam a interpretação e o entendimento das representações, uma vez que não se busca, neste trabalho, a contabililização de fatos como tais, a descrição de uma objetividade definida *a priori*, enfim, não se faz uma pesquisa histórica, como já se afirmou.

Para a análise das dimensões internas das Representações Sociais, tem-se como ponto de partida que os sentidos dos objetos de discursos constitutivos dessas RS resultam do seu emprego intersubjetivo, dialógico, na cena enunciativa, como se tem defendido ao longo deste trabalho.

Retomam-se os critérios estabelecidos para a seleção dos discursos constitutivos de produções escritas: 1º) o tema, focalizando as relações entre a Europa e o Arraial do Tijuco/Diamantina nos séculos XVIII, XIX e XX; 2º) a obra de destaque na literatura pertinente que atendesse aos objetivos traçados; 3º) o posicionamento do sujeito do discurso a respeito do tema, originado de uma avaliação, de um juízo e não de uma simples referência a episódios históricos, de uma representação já construída; e 4º) o critério de seleção dos gêneros discursivos, ficando restritos a memórias, artigos, romances e documentos de cunho científico produzidos por historiadores.

Não se perderam de vista também as recomendações de Spink (2009, p.121), que preconiza que as Representações Sociais, enquanto produtos sociais, "têm sempre de ser remetidas às condições sociais que as engendraram", adotando-se a noção de contexto, que não se liga tão somente à situação de produção do discurso, mas aos aspectos relacionados à cultura, à comunidade discursiva dos interactantes, aos papéis por eles desempenhados, às representações que os sujeitos enunciadores fazem de si mesmos e de seus enunciatários nas situações interativas.

Diante desses pressupostos, para a operacionalização do processo analítico das representações dos autores, traçou-se um roteiro, compreendendo: a) considerações sobre o contexto de produção: fatores históricos, sociais e situacionais; b) caracterizações dos sujeitos enunciadores do discurso, sua história, sua identidade social; c) dimensões internas das Representações Sociais, ressaltando-lhes os conteúdos temáticos, os recursos discursivo-linguísticos (na interface léxico-sintático-morfológica) utilizados, a força persuasiva e expressiva dessas estruturas em relação às intenções dos sujeitos enunciadores e as demonstrações de afetividade detectadas pelo analista no evoluir do processo; d) mapeamento do excerto, um diagrama composto, basicamente, dos tópicos que constituíram as seções da análise, visando à visualização dos componentes linguístico-discursivos na construção de objetos de dicurso; e, finalmente, e) algumas considerações sobre as Representações Sociais identificadas que apontaram a existência de influências dos europeus na formação da identidade dos habitantes do Tijuco/Diamantina, na definição dos seus parâmetros culturais, no evoluir de sua história política, econômica e social.

6.1 Análise dos excertos selecionados

Feitas essas explanações introdutórias, são apresentados e analisados quatro excertos de discursos dos escritores selecionados – José Vieira Couto, Joaquim Felício dos Santos,

Aires da Mata Machado Filho e Junia Ferreira Furtado –, pertencentes a épocas diferentes (séculos XVIII, XIX e XX) e que construíram/expressaram suas Representações Sociais sobre a presença da Europa no Tijuco/Diamatina.

6.1.1 Primeiro excerto: de José Vieira Couto

As reprentações do doutor José Vieira Couto, autor do primeiro discurso extraído da obra *Memória sobre a Capitania de Minas Gerais* (1799), presente em *Memórias do Distrito Diamantino,* de Joaquim Felício dos Santos (1978, p.186-187) mostram seus sentimentos diante de um quadro aterrador de decadência do Arraial:

> 1) A terra se despovoa, o comércio se estanca; uns não se atrevem a fazer girar seu cabedal, porque não sabem a hora em que se verão perdidos, ou eles próprios ou os que lhes compraram as fazendas. [...] o escasso povo que resta, descontente e como estúpido definha e nada se abalança, enquanto mede com os olhos o lugar para onde se retire. Enfim o despotismo feio, magro, escarnado mostra sua hedionda cara entre este povo; e o retrato de um pequeno bairro de Constantinopla é o que hoje oferece o Tijuco, a povoação mais linda, em outro tempo, de Minas. (SANTOS, 1978, p.186-187).

6.1.1.1 <u>Contexto de produção: fatores históricos, sociais e situacionais</u>

O discurso de Vieira Couto é do final do século XVIII, 1799, durante o período da Real Extração, que funcionou sob os rigores da aplicação do Regimento Diamantino. Retomando-se a síntese histórica apresentada no quinto capítulo, recorda-se que, terminado o último contrato, arrematado pelo Desembargador João Fernandes de Oliveira, em 31 de dezembro de 1771, a extração dos diamantes começou a ser feita por conta da fazenda real, ou seja, foi implantado o Regime da Real Extração em que passaram a vigorar as normas do Regimento Diamantino, popularmente denominado "Livro da Capa Verde", cuja simples alusão, conforme o memorialista Felício dos Santos, "excitava o terror na demarcação diamantina, era como um espantalho que continha os criminosos." (SANTOS, 1978, p.180-181).

Esse período foi considerado como o mais sombrio para a população tijucana, um período de muita tensão na demarcação diamantina pelo abuso do poder das autoridades nas atividades de extração e comercialização do diamante, com constantes desentendimentos entre as autoridades locais, os mineradores e os habitantes do arraial, e havendo um rigoroso controle do contrabando de diamantes que, mesmo assim, foi permanente e rendoso. A

legislação severa e desumana conferia à Intendência todos os poderes, proibindo até mesmo o direito de defesa e o exercício da advocacia, sob pena de prisão e degredo dos infratores, dentre outras restrições aos direitos humanos dos habitantes do Distrito Diamantino.

O excerto selecionado é apenas um fragmento de discurso de Vieira Couto sobre o Regimento Diamantina que atesta a existência de uma verdadeira profanação da lei e, como exemplo, o autor se refere ao uso do poder do Intendente de infligir a pena de morte, sem aparelho da justiça, agravo, ou recurso algum. Enfim, ele critica vigorosamente os atos da Intendência com discursos contundentes e vigorosos. Nesse comentário, o autor demonstra sua indignação pelas injustiças praticadas pelos Intendentes: "[...] venham a nosso socorro as santas providências das leis portuguesas e não padeça o honrado e útil vassalo somente porque não caiu nos agrados do Intendente dos Diamantes." (COUTO apud SANTOS, 1978, p.187).

A historiadora Junia Furtado (1996, p.41) define o contexto da Real Extração sob uma ótica diferente:

> A sociedade diamantina [no período da Real Extração] seguia os mesmos contornos da Capitania; era composta de uma grande camada de escravos, seguida de homens livres e pobres, geralmente pardos e finalmente uma pequena classe dominante branca em sua maioria portugueses, que ocupavam os principais postos administrativos. Esta sociedade plural, heterogênea dificilmente era dominada pelas autoridades, apesar de terem em mãos um Regimento autoritário e excludente e de afastarem a população da mineração do diamante. (FURTADO, 1996, p.41).

Afirma Junia Furtado que as divergências não se davam prioritariamente entre a população local como um todo contra a administração colonial, mas muito mais entre as classes dominantes entre si, que buscavam privilégios e cargos, ou entre estas e as classes dominadas: os escravos, os homens livres e pobres e os desclassificados sociais. São essas diversas informações explicativas da situação do Arraial e dos mineradores, a que José Vieira Couto se refere em seu discurso.

6.1.1.2 O enunciador do discurso, um "sujeito social"

É nesse contexto descrito que viveu e trabalhou o doutor José Vieira Couto. Nasceu no Arraial do Tijuco, em 1752, e, como todo membro da elite colonial que queria obter um diploma de nível superior, estudou na Universidade de Coimbra, tendo se formado em 1777. Conforme Felício dos Santos (1978), Vieira Couto, médico-naturalista, após ter viajado por

grande parte da Europa, em companhia de José Bonifácio de Andrade e Manuel Ferreira da Câmara, voltou para o Arraial do Tijuco e aí foi uma figura de destaque na sociedade.

Tinha condição socioeconômica bastante favorável, uma vez que possuía terras, imóveis e fazendas. Couto pertencia a uma família cuja história estava intimamente ligada à administração do Distrito Diamantino. Ele e seus irmãos ocuparam importantes cargos públicos na Real Extração e participaram ativamente dos acontecimentos envolvendo a elite dominante do Arraial do Tijuco. Vieira Couto foi autêntico representante da mentalidade ilustrada da época, possuindo uma biblioteca de mais de seiscentos volumes.

Líder combativo em movimentos de defesa do Arraial, Couto, conforme Felício dos Santos (1978) comenta, propagava os movimentos revolucionários que se desenvolviam na França. Fez parte, junto com seu irmão José Joaquim Vieira Couto, da Maçonaria, que, pregando a igualdade entre os homens, teve papel significativo nos movimentos da Inconfidência Mineira e na separação do Brasil de Portugal.

Um episódio marcante foi o envolvimento de toda a família do estudioso na disputa acirrada entre o governador da capitania de Minas Gerais, Bernardo José de Lorena, e o Intendente João Inácio do Amaral Silveira (de 1795 a 1800). João Inácio, além de demitir Vieira Couto de suas funções como médico do hospital da administração, proibiu-o de realizar as suas pesquisas de mineralogia e metalurgia, como encarregado desse trabalho em nome da rainha D. Maria I, na demarcação das minas.

Felício dos Santos, no capítulo XXI (1868. p.230), como memorialista, narra, com riqueza de detalhes, fatos relativos à administração do Intendente João Inácio do Amaral Silveira (1795-1801), a sua luta travada com a família Couto, que terminou com a suspensão das funções e expulsão do Intendente do Arraial do Tijuco.

Nessa perspectiva, estabeleceu Vieira Couto uma efetiva interação sociodiscursiva com seu próprio grupo social, que constituía a elite do arraial, naquela época composta de portugueses e pessoas nascidas na região do Distrito Diamantino, cujos conflitos são narrados por memorialistas, historiadores e se constituíram em inflamados discursos de combate à tirania administrativa dos Intendentes.

6.1.1.3 Dimensões internas das Representações Sociais: recursos linguístico-discursivos estruturais dos eixos temáticos

Detalham-se, neste momento, os vários aspectos cognitivos das representações sociais pela conjugação de análise do conteúdo com a análise das formas linguísticas (conforme Py,

2000; 2004) com as quais se realizam os processos de referenciação, de categorização, de ancoragem e objetivação na construção das representações.

Assim, busca-se mapear o discurso, dividindo-o em **dois eixos temáticos:** o primeiro traduz as representações do cenário do Arraial observado e "enxergado" pelo sujeito enunciador, e o segundo é constituído pleas representações das "realidades imaginadas" e "realidades recordadas" por ele, fazendo uso de recursos linguístico-discursivos pretensamente eficazes para uma ação persuasiva de seus enunciatários: autoridades governamentais e habitantes do Tijuco e região, uma vez que Vieira Couto liderava uma acirrada disputa com os poderes constituídos da Real Extração em defesa dos direitos dos mineiros e dos seus próprios, sendo seus discursos manifestações divulgadas e, muitas vezes, enviadas às autoridades da Província e da Metrópole.

O primeiro eixo temático, composto de proposições descritivas, dispostas em uma organização hierárquica, do mais simples ao mais complexo, das representações das realidades materiais (terra, comércio, cabedal) para a situação humana (perdidos [homens], eles próprios, o escasso povo):

> A terra se despovoa, o comércio se estanca; uns não se atrevem a fazer girar seu cabedal, porque não sabem a hora em que se verão perdidos, ou eles próprios ou os que lhes compraram as fazendas. [...] o escasso povo que resta, descontente e como estúpido definha e nada se abalança, enquanto mede com os olhos o lugar para onde se retire. (COUTO apud SANTOS (1978, p.186).

A construção da realidade observada sob a ótica de Vieira Couto foi cuidadosamente estruturada com recursos linguístico-discursivos que denotam o sentido de retração, negação – "despovoa" (reduz o povoamento); "estanca" (para, imobiliza); "não se atrevem" (acomodam-se, não têm coragem); "perdidos" (sem rumo certo); "escasso povo descontente" (reduzido e mal-satisfeito) e "estúpido" (sem visão); "definha" (enfraquece); "nada se abalança" (não encontra solução); "retire" (uma fuga, afastameno) –, buscando-se imprimir as marcas de imobilidade, estado de torpor, depressão, desilusão, características dos objetos de discurso constitutivos das representações já catalogadas na memória do escritor que conviveu com a situação.

Marcuschi (2007, p.61-81) afirma que "o mundo comunicado é sempre fruto de um agir comunicativo, construtivo e imaginativo e não de uma identificação de realidades discretas e formalmente determinadas". Para o autor, as representações da cena enunciativa são marcadas por manifestações de envolvimento pessoal, de repúdio do enunciador que interpreta o sentimento do povo referenciado: "descontente" e "estúpido", "nada se abalança".

Visualiza-se, dessa forma, com considerável nitidez, o cenário: uma pequena povoação imobilizada pela desmotivação para o trabalho, um povo oprimido e infeliz diante de uma vida sem perspectivas.

A partir do quadro retratado, há um segundo eixo temático do excerto analisado, composto de duas proposições. A primeira mostra a presença do despotismo metropolitano entre o povo da Demarcação Diamantina, e a segunda focaliza um Tijuco em duas sequências descritivas: uma realidade imaginada (“Constantinopla”) e uma realidade recordada (“a povoação mais linda”), ou seja, um Tijuco arrasado que se contrasta com um Tijuco feliz do passado.

Para conferir maior expressividade, maior força argumentativa às proposições, Vieira Couto utiliza o recurso discursivo da retórica, a personificação, ou seja, ao abstrato despotismo (uma atitude dos governantes) ele atribui formas de figuras humanas assustadoras: é um despotismo “feio”, “magro”, “escarnado”, de “hedionda cara”, em que os recursos predicativos são categorizações da figura imaginada, que se assemelha à própria morte, como é descrita na cultura de muitos povos.

Para realçar a dramaticidade de suas representações desse quadro trágico (“e o retrato de um pequeno bairro de Constantinopla é o que hoje oferece o Tijuco”), o autor busca em sua memória, em seus conhecimentos de história, a representação cabal da destruição, da derrota, do pavor de uma epidemia que corroeu os nervos dos habitantes da nação invadida, saqueada pelos turcos.

Dessa forma, Vieira Couto constrói uma metáfora, um recurso estilístico com grande valor expressivo, como já se expôs no terceiro capítulo, que traduz uma analogia perfeita, numa alusão a um fato ocorrido na Europa, de onde vieram os Intendentes com seu poder de dominação e com sua desmedida ambição pelas riquezas minerais abundantes do pequeno arraial. Há o elemento de intercessão, a ambição desmedida dos turcos e dos portugueses, sendo o primeiro responsável pela desgraça de Constantinopla, e o segundo, pelos sofrimentos dos habitantes do Tijuco. Como afirma Moscovici (2009, p.54) sobre a construção das representações sociais, “tudo o que é dito ou feito no universo consensual, do senso comum, apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora mais que contradiz a tradição.”. Assim, o passado referido veio explicar o presente.

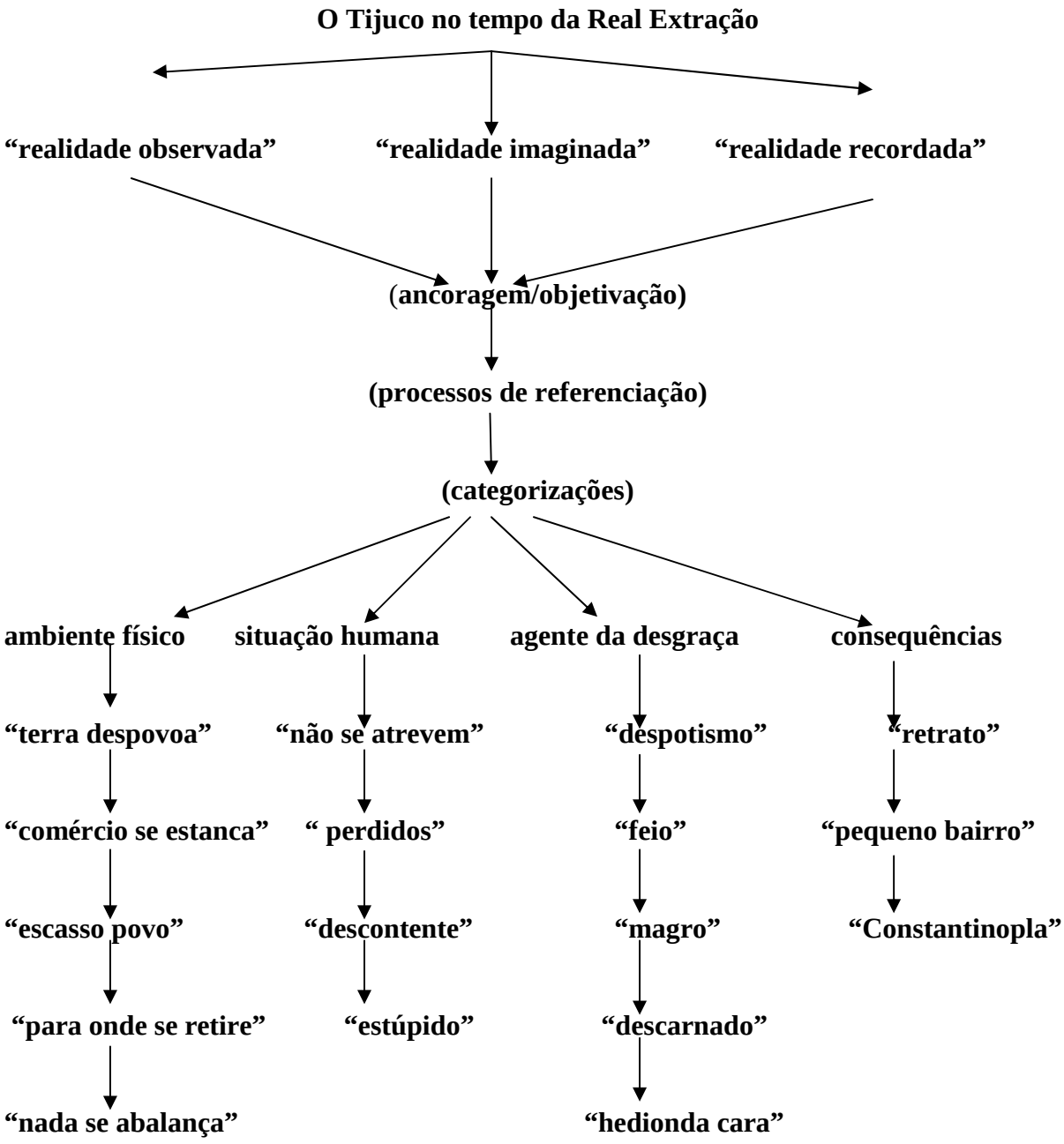
Conclui Vieira Couto, dessa forma, o quadro trágico da vida do Arraial do Tijuco após a implantação do sistema da Real Extração pela Coroa portuguesa e, finalmente, mostra o seu pesar pela observação da paisagem resultante do verdadeiro apocalipse, comparando-a às lembranças de uma terra feliz do passado carinhosamente armazenadas na sua memória de

filho da terra: “[...] a povoação mais linda, em outro tempo, de Minas.” (COUTO apud SANTOS, 1978, p.187). É a expressão da afetividade, do envolvimento do sujeito enunciador com sentimentos, em que se mesclam afeto, indignação e frustração.

Esses recursos discursivos usados são a matéria-prima dos dois processos da construção das representações sociais do enunciador, a ancoragem e a objetivação, que assim se realizam: há, primeiro, diante de um novo quadro descortinado, a busca das semelhanças entre os elementos observados e os paradigmas de categorias já pertencentes ao mundo das experiências anteriormente vivenciadas pelo sujeito enunciador. Acionados esses paradigmas, a nova ideia torna-se significativa, o que permite a sua comunicação aos enunciatários num processo de interação verbal de uma cena enunciativa contextualizada. Aceitos pela sociedade esses paradigmas figurativos construídos, essa imagem adquire certa independência, torna-se uma realidade convencional: há o processo de objetivação na construção das representações sociais que retratam não só a situação do povo, mas também seu estado de espírito subjugado pelo poder tirânico dos Intendentes, representantes do domínio português no Tijuco.

Mapa 2: Representações sociais construídas/expressas pelo sujeitoenunciador

"Tijuco, a povoação mais linda, em outro tempo, de Minas" (sem a Real Extração)



Foram identificados três níveis de representações no processo de objetivação: o **real**, o **simbólico** e o **imaginário**, em que o real é o "Tijuco estagnado"; o simbólico é "Constantinopla"; e o imaginário é o Tijuco, "retrato de Constantinopla", despojado de sua beleza: "a povoação mais linda, em outro tempo, de Minas".

Pelo diagrama, conclui-se que a imagem do conceito apresentado deixa de ser signo e torna-se uma entidade física: despotismo. O discurso de Vieira Couto pode ser considerado um discurso fundante, que buscou convencer os enunciatários da legitimidade de sua causa no passado, revelando, a despeito de fundadas dúvidas, características de formações ideológicas e formações discursivas. Retoma-se, então, Robin (1977), para quem cada formação ideológica é um complexo conjunto de atitudes e de representações que não são nem individuais, nem universais, mas se reportam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito, umas em relação às outras, num dado momento.

Em outras palavras, vê-se que as representações sociais evocadas e partilhadas pelo grupo social em diferentes contextos situacionais e tempos históricos que configuraram o povo português como déspota e perverso na condução das atividades de extração e comercialização dos principais produtos minerais, o ouro e o diamante, no distrito diamantino, são até certo ponto, impostas, transmitidas, são produtos de elaborações ocorridas no evoluir do tempo, presentes em sucessivas gerações. Elas têm uma natureza convencional e uma natureza prescritiva, como se expôs anteriormente no capítulo sobre a Teoria das RS, confirmando o que disse Moscovici (2003, p.54): “tudo o que é dito ou feito no universo consensual, do senso comum, apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora mais que contradiz a tradição.”.

Ressalte-se, portanto, que, nesse sentido, o discurso de Vieira Couto é atemporal, ou seja, refere-se a representações de uma realidade descrita desde os tempos antigos, em que as imagens se repetiam. Percebe-se, assim, que os discursos produzidos sobre o Tijuco passaram, num processo de intercursividade, numa correlação de conhecimentos, a orientar comportamentos e atitudes, haja vista o discurso de Augusto de Lima Júnior, mais tarde produzido (1978, p.62), destacando os efeitos da carta de Dom João V, de 16 de março de 1731, que suspendia todos os trabalhos de mineração nos moldes em que estavam sendo desenvolvidos:

> A ordem violenta e desumana aterrorizou os moradores da vasta região que se compreendia na carta-régia, ficando eles subitamente privados dos meios de subsistência, arrancados de seus lares, privados de suas roças e serviços, lançados inopinadamente na mais tremenda das misérias por uma resolução tomada à distância, sem exame das possibilidades de sua execução, sem o menor vislumbre de caridade cristã de um rei que se intitulava “Fidelíssimo”. (LIMA JÚNIOR, 1978, p.62).

De certa forma, Lima Júnior assimila e aceita as representações sociais construídas e divulgadas por discursos registrados na literatura pertinente, tendo um posicionamento muito

semelhante ao de Vieira Couto, um julgamento das atitudes da Coroa Portuguesa, de repúdio, de uma crítica severa ao Rei, à ausência nele do "menor vislumbre de caridade Cristã".

Em síntese, analisando o discurso de José Vieira Couto, percebe-se que a presença e a ação violenta de despotismo dos portugueses no Arraial do Tijuco representaram as causas primeiras da formação do espírito independente, combativo, rebelde dos tijcanos/diamntinenses, moldado na resistência e na luta, o que muito contribuiu para delinear os primeiros traços da formação de sua identidade. Mostrando a relação entre o Arraial do Tijuco e a cidade de Constatinopla, o autor realiza uma ação persuasiva para levar os tijucanos a uma justa e cabal reação, é um grito de alerta.

Vieira Couto foi autor de muitos discursos que circulavam no Arraial em defesa dos direitos do povo, e esses discursos, muitas vezes, constituíram-se em documentos enviados à Corte. A função interativa de seu discurso efetivou-se nas revoltas e manifestações das lideranças do Tijuco, como a história registra:

> O povo do Tijuco já estava cansado de sofrer um despotismo tão intolerável. [...] Cotidianamente formavam-se reuniões secretas para deliberar-se sobre os meios mais convenientes a sacudir um jugo, que tanto tempo pesava sobre nós. [...] A elas concorriam as principais pessoas do Tijuco, entre as quais o Dr. Vieira Couto, que era quem tudo dirigia. (SANTOS, 1978, p.255).

Assim, considera-se que seus pronunciamentos são mais que atitudes personalizadas, são vozes da comunidade de convivência, são representativas de determinadas organizações sociais, de grupos definidos, enfim, são representações sociais que orientaram comportamentos, determinaram ações, foram altamente prescritivas.

6.1.2 Segundo excerto: de Joaquim Felício dos Santos

Em segundo lugar, foram analisadas as representações construídas pelo doutor Joaquim Felício dos Santos, em sua obra *Memórias do Distrito Diamantino*, publicada em 1868. Constituída inicialmente de artigos publicados no periódico *O Jequitinhonha*, sua primeira edição data de 30 de dezembro de 1860.

> 2) As ideias dos enciclopedistas com rapidez propagaram-se por todo o mundo, pela facilidade da língua francesa; o Espírito das Leis e o Contrato Social constituíam o código da ciência política. No Brasil, apesar da proibição, ou talvez por causa dela, que excitava a curiosidade pública, eram essas obras introduzidas como contrabando, lidas com avidez e assim nós também participávamos do influxo benéfico da grande revolução moral que se realizava na Europa. A conspiração

> malograda de Minas, em 1789, foi um dos resultados das novas ideias em circulação. (SANTOS, 1978, p.230-231).

6.1.2.1 O contexto de produção: fatores históricos, sociais e situacionais

Consideram-se como ponto de partida as afirmativas de Moscovici (2003, p.37): "todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade [...] implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem [...]". Assim, retomando-se a proposta metodológica explicitada no item anterior para estudos da construção/interpretação das representações sociais do sujeito enunciador nos discursos analisados, passa-se, agora, a focalizar o seu contexto de produção, insistindo-se que ele é determinante na compreensão dos sentidos por elas veiculados.

A relação Europa/Arraial do Tijuco é vista aqui sob novas perspectivas, que não se restringem às relações dos colonizadores com o povo colonizado, mas situam o Tijuco diante da Europa, mudando o eixo de atenção para a França, centro de propagação das ideias dos enciclopedistas que combatiam a velha sociedade europeia no século XVIII.

Joaquim Felício dos Santos passa a justificar fatos ocorridos no Distrito Diamantino como resultantes da mudança de mentalidade, do modo de pensar dos líderes sociais, como reflexos dos novos tempos, das novas circunstâncias históricas, a partir das mudanças operadas na Europa e no Brasil.

Furtado (2003, p.27) afirma: "Apesar de afastado, o Arraial do Tijuco era como um caleidoscópio do mundo ao seu redor e a vida que lá transcorria espelhava seu tempo.". Felício das Santos comenta que, de todos os pontos da capitania, o Tijuco era o que entretinha relações mais imediatas não só com a Metrópole como com outros países da Europa, em razão do contrabando, que de contínuo se fazia pela Bahia e Rio de Janeiro, principalmente com a Holanda e Inglaterra, quase os únicos consumidores dos diamantes brutos extraviados.

Dessas relações diversas resultou que o Tijuco, antes de outras regiões, tornou-se conhecedor entusiasta da grande agitação política e moral por que passava a Europa no século XVIII e logo se animou com o mesmo espírito de filosofia dos enciclopedistas. Seus livros eram procurados e suas ideias de liberdade aceitas com entusiasmo e com desejo de que se tornassem realidade, uma vez que já se considerava tirania as pesadas exigências do "Livro da Capa Verde", o Regimento Diamantino e o conjunto de normas que regiam a Real Extração.

Felício dos Santos (1978) fez referência às mudanças de mentalidade ocorridas na Europa e no Brasil, na tentativa de explicar algumas razões do término do sistema de

contratos para a extração e a comercialização dos diamantes na Demarcação Diamantina, quando o desembargador João Fernandes foi chamado à Metrópole pelo Marquês de Pombal, ficando abolido o seu contrato:

> Alguns escritos dos filósofos e livres-pensadores da França, como objeto de contrabando, tinham-se introduzido entre nós, e começávamos sentir o peso do jugo metropolitano: a isto a Corte denominava contágio revolucionário, e a Inquisição, em sua linguagem mística, lepra hebraica. (SANTOS, 1978, p.173).

6.1.2.2 O sujeito enunciador, um pensador diamantinense, um "sujeito social"

Joaquim Felício dos Santos viveu em Diamantina como um integrante legítimo da sociedade, verdadeiro "sujeito social" que interagiu com as autoridades, a elite intelectual e os leitores de sua variada produção jornalística.

Na apresentação da primeira edição de sua obra *Memória do Distrito Diamantino*, aí denominada *Memória do Distrito de Diamantina da Comarca do Serro Frio*, em 1864, ele confessa o seu sentimento bairrista: "Quem mais ou menos não é bairrista? Não nego em mim esse sentimento. Embora, pois, me censure alguma minuciosidade nestas Memórias, vão publicadas, só com pequenas alterações, como saíram pela primeira vez no Jequitinhonha." (SANTOS, 1978, p.57).

Felício dos Santos (1828-1895) foi um dos homens mais ilustres e cultos de Diamantina: jurista, professor, jornalista, escritor, historiador e político. Dentre as suas obras, destacam-se: *Memórias do Distrito Diamantino*, *Acayaca* (romance), *Projeto do Código Civil Brasileiro*, *Comentários ao Código Civil Brasileiro* e *História do Brasil escrita no ano 2000*, (uma sátira política).

Notabilizou-se mais como jornalista, tendo sido fundador e editor do semanário *O Jequitinhonha*, que circulou em Diamantina a partir de 1860, divulgando editoriais com forte teor político, noticiários de interesse da população, artigos, e também os capítulos de seu livro de memórias e do romance *Acayaca*, além de diversos contos, novelas e peças de teatro.

Pode-se afirmar que Felício dos Santos foi, sem sombra de dúvida, o protótipo do sujeito sociológico definido por Hall (2003, p.11) que refletia a crescente complexidade do mundo moderno: "formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e símbolos da cultura dos mundos que ele/ela habitava.". Suas representações foram construídas com a incorporação de ações e discursos de outros integrantes do próprio grupo, possuindo traços de uma alteridade constitutiva, como

observa Bronckart (1999), ou seja, o seu discurso é a voz da comunidade. Em outras palavras, ele foi um verdadeiro agente da ação de linguagem que se concretizou no texto empírico, expressão de suas representações sociais que retrataram o contexto físico e social de sua ocorrência, expressaram o conteúdo temático de suas atividades interacionais, enfim, marcaram o seu próprio estatuto de agente social.

6.1.2.3 Dimensões internas das representações sociais: recursos linguístico-discursivos estruturais dos eixos temáticos

A importância de se explicitar a estrutura discursiva das representações sociais pode ser constatada na proposta de análise das representações por Bernard Py (2000), que alerta os analistas de que a linguagem não é transparente e que ela intervém de modo decisivo na elaboração das representações, isto é, a configuração discursiva não é um simples reflexo de uma representação existente, mas contribui para a construção de sua natureza.

Assim considerando, ressalta-se, inicialmente, que se parte da identificação do excerto como pertencente ao gênero discursivo Memórias, em que predominam as sequências narrativas, as ações verbais, fatos situados num espaço/tempo, numa atividade sociointerativa de sujeitos de linguagem. Essas sequências narrativas dão forma às diversas proposições que formam o eixo temático “a chegada no Brasil das ideias enciclopedistas francesas e suas primeiras consequências”.

Conforme roteiro estabelecido, as categorias observadas na análise das representações manifestadas no excerto apresentado são: 1) as proposições constitutivas do eixo temático; 2) os recursos linguístico-discursivos usados na construção do sentido das diversas proposições; 3) a identificação da força expressiva, persuasiva desses recursos como constitutivos das representações sociais.

As referidas proposições são os fatos categorizados numa hierarquia da lógica da narrativa, selecionados na perspectiva subjetiva das representações sociais de Felício dos Santos:

a) As ideias dos enciclopedistas propagaram-se com rapidez por todo o mundo, pela facilidade da língua francesa;
b) o *Espírito das Leis* e o *Contrato Social* constituíam o código da ciência política;
c) no Brasil, apesar da proibição, ou talvez por causa dela, que excitava a curiosidade pública, essas obras eram introduzidas como contrabando, lidas com avidez;

d) assim, nós também participávamos do influxo benéfico da grande revolução moral que se realizava na Europa;
e) a conspiração malograda de Minas, em 1789, foi um dos resultados das novas ideias em circulação.

Nas proposições acima destacadas, de sequências narrativas encadeadas, os recursos linguístico-discursivos indicadores das variações dos fatores tempo e aspecto dos sintagmas verbais desempenham uma função semântica importante para a construção do sentido das representações, na medida em que se referem a fatos concluídos, marcados por sintagmas verbais, no tempo pretérito perfeito, (“propagaram-se” e “foi”), que indicam o aspecto de conclusão, ou se referem a um aspecto inconcluso, no pretérito imperfeito (“constituíam”, “excitava”, “eram lidas”, “participávamos”, “realizava”).

Tem-se nesse processo uma perspectiva discursiva dos estudos desenvolvidos por Franchi e Cançado (2003) sobre a teoria generalizada dos papéis temáticos no discurso: a) uma causação ou origem; b) um processo ou movimento; e c) uma meta, um resultado, uma consequência, categorias ressaltadas numa referência superficial ao trabalho citado.

Tornando mais explícito: a primeira proposição revela o fato desencadeador do processo, enquanto a última é uma consequência, o resultado, sendo ambas processos categoricamente terminados, concluídos. Enquanto isso, as demais proposições, as intermediárias, apresentam o seu desenvolvimento no tempo histórico, são processos e fatos em continuidade.

A função discursiva dessas estruturas de efeito contínuo, em evolução, é de grande importância para os propósitos desta pesquisa, uma vez que elas mostram o desenvolvimento de uma mudança político-social gradual, um *continuum* em processo duradouro, em que as circunstâncias e predicações acrescentam variantes significativas no desenvolver das novas ideias no Brasil, no Tijuco, ao longo do tempo. Esse recurso discursivo significa a marcação do processo de evolução de uma mudança dos parâmetros sociais e políticos avidamente buscada pela liderança social do Tijuco, que se desenvolveu e se solidificou, dando novos contornos socioculturais à sociedade tijucana.

Dando prosseguimento às observações sobre os recursos discursivos, seus valores semânticos, destaca-se que, na proposição “nós também participávamos”, ou seja, a inclusão da primeira pessoa (forma pronominal e forma verbal) indica a participação do Tijuco nas mudanças sob a influência da filosofia, das ciências políticas francesas, reforçadas pela partícula denotativa de inclusão (“também”), enfatizando a tese defendida de que o Brasil, o

Tijuco, estiveram presentes como participantes ativos nas mudanças efetuadas sob a influência do “Velho Continente”, o que deixou marcas indeléveis na cultura nascente do Brasil, do Arraial, resultantes de modelos socioculturais buscados.

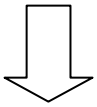
Felício dos Santos acrescenta, pelas modalizações influxo “benéfico” e “grande revolução moral”, sua avaliação positiva, o sentido de conveniência de se seguirem os caminhos das inovações pregadas pelos pensadores europeus, da aceitação dos paradigmas ditados por novas diretrizes filosóficas, políticas e sociais. Somam-se a esses recursos linguístico-discursivos as relações de modalidade, concessão, causa, expressões predicativas (“pela facilidade da língua francesa”, “apesar da proibição”, ou “talvez por causa dela”, “que excitava a curiosidade pública”, “eram essas obras introduzidas como contrabando, lidas com avidez”), que constituem significativos detalhes inseridos nas proposições, possibilitando identificar, mais uma vez, o julgamento do autor, suas considerações, o seu interesse pelas ocorrências relatadas, enfim, suas representações que tanto influenciaram os habitantes do Tijuco/Diamantina.

Os espaços definidos nas sequências narrativas, do mais geral para o mais particular – “por todo o mundo”, “Europa” e “Brasil” – mostram, mais uma vez, a inclusão do povo brasileiro na cultura mundial, sua relação com o velho continente, que apontava os caminhos e os novos continentes que lhes seguiam os passos.

Joaquim Felício (1978, p.231) registra a sua atitude de certo regozijo pelas mudanças, em suas *Memórias*: “Nossa sociedade neste canto do mundo também logo se animou com o mesmo espírito de filosofia dos enciclopedistas; seus livros eram procurados com sofreguidão com tanto mais predileção, quanto mais tínhamos necessidade de vê-las realizadas.”.

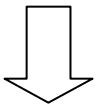
Mapa 3: Representações Sociais construídas/expressas pelo sujeito-enunciador no seu aspecto evolutivo: desencadeamento, desenvolvimento continuado e finalização

Representações construídas



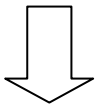
tijucanos participantes das mudanças sociais europeias

Processos de construção



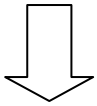
referenciação/categorização e ancoragem/objetivação

Fato desencadeador



"ideias dos enciclopedistas com rapidez propagaram-se por todo o mundo"

Fatos de ação continuada

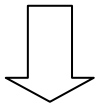


"o *Espírito das Leis* e o *Contrato Social* constituíam o código da ciência política"

"no Brasil, eram essas obras lidas com avidez"

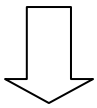
"nós participávamos do influxo benéfico da revolução moral da Europa"

Fato-consequência



malograda de Minas, em 1789, resultado das novas ideias

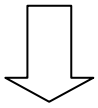
Envolvimentos subjetivos do sujeito-enunciador (modalizações)



"nós participávamos": 1ª pessoa do plural / inclusão

"influxo benéfico": apreciação valorativa

Circunstâncias e predicações



"pela facilidade da língua francesa"

"apesar da proibição"

"ou talvez por causa dela"

"como contrabando"

"que excitava a curiosidade pública"

"lidas com avidez"

Essas representações sociais que focalizam as ideias enciclopedistas no mundo, sua implantação no Brasil, no Tijuco, e a comprovação de sua força como agente das mudanças

armazenadas no imaginário social, que a tradição se encarregou de consolidar e divulgar, foram construídas pela ancoragem/objetivação dos processos de referenciação/categorização dos objetos de discurso, que tomam forma de “realidades”, confirmando o que Abric (2000, p.13) afirma: “A representação funciona como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações do indivíduo com seu meio físico e social, ela vai determinar seus componentes e suas práticas.”.

As RS são, portanto, contribuições para a definição das atitudes e dos comportamentos de uma “cívica altivez”, numa persistente defesa dos direitos dos habitantes do Distrito Diamantino à liberdade, ao exercício da cidadania, incluindo o direito legítimo ao trabalho produtivo para a própria subsistência dos garimpeiros, dos comerciantes e demais habitantes da região. Os modos de vida dos habitantes, seus hábitos foram sendo modificados a partir dos movimentos filosóficos e sociais do Velho Mundo trazidos para o Arraial, o que, sem dúvida, sedimentou a formação da identidade dos seus habitantes e novas formas de manifestações culturais.

6.1.3 Terceiro excerto: de Aires da Mata Machado Filho

Seguiu-se a análise das representações do Professor Aires da Mata Machado Filho (1969, s/p) flagradas em um fragmento da Aula Inaugural ministrada na Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina (FAFIDIA) sobre a cultura no Tijuco/Diamantina:

> 3) [...] Estas palavras de Saint Hilaire, que aqui esteve já no tempo do Intendente Câmara, valem por si mesmas e pela tradição que pressupõem. ‘Encontrei em Tijuco mais ilustração que em todo o resto do Brasil, mais gosto pela literatura e um amor mais vivo pela instrução. Muitas pessoas, possuídas de uma nobre emulação, aí aprenderam o francês sem mestre. Conhecem nossos melhores autores e alguns depois de um longo exercício consigo mesmos conseguiram poder falar nossa língua de um modo inteligível, só com auxílio de uma gramática muito imperfeita. E ainda, o que era significativo nesse tempo: “os habitantes do Tijuco escrevem com belos caracteres e a este respeito podem rivalizar com os mais hábeis ingleses”. [...] Indestrutível como “aquele serro curvado que mura a cidadezinha”, dos versos de Aureliano Lessa, aqui se cultiva ininterruptamente essa tradição de cultura. A imprensa local, em cujas colunas ecoaram todas as grandes causas, não raramente influiu no resto do país quando tal era possível a semanários do interior, vigorosamente redigidos. O Seminário do Coração de Jesus, o Colégio Nossa Senhora das Dores, o extinto Internato São Vicente de Paulo, todos da segunda metade da centúria passada, serviram ao norte de Minas, até ao sul e ao centro da Bahia. Diamantina hoje como ontem é a capital cultural de extensa região. [...] A presença de europeus em Diamantina muito contribuiu para lhe elevar o grau de cultura. Eram todos “ingleses” na designação popular, menos os franceses, que se distinguiram. [...] Do fim da “belle époque”, até um pouco além da primeira grande guerra, rapazes e moças discreteavam em francês, quando “batiam capistrana”, para fazer bonito ou “esnobar”, como hoje se diz barbaramente. Aliás, da fina educação do centenário Colégio Nossa Senhora das Dores fazia parte, ainda mais antigamente

> do que hoje, o esmerado ensino do idioma que foi a segunda língua dos homens de letras e de pensamento do Brasil, enquanto o nosso meridiano intelectual passava por Paris, no dizer de Eduardo Frieiro. (MACHADO FILHO, 1969, s/p).

6.1.3.1 O contexto de produção: fatores históricos, sociais e situacionais

A riqueza de detalhes do excerto analisado já oferece dados do contexto temporal no que diz respeito ao "tempo longo, de domínio das memórias coletivas, do imaginário social" e do "tempo referente ao processo de socialização em função do grupo de pertença, da disseminação das ideias", mas ainda requer comentários quando se trata do "tempo curto da interação do evento enunciativo, do aqui/agora, em que os integrantes de uma comunidade interagem num determinado tempo, em sua vida social", conforme ensinamentos de Spink (2009, p.122), ao propor a classificação de diferentes modalidades de contexto.

Assim considerando, há de se conhecer o contexto de interação sociodiscursiva do sujeito enunciador, o Professor Aires, com os enunciatários, o auditório que participava da efeméride, a Inauguração da Faculdade.

Em 1969, depois de ingentes esforços de diamantinenses que lideravam a vida social e administrativa de Diamantina, somados ao apoio de políticos das esferas estaduais, instalava-se em Diamantina a inicialmente denominada Universidade do Vale do Jequitinhonha, o que representou uma grande vitória alcançada, epopeia minuciosamente descrita durante a solenidade de sua instalação pelo doutor João Meira, Presidente da Fundação mantenedora da nascente Instituição.

Tem-se claro que o Professor Aires, ilustre orador, em sua aula magistral, relembrando episódios da história da gloriosa Diamantina, teve como escopo conclamar os presentes para se unirem àqueles que deram o primeiro passo para que a cidade pudesse proporcionar uma formação superior aos diamantinenses e vizinhos, frisando o caráter regional da Faculdade de Filosofia e Letras (FAFIDIA) e mostrando que o acontecimento presente significava mais uma conquista cultural somada às demais bem conhecidas e exaltadas nas páginas da história da terra dos diamantes.

6.1.3.2 O sujeito do discurso: um intelectual filho de Diamantina

Em referências anteriores, foram mostradas facetas do *curriculum* do Professor Aires da Mata Machado Filho que o distinguem como um diamantinense "ausente-presente", sabendo a hora certa de deixar a Capital para participar dos eventos, exercer a diretoria da

faculdade, ministrar suas aulas semanais e, enfim, desempenhar o seu papel de integrante ativo das lutas empreendidas pela sua terra natal para a manutenção de sua cultura, associada aos progressos que foram se registrando nas diversas áreas do conhecimento humano e das conquistas sociais.

Pertencente ao rol dos diamantinenses ilustres, bem-sucedido escritor, professor de Língua Portuguesa e Literatura, grande conhecedor da história de sua terra, faz parte do seleto grupo da intelectualidade da "Atenas do Norte", como se costuma denominar Diamantina. Professor universitário, escritor, pesquisador, deficiente visual, o Professor Aires foi um grande exemplo de superação, tornou a sua vida uma lição de persistência, de devotamento à vida intelectual.

É justificável que se repita: construiu Aires da Mata Machado Filho suas representações sob a sua perspectiva de diamantinense membro de um grupo social definido e afetado pelo sentimento que se costuma denominar hoje de "diamantinidade", que se caracteriza pela admiração dos seus filhos pela terra e também pelo não velado orgulho de certa superioridade intelectual e social em razão de sua específica história, em sua relação ao restante do Vale do Jequitinhonha, o que lhe valeu ser considerada a sua capital cultural. Necessário se torna de imediato identificar, dentre as discutidas no primeiro capítulo, a acepção de cultura adotada pelo Professor: a formação intelectual, as habilidades referentes ao ato de aprender, um conjunto de conhecimentos teóricos e práticos que se aprendem e que se transmitem aos contemporâneos e aos futuros pertencentes da comunidade.

Nesse enunciado, o primeiro segmento revela a declaração de que houve contribuição dos europeus e, em seguida, há um posicionamento do enunciador diante de um julgamento ("para lhe elevar o grau de cultura") que mostra, por meio do item lexical elevar, que a contribuição foi de crescimento, valorização, melhoria. Assim, o elevar pressupõe uma cultura mais simples do povo diamantinense, ainda carente de um conjunto de conhecimentos, de uma erudição, que só os estudos garantem a determinado discurso enunciado.

6.1.3.3 Dimensões internas das Representações Sociais: recursos linguístico-discursivos estruturais dos eixos temáticos

Veem-se no discurso do Professor Aires algumas respostas aos principais questionamentos formulados sobre os campos das atividades humanas e a diversidade de manifestações culturais considerados reveladores da influência europeia na formação cultural do Arraial do Tijuco/Diamantina.

O excerto apresenta três eixos temáticos, dispostos em proposições que se relacionam, garantindo a unidade. O eixo temático do primeiro fragmento é: “alto grau de cultura encontrado no Tijuco e seus elementos, constitutivos, quando Saint Hilaire visitou o Tijuco”.

> Estas palavras de Saint Hilaire, que aqui esteve já no tempo do Intendente Câmara, valem por si mesmas e pela tradição que pressupõem. ‘Encontrei em Tijuco mais ilustração que em todo o resto do Brasil, mais gosto pela literatura e um amor mais vivo pela instrução. Muitas pessoas, possuídas de uma nobre emulação, aí aprenderam o francês sem mestre. Conhecem nossos melhores autores e alguns depois de um longo exercício consigo mesmos conseguiram poder falar nossa língua de um modo inteligível, só com auxílio de uma gramática muito imperfeita. E ainda, o que era significativo nesse tempo: “os habitantes do Tijuco escrevem com belos caracteres e a este respeito podem rivalizar com os mais hábeis ingleses.” (MACHADO FILHO, 1969, s/p/.).

Com o uso de processos de referenciação/categorização, são selecionados e identificados os fatos referentes de acordo com a intenção do autor de mostrar as diversas modalidades de manifestações de cultura, as quais são elencadas na ordem das proposições constitutivas das representações construídas

“mais **ilustração**”;
“mais gosto pela **literatura**”;
“um amor mais vivo pela **instrução**”;
“**aprenderam o francês** sem mestre”;
“de um **falar nossa língua** modo inteligível”;
“**escrevem com belos caracteres**”.

O eixo temático do segundo fragmento: “as provas de que Diamantina é a capital cultural de extensa região”.

> [...] Indestrutível como “aquele serro curvado que mura a cidadezinha”, dos versos de Aureliano Lessa, aqui se cultiva ininterruptamente essa tradição de cultura. A imprensa local, em cujas colunas ecoaram todas as grandes causas, não raramente influiu no resto do país quando tal era possível a semanários do interior, vigorosamente redigidos. O Seminário do Coração de Jesus, o Colégio Nossa Senhora das Dores, o extinto Internato São Vicente de Paulo, todos da segunda metade da centúria passada, serviram ao norte de Minas, até ao sul e ao centro da Bahia. Diamantina hoje como ontem é a capital cultural de extensa região. (MACHADO FILHO, 1969, s/p).

As provas referidas são aqui especificadas, focalizando-se as diversidades de manifestações culturais, sempre valorizando a cultura como detenção de conhecimento e suas práticas:

a) **literatura**: “aquele serro curvado que mura a cidadezinha, dos versos de Aureliano Lessa, aqui se cultiva ininterruptamente essa tradição de cultura”;
b) **jornalismo**: “A imprensa local, em cujas colunas ecoaram todas as grandes causas, não raramente influiu no resto do país”;
c) **domínio de língua estrangeira**: “rapazes e moças discreteavam em francês”;
d) **ensino de qualidade**: “O Seminário do Coração de Jesus, o Colégio Nossa Senhora das Dores, o extinto Internato São Vicente de Paulo, [...] serviram ao norte de Minas, até ao sul e ao centro da Bahia”;
e) **liderança cultural**: “Diamantina hoje como ontem é a capital cultural de extensa região”.

O terceiro fragmento tem como eixo temático: “a contribuição da presença de europeus na formação cultural do Tijuco/Diamantina”.

> A presença de europeus em Diamantina muito contribuiu para lhe elevar o grau de cultura. Eram todos “ingleses” na designação popular, menos os franceses, que se distinguiram. [...] Do fim da “belle époque”, até um pouco além da primeira grande guerra, rapazes e moças discreteavam em francês, quando “batiam capistrana”, para fazer bonito ou “esnobar”, como hoje se diz barbaramente. Aliás, da fina educação do centenário Colégio Nossa Senhora das Dores fazia parte, ainda mais antigamente do que hoje, o esmerado ensino do idioma que foi a segunda língua dos homens de letras e de pensamento do Brasil, enquanto o nosso meridiano intelectual passava por Paris, no dizer de Eduardo Frieiro. (MACHADO FILHO, 1969, s/p).

O Professor Aires reforça o sentido da alusão já feita anteriormente de ter sido a França quase um modelo de civilização a ser copiado, “na moda, comportamento, artes, padrão de beleza, literatura e pensamento”, o que se nota nas expressões grifadas:

menos os franceses, que se distinguiram;
rapazes e moças **discreteavam em francês**, quando “batiam capistrana”, **para fazer bonito ou** “**esnobar**”;
o **esmerado ensino do idioma [francês];**
segunda língua dos homens de letras e de pensamento do Brasil, enquanto **o nosso meridiano intelectual passava por Paris**[...].

A expressão grifada “batiam capistrana” refere-se ao costume de moços e moças caminharem ao final da tarde e à noite na rua central da cidade, indo e voltando repetidas vezes, enquanto conversavam ou buscavam os olhares de jovens para um possível relacionamento amoroso. “Capistranas” são as pedras da rua, enfileiradas, em que se pisava. O termo esnobar demonstra o sentimento de superioridade, de admiração pelos modos e conquistas das pessoas com mais cultura, no caso, o domínio da língua francesa.

Essa caminhada pela Capistrana, que passou a denominar parte da rua, cruzava uma pequena praça que tem o nome de Ponto Chique (Chic) e constitui o centro de encontro da juventude diamantinense e dos turistas que vão assistir à famosa Vesperata, uma apresentação musical feita quinzenalmente durante o período programado.

Mapa 4: representações sociais construídas/expressas nos três fragmentos

1º fragmento: **valorização das manifestações culturais dos diamantinenses: erudição, domínio de conhecimento, bom desempenho linguístico na comunicação e nas produções literárias**

“mais **ilustração** que em todo o resto do Brasil”,
“mais gosto pela **literatura**”
“um amor mais vivo pela **instrução**”,
“**aprenderam o francês** sem mestre”,
“de um **falar nossa língua modo inteligível**”,
“escrevem com **belos caracteres**”

2º fragmento: **diversos campos de destaque de Diamantina na cultura, marcada, muitas vezes, pela erudição nela constatada**

⇨ **a literatura**
⇨ **o jornalismo**
⇨ **o domínio de língua estrangeira: o francês**
⇨ **a boa qualidade do ensino**
⇨ **a liderança cultural da cidade na região**

3º fragmento: **preponderância da influência francesa e a sua valorização**

"menos **os franceses,** que se distinguiram";
discreteavam em francês, quando "batiam capistrana", **para fazer bonito ou "esnobar**";
"**o esmerado ensino do idioma [francês]**";
"**segunda língua dos homens de letras [...] do Brasil;**
"o nosso meridiano intelectual passava por Paris".

O discurso do Professor Aires constituiu uma representação comum ao seu grupo de pertença, a "intelectualidade diamantinense", que valorizava a formação e a competência intelectual, o domínio de conhecimentos moldados nos parâmetros da cultura francesa, capazes de garantir melhor padrão social e cultural.

Enfim, na encenação enunciativa entre o sujeito-enunciador e os seus enunciatários, ouvintes de sua Aula Inaugural, contata-se uma orientação, uma proposta de se tomarem os sentidos das representações sociais construídas/comunicadas de acordo com o padrão cultural de uma sociedade elitizada, tendo a França como modelo. Isso vem comprovar a hipótese levantada de que a presença de europeus no nascente vilarejo mineiro foi muito valorizada, tendo influenciado a formação da identidade de seus habitantes e a definição da identidade dos tijucanos/diamantinenses como detentores de vasto saber e sempre interessado pelas conquistas no campo dos estudos. Ser culto era, portanto, pertencer à intelectualidade o que garantia maior prestígio social. Pode-se perceber que esses referenciais têm mudado ao longo da história da "Atenas do Norte".

6.1.4 Quarto excerto: de Junia Ferreira Furtado

> 4) A encenação desses libretos [*Porfiar amando, Xiquinha por amor de Deus, Os Encantos de Medeia* e o *Anfitrião*] na Chácara da Palha revela que o arraial acompanhava os sucessos teatrais do Reino, e, portanto, havia trânsito cultural fértil e constante. Eram espetáculos que exigiam domínio de arte cênica, mas não só: contavam com a participação de conjuntos musicais e de coro, o figurino era composto de trajes variados e elegantes, e muitas vezes espetáculos pirotécnicos e outros divertimentos encerravam as apresentações.
> João Fernandes e Chica da Silva também promoviam saraus de música, ao que parece de boa qualidade. (FURTADO, 2003, p.186).

6.1.4.1 O contexto de produção: fatores históricos, sociais e situacionais

Dando continuidade à pesquisa, foram analisadas as representações da historiadora Junia Furtado (2003) manifestadas em um excerto da obra *Chica da Silva e o contratador dos diamantes: o outro a lado do mito*, presente no capítulo "Minas de esplendor", que versa sobre as relações entre as produções culturais europeias e as do Arraial do Tijuco.

Conforme descrito no segundo capítulo do presente trabalho, em que foram delineados os diversos períodos da história do Arraial do Tijuco/Diamantina, essa foi a época em que o Contratador João Fernandes de Oliveira exerceu as suas funções junto com a famosa Chica da Silva (1753-1770), administrando as terras diamantinas como verdadeiro soberano e fazendo da vida no Arraial uma réplica da Metrópole.

A "Chácara da Palha" foi o palco das apresentações artísticas com a opulência da Corte, o que leva os diamantinenses de origem ou adoção imaginarem-se num verdadeiro conto de fadas. Esse período deu origem a um rico acervo de histórias e lendas com descrições de romances e registro de adversidades e prazeres, quando uma verdadeira Corte nos moldes europeus foi instalada no rico Arraial do Tijuco, fato que até hoje excita a curiosidade e o interesse dos estudiosos da história mineira.

6.1.4.2 O sujeito enunciador do discurso: uma pesquisadora

Ao se propor um trabalho acadêmico embasado na história do Tijuco/Diamantina, nos dias atuais, é inadmissível não visitar as variadas pesquisas empreendidas pela historiadora, pesquisadora e professora Junia Ferreira Furtado, que, ligada a Diamantina desde a sua infância, aprendeu a se interessar pela cidade, tornando-a frequente objeto de estudos históricos. Em vários momentos, percebeu-se o empenho de Junia em se aprofundar na busca e análise de dados. Ao relatar suas descobertas, ela parecia transfigurar-se pela incontida emoção no brilho de seus olhos e agitação de seus movimentos de enunciadora de um discurso entusiástico, mas que inspirava a certeza de uma verdade buscada a todo custo, como se espera de um bom historiador.

O livro da Capa Verde, o *Regimento Diamantino de 1771 e A Vida do Distrito Diamantino no Período da Real Extração* (1996) e *Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes: o outro lado do mito* (2003) são duas de suas obras que vieram trazer novas luzes sobre a história de Diamantina, especialmente um novo perfil da figura controvertida de Chica da Silva, traçado na segunda obra citada. Nesse trabalho, Furtado (2003) desconstruiu a

imagem da “perversa concubina” do Contratador João Fernandes de Oliveira, redimensionando-a como uma mulher comum da sociedade do século XVIII, mãe, dona de casa, que desempenhava o seu papel social de acordo com o lugar que ocupou, mostrando o que a escritora chama de “o outro lado do mito”. Vale acrescentar que essa versão, ainda que devidamente comprovada, tirou de alguma forma a magia e o encanto da história lendária da mulher mais poderosa do Tijuco.

No terceiro capítulo deste trabalho foram tecidos comentários sobre as variações da representação social de Chica da Silva, a partir da representação de referência (RR) do mito, conferindo-se à historiadora a responsabilidade de uma mudança radical da representação já consolidada no imaginário social.

Diante do reconhecimento da credibilidade atribuída ao trabalho da pesquisadora Junia Furtado, as suas proposições no excerto de discurso analisado constituem prova irrefutável de que foi decisiva e importante a participação da Europa na formação cultural de Diamantina: “o arraial acompanhava os sucessos teatrais do Reino, e, portanto, havia trânsito cultural fértil e constante.” (FURTADO, 2003, p.186). Essa asserção acrescenta mais uma prova da verdade da hipótese levantada nesta tese, o que se vai sendo demonstrado paulatinamente.

6.1.4.3 Dimensões internas das representações sociais: recursos discursivo-linguísticos estruturais dos eixos temáticos

Como já se ressaltou, é inquestionável na construção/expressão das representações sociais a força expressiva da linguagem, sua interveniência na construção dos objetos de discurso. Como assevera Py (2000), a linguagem intervém na substância da mensagem que ela transmite, sendo uma intervenção precedente na construção do discurso e uma intervenção posterior pela interpretação, num processo de reflexividade. Ao se classificarem como representações os dados históricos descritos no excerto analisado oportuniza retomar considerações inseridas no quarto capítulo sobre as pesquisas científicas de Spink e Menegon (1995, p.73): “os cientistas não estão apenas engajados na descrição passiva de fatos pré-existentes sobre o mundo, mas também estão engajados na formulação ou construção ativa das características desse mundo.”. Logo, conclui-se que o conhecimento científico é determinado pelas relações sociais, sistemas de crenças e valores das comunidades científicas.

Assim, analisa-se a construção das representações no excerto observando-se algumas categorias importantes que orientam a intervenção posterior da interpretação, dispostas em eixos temáticos e recursos linguístico-discursivos usados na sua construção.

a) eixo temático: **a apresentação teatral no Tijuco como reprodução de parâmetros culturais da Europa**;
b) recursos linguístico-discursivos: **proposições declarativas encadeadas em uma sequência expositiva**.

O excerto selecionado foi dividido em três fragmentos, formados por proposições. No primeiro fragmento, há duas proposições complementares (completivas) e uma terceira de sentido conclusivo:

a) a encenação desses libretos [*Porfiar amando, Xiquinha por amor de Deus, Os Encantos de Medeia* e o *Anfitrião*] na Chácara da Palha revela;
b) que o arraial acompanhava os sucessos teatrais do Reino;
c) e, portanto, havia trânsito cultural fértil e constante.

A primeira e a segunda proposições constituem uma afirmação categórica da estreita relação entre as manifestações culturais do arraial com a Corte, e a terceira traz a conclusão de que essa relação não era esporádica, mas constante e produtiva, confirmando que o Tijuco espelhava a cultura europeia liderada pela França durante os séculos XVIII.

No segundo fragmento, as proposições enumeram as diversas modalidades de manifestações artísticas exigidas pelo espetáculo de teatro:

a) eram espetáculos que exigiam domínio de arte cênica, mas não só;
b) contavam com a participação de conjuntos musicais e de coro;
c) o figurino era composto de trajes variados e elegantes;
d) e muitas vezes espetáculos pirotécnicos e outros divertimentos encerravam as apresentações.

A pesquisadora demonstra a complexidade do processo de uma formação cultural incipiente numa região afastada dos centros desenvolvidos da Europa: a) “arte cênica”; b) “conjuntos musicais”; c) “coro”; d) “figurino: trajes variados e elegantes”; e) “espetáculos pirotécnicos”; e f) “outros divertimentos”.

Isso representa toda uma gama de habilidades e competências que foram exercitadas, trabalhadas, cujas histórias escritas ou retratadas em filmes, ricas de detalhes, são apreciadas

na atualidade pelos admiradores de Diamantina, comprovando que o Tijuco procurava, por meio da moda, comportamento, artes, padrão de beleza, literatura, filosofia, imitar os modelos europeus.

O terceiro fragmento apresenta, na primeira proposição, uma nova modalidade de manifestação cultural promovida no Palácio da Palha, e na segunda proposição esboça uma avaliação positiva da música que era apresentada.

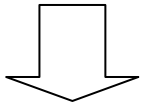
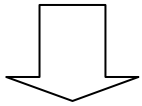
a) João Fernandes e Chica da Silva também promoviam saraus de música;
b) ao que parece de boa qualidade [música].

Interessante aqui seria a edição de um vídeo que reproduzisse os espetáculos descritos nessa pitoresca paisagem do passado, tal qual os escritores os descrevem. Mas, na falta desse recurso audiovisual, mostra-se, apenas, a organização estrutural do excerto do discurso que revela as representações que foram construídas a partir de relatos de memorialistas, de documentos históricos e da tradição oral que confirmam categoricamente: "havia trânsito cultural fértil e constante" entre o Tijuco e a Europa.

Mapa 5: Representações sociais construídas/expressas pelo sujeito enunciador

1) **Proposição inicial**

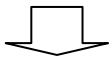
"A encenação desses libretos revela que o arraial acompanhava <u>os</u> sucessos teatrais do Reino"

presente histórico (passado) continuidade do processo

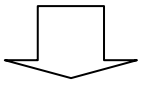
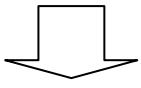
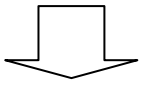
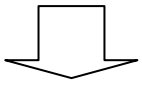
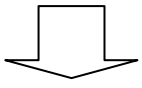
2) Proposição conclusiva

"**e, portanto, havia trânsito cultural fértil e constante**"



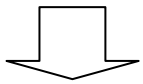
(passado inconcluso, continuidade do processo).

3) Diversidades dos componentes das apresentações

"arte cênica" "conjuntos musicais" "coro" "figurino" "espetáculos pirotécnicos"

4) “Outros divertimentos”



“saraus de música, promovidos por João Fernandes e Chica da Silva”

Enfim, essas afirmações de que o Tijuco reproduzia os sucessos teatrais da Europa e de que houve continuidade do processo bem-sucedido das manifestações artísticas importadas do Reino buscam mostrar os benefícios que a relação Europa/Tijuco trouxe para o Arraial plantado nos rincões de Minas Gerais. Assim, as representações que se consolidaram no imaginário popular são de um “pequeno reino”, exuberante e fantástico, em que a riqueza e opulência do “velho mundo” se renovavam com características bem específicas de um novo continente.

Conforme representações de José Teixeira Neves (1951), em seu artigo *O teatro em Diamantina*. *Suas origens e evolução, até o fim do século XIX*, na revista *Acaiaca*, o Teatro Santa Isabel viveu dias de glória no Tijuco com a prática das artes cênicas no Arraial do Tijuco:

> A arte dramática ainda se não tinha beneficiado com a expansão que lhe adviera do surto de liberdade emergido da revolução francesa de 1789; o gênio criador de Talma estava ainda a despontar com as transformações, objetivando maior fidelidade das cenas; e já em Diamantina, então arraial do Tijuco, situada a 1000 quilômetros do Rio de Janeiro, apresentava esse belo índice de civilização e de cultura, que é o gosto pelo teatro. (NEVES, 1951, p.36).

Recentemente, foi reconstruído, inaugurado e está em funcionamento o novo Teatro Santa Isabel, no mesmo local em que funcionou no século XIX (1841), ano provável de sua inauguração, de acordo com José Neves (1951, p.38).

Diamantina conservou essa tradição e não está tão distante a época em que se organizavam grupos de teatro até mesmo como atividades escolares, sendo o Seminário Arquidiocesano e o Colégio Nossa Senhora das Dores educandários que, periodicamente, faziam apresentação de peças teatrais para a comunidade estudantil, seus familiares e pessoas da comunidade diamantinense ligadas aos estabelecimentos.

6.2 Análise dos dados

Retomando-se o objetivo deste capítulo, que consiste em mostrar a presença da cultura europeia na definição dos parâmetros culturais do povo da Demarcação Diamantina, imprimindo-lhe traços de sua identidade, algumas considerações finais deste capitulo podem ser delineadas.

O primeiro excerto, de autoria do doutor José Vieira Couto, sobre o período da Real Extração, considerado um tempo sombrio na história da extração do diamante, descreve as amargas perdas e sofrimentos da população tijucana, as quais motivaram uma reação dos mineradores, instalando-se movimentos de repúdio às ações dos administradores, sentimento esse que perdurou na história do Tijuco/Diamantina. Assim, os traços de identidade do minerador foram marcados pelo sofrimento iniciado nesse período, o que motivou uma rotina de vida de sobressaltos, preparando-o melhor para o exercício de seu papel como pessoa humana e ser social.

O segundo excerto, de autoria de Joaquim Felício dos Santos, significa a abertura do Tijuco/Diamantina ao mundo da renovação das ideias filosóficas e sociais, conforme modelos europeus, mais especificamente franceses, acompanhando as mudanças que se operavam na relação do povo com a monarquia, com os governos absolutistas, o que gerou movimentos revolucionários que imprimiram nova ordem social, política e econômica nas nações despertadas pelas mudanças pregadas pelos enciclopedistas. Houve, portanto, ao longo da história, uma mudança radical das representações sociais construídas sobre o anticolonianismo, o despotismo das monarquias, a antirreligiosidade no combate aos poderes eclesiásticos, a revolução de princípios morais e políticos. Na verdade, mudou-se a mentalidade do povo, que sedimentou toda uma nova realidade social instalada no “Velho Mundo”, estendendo-se às terras americanas.

Em decorrência disso, paradigmas como “o direito divino dos reis”, “o poder incondicional da igreja”, “a supremacia de classes sociais privilegiadas” e “a sujeição das classes populares aos poderes absolutos dos monarcas e senhores feudais”, constituídas como Representações de Referência (RR), como uma forma primitiva, apresentaram variações, novas Representações de Uso (RU), como uma fase considerada de mudança, evolutiva no decorrer das mudanças filosóficas e sociais, compartilhadas pela interação entre os sujeitos sociais. Esse processo foi desenvolvido também no Tijuco, havendo mudanças radicais no comportamento dos líderes da demarcação diamantina, o que desencadeou vários movimentos de revoltas e descontentamentos dos seus habitantes.

O terceiro excerto, de autoria de Aires da Mata Machado Filho, enaltece a figura do europeu na formação cultural dos tijucanos/diamantinenses no tocante ao domínio de habilidades intelectuais e artísticas, notadamente reconhecidas na cultura do povo da terra, sob inspiração dos modelos franceses. No quinto capítulo deste trabalho, mostrou-se especificamente a contribuição dos franceses na educação, no desenvolvimento intelectual da juventude diamantinense no século XIX e início do XX.

O quarto e último excerto, de autoria da historiadora Junia Ferreira Furtado, buscou retratar o Arraial do Tijuco empenhando-se em se tornar uma réplica da Europa no tocante ao cultivo da arte teatral e suas artes subsidiárias durante o período do Contratador João Fernandes de Oliveira e de Chica da Silva (1753-1770). Destacam-se aí os refinados padrões da vida social do Arraial e uma sujeição dos trabalhadores da mineração aos caprichos de um governo altamente influenciado pela verdadeira rainha do Tijuco, a famosa Chica da Silva, uma personagem que deu origem a diferentes representações e inspirou fontes de produção histórica oral e escrita, literária e cinematográfica, sendo vista com perfis diferentes e, até mesmo contrastantes, que vão desde a mulher negra, escrava, perdulária, bruxa, feia, megera, mito negativo, até a mulher de refinamento aristocrático, incentivadora das produções artísticas no arraial, redentora e libertadora de seu povo, como já se mostrou anteriormente.

Em síntese, houve a comprovação da presença dos europeus na formação da cultura do Tijuco/Diamantina: “havia trânsito cultural fértil e constante entre a Europa e o Arraial do Tijuco/Diamantina.” (FURTADDO, 2003, p.186). Estende-se essa afirmação às diversas modalidades de manifestações culturais relacionadas, como os traços da formação social e moral do povo, os hábitos e a prática de manifestações culturais diversas sob a influência multifacetada dos europeus nos primórdios da história do Arraial.

Torna-se claro que, nos discursos analisados pela metodologia qualitativa, que prioriza a interpretação dependente das interveniências culturais e pessoais dos sujeitos do discurso, as representações sociais tornaram-se, de alguma forma, coercitivas no processo sociointerativo com o seu grupo de pertença e funcionaram como uma força persuasiva que determina decisões e comportamentos dos participantes da comunidade, de modo que valores, convenções e prescrições presentes nas representações sociais foram transmitidas à posteridade.

7. A INFLUÊNCIA EUROPEIA NA CULTURA DO ARRAIAL DO TIJUCO/DIAMANTINA NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ENTREVISTADOS

> Foi um sonho tresloucado
> que galgou estas ladeiras,
> semeando sem traçado
> tantas ruas feiticeiras
> – um presepe que fascina
> e o seu nome é Diamantina.
> (PE. CELSO DE CARVALHO, 1992, p.164).

O objetivo deste capítulo é analisar os discursos de diamantinenses entrevistados sobre o objeto de estudo proposto: a influência europeia na formação da identidade e na definição dos parâmetros culturais dos habitantes do Arraial do Tijuco/Diamantina, nos séculos XVIII, XIX e XX.

Para melhor compatibilização dessa análise com os conceitos explicitados no primeiro capítulo, julga-se oportuno retomar dois deles: o de identidade, no sentido de diferença, com base na definição de Souza (1994, p.17) de que "identidade é o que em princípio nos diferencia dos outros"; e o conceito de cultura, em seu sentido amplo, isto é, "o legado social que o indivíduo adquire de seu povo"; o "que quer que seja que alguém tem que acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros." (CLIFFORD GEERTS, 1966, p.4). Tais conceitos coadunam com as representações sociais aqui detectadas e comentadas. Entende-se, portanto, que diferentes ideias, posicionamentos, hábitos são considerados manifestações culturais que refletem a forma de ser do sujeito, sua identidade social, suas diferentes representações, socialmente elaboradas e compartilhadas numa determinada conjuntura histórica.

Além desses conceitos, há de se retomar o de repesentações sociais como forma de conhecimento prático de senso comum, que sustenta a teia de significação do cotidiano, sem a qual nenhuma sociedade pode existir, pois tem o efeito de liberar o poder de criação dos conhecimentos práticos ou das teorias do senso comum, sendo capaz de criar efetivamente a realidade social. Py (2000), com base na proposta de Grize (1990), explica que a formação da representação social percorre as seguintes etapas: evidências (crenças pré-criticas); convicções (crenças explicitadas, explicadas); representações (crenças elaboradas com e pelo debate, confrontação, argumentação); e conhecimentos enciclopédicos, científicos (representações estruturadas por processos com apoio de informações e reflexões críticas). A opinião, afirma o autor, é o resultado de uma solicitação exterior, portanto, das crenças em um

ponto qualquer de sua trajetória. Mais especificamente, o pré-construído cultural pode dar a convicção sob a forma de máxima. A convicção pode, a seu turno, se transformar em representação social ao sabor do debate ou de uma discussão crítica, depois em um conhecimento, graças a uma elaboração mais desenvolvida. Cada etapa dessa trajetória é lugar de uma complexidade e, provavelmente, de uma ruptura qualitativa mais ou menos profunda. Deduz-se, portanto, que não se pode traçar uma linha limítrofe entre conhecimentos constatados e conhecimentos representados, considerando que o domínio da linguagem está no plano simbólico, da representação. O sujeito discursivo não reproduz o real, mas o simboliza, o representa.

7.1 Análise dos discursos produzidos pelos entrevistados: execução

O desenvolvimento da proposta foi embasado nas discussões feitas no quarto capítulo sobre a metodologia de análise das RS, razão de se adotarem aqui as orientações sugeridas, que consistem em interpretar as RS a partir de informações sobre os sujeitos dos discursos e sobre o contexto de sua produção/manifestação e, a seguir, analisar suas dimensões internas, destacando-se o seu conteúdo temático e os recursos linguístico-discursivos utilizados na construção dos sentidos dos enunciados.

A execução desta etapa do trabalho iniciou-se pelo envio aos convidados, com certa antecedência, do material de orientação, constituído de pequenos excertos retirados de obras de diamantinenses que enfocam fatos da história do Arraial/Diamantina. Esses excertos foram motivadores e facilitadores do processo de interação entre entrevistador e entrevistado, tendo-se adotado, conforme (MINAYO, 2009, p. 65), o modelo de entrevista projetiva, que “se constitui de convite ao entrevistado para discorrer sobre o que vê ou lê”. Adotou-se, também, a entrevista dita aberta, em que as perguntas feitas imprimem mais profundidade às reflexões.

As entrevistas foram relizadas em Diamantina, nos escritórios ou residências dos entrevistados, estando presentes apenas entrevistador e entrevistado. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Em seguida, realizou-se a análise dos dados considerados significativos para o estudo proposto.

Na fase de análise dos discursos, foram elaborados pequenos mapas das diversas Representações Sociais selecionadas e, ainda, à guisa de conclusão, fez-se uma síntese interpretativa, buscando-se, na medida do possível, manter fidedignidade ao sentido dado pelo informante, respeitando-se as diversidades de RS por ele construídas/manifestadas.

A) Os sujeitos dos discursos

Nessa perspectiva, foram entrevistadas cinco pessoas, seguindo critérios bem restritos na escolha: idades diversas; diferentes histórias de vida social, profissional e política; pessoas que viveram ou vivem experiências significativas como "sujeito social", ou seja, tenham desenvolvido ou estejam desenvolvendo uma ativa interação como profissionais ou em atividades na comunidade diamantinense, que determine significativa influência em suas representações. Embora se mantenha o anonimato do informante, é possível perceber em suas falas características indicativas do lugar social desempenhado na comunidade local, ressaltando-se que os diversos discursos produzidos revelaram os posicionamentos dos entrevistados como representantes de seus repectivos grupos sociais.

Identificados com os numerais de 1 a 5, os entrevistados têm suas falas apresentadas na ordem crescente, nas quais foram focalizadas representações distribuídas pelos diversos eixos temáticos emergentes dos dados, conforme as intervenções pertinentes a cada um.

O entrevistado 1, é *designer* gráfico, sem formação superior, descendente de uma família tradicional da cidade, e participante ativo das manifestações culturais populares, especialmente do Carnaval. Faz parte da população dos jovens cidadãos que se dispõem a criticar as diversas políticas que não têm contribuído para o progresso da cidade e, além disso, demonstra prezar muito os valores genuinamente diamantinenses, suas tradições, sua história oral. Ele foi entrevistado em 19 de setembro de 2011, em Diamantina.

O entrevistado 2, tem formação superior na área da educação e faz parte de uma família tradicional diamantinense que se destacou nos meios sociais e empresariais da cidade. Dedicando-se à educação na formação moral e religiosa dos jovens, pertenceu ao quadro do magistério e, estendendo suas atividades intelectuais para o campo da pesquisa histórica, publicou uma obra resultante de seus estudos. Ele foi entrevistado em 1º de fevereiro de 2011, em Diamantina.

O entrevistado 3, tem formação superior em História, é diretor de ensino superior, professor, historiador e pesquisador, tendo exercido vários cargos técnicos nos setores públicos federal, estadual e municipal, com destaque para atividades educacionais e culturais. Tem reconhecido prestígio social em movimentos de valorização da cultura e tradição diamantinenses. Ele foi entrevistado em 1º de abril de 2011.

O entrevistado 4, tem formação superior em Letras e uma longa história de participação na vida social, política, econômica e comercial de Diamantina. Demonstra-se

conhecedor dos meandros da sociedade local, com experiências profissionais bem diversificadas. Ele foi entrevistado em 31 de janeiro de 2011, em Diamantina.

O entrevistado 5, tem formação superior em Educação e Administração Educacional, ocupou cargos de magistério nos três níveis de ensino, destacando-se como administrador de setores estaduais de educação, estando presente em diversos momentos políticos, educacionais e sociais representativos de Diamantina. Ele foi entrevistado em 31 de janeiro de 2011, em Diamantina.

B) Os contextos de produção/expressão: fatores históricos, situacionais e sociais

Em cumprimento ao roteiro proposto, são tecidas algumas considerações, primeiro sobre o contexto mais imediato de produção/expressão dos discursos dos entrevistados, tendo em vista que os locais de realização das diversas entrevistas foram marcados pela privacidade, em salas destinadas para esse fim, em um clima de efetiva interação amistosa e pouco formal.

Considera-se o contexto mais remoto, histórico, situacional do Arraial do Tijuco/Diamantina, isto é, para os séculos XIX e XX, momento em que houve a consolidação dos parâmetros culturais implantados e cultivados no século XVIII em decorrência do convívio intenso do Distrito Diamantino com a Metrópole. Diamantina, então, passou a adotar novos modelos de cultura europeia relacionados à educação, ao aprimoramento das instituições civis e religiosas, o que se pôde constatar em diversos discursos de escritores diamantinenses. Em outras palavras, houve em Diamantina o florescimento de uma vida intelectual, religiosa e social promovido pela intervenção da Igreja Católica, representada pelo bispo diocesano Dom João Antônio dos Santos, responsável pela criação dos educandários, do Seminário Diocesano e do Colégio Nossa Senhora das Dores.

Diamantina passa, então, a ser destacada pelos títulos de “Atenas do Norte” e “Polo Cultural” do norte mineiro, reconhecidos com orgulho pelos seus filhos e por pesquisadores de sua cultura, como já se disse na introdução deste trabalho. Houve também, nessa época, a modernização da extração do diamante e a criação de oficinas de lapidação, com abertura de empresas privadas de origem inglesa e americana, gerando um significativo progresso para Diamantina.

Para coroamento, na década de 1950, destacou-se a presença do diamantinense Dr. Juscelino Kubitschek na Presidência da República, depois de ter exercido o cargo de Governador do Estado, o que contribuiu para a formação de novas Representações Sociais sobre Diamantina, especialmente aquelas construídas e divulgadas pelos filhos e amigos da

terra. Nesse período, patrocinada pelo seu filho mais ilustre, houve a criação e instalação do primeiro curso superior da região, a Faculdade Federal de Odontologia de Diamantina (década de 1950). Mais tarde (década de 1960), concretizou-se um antigo sonho da sociedade diamantinense: a criação da Faculdade de Filosofia e Letras.

Mas esse panorama histórico, econômico, político e cultural passou por mudanças diante de fatos significativos: a diminuição da produção do diamante e a regulação de sua mineração pelos poderes públicos; o afastamento dos padres lazaristas do seminário; o encerramento das atividades do centenário Colégio Nossa Senhora das Dores, o estabelecimento responsável pela habilitação em nível médio de grande parte dos docentes de todo o Vale do Jequitinhonha e norte mineiro; e, mais recentemente, a desativação do Curso de Filosofia e Letras da Fundação Educacional do Vale Jequitinhonha, que continuou mantendo apenas o Curso de Direito, de criação mais recente.

Nesse ínterim, Diamantina desenvolveu uma grande campanha a favor do que se chamou de "indústria do turismo" e passou a ser sede de Festivais de Inverno. Criou-se também a Vesperata, uma apresentação musical que foi incluída com grande sucesso no calendário cultural e turístico da cidade, contribuindo muito também para a economia do município. Além disso, houve o reconhecimento de Diamantina, pela UNESCO, como Patrimônio Cultural da Humanidade, o que bem demonstrou o seu prestígio e o seu valor no cenário brasileiro e internacional.

No setor educacional, a Faculdade Federal de Odontologia foi elevada a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, com numerosos cursos em áreas diversas do conhecimento, dando à tranquila cidade histórica novos ares de cidade universitária.

Em decorrência dessas mudanças do contexto sociocultural, as RS foram naturalmente modificando-se e isso confirma a discussão efetuada no terceiro capítulo: as Representações de Referência (RR), mais convencionais e fixas, construídas, inicialmente, pelos grupos sociais mais tradicionais, passam a constituir as Representações de Uso (RU), que são modificações das primeiras ocasionadas pelas evoluções estruturais e contextuais ocorridas ao longo dos processos sociointeracionais dos membros dos grupos de pertença em um dado momento.

C) As dimensões internas das RS

Os excertos de discursos de cada entrevistado foram reunidos em eixos temáticos, seguidos da análise das dimensões internas das RS, para uma melhor visualização de suas

similaridades ou diversidades. Dessa forma, a ordem de análise de cada excerto de um mesmo eixo temático é a seguinte: 1) identificação das representações pelos focos de sentido, e 2) recursos linguístico-discursivos destacados na estrutura do enunciado, para dar maior expressividade ao discurso.

Nessa perspectiva, foram destacados três eixos temáticos. Em consonância com o objetivo da pesquisa de investigar a origem europeia nos paradigmas culturais na formação da identidade/cultura do povo diamantinense, apresentou-se o 1º eixo temático: *as diversas origens das influências identificadas na formação da identidade e definição dos parâmetros culturais dos habitantes do Tijuco/Diamantina*.

Além do exame da origem das influências, no 2º eixo temático foram enfocados alguns dos principais campos de atuação do ser humano: *a influência europeia sobre o povo tijucano/diamantinense: na filosofia; na política; na religião; e na educação*.

Para uma melhor comprovação desses dois aspectos, julgou-se importante verificar se a prática das manifestações culturais confirmava também as influências indicadas, especificando-se o 3º eixo temático: *as manifestações culturais de arte do Tijuco/Diamantina: influências diversas na música, na pintura, na arquitetura, na ourivesaria e nas manifestações folclóricas*.

7.1.1 Primeiro eixo temático: as diversas origens das influências identificadas na formação da identidade e definição dos parâmetros culturais dos habitantes do Tijuco/Diamantina

A identidade de um povo se forma a partir da sua prática de vida que, naturalmente, se ancora na cultura de outros seres humanos de origens e costumes diversos com quem se conviveu. Essa interferência se faz na definição dos parâmetros sociais de um grupo, processo que se pôde constatar nas entrevistas analisadas, identificando-se a origem das representações construídas pelos entrevistados.

7.1.1.1 <u>Excertos da fala do entrevistado 1 sobre o primeiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das representações sociais</u>

> A) Bom, na minha opinião, eu acho que:: em termo de:: de cultura [...] Diamantina não pegou muito a cultura europeia, ela pegou MUIto mais a cultura escrava, porque que hoje se se a senhora ver temos aqui o:: que era antigamente o:: os caboclinhos, a marujada, o bumba-meu-boi [...] é:: tem os congados que já são lá do do lado do

> Maranhão, São Luiz, e isso não é uma cultura europeia, é uma cultura mais indígena e:.. (ENTREVISTADO 1)[2].

A) 1. Representações: as influências escrava e indígena foram mais fortes que a europeia na cultura de Diamantina, em se tratando de manifestações culturais populares, como se pode perceber no trecho: “em Diamantina não pegou muito a cultura europeia ela pegou MUIto mais a cultura escrava.”.

2. Recursos linguístico-discursivos: a) uso das expressões de modalização com interferência de uma lógica própria (“Na minha opinião”, “eu acho”), indicativas de uma manifestação de opinião. Conforme o estudo apresentado no terceiro capítulo, pode-se dizer que tais recursos remetem a um dos estágios na construção da representação como sendo uma opinião, resultado de crenças, de impressões construídas; b) uso do verbo agentivo “pegou”, da linguagem popular, para reforçar o sentido de “não se firmar”, “não criar raízes”, denunciando a concepção de uma Diamantina que não foi apenas paciente de uma história (“Diamantina não pegou muito a cultura europeia”); c) o termo indicativo de quantidade “mais” para mostrar preponderância das influências indígena e africana sobre a europeia nas manifestações folclóricas, indicativos de um processo de mudança de uma Representação de Referência, tradicional da cultura diamantinense, para uma Representação de Uso, uma variação resultante de interveniências subjetivas, culturais e contextuais; d) uso do acento de intensidade na pronúncia da palavra “muito” para dar ênfase à representação da existência da preponderância da influência escrava sobre a europeia.

Em síntese, as representações do entrevistado mostram-se evoluções ocorridas ao longo dos processos interacionais num movimento de restrição, de discordância de parte das RS já construídas. Esse fato ilustra bem a discussão efetuada no terceiro capítulo ao se estudarem as Representações de Referência (RR), mais convencionais, pertencentes à memória discursiva de um grupo social, de sua cultura, sendo mais resistentes a mudanças, enquanto que as Representações de Uso (RU) constituem modificações das primeiras, são reformulações dependentes do sujeito do discurso com interveniência de fatores de idade, de formação, de papel social e de variações estruturais e situacionais.

[2] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 17 de setembro de 2011.

7.1.1.2 Excertos da fala do entrevistado 2 sobre o primeiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais

> B) [...] é Portugal também teve uma influência grande também a gente sabe disso mas o que eu me refiro agora no momento que eu quis falar [...] essa influência inglesa que teve no Biribiri [...] pelos Rose pela família Rose [...] foi o John Rose também que montou a fábrica de São Roberto né aqui em Gouveia não é essa bonDAde de John Rose esta figura tão importante que foi pra nós aqui em Diamantina e ver a influência inglesa dele aqui em Diamantina que foi grande demais (ENTREVISTADO 2)[3].

B) 1. Representações: houve uma importante influência inglesa em Diamantina a partir dos trabalhos desenvolvidos por John Rose, especialmente em arquitetura: "a influência inglesa dele aqui em Diamantina que foi grande demais". E houve uma inclusão da influência de Portugal em Diamantina: "Portugal também teve uma influência grande também a gente sabe disso.".

2. Recursos linguístico-discursivos: uso da expressão de intensidade ("grande demais") para enfatizar a presença da cultura inglesa em Diamantina, e da partícula denotativa de inclusão ("também"), ressaltando o primeiro lugar da Inglaterra. Note-se, ainda, que o entrevistado dialoga com a Representação de Referência, por meio da qual se atribui grande influência dos portugueses na formação cultural de Diamantina, buscando apresentar argumentos que a relativizem.

Em síntese, as representações do entrevistado destacam a importância da influência inglesa em Diamantina pelo trabalho de John Rose, ao lado da conhecida influência portuguesa, reconhecendo esses valores como agregados à cultura diamantinense.

7.1.1.3 Excertos da fala do entrevistado 3 sobre o primeiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais

> A) [...] Ela [a influência europeia] é fortíssima. Ela é fortíssima a partir do momento que quando nós falamos de história de Minas Gerais a gente fala de mais de 12 mil anos, porque se nós formos observar o crânio da Luzia, esses fósseis que tem encontrado em Minas Gerais, o homem já estava aqui há muito mais de 12 mil anos. O que nós herdamos dos indígenas que tavam aqui é muito forte. Na comunidade de Diamantina até se fala muito a sua vó foi pega a laço, pega a laço foram as mulheres que foram pegas dentro das tribos indígenas e trazidas para a comunidade dos colonizadores e elas não trouxeram não apenas é: elas trouxeram não apenas a sua presença física mas como o seu conhecimento também. [...] se não se tivesse incorporado a cultura indígena, os portugueses, os primeiros que chegaram por aqui, eles tinham morrido de fome. Então, as ervas medicinais que nós usa:mos, várias representações mentais como Deus castigando e punindo as pessoas vem do

[3] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 1º de fevereiro de 2011.

> indígena, a culinária nossa no sentido de mandioca, de milho e de muitos aspectos não são centenárias, são milenares, porque foram incorporados da cultura indígena [...]. (ENTREVISTADO 3)[4].

A) 1. Representações: a cultura primitiva de herança indígena foi básica para a implantação da nova cultura portuguesa: “O que nós herdamos dos indígenas que tavam aqui é muito forte”; “se não se tivesse incorporado a cultura indígena, os portugueses, os primeiros que chegaram por aqui, eles tinham morrido de fome.”.

2. Recursos linguístico-discursivos: a) maior força expressiva à representação usando-se uma proposição condicional indicativa de sua necessidade básica para a sobrevivência dos mineradores: “se não se tivesse incorporado a cultura indígena [...] tinham morrido de fome”; b) referenciação/categorização do conceito antropológico de cultura, contemplando os diversos aspectos da vida para valorizar o papel dos indígenas na formação do Tijuco: “presença física” e “conhecimento [das índias]”; “representações mentais”; “a culinária”; “muitos aspectos não são centenários, são milenares, porque foram incorporados da cultura indígena.”.

> B) [...] e é TÃO forte a questão europeia, mas tão forte, que, apesar de cerca de mais de 12 mil anos que nós temos de história aí presente nas nossas vidas todos os dias, que é herança do indígena [...] nós começamos a falar de história de Diamantina a partir do momento que chegam os exploradores em PROL da Europa. NinGUÉM fala dos milhares de anos que tiveram de colonização pré-europeia. NinGUÉM fala da/ dessa iMENsa carga histórica que nós tivemos. É como se tivesse uma amNÉsia coletiva de se falar de história baseada no primeiro explorador que chegou por aqui.[...] A partir desse momento nós vamos conceber nossa própria história, esquecendo milhares de anos. Só disso aí já é um aspecto fundamental de da gente perceber o que que significa a presença europeia, de fazer [...] há uma amnésia coletiva de milhares de anos de nossa história milhares e milhares e milhares de anos então essas concepções elas foram ofuscadas justamente por causa duma força duma cultura nova que é a cultura europeia que chega a proporcionar uma amnésia nesse ponto. (ENTREVISTADO 3)[5].

B) 1. Representações: a influência europeia foi dominante; ela apagou os milhares de anos da cultura indígena, havendo perda da memória do passado cultural, dos costumes, dos hábitos, das crenças e dos valores, que foram ofuscados, perderam o valor, o brilho. A influência europeia na cultura Tijuco/Diamantina é forte e definitiva: uma nova representação é construída a partir da mudança operada.

2. Recursos linguístico-discursivos: a) uso da palavra “amnésia” (perda parcial ou total da memória) para indicar um processo de evolução das Representações de Referência em

[4] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 1º de abril de 2011.
[5] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 1º de abril de 2011.

representações de uso como forma de um processo de mudanças culturais: “É como se tivesse uma amNÉsia coletiva de se falar de história baseada no primeiro explorador que chegou por aqui”; b) uso de uma palavra de intensidade e repetição de termos para reforçar o sentido do enunciado da representação construída/manifestada: “é TÃO forte a questão europeia, mas tão forte [...]”; c) entonação de intensidade, acentuação de insistência na voz: “TÃO”; d) acentuação de intensidade na voz em NinGUÉM e iMENsa na afirmativa da exclusão de outra possibilidade e a repetição da negativa: “NinGUÉM fala da/ dessa iMENsa carga histórica que nós tivemos”; e) uso da primeira pessoa do plural como um recurso que denota a presença do sujeito-enunciador no discurso, sua inclusão, seu envolvimento na interação sociodiscursiva (expressões grifadas): “[Nós] temos de história de Minas Gerais [...]”, [...] “nós começamos a falar de história” [...], “que nós herdamos [...]”, “NinGUÉM fala da/ dessa iMENsa carga histórica que nós tivemos.”.

> C) [...] a Europa Ocidental só conhecia os diamantes que vinham do Oriente então pra Portugal ter encontrado diamante foi a GRANde descoberta realmente aí o que que vai fazer a priMEIra providência: fazer uma intendência cria a intendência dos diamantes já em 1734 cria a intendência dos diamantes que seria um órgão específico pra poder fazer a dinamização da produção e a tributação em cima e aí já vai começar uma história diferenciada porque vai vir um intendente pra Diamantina especializado nessa questão da produção dos começa né e aí o que que vai acontecer nesse momento a PRÓpria coroa portuguesa vem pra dentro de Diamantina a própria coroa portuguesa ela vem aqui pra dentro pra poder fazer a: garimpagem dos diamantes[...] acabou o contrato a própria | coroa veio [...] por conta da própria coroa eles fazem uma estaTAL a real extração dos diamantes é uma estatal juntam as leis que interessavam pra eles e aí o que que acontece juntam todas as leis que interessavam fizeram o regimento diamantino que era um código | de leis específicas aqui pra região colocaram uma autoridade aqui dentro com um poder maior que seria um intendente respaldado pelo regimento diamantino [...]. (ENTREVISTADO 3)[6].

C) 1. Representações*:* a influência portuguesa na cultura diamantinense tornou-se uma realidade muito forte por causa da presença dos representantes da Coroa no Arraial do Tijuco para extração do diamante e controle de sua exportação para a Europa, criando um regimento e a organização de uma estatal, uma administração governamental: “aí o que que vai acontecer nesse momento a PRÓpria coroa portuguesa vem pra dentro de Diamantina a própria coroa portuguesa ela vem aqui pra dentro pra poder fazer a garimpagem dos diamantes.”.

2. Recursos linguístico-discursivos: a) expressões de modalização: “realmente” (modalização lógica); “seria” (modalização pragmática: razões, causas da atitude do agente) e “grande descoberta” (modalização apreciativa), nas avaliações subjetivas e nos comentários

[6] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 1º de abril de 2011.

dos fatos: “então pra Portugal ter encontrado diamante foi a GRANde descoberta realmente aí o que que vai fazer a priMEIra providência [...]”; “cria a intendência dos diamantes que seria um órgão específico pra poder fazer a dinamização da produção e a tributação em cima [...]”; b) para dar ênfase à representação da influência do governo português no Tijuco, portanto uma oportunidade para tornar a sua influência mais efetiva na cultura diamantinense, fez-se uso de uma figura de linguagem, a sinédoque, tomando o todo (“A PRÓpria coroa portuguesa”) pela parte (“alguns portugueses funcionários da Coroa que se instalaram no Tijuco, a partir do sistema da Real Extração, considerado pelo entrevistado uma estatal”); c) uso do acento de intensidade na entonação (“priMEIra providência”, “PRÓpria”) para indicar sua crença no interesse do governo na administração do garimpo no Tijuco, exercendo o seu poder; d) para melhor definir o sistema da Real Extração, ou seja, tornar o desconhecido, conhecido, conforme ensina Moscovici (2009), o entrevistado usa processos de ancoragem/objetivação, empregando uma categoria do sistema político-admistrativo atual para designar um sistema antigo, facilitando o seu entendimento (“por conta da própria coroa eles fazem uma estaTAL” a real extração dos diamantes é uma “estatal.”).

> D) depois volta o garimpo com o pri/ primeira pauta por causa da Revolução Industrial inglesa mas nós/ pela: segunda fase da Revolução Industrial Inglesa chegam as bombas aqui dentro de Diamantina as dragas e as pessoas muitas pessoas que vieram com essas dragas tão aqui até hoje são os Spangler eles tão aí [...] ingleses americanos | chegaram aqui. (ENTREVISTADO 3)[7].

D) 1. Representações: a influência europeia, inglesa, na cultura do Tijuco/Diamantina possibilitou a recuperação da produção do diamante com uso de novas tecnologias: “pela: segunda fase da Revolução Industrial Inglesa chegam as bombas aqui dentro de Diamantina as dragas e as pessoas muitas pessoas que vieram com essas dragas tão aqui até hoje são os Spangler eles tão aí [...] ingleses e americanos | chegaram aqui.”.

2) Recursos linguístico-discursivos: a) para valorizar a modernização do processo extrativo do diamante pela substituição dos recursos manuais pelas máquinas, o entrevistado usa uma figura de linguagem, a sinédoque: as partes (“dragas”, “bombas”) pelo todo (maquinário do sistema de mecanização do garimpo); b) além disso, ele personifica os seres inanimados (“dragas”, “bombas”), tornando-os agentes do processo (“e as pessoas muitas pessoas que vieram com essas dragas”), de modo que o inanimado torna-se agente e o animado (as pessoas) passa a um plano secundário.

[7] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 1º de abril de 2011.

> E) [...] em Curralinho ele [MacArthur] teve uma grande mineração lá Diamantina foi o primeiro lugar que teve luz na América do Sul fizeram a em cima da Cachoeira das Andorinhas colocaram o reator e o primeiro lugar que viu a a luz dentro da América do Sul foi a o distrito de Curralinho. [...] ingleses americanos | chegaram aqui. (ENTREVISTADO 3)[8].

E) 1. Representações*:* a influência americana na cultura Tijuco/Diamantina foi expressiva durante a restauração da mineração com recursos mais modernos ("ingleses americanos | chegaram aqui.").

2. Recursos linguístico-discursivos: para ressaltar a importância dos ingleses e americanos como forma de argumentação, de convencimento, fez-se referência a um melhoramento trazido por eles ("foi o primeiro lugar que teve luz na América do Sul"), uma modernidade própria do progresso como um benefício de outra cultura.

Em síntese, a análise das representações do entrevistado 3 mostram que: a) houve uma grande presença europeia na formação cultural do Tijuco; b) os fatos político-sociais europeus e os tijucanos foram diretamente responsáveis pelo intercâmbio estabelecido; c) a interferência direta do Governo Metropolitano na descoberta e exploração do diamante contribuiu para a formação da identidade dos habitantes da região minerária; e d) o tijucano, diante do sistema de monopólio da Coroa, não aceitou o contrabando da sua preciosa riqueza e se envolveu em movimentos de revoltas.

7.1.1.4 Excertos da fala do entrevistado 4 sobre o primeiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais

> A) A influência europeia é: especialmente a portuguesa, mas também a francesa e a inglesa é: em Diamantina, de modo geral, foi muitíssimo grande. Bom, começa da da própria arquitetura, não é ?, da da cidade, não é?, que é:: muito muito semeLHANTte, no caso de Portugal, muito semelhante à arquitetura portuguesa, né? Évora, por exemplo, em Portugal, é quase que isso aqui é quase que um um retrato de lá. Então, isso já faz a gente viver dentro desse desse ambiente de de de cultura europeia. (ENTREVISTADO 4)[9].

A) 1. Representações: as influências europeias (portuguesa, francesa e inglesa) são uma realidade na cultura de Diamantina: há uma verdadeira identidade entre os conjuntos arquitetônicos português e diamantinense: "A influência europeia é: especialmente a portuguesa, mas também a francesa e a inglesa é: em Diamantina, de modo geral, foi

[8] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, 1º de abril de 2011.
[9] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 31 de janeiro de 2011.

muitíssimo grande.". Como se vê, há um reconhecimento de que Diamantina assimilou valores culturais europeus, que são considerados motivo de orgulho para o entrevistado.

2. Recursos linguístico-discursivos: a) a influência europeia mostra-se no discurso por meio do uso do grau superlativo na predicação da expressões ("muitíssimo grande"); b) demonstra uma atitude de certa vaidade pela semelhança existente entre Diamantina e Évora em Portugal, pela entonação de sua voz no enunciado e uso repetido da expressão de intensidade ("muito muito semeLHANTte" e "Então, isso já faz a gente viver dentro desse desse ambiente de de de cultura europeia.").

> B) [...] Outra influência grande, [...] foi a our/ ourivesaria que nós já falamos aqui. Vieram vários portugueses pra cá, não é?, da família de Seu Cos/ Seu Cosme [...] E eles, então, eram especialistas, lá em Portugal eles eram especialistas nessa parte de de filigrana e tal. E implantaram isso na na nossa na nossa região, não é? Quer dizer, joias lindas, c oisas lindas. (ENTREVISTADO 4)[10].

B) 1. Representações: a ourivesaria foi mais uma contribuição portuguesa para a cultura diamantinense ("outra influência grande, [...] foi a our/ ourivesaria [...]. Vieram vários portugueses pra cá [...]. E eles, então, eram especialistas, lá em Portugal eles eram especialistas nessa parte de de filigrana [...]").

2. Recursos linguístico-discursivos: demonstração de apreço pelos trabalhos de ourivesaria dos portugueses, com o uso de expressões predicativas superlativas e modalizações apreciativas ("Quer dizer, joias lindas, coisas lindas"), e com a consideração de que os ourives eram bem qualificados ("especialistas"), o que faz Diamantina participar de bens culturais europeus.

> C) [...] aqui também se tornou um centro de lapidação, não é?, o o tem um espanhol, Francisco Ricodér, não sei se você conheceu. É, mas o mas o Francisco ele começou a, inclusive, a: a eu não sei se lá em Portugal na Espanha ele já já lapidava, já tinham lapidação. Foi até que ele aqui ele montou uma lapidação e ele também comprava diamante e tal, né? [...] Então, foi assim uma uma importação de de/ dessa cultura mi/ mineralógica, né? Essa cultura de de de lapidação que: veio pra cá, aí já foi no caso influência espanhola e francesa. [...] Então, isso já faz a gente viver dentro desse desse ambiente de de de cultura europeia. Mas, é: a a a influência a influência europeia, no caso, vamos só dizer europeia. (ENTREVISTADO 4)[11].

C) 1. Rrepresentações: a influência espanhola e a francesa também foram importantes na cultura diamantinense ("[...] aqui também se tornou um centro de lapidação [...]. Então, foi

[10] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 31 de janeiro de 2011.
[11] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 31 de janeiro de 2011.

assim uma uma importação de de/ dessa cultura mi/ mineralógica, né? Essa cultura de de de lapidação que: veio pra cá, aí já foi no caso influência espanhola e francesa".

2. Recursos linguístico-discursivos: categorização/referenciação enfática ao melhoramento implantado: "aqui também se tornou um centro de lapidação", "ele montou uma lapidação", "essa cultura de de de *lapidação* que: veio pra cá".

> D) [...] É, por exemplo, deu-se mineração, né?, os ingleses que minerando por aqui, na Extração foram os ingleses que mineraram. É um um dos que teve influência grande, né?, foi o Seu Seu McCarthur, John Rise McCarthur, você já deve ter ouvido falar [...] McCarthur, por exemplo, é: foi um dos que foi o idealizador, o criador da mineração tijucana, que depois se tornou fez a fizeram a a, como diz, a o requerimento de pe/ de várias pesquisas no Jequitinhonha, formou essa mineração tijucana que acabou justamente isso tornando quase que um propulsor de lá lá de Senador Mourão, não é?.
>
> [...] É é aqui na no Mendanha teve o Seu o Seu Spangler, não é?, que que minerou aqui no Mendanha, não é?, tirou, inclusive, MUIto diamante aqui no Mendanha no no no Desemboque [...] então, realmente houve essa essa influência inglesa na na inglesa, a sigla europeia, mas aí, no caso, é mais a inglesa na na na na mineração. (ENTREVISTADO 4)[12].

D) 1. Representações: a influência inglesa em Diamantina foi decisiva para a economia, restabelecendo o crescimento da produção pela modernização dos métodos de mineração e trazendo padrões culturais ingleses para a cultura diamantinense: "Realmente houve influência europeia na mineração, sendo a maior a inglesa".

2) Recursos linguístico-discursivos: para reforçar a veracidade da afirmativa, fez-se uso da expressão de modalização lógica "realmente" ("Realmente houve influência europeia na mineração").

Em síntese, as representações do entrevistado focalizam a grande presença europeia na cultura diamantinensee e a superioridade dos padrões culturais franceses, ingleses e portugueses incorporados à vida e aos costumes do povo.

7.1.1.5 Excertos da fala do entrevistado 5 sobre o primeiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais

> [...] é eu acho que: Diamantina foi muito privilegia:da muita coisa boa aconteceu e também não deixou de seer também um pouco pisoteada né pela coroa quanto sofrimento que te:ve mártir quanta coisa de mineração que teve aqui que apesar de ter sido uma coisa que: projetou Diamantina que até hoje projeta né que sem dúvida nenhuma foi uma grande benefício pra Diamantina. [...] eu acho que pra mim é de origem portuguesa Diamantina que Diamantina lucrou né lucrou ou não não sei mas

[12] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 31 de janeiro de 2011.

> lucrou muita coisa né acho que assim essa coisa assim aqui no centro é muito assim e eu acredito que isso seja por causa do português [...] é porque essa esses essa: essas festas todas né saraus e festa pra todo lado e da França não sei mais de onde né era muito diferente muita coisa e que o povo não participava né? (ENTREVISTADO 5)[13].

1) Representações*:* a influência portuguesa em Diamantina trouxe benefícios, mas também sofrimentos, o que gera certa dúvida no julgamento da contribuição dessa relação existente: "uma coisa que: projetou Diamantina que até hoje projeta né que sem dúvida nenhuma foi uma grande benefício pra Diamantina. [...] Diamantina lucrou ou não".

2) Recursos linguístico-discursivos: o entrevistado apresenta representações de hesitação, dúvidas e relativa descrença quanto às vantagens da influência europeia em Diamantina por meio de recursos linguísticos como o conectivo alternativo "ou" ("Diamantina lucrou ou não"); o termo "acho" ("acho que é de origem portuguesa"); adjetivos antônimos ("privilegiada" x "pisoteada") e expressões que indicam consequências positivas e negativas que não se excluem ("grande benefício" x "quanto sofrimento").

Em síntese, apesar de as representações do entrevistado indicarem certo movimento de hesitação sobre as vantagens da presença e permanência da influência europeia portuguesa no Tijuco/Diamantina, ele reconhece a sua efetiva ocorrência. Essas representações constituem variantes. São Representações de Uso indicativas de certa restrição às Representações de Referência, convencionais e aceitas pela cultura da cidade, com as quais o entrevistado não concorda plenamente. Parece que a longa e diversificada experiência do entrevistado com movimentos sociais, educacionais e religiosos, ou seja, outros valores contextuais, tenham interferido nesse movimento de evolução, de mudanças de sua representação manifestada.

7.1.2 O segundo eixo temático: A influência europeia sobre o povo tijucano/diamantinense: na filosofia, na política na religião e na educação

Diante da comprovação atestada pelas representações dos entrevistados nos discursos analisados acima de que a influência europeia na cultura diamantinense teve sua origem predominantemente em Portugal, França, Inglaterra e Espanha, considera-se importante especificar em quais campos socioculturais essas interferências mais ocorreram, de acordo com os excertos de discursos dos mesmos entrevistados, que passam a ser analisados.

[13] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 17 de setembro de 2011.

7.1.2.1 Excertos da fala do entrevistado 1 sobre o segundo eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais

> A [...] Tem uma parte do meu trabalho que eu tô vendo exatamente isso: os livros que entraram aqui, as ideias que vieram com com os estudantes lá, né? Foi foi através deles que vinham da Europa e vinham com outros ideais, outras propostas e: e: começaram a: chegar perto do do das pessoas que viviam no Brasil e falar: "nós temos que fazer isso porque eles tão dominando a gente e tirando nossa riqueza pra levar pra lá".
>
> B [...] E justamente nessa época que veio a maçonaria, porque eles lá se tornaram maçons [...] Aí eles vieram nesses ideais. A: inconfidência mineira a maioria era maçons. O próprio Padre Rolim era maçom.
>
> C [...] A Guarda Romana já é uma uma coisa da: Semana Santa, né? Já é uma parte reli/ bem religiosa, ela pertence à ordem do Terceiro do Carmo. [...] A música ela já é mais recente, porque a música é de um enTErro de um: de um europeu. A música é europeia. Que foi num enTErro e pegaram essa música e adaptaram no meio da Guarda Romana onde que se toca as matracas através do batido do surdo [...]. Nossa, isso pra mim é o: é a porta aberta da Semana Santa é a Guarda Romana [...]. (ENTREVISTADO 1)[14].

A) 1. Representações: os tijucanos assimilaram as propostas das novas filosofias da Europa levadas para o Tijuco por estudantes ("Foi foi através deles que vinham da Europa e vinham com outros ideais, outras propostas") e reagiram ao jugo português e a posse das riquezas do Arraial pela Coroa, que eram os diamantes largamente produzidos na época: "nós [os tijucanos] temos que fazer isso porque eles tão dominando a gente e tirando nossa riqueza pra levar pra lá".

2. Recursos linguístico-discursivos: a) as categorizações "ideais" e "propostas" são modificadas pelos pronomes "outros" e "outras" para indicar que são orientações diferentes das já existentes no Tijuco, que interferiram na cultura de seus habitantes; b) uso do sintagma verbal ação/complemento direto com verbos agentivos "dominando a gente" e "tirando nossa riqueza", para reforçar os sentidos de domínio português e a usurpação das nossas riquezas.

B) 1. Representações: a maçonaria no Tijuco contribuiu para uma mudança nas representações dos habitantes quanto à atuação do governo português, levando os tijucanos a se organizarem em movimento de independência do povo mineiro e brasileiro: "E justamente nessa época que veio a maçonaria, porque eles lá se tornaram maçons [...]. Aí eles vieram nesses ideais [...] A inconfidência mineira a maioria era maçons. O próprio Padre Rolim era maçom.".

[14] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, 17 de setembro de 2011.

2. Recursos linguístico-discursivos: uso da sequência narrativa de fato histórico para reforçar a participação do Tijuco na Inconfidência por influência da maçonaria.

C) 1. Representações*:* a manifestação cultural da Guarda Romana na Igreja Católica de Diamantina é a porta aberta da Semana Santa, ou seja, o mais importante para o entrevistado ("Nossa, isso pra mim é o: é a porta aberta da Semana Santa é a Guarda Romana"). Ele destaca que ainda que a música tocada pelos "guardas" é de origem europeia ("A música é europeia").

2) Recursos linguístico-discursivos: a) no processo de ancoragem/objetivação, para enfatizar a significação da Guarda Romana, o entrevistado usa a metáfora "porta aberta", expressão de outro domínio conceitual ("é a porta aberta da Semana Santa é a Guarda Romana"); b) para demonstrar sua certeza sobre a origem da música, ele usa uma proposição afirmativa, categórica: "A música é europeia.".

Em síntese, as representações do entrevistado remetem à presença das filosofias europeias no Tijuco, nelas incluídos os ideais da maçonaria. Na manifestação cultural da Guarda Romana, a música europeia está presente, um reconhecimento que vem confirmar as Representações de Referência da cultura religiosa diamantinense, embora o entrevistado veja a Guarda Romana como uma manifestação criada por Diamantina, sem referência à sua origem europeia como manifestação religiosa.

7.1.2.2 Excertos da fala do entrevistado 3 sobre o segundo eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais

> A) [...] quando o Câmara ele funde a barra de ferro e vai fazer o desfile dela em carro de boi em Diamantina ele vai colocar os estandartes na: na sacada sobre é: uma valorização do poder absoluto. [...] e ali ele vai ressaltar o direito divino dos reis o poder absoluto do rei ele faz aquilo baseado no quê ? naquelas ideias francesas principalmente naquelas ideias dos reis poderosos da França naquelas ideias ali do absolutismo mais tarde quando já chega em 1789 já tá o povo do tijuco protestando o povo do tijuco traMANdo a independência e esse povo tá sendo respaldado por quê? pelos livros subversivos que estão chegando [...]. [...] os estudantes vão estudar fora pegam os livros subversivos que estavam rolando lá pela Europa que chegavam da França com as ideias Iluministas dentro de Portugal traz isso pro Tijuco e eles estão até hoje aqui dentro da biblioteca eu não tenho todos eles estão lá os livros estão lá e neles escrito: "Coimbra tanto do tanto" que o que prova que são os estudantes daqui que já estavam lá e que trouxeram esses livros pra cá eles vão trazer Voltaire eles vão trazer Diderot vão trazer toda obra de/ é: essas obras que eram consideradas proibidas. [...] período se por um lado foram as ideias que chegaram aqui para a questão do Absolutismo que veio da França mais tarde chegam as ideias do Iluminismo que é justamente o contrário que também vem do mesmo lugar da França. [...] agora quando nós observamos nós vamos ver a descrição de Saint Hilaire que é tão adorada por todo mundo: encontramos mais ilustração do que

> no resto do pai:s um gosto mais vivo pela literatu:ra agora ali mostra no próprio Saint Hilaire a presença do pensamento europeu de uma forma um pouco intensa eles são evolucionistas aquilo que eles veem GRANde coisa de civilidade grande coisa de progressão é aquilo que se aproxima de Paris. [...] uma forma completamente pejorativa a respeito daquilo que não se aproxima de Paris mas eles encontram aqui dentro mui::to daquilo que se aproxima de Paris que é um o centro do mundo. [...] veem GRANde coisa de civilidade grande coisa de progressão é aquilo que se aproxima de Paris. (ENTREVISTADO 3)[15].

A) 1. Representações: as influências europeias − portuguesa, francesa e inglesa − na formação da identidade do tijucano/diamantinense tiveram presença marcante, orientando os julgamentos, tomadas de decisão e atitudes na vida social, política e cultural dos habitantes do distrito Diamantino. Destacam-se: a) o absolutismo ("naquelas ideias dos reis poderosos da França naquelas ideias ali do absolutismo"); b) o iluminismo ("os livros subversivos que estavam rolando lá pela Europa que chegavam da França com as ideias Iluministas dentro de Portugal traz isso pro Tijuco"); c) Voltaire, Diderot ("eles vão trazer Voltaire eles vão trazer Diderot vão trazer toda obra de/ é: essas obras que eram consideradas proibidas"); d) a participação do Tijuco na Inconfidência Mineira ("mais tarde quando já chega em 1789 já tá o povo do tijuco protestando o povo do tijuco traMANdo a independência e esse povo tá sendo respaldado por quê? pelos livros subversivos que estão chegando"); e) a valorização da influência francesa ("aquilo que eles veem GRANde coisa de civilidade grande coisa de progressão é aquilo que se aproxima de Paris.").

2) Recursos linguístico-discursivos: a) ênfase dada ao conteúdo temático dos estandartes utilizados e à exclusividade do clero, que podia entrar no Arraial pelo uso de pergunta retórica: "ele faz isso baseado em quê?"; b) uso do termo da linguagem popular "rolando" com sentido de estar circulando, com o objetivo de mostrar a disseminação geral das ideias filosóficas e políticas propostas pelo Enciclopedismo na França: "livros que estavam 'rolando' pela Europa"; c) certa ironia ao citar as avaliações de Saint Hilaire na literatura sobre o Tijuco, com a modalização apreciativa: "que é tão adorada por todo mundo"; d) expressão de crítica à supervalorização da cultura francesa no Tijuco/Diamantina com o uso de acento de intensidade na pronúncia da palavra "grande": "veem GRANde coisa de civilidade grande coisa de progressão é aquilo que se aproxima de Paris"; e) uso do verbo agentivo "tramando" que reforça o sentido das atividades de organização dos movimentos de rebeldia dos tijucanos.

> B) Então, a hisTÓria de Minas Gerais por causa do diamante e do próprio ouro, do ouro até e por causa do diamante ela vai ser diferenciada por causa do diamante e do

[15] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 1º de abril de 2011.

> próprio ouro do ouro até e por causa do diamante ela vai ser diferenciada nem as ordens da igreja puderam entrar aqui dentro não pôde ter seminário dentro de Minas Gerais no século XVIII e até metade do século XIX aqui não se pôde ter franciscanos beneditinos mercedários a igreja se divide em ordem primeira que são os homens que fazem os votos de pobreza obediência e castidade se divide nas ordens segundas que são as mulheres que também fazem esses três votos e existem as ordens terceiras [...] os leigos e aí o que que vai acontecer Portugal imediatamente trava a entrada das ordens primeiras e segundas aqui que são beneditinos mercedários carmelitas todos eles não puderam entrar qual o clero que entrou aqui dentro? Entrou aqui dentro de Minas Gerais como entrou em Diamantina o clero o regular que estava vinculado aos bispos por quê? porque o bispo era indicado pelo rei de Portugal e os padres que estariam aqui seriam padres vinculados aos bispos e não às ordens religiosas que fugiam um pouco do controle do rei. (ENTREVISTADO 3)[16].

B) 1. Representações*:* a Igreja Católica no Tijuco seguiu todas as normas de Portugal, que proibiu a instalação no Tijuco das ordens religiosas ("não às ordens religiosas que fugiam um pouco do controle do rei"), aceitando apenas o clero regular ("porque o bispo era indicado pelo rei de Portugal e os padres que estariam aqui seriam padres vinculados aos bispos").

2) Recursos linguístico-discursivos: a) acento de intensidade na pronúncia demonstra uma valorização do termo "história" como documento de verdade ("a hisTÓria de Minas Gerais"); b) ênfase dada às informações pelo uso de perguntas retóricas ("qual o clero que entrou aqui dentro? Entrou aqui dentro de Minas Gerais como entrou em Diamantina o clero o regular que estava vinculado aos bispos por quê?").

> C) [...] tempos mais tarde nós vamos ver a chegada dos lazaristas franceses chegam os laba/ os lazaristas franceses o Dom João ele vai é: incumbir a formação no seminário de Diamantina pelos lazaristas franceses e nós temos que ver o que que significa o seminário nessa época era a ÚNICA forma de estudo que poderia ter de um estudo mais avançado na região para o seminário com um pou/ [...] um pouquinho mais tarde né para o Colégio Nossa Senhora das Dores vinham pessoas do sul da Bahia estudar aqui [...] é nesse momento que até a/ quando e o garimpo nessa fase ele entra em declínio muito grande porque depois da abolição da escravatura em 1888 o negro já não se submetia ao serviço | como antes existia uma necessidade de uma revolução tecnológica dentro do garimpo o garimpo passa a não ser mais a primeira pauta dentro do distrito de Diamantina nós vamos ter a vinicultura nós vamos ter as fábricas que surgem nós vamos ter o desenvolvimento da educação principalmente justamente por causa do desenvolvimento da educação da segunda metade do século XIX é que Diamantina passa a ter uma titulação de Atenas do Norte Atenas por causa do conhecimento lógico proporcionado principalmente pelos educandários é aí que o Colégio Nossa Senhora das Dores ele vai ter essa função de receber todas essas essas moças que vinham de TÃO lon:ge pra poder estudar [...]. (ENTREVISTADO 3)[17].

C) 1. Representações: a influência francesa na educação e na cultura em Diamantina deve-se à chegada dos lazaristas, da congregação francesa no Seminário, bem como das Irmãs

[16] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 1º de abril de 2011.
[17] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em1º de abril de 2011.

no Colégio Nossa Senhora das Dores, sendo grande a importância desses educandários para Diamantina e toda a região do norte mineiro (“nós temos que ver o que que significa o seminário nessa época era a ÚNICA forma de estudo que poderia ter de um estudo mais avançado na região para o seminário [...] aí que o Colégio Nossa Senhora das Dores ele vai ter essa função de receber todas essas essas moças que vinham de TÃO lon:ge pra poder estudar”; “Diamantina passa a ter uma titulação de Atenas do Norte, Atenas por causa do conhecimento, lógico, proporcionado principalmente pelos educandários”).

2) Recursos linguístico-discursivos: a) ênfase à importância do seminário para Diamantina como única forma de estudo avançado; inclusão do enunciador com o uso da primeira pessoa do plural indicando aceitação plena da sua assertiva (“e nós temos o que significa o seminário nessa época. [...] era a ÚNICA forma de estudo que poderia ter de um estudo mais avançado na região para o seminário”); b) uso de entonação de força expressiva no vocábulo de exclusão (“ÚNICA”) para indicar a importância do seminário no contexto educacional de Diamantina; c) destaque para a educação; uso do termo “lógico” como forma de modalização, indicando a impossibilidade de se contestar a afirmativa.

Em síntese, o entrevistado apresenta suas representações sobre a importância de certos fatos históricos em Diamantina como determinantes na formação da identidade de seu povo, firmada na diferença da sua trajetória. Ele ressalta os valores sociais tradicionais e históricos da terra, reconhecendo o papel fundamental da diocese nesse processo, sob os parâmetros traçados pela Igreja de Roma, europeia e universal. A identidade do diamantinense “radicada na sua história”, como afirma o Professor Aires (primeiro capítulo), confirma-se nas representações desse entrevistado.

7.1.2.3 Excertos da fala do entrevistado 4 sobre o segundo eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais

> A) [...] O Seminário é onde tinha educação, não é?, aqui na cidade. Pra pessoa ser bem educada, né?, ter um estudo mais evoluído e:ra Seminário, tinha que ir pra Seminário. Fora disso, não tinha nenhum lugar pra ir, não, né? Então, realmente, é é nisso aí o: a educação religiosa influiu beneficamente na cultura toda local, quer dizer, muitos foram ser padres, mas a maioria não, foi tomou outro rumo. Mas, tendo uma base já bem sólida de de educação [...]. [...] Aquilo [s\íd\ dos lazaristas] foi um episódio lamentável na história nossa de Diamantina e na história da igreja, né?, na história, de modo geral, religiosa. (ENTREVISTADO 4)[18].

[18] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 31 de janeiro de 2011.

1. Representações: o Seminário foi o educandário que garantiu o desenvolvimento da educação e a manutenção do alto nível de ensino em Diamantina, portanto, a saída dos padres lazaristas foi um episódio lamentável (“Pra pessoa ser bem educada, né?, ter um estudo mais evoluído e:ra Seminário, tinha que ir pra Seminário. Fora disso, não tinha nenhum lugar pra ir, não, né? [...] Aquilo [a saída dos lazaristas] foi um episódio lamentável na história nossa de Diamantina e na história da igreja, né?, na história, de modo geral, religiosa”).

2. Recursos linguístico-discursivos: a) uso da expressão de exclusão “fora disso” (“fora disso não tinha nenhum lugar pra ir, não, né?.”), e da modalização lógica “realmente”, que reforça a sua representação da exclusividade do seminário como educandário da época; b) uso da força expressiva da locução “tinha que” como sinal de ação obrigatória (“tinha que ir pra Seminário”).

> B) Bom, mas aí então eu não sei se por causa dessa ascendência portuguesa, eu acho que foi altamente positiva, sempre foi positiva pra nós. Nós temos tido essa influência sob/ sob acho que sob todos os aspectos. Sob o aspecto educ/ educacional, educativo, nem se fala, acho que isso foi muito bom. Sob o aspecto comercial foi bom. É: sob sob: até sob um aspecto político também, porque: a a::: a educação portuguesa nos ensinou a a:: a assim a arte da controvérsia. Você conversar com o adversário, você você:, enfim, é: discutir com o adversário suas ideias, você trocar ideias com com pessoas de outros partidos. Acho que isso tudo a gente: dentro desse caldeamento, dessa educação europeia que a gente teve. Acho que foi positivo, eu eu acho que dentro da história de Diamantina, o que a gente vem aprendendo, vem recebendo até hoje a influência europeia pra nós foi muito bom, foi muito boa, foi positiva. (ENTREVISTADO 4)[19].

B) 1. Representações: a influência portuguesa para os diamantinenses em todos os aspectos foi positiva na sua formação pessoal e social: “Sob o aspecto educ/ educacional, educativo, nem se fala, acho que isso foi muito bom”; “Sob o aspecto comercial foi bom”; “É: sob sob: até sob um aspecto político também”; “Acho que isso tudo a gente: dentro desse caldeamento, dessa educação europeia que a gente teve”.

2. Recursos linguístico-discursivos: a) ênfase dada às suas representações de valorização da presença da cultura europeia em Diamantina com o uso de expressões sinônimas que indicam modalizações apreciativas: “bom”, “muito boa”, “positiva”, “a influência europeia pra nós foi muito bom, foi muito boa, foi positiva”; b) para definir a influência portuguesa por meio do processo de ancoragem/objetivação, uso do termo “caldeamento”, fenômeno de outro domínio conceitual, significando “soldar em estado incandescente, em brasa”, o que demonstra um processo que reflete a mistura de culturas, a miscigenação que ocorreu em Diamantina.

[19] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 1º de fevereiro de 2011.

Em síntese, as representações do entrevistado destacam a implantação e a continuidade das práticas culturais europeias em Diamantina, indicativo de um índice de cristalização da cultura, da influência benéfica europeia até hoje em Diamantina nos diversos setores: “sob todos os aspectos”. Suas representações constituem Representações de Referência, o núcleo central de uma representação, valor convencional que permanece através da história e é resistente a mudanças.

7.1.2.4 Excertos da fala do entrevistado 5 sobre o segundo eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais

> [...] a gente vê como é/ como são diferentes as festas religiosas no CeNtro e na periferia porque o centro não deixa de ter aquela formação anti:ga [...] eu acho que isso é essa coisa anTIga de Diamantina não sei se é origem de Portugal dos portugueses mas que é coisa que que GUARda sabe essa coisa antiga essa tradição acho que no centro é muito mais difícil pra tudo. [...] eu acho que o colégio não deixou de deixar uma marca em nós todos [...] a saída do colégio acho que não foi assim não foi muito boa pra Diamantina. [...] uma turma na ocasião da festa do colégio uma minha turma lá fez uma história do colégio assim num painel foi muito interessante de dez em dez anos sabe entrevista com uma pessoa de cada foi um trabalho muito interessante assim no colégio enquanto eu dei aula também [...] eu não sei mas eu acho que havia muita receptividade assim dos alunos as turmas até eram grandes [...] eu achava que havia muita receptividade assim e que saía muita gente boa como professora né? (ENTREVISTADO 5)[20].

1. Representações: a prática religiosa exercida por pessoas da elite e pelas pessoas dos bairros são diferentes, dependem da cultura e do nível social ou até mesmo da influência portuguesa na vida social do grupo mais elitizado de Diamantina: “eu acho que isso é essa coisa anTIga de Diamantina não sei se é origem de Portugal dos portugueses mas que é coisa que que GUARda sabe essa coisa antiga essa tradição acho que no centro é muito mais difícil pra tudo”. As marcas culturais deixadas pelo Colégio Nossa Senhora das Dores foram benéficas: “eu acho que o colégio não deixou de deixar uma marca em nós todos.”.

2) Recursos linguístico-discursivos: a) para dar ênfase à sua representação sobre a influência negativa da elite, da cultura tradicional em Diamantina, uso de expressões do mesmo campo semântico (“coisa anTIga”, “que GUARda”, “essa coisa antiga”, “essa tradição”) com valor de ultrapassado e prejudicial, usando o reforço do acento de intensidade, de valor estilístico; c) valorizaçãodo trabalho do Colégio, com ênfase na proposição afirmativa: “saía muita gente boa como professora”.

[20] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 17 de setembro de 2011.

Em síntese, as representações do entrevistado, dada a sua experiência educacional e religiosa, mostram as diversas práticas através dos tempos, deixando claro que houve uma significativa contribuição do Colégio para a formação de professores. Suas representações mostram as mudanças percebidas no campo educacional e religioso. São significativas para ele as diferenças entre a participação em atividades religiosas dos habitantes do centro de Diamantina e da periferia. Ele deixa claro que o fator sociocultural interfere no grau de receptividade dos dois grupos quando atribui a maior atitude de indiferença ao tradicionalismo, "possivelmente" herança dos portugueses. Constitui, sem dúvida, uma variante de Representações de Referência em Representações de Uso, com já se disse anteriormente.

7.1.3 O terceiro eixo temático: as manifestações culturais de arte do Tijuco/Diamantina: as influências diversas na música, na pintura, na arquitetura, na ourivesaria e nas manifestações folclóricas

O Arraial do Tijuco teve uma vida social bem intensa, ocorrendo com certa frequência apresentações artísticas nos moldes europeus, como já se discutiu. Os entrevistados falam dessas práticas construídas pela sua vivência e observação.

7.1.3.1 <u>Excertos da fala do entrevistado 1 sobre o terceiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais</u>

> [...] Ó eu eu vou falar mais do lado da banda do sapo seco que é um um lugar que eu sempre mexi por cau/ das SÁtiras que sempre foi a banda do sapo seco. A banda do sapo seco sempre mexeu com os a a maioria das sátiras diamantinense que era é:: tem aí na época fazia que era por exemplo a: chovia a luz ia embora, então ele colocou um tanto de poste na rua e vinha com um regador e ia molhando os fios, a luz chegava e [...] o trem [...] O trem de ferro, que nunca chegava na hora certa, então o trem sempre chegava atrasado, aí:: Joaquim Spindola [...] que saía no bloco, ele saía, a banda saía às três, ele saía de casa às duas horas, com um violão satirizado como ele ia sair no bloco e com um placa atrás escrito: "Procura-se o trem de ferro". Aí ele ia procurando até encontrar com a banda no meio do caminho, aí vinha o trem de ferro, aí ele chegava e integrava pra dentro da banda. [...] Bom, Diamantina, se pegar hoje ela ela pode ter sido há muito tempo atrás artística, hoje ela não é artística. [...] Da atualidade e tudo, eles o seguinte, eles você não vê um CAMpo pra eles muito grande aqui em Diamantina. O campo deles é mais é Rio-São Paulo que que dá valor à arte, que dá valor ao desenho. É: a minha geração, você já pega aí Messias, cê pega Marcelo Brant, é:: [...] é: Messias, Marcelo Brant é:: Dona é: Helena Flecha [...]. Aí é o seguinte, a nossa geração é: ela precisa do turista de fora pra/ de Rio e São Paulo pra VER a nossa ARTE e comprar [...] É dentro do mercado diamantinense, eu acho que o mercado mineiro não existe [...] A arte, o valor. Não falo não existe a arte, eu falo o valor que se deve ser pago através do da arte. É:

> Marta e Aluísio mesmo s/ e:: Adriana são pessoas que ganharam muitos prêmios fora. (ENTREVISTADO 1)[21].

1. Representações*:* as manifestações culturais populares de Diamantina são bastante específicas, próprias, e a arte mudou consideravelmente com a produção e o mercado de consumo em decadência: "Bom, Diamantina, se pegar hoje ela ela pode ter sido há muito tempo atrás artística, hoje ela não é artística.".

2. Recursos linguístico-discursivos: a) para reforçar a sua representação sobre a especificidade dos blocos carnavalescos de Diamantina com objetivo de satirizar, censurar, ridicularizar os políticos, as autoridades e pessoas de destaque social, usa um gênero discursivo "sátira", próprio na literatura para esse fim, mas reforçado o seu sentido de intensidade, com acento de insistência: "das SÁtiras que sempre foi a banda do sapo seco"; b) para colocar o seu posicionamento sobre a não existência atual da arte pura, tradicional em Diamantina, uso categórico de um enunciado negativo: "hoje ela não é artística".

Em síntese, as representações do entrevistado confirmam uma posição de independência diante de dados históricos consolidados que não privilegiam as manifestações populares culturais. De acordo com a sua perspectiva, os padrões culturais de Diamantina evoluíram. Assim, as representações de uma cidade conservadora, com suas tradições cristalizadas, sofreram mudanças significativas, o que ele demonstra ter também acontecido no campo político-social. Para ele, há uma nova realidade no mercado de consumo dos produtos de arte, tendo desaparecido de sua localidade e transferido para o eixo Rio-São Paulo. Como já se observou, essas representações constituem Representações de Uso formadas sobre o contexto presente que se distanciam de todas as crenças que sempre destacaram Diamantina como uma cidade que valoriza sua arte de irrestrito prestígio, conforme as Representações de Referência estocadas na memória coletiva do diamantinense.

7.1.3.2 Excertos da fala do entrevistado 2 sobre o terceiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais

> John Rose fez a arquitetura daquela casa que a gente hoje tem e vê a maravilha que é um cartão postal de Diamantina que o prédio do fórum [...] é: muita coisa aqui para Diamantina e uma das coisas que chamou mais atenção foi a capela do Biribiri [...] a Santa Casa também de Diamantina que é outro cartão postal de Diamantina né que foi também feita por ele iniciada em 1866. [...] mas sofreram a influência da educação dele no Biribiri por exemplo sobre a música que lá no Biribiri eu conheci pessoas que tocavam harmônio por partitura e quem ensinou essa pessoa que EU conheci pessoalmente foi a filha de John Rose a Francisca Rose que tocava piano

[21] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 1º de fevereiro de 2011.

> tocava harmônio tocava harpa e dava uns saraus em Diamantina como dava uns saraus em Biribiri também o que acontecia em Diamantina acontecia no Biribiri também essa cultura não é essa cultura existente que ele trouxe da Europa porque ele já veio o John Rose já veio da Inglaterra com uma bagagem de cultura MUIto grande não só a arquitetônica. [...] o passadiço da Casa da Glória foi construído por ele e o prédio também. (ENTREVISTADO 2)[22].

1) Representações: a presença da cultura inglesa na arquitetura e na música foi uma contribuição de John Rose, que fez importantes construções em Diamantina e trouxe a sua cultura musical e a família para Diamantina e Biribiri.

2) Recursos linguístico-discursivos: a) para ressaltar a diversidade cultural de John Rose na arquitetura, uso do acento de intensidade ("uma bagagem de cultura MUIto grande não só a arquitetônica"); b) uso de modalizações apreciativas indicativas de forte envolvimento subjetivo do entrevistado ("a maravilha que é um cartão-postal de Diamantina [...] a Santa Casa também de Diamantina que é outro cartão-postal", "uma das coisas que chamou mais atenção").

Em síntese, as representações do entrevistado destacam a valiosa contribuição da cultura inglesa nas produções culturais de Diamantina, cujo agente foi o artífice inglês John Rose, não só pelos seus trabalhos na arquitetura diamantinense, mas também pela sua diversidade de habilidades culturais.

7.1.3.3 Excertos da fala do entrevistado 3 sobre o terceiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais

> [...] eles vão assimilar porque quem é o artista quem é o músico quem que vai ser o autor de/ o o o ator do teatro quem que vão ser essas pessoas que produzem a cultura é o povo eles produzem essa cultura fomentado e: através da mecenas desses poderosos e da própria igreja da própria das próprias IRmandades né então o que que vai acontecer que existe realmente essa presença muito grande dessa vinculação né dessa vinculação é: da cultura aqui o:. [...] NIsso nós vamos ver que vai haver de certa forma uma um uma preSENça maior de pessoas da metrópole dentro de Diamantina [...] as imagens que existem dentro da Igreja do Carmo e as imagens que existem dentro da Igreja do Rosário s/ a maior parte das igrejas são importa/ das imagens são importadas de Portugal é o barroco legítimo europeu aqui dentro e esse barroco legítimo europeu a gente nota isso nas iMAgens que estão aí nós podemos notar isso também na própria pintura de Diamantina das igrejas na pintura no douramento na talha é fora nós temos o Ataíde que é: maravilhoso temos o Aleijadinho que é fantástico dentro de Diamantina os primeiros mestres todos portugueses José Soares de Araújo guarda-mor português que veio de Braga. [...] os músicos eles eram mulatos porque a profissão de músico é manual e nós vamos ver nesses mulatos um fenômeno como Lobo de Mesquita que é um muLAto da Igreja Nossa Senhora das Mercês filho de português com escrava que vai fazer um barroco uma música barroca com estrutura de um barroco mineiro mas em qualidade inquestioNÁvel sendo considerado o maior músico sacro do século XVIII nas

[22] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 1º de fevereiro de 2011.

> Américas então essa influência ela está muito perto ela é muito forte por causa de/ seguir aqui em Diamantina os há/ os hábitos da aristocracia as festas são famosas. [...] mas é cla:ro mas é claro manifestações manifestações do século XVIII quando nós falamos de Lobo Mesquita manifestações do século XVIII em Diamantina acontecem até hoje não representadas mas elas acontecem até hoje nos MESmos lugares que elas foram criadas a linha condutora que uniu os homens em Diamantina ela não foi rompida porque as músicas de de Lobo Mesquita com os motetos ela é tocada até hoje na procissão e no mesmo local que ela foi feita pra poder ser tocada na questão dos passos a imagem ainda para no mesmo lugar a imagem que foi comprada pra poder sair de procissão ainda é utilizada na procissão no dia certo e na hora certa então em/ é jamais nós poderemos ver a arte em Diamantina como é: barro::co rococó:: é: classici:smo pré-mo/ não aqui não foi assim porque manifestações do barroco acontecem até hoje dentro de Diamantina. [...] não extingue uma então a arte barroca não se extinguiu de forma nenhuma através da benzeção através da reza através da procissão através da música através do canto através dos hábitos e da culinária dentro de casa isso não se perdeu prova que numa festa do divino a pessoa fica três quatro meses fazendo uma roupa pra sair na festa do divino e não é cola quente de escola de samba não é ALta cosTUra ainda nos moldes que se fazia no século XVIII então essa cultura ela veio de uma forma grande e quando pelo menos no parecer de Antônio de Paiva Moura por que que se ainda veste de século XVIII numa festa do divino em Diamantina é justamente vinculação com esse fausto português que teve por aqui. (ENTREVISTADO 3)[23].

1. Representações: a influência portuguesa nas manifestações culturais, como pintura, música, arquitetura, teatro, cerimônias religiosas, se fez presente no Tijuco desde a sua fundação, com a atuação principal do povo, do mulato principalmente, e continuam até hoje nos traços de identidade e cultura (“a linha condutora que uniu os homens em Diamantina ela não foi rompida porque as músicas de Lobo Mesquita com os motetos ela é tocada até hoje na procissão e no mesmo local que ela foi feita pra poder ser tocada na questão dos passos a imagem ainda para no mesmo lugar a imagem que foi comprada pra poder sair de procissão ainda é utilizada na procissão no dia certo e na hora certa”).

2. Recursos linguístico-discursivos: a) uso das perguntas retóricas que demonstram valorização da arte praticada pelo povo (“quem que vai ser o autor de/ o o o ator do teatro? quem que vão ser essas pessoas que produzem a cultura?”, cuja resposta só deve ser uma: “é o povo”); b) uso de modalizações apreciativas de sentido superlativo para enfatizar as manifestações artísticas barrocas (“maravilhoso temos o Aleijadinho que é fantástico”); c) uso do acento de intensidade nos vocábulos para enfatizar a etnia afrodescendente dos grandes artistas diamantinenses: (“muLAto e qualidade inquestionável”; “os músicos eles eram mulatos”; “[Lobo de Mesquita] uma música barroca com estrutura de um barroco mineiro mas em qualidade inquestioNÁvel sendo considerado o maior músico sacro do século XVIII nas Américas”).

[23] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 1º de abril de 2011.

Em síntese, as representações do entrevistado remetem a Representações de Referência sobre as manifestações artísticas dos habitantes do Tijuco/Diamantina em modalidades diversas e a estreita relação de Diamantina com os padrões da Europa, notadamente com o estilo de época barroco. Como demonstração de apreço e entusiasmo, o entrevistado exemplifica a continuidade do processo de influência europeia: "[...] numa festa do divino em Diamantina é justamente vinculação com esse fausto português que teve por aqui". Comprova-se, assim, o índice de cristalização dos padrões culturais provenientes da Europa, indicando que as influências não se perderam e que Diamantina continua com as mesmas práticas trazidas pelos europeus.

7.1.3.4 Excertos da fala do entrevistado 4 sobre o terceiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais

> A própria arquitetura da cidade é muito semelhante à arquitetura portuguesa. Évora, por exemplo, isso aqui é quase um retrato de lá. Isso faz a gente viver dentro desse ambiente de cultura europeia. [...] Outra influência grande, acho foi a our/ ourivesaria que nós já falamos aqui. Vieram vários portugueses pra cá, não é?, da família de Seu Cos/ Seu Cosme [...] E eles, então, eram especialistas, lá em Portugal eles eram especialistas nessa parte de de filigrana e tal. E implantaram isso na na nossa na nossa região, não é? Quer dizer, joias lindas, coisas lindas. [...] E tem um inventário aí, achei interessante que com com até é: é: eu notei algumas palavras, por exemplo, daquele tempo que usava no comércio, que mostra a influência francesa, então, eNORme no comércio. [...] Agora, no comércio, uma coisa interessante, no comércio havia essa essa essa: essa culTUra, vamos dizer assim, dizer que as coisas importadas e talvez fossem mesmo, não, eram! Eram melhores. Você pegava, por exemplo, um canivete, né?, feito um Roger inglês era muito melhor que os nossos aqui, não é? FerraMENtas e tal. Tinha é ferramenta eu me lembro enxó Belota, enxó [...] É é, Belota, essa daí é espanhola, era muito melhor, não sei se é espanhola ou italiana, acho que espanhola, é muito melhor do que qualquer enxó nacional que a gente tinha. (ENTREVISTADO 4)[24].

1. Representações*:* a influência portuguesa na arquitetura, na ourivesaria e no comércio é uma realidade em Diamantina e isso foi benéfico para a formação do diamantinense em todos os aspectos ("E eles, então, eram especialistas, lá em Portugal eles eram especialistas nessa parte de de filigrana e tal. E implantaram isso na na nossa na nossa região, não é? Quer dizer, joias lindas, coisas lindas").

2. Recursos linguístico-discursivos: a) expressão de certo orgulho pela semelhança entre Diamantina e Évora ("Évora, por exemplo, isso aqui é quase um retrato de lá"); b) uso de modalizações apreciativas para enfatizar a beleza das joias produzidas em Diamantina ("joias lindas, coisas lindas") ;c) expressão de todo um processo de raciocínio com retificação

[24] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 31 de janeiro de 2011.

de sentido e autocorreção, demonstrando uma avaliação positiva da superioridade dos produtos importados (“e talvez fossem mesmo, não, eram! Eram melhores”).

Em síntese, as representações do entrevistado mostram uma presença muito destacada da influência europeia na arquitetura, com destaque para a semelhança entre o conjunto arquitetônico de Évora e o casario colonial de Diamantina, e também para a ourivesaria, com a produção de joias finas pelos portugueses especialistas do ramo. Além disso, as representações sobre o comércio, as referências à importação de produtos europeus apreciados e consumidos na região, revelam muito a admiração e apreço do entrevistado pela ligação entre as duas culturas. Ele demonstra certa vaidade como participante direto nesse intercâmbio, considerado muito benéfico e prestigioso para os diamantinenses.

7.1.3.5 Excertos da fala do entrevistado 5 sobre o terceiro eixo temático, focos identificados e análise das dimensões internas das Representações Sociais

> [...] é porque essa esses essa: essas festas todas né saraus e festa pra todo lado e da França não sei mais de onde né era muito diferente muita coisa e que o povo não participava. (ENTREVISTADO 5).

1. Representações*:* as diversas festas sempre aconteceram em Diamantina, mas sem a participação do povo (“[...] saraus e festa pra todo lado e da França não sei mais de onde né era muito diferente muita coisa e que o povo não participava”).

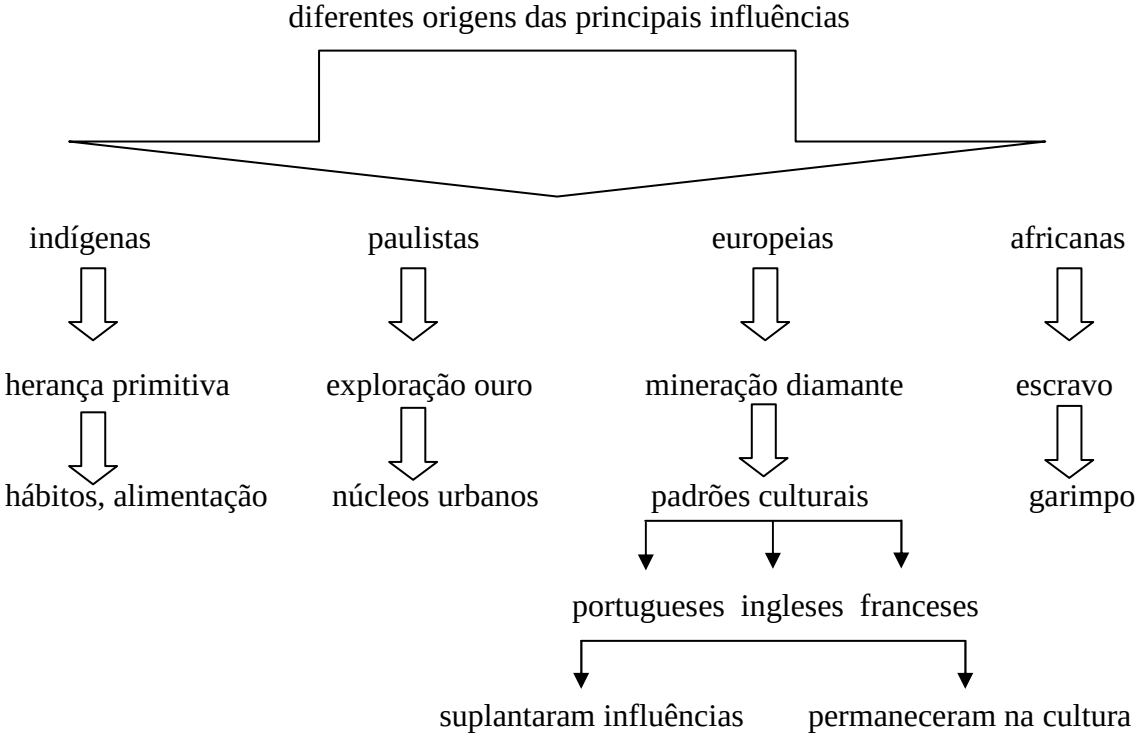
2. Recursos linguístico-discursivos: uso de vários recursos predicativos para o termo “festas” para reforçar a sua representação de que havia muitas e diferentes manifestações artísticas, mas que o povo não participava delas (todas, da França, pra todo lado, não sei mais de onde”.

Em síntese, mais uma vez, percebe-se que as Representações de Referência, construídas e radicadas no imaginário social dos diamantinenses, tendem a se modificar diante de novos contextos socioculturais que levam à construção das Representações de Uso. Foi o que ocorreu com as representações desse entrevistado: ele focalizou as festas tradicionais “importadas” como realidades fora do cotidiano do povo e construiu representações evoluídas, mais próprias, mais adequadas a um novo contexto social. Na condição de sujeito de processos interacionais discursivos com comunidades de base de movimentos religiosos, o entrevistado tem suas representações firmadas em novos valores, concluindo que a abrangência e os benefícios da influência europeia na prática das manifestações culturais de

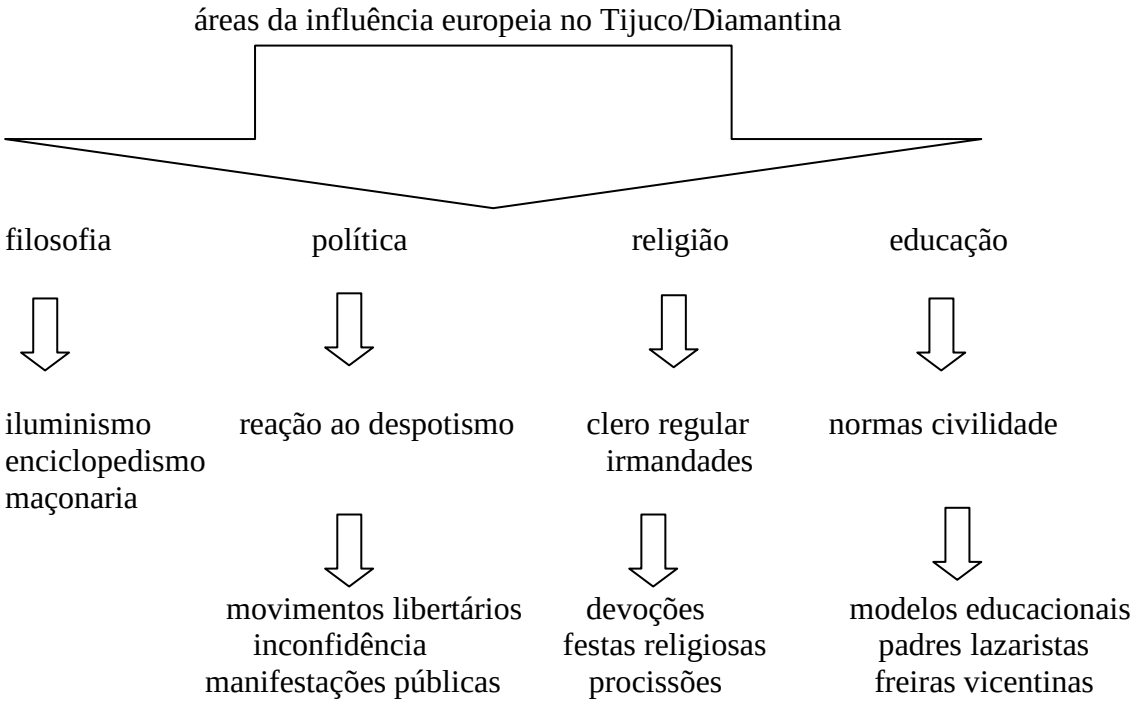
Diamantina foram prejudicados diante de sua elitização. É o que se presume pela interpretação do discurso analisado.

Mapa 6: Representações sociais dos entrevistados

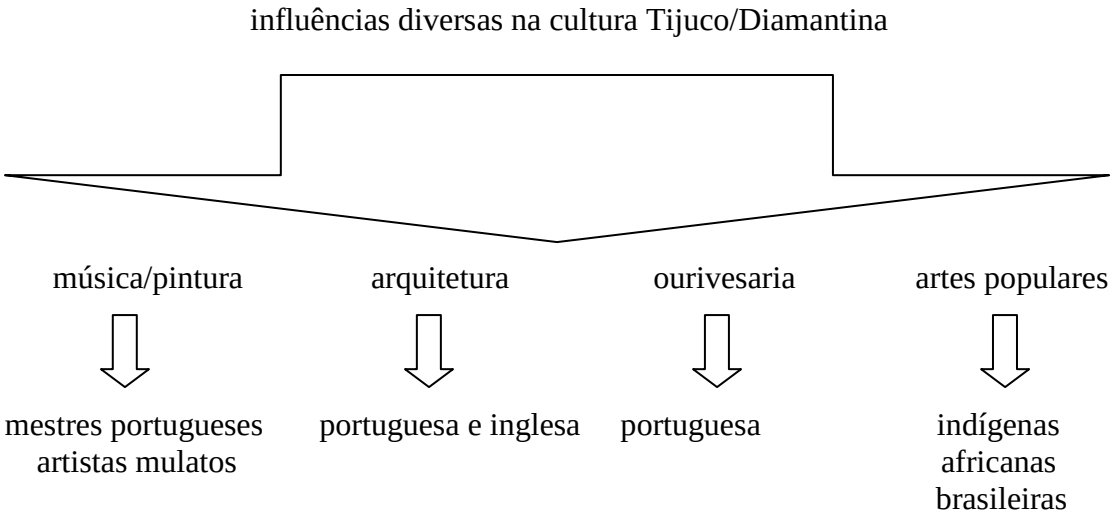
A) 1º eixo temático:



B) 2º eixo temático:



C) 3º eixo temático:



8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

> [...] partilhadas [representações sociais] por tantos, penetram e influenciam a mente de cada um, elas não são pensadas por eles; melhor, para sermos mais precisos, elas são re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas. (MOSCOVICI, 2009, p.37).

Ao final deste trabalho, tendo em vista o seu objetivo geral de investigar, em discursos de escritores e de entrevistados, predominantemente diamantinenses, Representações Sociais sobre a presença de europeus na formação da identidade e na definição dos parâmetros culturais dos habitantes do Tijuco/Diamantina, nos séculos XVIII, XIX e XX, algumas conclusões esclarecedoras de instigantes interrogações, hipóteses foram elucidadas depois de demorada imersão no universo sociointerativo verbal das pessoas para esse fim selecionadas.

Algumas decisões preliminares ao longo da pesquisa contribuíram para nortear os seus rumos, são elas: não imprimir caráter de pesquisa histórica ao trabalho; adotadar estratégias de métodos qualitativos na análise dos discursos, privilegiando a interpretação das falas dos escritores e entrevistados como sujeitos sociais que interagem entre si; e compreender as posições assumidas, as avaliações levadas a efeito diante dos fatos vividos, lidos, observados e comentados.

Outra decisão foi desenvolver a análise dos discursos fundamentada em estudos da Teoria das Representações Sociais (TRS), a partir de reflexões embasadas em observações e experiências como pertencente ao universo cultural investigado. A partir dessa perspectiva, fundamentou-se a interpretação das representações em referenciais teóricos da linguística do discurso, apreendendo a linguagem no seu funcionamento concreto para explicar os processos de referenciação na construção dos sentidos dos discursos. Para maior clareza dos conceitos adotados nos estudos dos processos de referenciação e nos da Teoria das Representações Sociais, foram feitas ilustrações com exemplos pertinentes aos temas estudados.

A primeira ilustração constou de uma sucinta análise de um excerto de discurso de Aires da Mata Machado Filho (1980) como mostra significativa e eloquente de que referir-se ao mundo é um processo discursivo e interativo; de que não há uma referência estabelecida *a priori*, mas sim, processos de construção de objetos de discurso, cujos sentidos são humanos, não puramente imagens do real observado, como se pôde perceber nas asserções do Professor Aires: “É doce evocar, ao longo de ruas veneráveis, entre vetustos edifícios, que falam com eficaz eloquência de um passado ainda vivo, esses tipos característicos do velho Tijuco.” (MACHADO FILHO, 1980, p.89).

Na segunda ilustração, para uma melhor compreensão da importância das Representações Sociais na análise dos discursos selecionados, buscou-se mostrar a sua validade prática e, com exemplos das Representações de Referência (RR) e das Representações de Uso, analisando-se as representações de escritores sobre uma importante figura do imaginário social de Diamantina, a lendária e mítica Chica da Silva, a "Rainha do Tijuco". Ela foi julgada de formas diferentes, por meio de recursos linguístico-discursivos de grande diversificação vocabular, resultantes dos processos de referenciação/categorização. Essa discussão teve, também, a finalidade de mostrar que o faustoso e marcante período do "reinado" de João Fernandes e Chica da Silva contribuiu para que se tornassem conhecidas e admiradas as produções artísticas europeias que, ao longo da história, foram fundamentais na estruturação dos paradigmas da cultura do Tijuco/Diamantina. Delineou-se, assim, as primeiras expressões de identidade e formação cultural que sempre se traduzem na participação do sujeito num sistema de valores e crenças sociais.

A seguir, partiu-se efetivamente para a análise das representações de escritores e entrevistados e para a apresentação dos resultados das interpretações efetuadas, focalizando-se os eixos temáticos e as formas discursivo-linguísticas das Representações Sociais, com o propósito de se atingir, além do objetivo geral supracitado, os objetivos específicos, de que se faz um retrospecto: a) identificar nos discursos pesquisados alusão a fatos político-sociais europeus e fatos ocorridos na Demarcação Diamantina que indicam a relação entre os parâmetros culturais europeus e as várias manifestações culturais do Tijuco/Diamantina; b) identificar índices de cristalizações e variações/mudanças de Representações Sociais sobre a presença dos europeus na formação do Tijuco/Diamantina nos diversos segmentos de discursos analisados no *corpus*; e c) mostrar, com a análise dos processos discursivos das Representações Sociais, que a identidade do diamantinense e sua cultura se estruturaram sob a influência de parâmetros culturais europeus. As considerações que se seguem sobre as análises desenvolvidas acerca das representações dos escritores e entrevistados têm como escopo mostrar como os objetivos estabelecidos foram atingidos.

As representações do doutor José Vieira Couto, autor do primeiro discurso analisado, destacaram o período da Real Extração como um tempo sombrio na história da extração do diamante. Tais representações são expressões das amargas perdas e sofrimentos da população tijucana, as quais motivaram uma reação dos mineradores e fizeram surgir um repúdio às ações dos administradores, sentimento este que perdura na história da cidade e que faz parte dos traços da identidade do diamantinense, conforme apresentado no primeiro capítulo.

Vieira Couto participou dessa luta e construiu suas representações sobre o despotismo da Coroa Portuguesa, o que gerou forte embate entre a elite tijucana e as autoridades portuguesas. Essas representações de Vieira Couto contribuíram, sem dúvida, para orientar os comportamentos dos participantes do grupo, auxiliando-os no processo de definição de seu papel em relação à comunidade. Pode-se afirmar que a cultura do minerador, entendida como formas de vida, hábitos e costumes, foi marcada por traços de identidade fundidos no sofrimento iniciado nesse período.

Em segundo lugar, foram analisadas as representações construídas por Joaquim Felício dos Santos, que focalizaram a abertura do Tijuco/Diamantina ao mundo da renovação das ideias filosóficas, políticas e sociais, conforme modelos europeus, mais especificamente, franceses, o que levou o autor a afirmar: “e assim nós também participávamos do influxo benéfico da grande revolução moral que se realizava na Europa.” (SANTOS, 1978, p.230-231). E esse processo desenvolvido no Tijuco trouxe mudanças radicais no comportamento dos líderes do Distrito Diamantino e na definição de traços de identidade cultural e social que se conservaram até os dias atuais.

Houve, portanto, ao longo da história, uma mudança radical das Representações Sociais construídas sobre o anticolonianismo, o despotismo das monarquias, a antirreligiosidade no combate aos poderes eclesiásticos e a revolução de princípios morais e políticos. Na verdade, mudou-se a mentalidade do povo, o que sedimentou toda uma nova realidade social instalada no “Velho Mundo”, estendendo-se às terras americanas. Em decorrência disso, paradigmas como “o direito divino dos reis”, “o poder incondicional da igreja”, “a supremacia de classes sociais privilegiadas”, e “a sujeição das classes populares aos poderes absolutos dos monarcas e senhores feudais”, constituídas como Representações de Referência como uma forma primitiva, apresentaram variações, novas Representações de Uso, como uma fase considerada de mudança no decorrer das evoluções filosóficas e sociais compartilhadas.

Seguiu-se a análise das representações de Aires da Mata Machado Filho, que enalteceram a figura do europeu na formação cultural dos tijucanos/diamantinenses no tocante ao domínio de habilidades intelectuais e artísticas notadamente reconhecidas na cultura do povo da terra sob inspiração dos modelos franceses, especificamente, na educação, no desenvolvimento intelectual da juventude diamantinense no século XIX e início do XX, como asseverou o autor: “A presença de europeus em Diamantina muito contribuiu para lhe elevar o grau de cultura. Eram todos ‘ingleses’ na designação popular, menos os franceses, que se distinguiram.” (MACHADO FILHO, 1969, s/p).

Dando continuidade, foram analisadas as representações da historiadora Junia Ferreira Furtado. A pesquisadora buscou retratar o Arraial do Tijuco quando se empenhava em se tornar uma réplica da Europa no tocante ao cultivo da arte teatral e suas artes subsidiárias durante o período do Contratador João Fernandes de Oliveira e de Chica da Silva (1753-1770). Nesse período, destacam-se os refinados padrões da vida social do Arraial em contraste com a sujeição dos trabalhadores da mineração aos caprichos de um governo altamente influenciado pela verdadeira rainha do Tijuco. Essa personagem famosa, como já se discutiu, inspirou diferentes representações e é inegável que ela contribuiu de alguma forma para que as práticas frequentes das manifestações artísticas no Tijuco seguindo os parâmetros da Europa se cristalizassem na cultura diamantinense.

Em síntese, as representações construídas/manifestadas nos discursos dos escritores são reveladoras da presença dos europeus na formação da identidade e definição dos parâmetros culturais dos habitantes do Tijuco/Diamantina: “havia trânsito cultural fértil e constante” entre a Europa e o Arraial do Tijuco/Diamantina (FURTADDO, 2003, p.186).

Em prosseguimento, foram interpretadas as representações dos entrevistados, considerando-se as mudanças do contexto de sua construção/manifestação. Para uma maior racionalização do processo, a análise das representações identificadas nos vários excertos das cinco entrevistas realizadas concentrou-se em três eixos temáticos principais: 1) as diversas origens das influências identificadas na formação da identidade e definição dos parâmetros culturais dos habitantes do Tijuco/Diamantina; 2) a especificidade da influência europeia sobre o povo tijucano/diamantinense na filosofia, na política, na religião e na educação; e 3) as manifestações culturais de arte do Tijuco/Diamantina na música, na pintura, na arquitetura, na ourivesaria e nas manifestações folclóricas.

Quanto ao primeiro eixo, constatou-se que a quase totalidade dos entrevistados têm representações de que a formação cultural do Arraial do Tijuco/Diamantina se embasou nas influências europeias a partir da descoberta dos diamantes e que Diamantina foi altamente beneficiada com essa presença em sua história. Quando se enfocaram, porém, os traços culturais populares, especialmente, nas manifestações folclóricas e religiosas, como o carnaval e as apresentações da Guarda Romana nas procissões de Diamantina, verificou-se que houve uma variação da primeira representação consolidada na história cultural de Diamantina, ou seja, constituiu-se uma nova representação que apontou a preponderância da influência dos povos indígenas, africanos e escravos.

No segundo eixo temático, as representações da influência europeia sobre o povo tijucano/diamantinense na filosofia, na política, na religião e na educação focalizaram-se nos

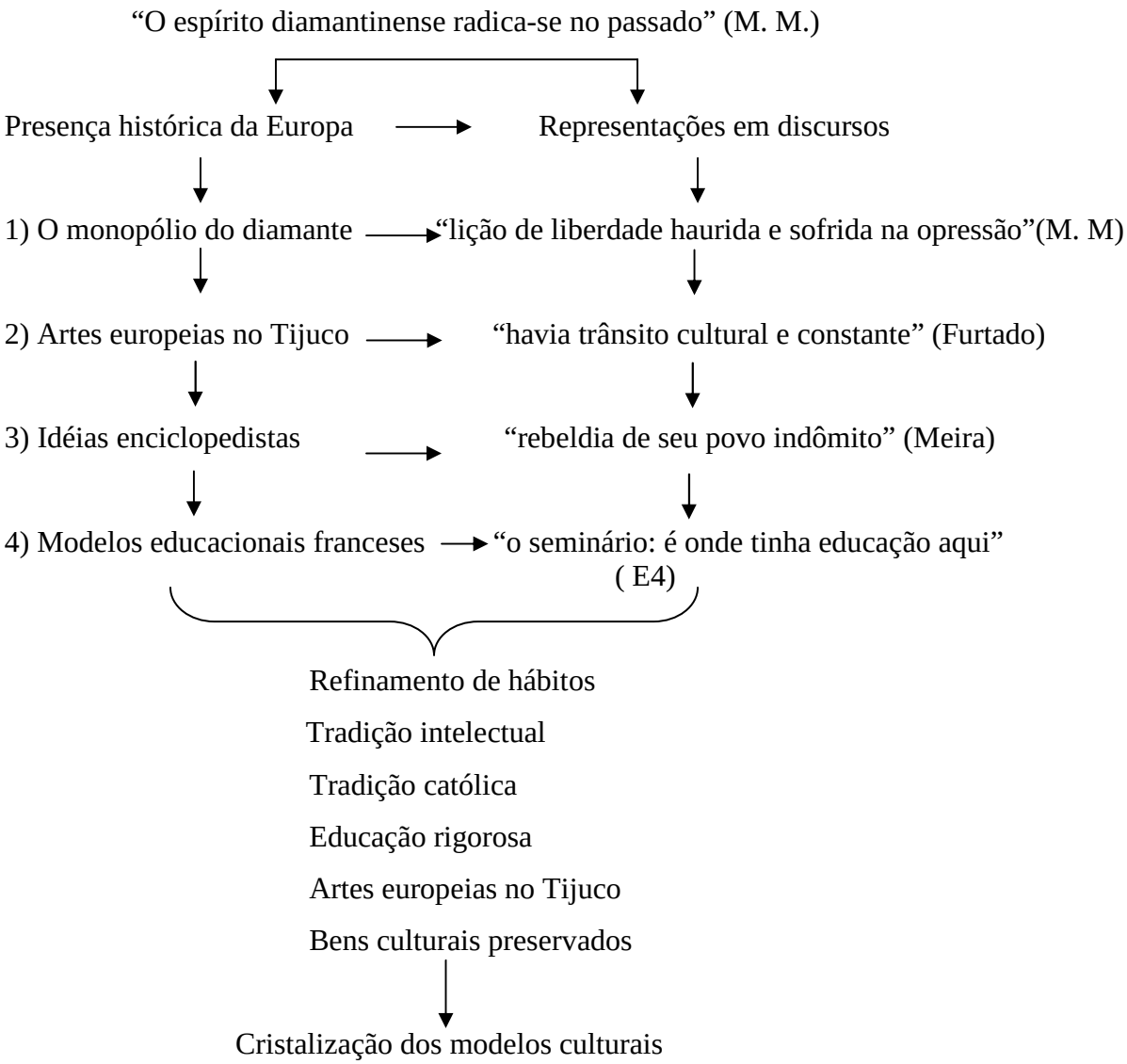
princípios absolutistas dos governos monárquicos europeus, seguidos das ideias do iluminismo defendidas pelos estudantes do Tijuco que fizeram cursos na Europa e trouxeram obras dos enciclopedistas tidos como subversivos. Na educação, a representação relaciona-se à valorização da influência da França nos modelos educacionais implantados no Seminário Diocesano e no Colégio das Irmãs em Diamantina. Além disso, pôde-se notar que a maioria dos entrevistados partilha dessas representações de que as mesmas influências europeias estão presentes nas festas religiosas reproduzidas pela Igreja e nas práticas das Irmandades no Tijuco/Diamantina até os dias de hoje.

No terceiro eixo temático, relativo às manifestações culturais de arte do Tijuco/Diamantina, na música, na pintura, na arquitetura, na ourivesaria e nas manifestações folclóricas predominaram as representações de que os modelos europeus foram reproduzidos e cristalizados na cultura diamantinense.

Em relação à presença europeia na cultura diamantinense, os entrevistados posicionaram-se de três formas: os que veem a influência europeia como benefício e motivo de grande orgulho e prestígio para a cultura e a história de Diamantina; os que acreditam que a influência europeia, embora benéfica, de alguma forma, custou sofrimentos e sacrifícios aos tijucanos/diamantinenses pela sua sujeição ao Governo Metropolitano; e os que não definiram propriamente se as influências europeias foram benéficas ou não, embora admitiram que elas existiram e ainda fazem parte da cultura diamantinense.

Esses dados indicam, mais uma vez, que Representações de Referência, nucleares primitivas, convencionais e Representações de Uso, variações dos esquemas periféricos das primeiras, foram construídas por diferentes sujeitos sociais, com suas perspectivas e intenções próprias nos eventos de interações sociodiscursivas, com naturais implicações históricas, sociais e contextuais.

Mapa 7: Representações Sociais − identidade/cultura



Cada episódio histórico identificado nas análises empreendidas marca a presença da cultura europeia no Tijuco/Diamantina e tem correspondência nos discursos dos diamantinenses: 1) a Real Extração, com o monopólio da extração e comercialização do diamante pela Coroa, marcou presença no Tijuco e, ao aplicar rigorosamente as regulamentações do Livro da Capa Verde, ocasionou um espírito de rebeldia que perdurou na identidade dos diamantinenses; 2) estreitadas as relações entre a Metrópole e o Tijuco, iniciou-se um processo de implantação dos padrões europeus de cultura, sendo as manifestações artísticas do Velho Continente, rigorosamente, imitadas pela elite do Arraial; 3) as mudanças ocorridas na Europa no campo da filosofia, da política, da religião foram sentidas e praticadas pelos tijucanos, que importaram as ideias enciclopedistas e começaram a

sentir o peso do jugo metropolitano e contra ele se rebelar; 4) os modelos culturais europeus em Diamantina se fortaleceram no século XIX quando modelos educacionais franceses foram implantados no Seminário Diocesano e também no Colégio Nossa Senhora das Dores, sendo os seus benefícios educacionais sentidos em todo o norte mineiro: “o seminário: é onde tinha educação aqui” (E4).

No final do mapa, a conclusão: **predominância das RR pela cristalização dos traços identitários/culturais, uma vez que as** “**manifestações do século XVIII em Diamantina acontecem até hoje” (E3)**.

Enfim, as Representações Sociais cristalizadas na cultura diamantinense ratificam o que se vem afirmando: a Europa implantou no Tijuco indeléveis marcas de seus padrões culturais e Diamantina, até os dias atuais, reflete essa influência, que naturalmente sofreu modificações próprias das evoluções socioculturais de um grupo social através de sua história. Houve o pleno reconhecimento de que as influências europeias, notadamente, a portuguesa, a francesa e a inglesa, imprimiram marcas na formação da identidade dos habitantes do Tijuco/Diamantina e na definição dos seus parâmetros culturais, considerando comprovada, dessa forma, a veracidade da hipótese levantada, conforme se percebe pela avaliação do entrevistado 4:

> Acho que isso tudo a gente: dentro desse caldeamento, dessa educação europeia que a gente teve. Acho que foi positivo, eu eu acho que dentro da história de Diamantina, o que a gente vem aprendendo, vem recebendo até hoje a influência europeia pra nós foi muito bom, foi muito boa, foi positiva. (ENTREVISTADO 4)[25].

Os dados coletados, na sua maioria, mostram certa identidade entre as Representações de Referência dos escritores e entrevistados: a) a origem da cultura do Arraial do Tijuco/Diamantina está nos modelos europeus trazidos a partir da descoberta dos diamantes; b) Diamantina foi beneficiada com essa influência nas diversas áreas da vida cotidiana, o que muito contribuiu para a formação da identidade dos seus habitantes; c) os diamantinenses prezam pela sua história e sua cultura, pelo conjunto de valores sociais históricos, tradicionais; d) uma sólida formação intelectual constitui um valor inestimável na sua cultura; e) distinguem-se os diamantinenses por certa elegância e fino trato na sua convivência nas diversas áreas da atuação; e f) cultivam um forte espírito de independência em seus atos e atitudes.

[25] Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada em Diamantina, em 31 de janeiro de 2011.

Ao lado dessas Representações de Referência, no entanto, outras foram construídas, as Representações de Uso: a) os padrões culturais trazidos da Europa e implantados no Tijuco tiveram como agentes de sua prática pessoas do povo, principalmente mulatos; b) a origem das manifestações artísticas do Tijuco atribuídas às influências africanas e indígenas, quando se ressaltam produções populares folclóricas e religiosas; b) certa desconfiança quanto aos benefícios atribuídos à influência europeia; e c) a eletização das manifestações culturais de origem europeia não possibilitando participação do povo.

Conclui-se, enfim, que as Representações de Referência foram preponderantes, o que indica que os sujeitos dos discursos analisados consideram esses padrões como valores decisivos na formação da identidade e na definição dos parâmetros culturais dos habitantes do Tijuco/Diamantina, garantindo um alto índice de cristalização desses modelos definidos, os quais fazem parte, nos dias atuais, da vida cotidiana da cidade "Patrimônio Cultural da Humanidade".

Diante dessa constatação, é valida a assertiva de Moscovici (2009. p.54) de que "tudo o que é dito ou feito no universo consensual, do senso comum, apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora mais que contradiz a tradição.".

Para finalizar, retomando-se as justificativas apresentadas na introdução deste trabalho, uma observação torna-se pertinente: as razões da realização deste estudo foi uma oportunidade para que as minhas experiências profissionais na área fossem consolidadas e reescritas sob nova perspectiva, o que constituiu uma realização pessoal. Além disso, espera-se que essas reflexões e pesquisas contribuam de alguma forma para o avanço dos estudos linguísticos das produções discursivas de diamantinenses natos ou adotivos, funcionando como um verdadeiro propulsor de forças. Assim, pode-se concluir que as primeiras razões foram consideradas satisfeitas, mas a última (contribuições para o avanço dos estudos linguísticos) permanece em aberto e sua concretização só o tempo poderá mostrar, embora se acredite em suas possibilidades de efetivação.

Uma gratificante certeza, no entanto, fica patente: este trabalho teve, como se desejou, "o doce gosto de um fruto bem sazonado colhido no outono da vida" e, para definir esse sabor bem especial em se aprender alguma coisa mais tarde, nada melhor do que retomar o final da epígrafe escolhida para iniciar a comunicação escrita desta investigação levada a termo, de autoria de Roland Barthes (1978, p.47): "Sapiência: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor.".

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: Presses Universitaires de France, 1986. p.217-238.

AMADOR, Paulo. **Rei Branco, Rainha Negra**. 2. ed. Belo horizonte: Ed. Lê, 1992.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de M. Laud e Yara F. Viera. São Paulo: Heucitec, 1997.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.

BENVENISTE, E. Da subjetividade da linguagem. In: BENVENISTE, E. **Problema de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1991. p.284-294.

BENVENISTE, E. Aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, E. **Problema de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989. p.81-90.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

BRONKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo socio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. **D. Pedro II**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, Padre Celso de. **Estas Ruas Serpeantes** (TROVAS). Curvelo: Polítipo Ltda., 1992.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete; CIULLA, Alena. **Referenciação**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. Análise do Discurso: controvérsias e perspectivas. Tradução de Wander Emediato de Souza. In: CHARAUDEAU, Patrick. **Fundamentos da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Carol Borges-Núcleo de Análise do Discurso. FALE-UFMG, 1999. p.27-43.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2009.

CLIFFORD, Geertz. **The Interpretation of Cultures**. New York, 1973.

COUTO, Soter. **Vultos e Fatos de Diamantina**. Belo Horizonte, Armazém das Ideias, 2002.

DUCROT, Oswald. **Le dire et Le dit**. Paris: Minuit, 1984.

DURKHEIM, E. **Sociologia e filosofia**. São Paulo: Ícone, 1994.

DUVEEN, G. O poder das ideias. In: S. MOSCOVICI (Org.). **Representações sociais**: investigação em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2009. p.7-28.

PAIVA, Eduardo França. Lições de liberdade. Estado de Minas, 5 ago. 2009, **Seção Cultura**, p.2.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.

FRANCHI, C.; CANÇADO, M. Teoria generalizada dos papéis temáticos. **Revista de Estudos de Linguagem**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p.83-123, 2003.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 121, p.169-186, jan./abr., 2004.

FURTADO, Junia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador dos diamantes**: o outro lado do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FURTADO, Junia Ferreira. **O Livro Da Capa Verde O Regimento Diamantino de 1771 e a Vida no Distrito Diamantino no Período da Real Extração**. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido**. Ensaios Semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975.

GRIZE, Jean-Blaise. **Logique et langage**. Paris: Ophrys, 1990.

GROSSMANN, Francis; BOCH, Françoise. **As representações sociais das praticas de linguagem**: como dar conta da complexidade do discurso. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Mercado de Letras, 2006. p.11-35.

GUARECHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em Representações Sociais**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas, SP: Pontes, 1995.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.7-46.

HOLTON, G. **A imaginação científica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wnderley. **Semântica.** São Paulo: Editora Ática, 1987.

JACKENDOFF, R. **Semantics and cognition**. Massachusets: The MIT Press, 1983.

JODELET, D. Representations sociales: um domaine em expansion. In: JODELET, D. **Les Representations Sociales**. Paris: Press Universitaires de France, 1989.

KATZ, J.; LOBATO, L. M. P. (Org.) **A semântica na linguística moderna**: o léxico. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977.

KLEIMAN, A. B. As metáforas conceituais na educação linguística do professor índices da transformação de saberes na interação. In: KLEIMAN, Ângela; MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (Orgs.). **Formação do professor representações e construção do saber**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. p.203-228.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED., 2004.

LIMA, Câmara Laura. A articulação "Themata-Fundos Tópicos": por uma análise pragmática de linguagem. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 2, p.243-246, 2008.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. **A Capitania das Minas Gerais**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

LYIONS, J. **Semântica I**. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1977.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. **Arraial do Tijuco**: cidade Diamantina. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

MAINGUENEAU, Dominique. Apresentação. **Revista Language**, Paris, n. 117, p.5-11, 1995.

MARCO AURÉLIO **Meditações**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

MARKOVÁ, I. **Dialogicidade e representações sociais**: as dinâmicas da mente. Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina (Orgs.). **Linguística e cognição**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005. p.49-77.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Atividades de referenciação no processo de produção textual e o ensino de língua. In: SILVA, D. G.; Lara, G. P.; M. A. (Orgs.). **Estudos de linguagem**. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2003. p.112-165.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.61-81.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p.19-36.

MARI, Hugo. Da positividade do significado aos princípios de categorização. In: MARI, Hugo; DOMINGUES, Ivan; PINTO, Julio. **Estruturalismo**: memórias e repercussões. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995. p.65-78.

MARTINS, R. P.; MARI, H. **Universos do conhecimento**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2002.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meireles; RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. A dinâmica das representações sociais: o que nos dizem os dados textuais? In: **Revista do GEL**. Estudos linguísticos, São Paulo, v. 38, n. 3, p.229-238, set./dez., 2009.

MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1965.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In: UARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em Representações Sociais**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.89-111.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Orgs.). **Pesquisa Social Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina (Org.) **Linguística e cognição**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.

MONDADA, Lorenza. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante a operação cirúrgica. In: KOCH, Ingedore Villaça et al. (Orgs.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-31.

MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade**. Lisboa, Europa-América, 1983.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MOSCOVICI, Serge. **Psicologia Social**. Paris: Press Universitaires de France, 1984.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2009.

PAULIUKONIS, Maria A. L.; MONNERAT, Rosane S.M. Oprações Discursivas na Enunciação. In: LARA, Glaucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Vander (Orgs.). **Análise do Discurso Hoje**, v. 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 2008. p.45-69.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Tradução de Eni Pulcinelli et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 1988.

PY, B. Représentations sociales et discours. Questions épistémologiques et méthodologiques. In: PY, B (Éd). **Travaux neuchâtelois de linguistique**, Neuchâtel: Université de Neuchâtel, n. 32, p.5-20, 2000.

SANTOS, Joaquim Felício dos. **Memórias do Distrito Diamantino**. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1978.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SEGUIN, Eve. **Unidade e pluralidade da Análise de Discurso**. Tradução livre de Maria de Lourdes Matencio, PUC/MINAS, abril de 2000.

SPINK, Mary Jane (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.).**Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.117-145.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Minco. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p.63-92.

TIBÃES, Maria da Conceição Duarte. **O artífice John Rose**: um inglês em Diamantina. Minas Gerais: Editora Gráfica, Cristiane Ltda., 2001.

VASCONCELOS, Agripa. **Chica que manda**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1966.

ANEXO A – MATERIAL USADO NA DINÂMICA DAS ENTREVISTAS

O material ora apresentado é composto de pequenos excertos de discursos de alguns escritores diamantinenses conhecidos sobre episódios históricos que focalizam a relação entre a Europa e o Arraial do Tijuco, e também de questões de orientação propostas oralmente aos entrevistados no momento da entrevista.

Relação dos excertos selecionados para leitura:

1º) O primeiro excerto foi escrito por Joaquim Felício dos Santos (1978, p.71), em seu livro *Memórias do Distrito Diamantino*. Como memorialista, historiador, jornalista, romancista, jurista, político e também crítico contumaz da monarquia portuguesa, Felício dos Santos comenta sobre a emigração dos portugueses para o Arraial do Tijuco assim que foram descobertos os diamantes.

> Quando em Portugal chegou a notícia do descoberto diamantino do Serro Frio, cujas riquezas foram excessivamente exageradas, como sói acontecer em tais ocasiões, bandos de aventureiros dali partiram em demanda de uma fortuna, que julgavam certa e fácil: daí data uma continuada arribação de portugueses ao nosso solo, que sempre tiveram mais fácil entrada nas terras diamantinas, apesar das ordens terminantes, dadas posteriormente, proibindo ingresso de toda e qualquer pessoa nas terras da demarcação. As autoridades encarregadas da execução dessas ordens eram portuguesas e só as cumpriam com severidade quando se tratava dos que não eram seus patrícios. (SANTOS, 1978, p.71).

2º) O mesmo autor retrata o luxo da Chácara da Chica da Silva, amante do Contratador João Fernandes, considerada verdadeira representante da Corte, com uma vida social agitada e elegante, nos moldes da Metrópole.

> Era, como dizíamos, um magnífico edifício soberbamente construído, com sua rica e linda capela, uma espaçosa sala, que servia de teatro particular, o único que então havia ou era permitido, com todos os petrechos necessários; com seu delicioso jardim de exóticas e curiosas plantas, cascatas artificiais, fontes amenas cujas águas corriam por entre conchas e cristais, sombreado por arvoredos esquisitos, transplantados da Europa. [...] Era neste palácio que nos dias festivos do contratador se reuniam seus amigos e pessoas importantes do Tijuco: havia aí jantares suntuosos à Lúculo, à tarde passeios no jardim e pescaria no tanque em escaleres dourados, à noite bailes e representações teatrais [...]. (SANTOS, 1978, p.71).

3º) O romancista Paulo Amador dos Santos (1992, p.55-56), em seu livro *Rei Branco, Rainha Negra*, mostra a influência europeia, mais especificamente da França, nos costumes, comportamentos, vestuário, hábitos de leitura dos habitantes do Tijuco.

> Os homens importavam moda francesa. Andavam de cabeleira trançada e rabicho, chapéu de três bicos e camisas de colarinho branco, colete de cetim bordados de lantejoulas, abotoaduras de pedras e casaca de veludo, calção de seda e sapato de fivela de ouro e pedras. [...] O Arraial aprendia a ler. E lia os tratados de civilidade, nas aulas de boas maneiras, de professores vindos da França. (SANTOS, 1992, p.55-56).

4º) No século XIX, exemplificando o período que se convencionou chamar de **consolidação da presença de traços culturais europeus na vida do Arraial do Tijuco/cidade Diamantina**, são significativas as falas espontâneas de Helena Morley, cognome de Alice Dayrell Caldeira Brant, cujos Diários escritos de 1893 a 1895 constituíram a obra *Minha Vida de Menina*, editada pela primeira vez em 1942.

A autora dá mostras da presença das relações Diamantina/Europa no seu cotidiano, de uma forma bem sutil e crítica quando reproduz uma recomendação de sua tia e quando comenta as indicações de leitura feitas por ela.

> Agora, sim! Vocês não vão mais ficar cheias de sardas. Está ótimo! Vocês mostrem às colegas que estes cabos [do chapéu de sol] são de marfim e vieram da Inglaterra. (1894, p.194-195). [...] Eu fui acabando de aprender a ler e tia Madge, que só acha bom o que é inglês, arranjou *O Poder da Vontade* e me fez ler para ela ouvir. (MORLEY, 1893, p.58).

5º) Aires da Mata Machado Filho (1969, p.200), em sua obra *Arraial do Tijuco Cidade Diamantina*, reportando-se às observações de Saint Hilaire sobre o Tijuco, descreve como o habitante de Diamantina formou sadios hábitos de estudo e conclui que houve uma grande contribuição dos europeus para a elevação do grau de cultura da cidade.

> Encontrei em Tijuco mais ilustração que em todo o resto do Brasil, mais gosto pela literatura e um amor mais vivo pela instrução. Muitas pessoas, possuídas de uma nobre emulação, aí aprenderam o francês sem mestre. Conhecem nossos melhores autores e alguns depois de um longo exercício consigo mesmos conseguiram poder falar nossa língua de um modo inteligível, só com auxílio de uma gramática muito imperfeita.' [...] A presença de europeus em Diamantina muito contribuiu para lhe elevar o grau de cultura. Eram todos "ingleses" na designação popular, menos os franceses, que se distinguiram [...]. (MACHADO FILHO, 1969, p.200).

Questões de orientação propostas oralmente aos entrevistados no momento da entrevista:

a) diante da leitura dos excertos, que ideias lhe surgiram, que lembranças lhe vieram à memória sobre as relações diversas estabelecidas entre a Europa e o Arraial do Tijuco?;

b) na sua vida familiar, nas suas atividades estudantis, na sua prática religiosa, na sua vida social, você sentiu a influência de traços europeus na formação cultural de Diamantina?;

c) gostaria que se posicionasse sobre a referida influência, dando o seu ponto de vista sobre o assunto, fazendo sua avaliação, seus comentários pessoais, sua apreciação. Você pode acrescentar informações sobre outros aspectos culturais, profissionais e históricos da relação Europa/Diamantina de que tenha conhecimento. A diversidade de informações será motivo de enriquecimento da pesquisa que está sendo realizada.

ANEXO B − PRIMEIRO EXCERTO DOS DISCURSOS ANALISADOS

COUTO, José Vieira. Memória da Capitania de Minas Gerais, 1799. In: JOAQUIM FELÍCIO DOS SANTOS. **Memórias do Distrito Diamantino**. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1978. p.185-187.

"O outro ponto, que não é menos prejudicial às utilidades reais, e que é o flagelo mais cruel deste povo, é o poder que tem o Intendente dos Diamantes de infligir a pena de morte civil a qualquer indivíduo dele, sem aparelho de justiça, sem apelação, agravo, ou recursão algum. Uma tal lei se fosse feita para ser executada em algum tribunal erigido junto às paredes do Paço Real, eu recearia que houvesse algum juiz temerário, que em uma má hora se atrevesse a abusar desta jurisdição; porém longe do respeito, que influi a proximidade do Trono, na Intendência do Tijuco, entre o qual e o mesmo trono entremedeiam tantas terras e tantos mares: tanta jurisdição posta nas mãos de indivíduos, muitas vezes incógnitos, e que sem merecimento se arrastam até o pé do sólio, apoiados em valias; o que se pode esperar daqui?

A terra se despovoa, o comércio se estanca; uns não se atrevem a fazer girar o cabedal porque não sabem a hora em que se verão perdidos, ou eles próprios ou os que lhes compraram as fazendas. Os comerciantes do Rio de Janeiro. que fiam as suas fazendas às mãos cheias para qualquer das outras comarcas, recusam até ouvir o nome da do Serro Frio: o escasso povo que resta, descontente e como que estúpido definha e nada se abalança, enquanto mede com os olhos o lugar para onde se retire. Enfim o despotismo feio, magro, escarnado mostra sua hedionda cara entre este povo; e o retrato de um pequeno bairro de Constantinopla é o que hoje se oferece o Tijuco, a povoação mais linda, em outro tempo, de Minas.

Não quero dizer todavia que esta lei seja despótica, arredo vá de mim tal blasfêmia; sei o contrário e também o sabe qualquer deste povo: do abuso dela, da profanação da lei, é que nos lamentamos; fulmine a mesma sobre a cabeça do contrabandista, porém seja com todo o sagrado aparato da justiça; venham a nosso socorro as santas providências das leis portuguesas, e não padeça o honrado e útil vassalo somente porque não caiu nos agrados do Intendente dos Diamantes.

Repousem em serena paz no seu quieto jazigo as cinzas do grande príncipe, do pai das artes e das ciências, que levou consigo as nossas saudades, e que firmou valia a uma tal lei;

não lhe revolvam hoje as suas pias entranhas as lágrimas dos inocentes e oprimidos, o desamparo dos órfãos e das viúvas e a fome dos perseguidos: sua alma pura e incapaz de entrar nos refolhos da malícia, seu coração, tão grande e generoso como o de um rei, pensava assim seria puros e incapazes de crimes de seus ministros: e nisso só se enganou.” (SANTOS, 1978, p.186-187).

ANEXO C − SEGUNDO EXCERTO DOS DISCURSOS ANALISADOS

JOAQUIM FELÍCIO DOS SANTOS. **Memórias do Distrito Diamantino**. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1978. p.230-231.

"As ideias dos enciclopedistas com rapidez propagaram-se por todo o mundo, pela facilidade da língua francesa; o Espírito das Leis e o Contrato Social constituíam o código da ciência política. No Brasil, apesar da proibição, ou talvez por causa dela, que excitava a curiosidade pública, eram essas obras introduzidas como contrabando, lidas com avidez e assim nós também participávamos do influxo benéfico da grande revolução moral que se realizava na Europa. A conspiração malograda de Minas, em 1789, foi um dos resultados das novas ideias em circulação.

Ninguém ignora o estado da velha sociedade eropeia no século XIX, combatida pelas doutrinas enciclopédicas, pela ciência, pela razão, pelos interesses e paixões populares. O mundo ia tomar uma nova face; todas as ideias, todas as instituições iam ser mudadas, e a França era o centro dessa imensa revolução. A filosofia tinha arvorado o seu estandarte contra o passado. Os princípios da igualdade dos homens, da soberania popular foram reconhecidos como dogmas incontestáveis: nobreza significou usurpação; sacerdócio, impostura; religião, prejuízo de educação: era o que se chamava *filosofia.*

Rousseau havia dito em 1760: 'Julgo impossível que as grandes monarquias ainda subsistam por muito tempo. Tenho razões particulares para assim pensar, mas nem tudo convém dizer-se; demais todos sabem disto.'.

Voltaire dizia em 1762: 'Tudo o que vejo indica uma revolução que sucederá infalivelmente, e da qual não terei o prazer de ser testemunha. A ciência se acha disseminada por tal forma, que na primeira ocasião haverá uma explosão. Felizes os jovens! Que coisas verão eles no futuro!'.

Luiz XV, conhecendo o estado de seu século, exclamou: "Depois de nós, o fim do mundo; nossos sucessores terão que lutar com grandes embaraços".

E na verdade, no seguinte reinado um horroroso cataclisma destruía a religião e o trono. Houve exageração nas ideias e na vingança; mas o povo tinha sofrido tanto! Quem não desculpará os excessos de alguns anos em represália a séculos de sofrimento?

As ideias dos enciclopedistas com rapidez propagaram-se por todo o mundo, pela facilidade da língua francesa; o Espírito das Leis e o Contrato Social constituíam o código da

ciência política. No Brasil, apesar da proibição, ou talvez por causa dela, que excitava a curiosidade pública, eram essas obras introduzidas como contrabando, lidas com avidez e assim nós também participávamos do influxo benéfico da grande revolução moral que se realizava na Europa. A conspiração malograda de Minas, em 1789, foi um dos resultados das novas ideias em circulação. Os Estados Unidos da América haviam dado o primeiro exemplo de independência, e as demais colônias amaricanas agitavam-se com o espírito revolucionário. Não foi só o amor da independência, com o fim de sacudir o jugo da Metrópole, o que animara os conjurados mineiros: foi, e principalmente, o ódio à monarquia que tanto se havia desacreditado pelo egoísmo e tirania.”.

ANEXO D − O TERCEIRO EXCERTO DOS DISCURSOS ANALISADOS

MACHADO FILHO, Aires da Mata **Aula inaugural dos cursos da Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina**, em 4 de maio de 1968. Diamantina, Minas Gerais, s/p.

"É expessiva a frequência com que os poderes públicos legislaram sobe a instrução em Diamantina, a partir do século XIX. Ainda no período colonial, escasso em providências oficiais dessa natureza, sempre se estudou muito, no Tijuco. Estas palavras de Saint Hillaire, que aqui esteve já no tempo do Intendente Câmara, valem por si mesmas e pela tradição que pressupõem. 'Encontrei em Tijuco mais ilustração que em todo o resto do Brasil, mais gosto pela literatura e um amor mais vivo pela instrução. Muitas pessoas, possuídas de uma nobre emulação, aí aprenderam o francês sem mestre. Conhecem nossos melhores autores e, alguns depois de um longo exercício consigo mesmos conseguiram falar a nossa língua de um modo inteligível, só com o auxílio de uma gramática muito imperfeita'. E ainda o que é significativo nesse tempo: 'Os habitantes do Tijuco escrevem com belos carcteres e a este respeito podem rivalizar com os mais hábeis ingleses.'.

Indestrutível como 'aquele serro curvado que mura a cidadezinha', dos versos de Aureliano Lessa, aqui se cultiva ininterruptamente essa tradição de cultura. A imprensa local, em cujas colunas ecoaram todas as grandes causas, não raramente influiu no resto do país quando tal era possível a semanários do interior, vigorosamente redigidos. O Seminário do Coração de Jesus, o Colégio Nossa Senhora das Dores, o extinto Internato São Vicente de Paulo, todos da segunda metade da centúria passada, serviram ao norte de Minas, até ao sul e ao centro da Bahia. Aliás, nos Seminários de Minas, antes das Faculdades, é que se faziam estudos superiores de Filosofia e Letras. Diamantina hoje como ontem é a capital cultural de extensa região. E em nossos dias, graças à Faculdade de Odontologia, que atrai estudantes até de Estados nordestinos, até do estrangeiro, contribui significativamente para cimentar a unidade nacional. A devida consideração dessa realidade impositiva torna perfeitamente natural que a 10 de julho de 1891, Severiano de Rezende apresentasse ao Congresso Mineiro projeto de lei que criava uma Escola de Direito em Diamantina, quando a Faculdade de Ouro Preto, a então capital de Minas, só se instalou em dezembro de 1892.

A presença de europeus em Diamantina muito contribuiu para lhe elevar o grau de cultura. Eram todos 'ingleses' na designação popular, menos os franceses, que se distinguiram, o italiano, apenas um, Pedro Italiano, e os portugueses que, no Brasil, nunca são

considerados estrangeiros. Como fez Nelson Hungria em relação à língua inglesa, com mais aceitação ainda, madame Luíza Silva ensinou francês a seus estudiosos. Do fim da *belle époque*, até um pouco além da primeira grande guerra, rapazes e moças discreteavam em francês, quando ‘batiam capistrana’, para fazer bonito ou ‘esnobar’, como hoje se diz barbaramente. Aliás, da fina educação do centenário Colégio Nossa Senhora das Dores fazia parte, ainda mais antigamente do que hoje, o esmerado ensino do idioma que foi a segunda língua dos homens de letras e de pensamento do Brasil, enquanto o nosso meridiano intelectual passava por Paris, no dizer de Eduardo Frieiro. Isso explica a frequência de senhoras que o escrevem e o falam corretamente.”.

ANEXO E − QUARTO EXCERTO DOS DISCURSOS ANALISADOS

FURTADO, Junia Ferreira Furtado. **Chica da Silva e o contratador dos diamantes**: o outro lado do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 186-187.

"A encenação desses libretos [*Porfiar amando, Xiquinha por amor de Deus, Os Encantos de Medeia* e o *Anfitrião*] na Chácara da Palha revela que o arraial acompanhava os sucessos teatrais do Reino, e, portanto, havia trânsito cultural fértil e constante. Eram espetáculos que exigiam domínio de arte cênica, mas não só: contavam com a participação de conjuntos musicais e de coro, o figurino era composto de trajes variados e elegantes, e muitas vezes espetáculos pirotécnicos e outros divertimentos encerravam as apresentações.

João Fernandes e Chica da Silva também promoviam saraus de música, ao que parece de boa qualidade. Antônio da Mota e Magalhães, escrivão da Junta da Fazenda Real em Vila Rica, saudoso dos concertos promovidos pelo desembargador, tentou imitá-lo organizando uma banda de músicos de escravos, exemplo da que tinha visto no Tijuco na banda de mulatos organizada pelo contratador. Contou que à noite mandou tocar os morzelos que são sete, senão muito maus porque sofríveis, duas trompas, duas flautas e um rabecão. Entretanto, como queria diversidade, pediu a João Fernandaes que mandasse algumas partituras 'que hás de TR gostosas'. Queixava-se que gostaria de ter cantores como os que ouvira na banda do amigo, mas só um quer sê-lo, porém negros de nação nunca podem dar gosto, o que é bom para alguns crioulos e mulatos.

As modinhas, invenção brasileira, eram as músicas mais tocadas nos saraus. Suas letras, em que se percebia erotismo subjacente, evocavam amores impossíveis, muitas vezes entre os senhores brancos e as escravas negras e mulatas. Era difícil resistir ao clima de sensualidade que tomava conta dos ouvintes. A música 'roubava o coração', antes que se tivesse tempo de se proteger contra sua malévola influência; você se via bebendo leite e admitindo o veneno da volúpia no mais recôndito esconderijo da existência.".

APÊNDICE A – ENTREVISTA 1

CA: Entrevistado	**Data**: 17 de setembro de 2011
P: Pesquisadora	**Tempo**: 49:09

P: C.A., é:: eu estou fazendo uma pesquisa sobre:: a história de Diamantina pra saber o que as pessoas:: sabem ou pensam sobre a culTUra de Diamantina, quais as influências que a cultura é: sofreu, se houve intervenção na cultura de PortuGAL ou: de qualquer outro país da: da Europa e como foi que as manifestações: culturais: é: aqui é:: criaram fama e se desenvolveram... eu sei que você tem uma experiência na área de arte e::: a: experiência por exemplo, não é?, na área: do carnaval no tocante aí ao carnaval antigo, como nós já estávamos conversando... E:: queria que você falasse assim à sua vontade aí como é que: esse carnaval interf/ interferiu no passado pela história que você sabe e interfere hoje, se houve muDANça, a que se deve cada mudança dessa, o que que você sentiu... Eu estou muito interessada em saber o que você pensa e não propriamente se isso foi uma realidade ou se não foi...

CA: Bom, na minha opinião, eu acho que:: em termo de:: de cultura... Diamantina não pegou muito a cultura europeia, ela pegou MUIto mais a cultura escrava, porque que hoje se se a senhora ver temos aqui o:: que era antigamente o:: os caboclinhos, a marujada, o bumba-meu-boi... é:: tem os congados que já são lá do do lado do Maranhão, São Luiz, e isso não é uma cultura europeia, é uma cultura mais indígena e:: [...]

P: Africana

CA: E africana... O carnaval | de Diamantina [...]

P: Interessante isso

CA: O carnaval de Diamantina ele é mais assim é:: eu acho que ele é mais diamantiNENse do que é:: ele é uma cultura diamantinense e não uma cultura popular brasileira

P: O que que cê acha que ele tem de característica especificamente de Diamantina? [...]

CA: Diamantinense? Ó eu eu vou falar mais do lado da banda do sapo seco que é um um lugar que eu sempre mexi por cau/ das SÁtiras que sempre foi a banda do sapo seco. A banda do sapo seco sempre mexeu com os a a maioria das sátiras diamantinense que era é:: tem aí na época fazia que era por exemplo a: chovia a luz ia embora, então ele colocou um tanto de poste na rua e vinha com um regador e ia molhando os fios, a luz chegava e... o trem [...]

P: Isso isso na na representação [...]

CA: Na representação do do bloco

P: Hum

CA: O trem de ferro, que nunca chegava na hora certa, então o trem sempre chegava atrasado, aí:: Joaquim Spindola, que era uma outra pessoa, pai de Dona Ruth [...]

P: Ah, eu conheci [...]

CA: Que saía no bloco, ele saía, a banda saía às três, ele saía de casa às duas horas, com um violão satirizado como ele ia sair no bloco e com um placa atrás escrito: “Procura-se o trem de ferro”. Aí ele ia procurando até encontrar com a banda no meio do caminho, aí vinha o trem de ferro, aí ele chegava e integrava pra dentro da banda

P: Hum

CA: É:: e fora isso ele ele/ eles faziam moleCAgens, que eram de: eles vestiam de meninos e ficavam fazendo molecagens, aquelas molecagens, subiam em POSte

P: Que era típico das crianças |

CA: De criançada aqui de Diamantina... É:: deixa eu ver aqui uma outra coisa... ah, e depois eles começaram a pega:r outras sátiras que foi quando o Juscelino foi Presidente da República, eles saíram como o Palácio do Planalto é::: o o:: quando o homem foi à lua, em 1966, eles fizeram um foGUEte, todo mundo achou que o foguete ia subir, que o foguete começou a balançar e tudo, mas ele não saía do chão porque só fazia baRUlho

P: É

CA: E isso tudo, se a senhora quiser, eu tenho fotos...

P: Ah, é interessante isso, que é a a visão de de carnaval bem genuína de Diamantina [...]

CA: É

P: E do povo que é muito crítico, né?

CA: É isso mesmo

P: Muito muito crítico, né?

CA: E e eles até falam que a a vespeRAta foi o:: início foi a banda do sapo seco

P: Uai, por quê? Como?

CA: Porque ele é::: eles reuniram os músicos e colocaram na sacada e o:: Geraldo, que que é, ele já faleceu até, chama Geraldo bochecha, que era irmão de Dona Dazinha, que que:: dava aula de datilografia

P: Ah:

CA: Ele é: é:: regia a banda de baixo... mas aí ele até: falou que:: quando ele fez a vesperata que na época, realmente, na época não eram todos os músicos na sacada

P: Era alguns

CA: Era só a parte de:: é:: de instrumento:: [...]

P: De sopro?

CA: De sopro, o resto ficava em baixo

P: Hum

CA: E: e nessa época é: a música que eles tocavam era antes da meia-noite

P: Hum

CA: Era o final da banda do sapo seco na terça-feira, a hora que a banda tava indo embora

P: Eles tocavam o [...]

CA: Eles faziam o antes da meia-noite na sacada [...]

P: E a história do anjo da meia-noite que, né?, aquela história

CA: Tem tem [...]

P: Da aparição. Você sabe dessa história?

CA: Não, não

P: Não sabe não, né?

CA: Não sei, não sei

P: Eu já li a respeito dessa é:: dessa aparição que acon/ que acontecia [...]

|

CA: Eu sei pela música... o: é:: inclusive, quem me contou isso foi o Jaime

P: Jaime Gordo

CA: É, Jaime Gordo, dentro do bar dele

P: É:

CA: Aí ele me contou isso, isso que eu tô contando pra senhora

P: Agora continuando a questão do carnaval, que depois nós vamos passar pra outro aspecto aí. E e: essa transiÇÃO dessa banda do sapo seco pro carnaval de hoje, o que que cê sente?

CA: MUIta mudança... é eu acho assim que: é hoje não o a: o carnaval não tem espírito mais de: de blocos, mais é: PERdeu, se perdeu, eu acho que Diamantina se perdeu, apesar de eu fazer parte de um grupo que chama “Bate Caverna”, que toca, entendeu? Mas eu acho que: eu

gosto, eu gosto do bloco, entendeu? Então, pra mim, o carnaval ele hoje ele é é muito mais meninada do que pro diamantinense... o: diamantinense hoje [...]

P: Pro turista?

CA: Não, o turista é: pra mim, o turista se ele tem que vir em Diamantina é Semana Santa

P: Não vem mais no carnaval, não?

CA: O carnaval acabou. O carnaval ele se / deixou perder em Diamantina. Eu mesmo, eu passo o carnaval em Diamantina porque eu gosto de Diamantina, nunca passei carnaval fora... eu gosto da banda do sapo seco...

P: É a banda do sapo seco sempre foi muito interessante. E os blocos aqui antigos |

CA: O tijuco imperial, o chi/ Chica da Silva, que era na Rua do Amparo... é:: que mais que tinha aqui? É:: as domésticas [...]

P: Domésticas, fez quarenta anos, não é?, o grupo há pouco tempo

CA: Há pouco tempo fez quarenta anos

P: Quarenta anos

CA: É:: deixa eu ver, tinha:... Ah, existia um tanto de [...]

P: Nunca fizeram sátira, por exemplo, sobre Chica da Silva, não?

CA: Não, eu já saí vestido de Chica da Silva, com liTÊra, com os esCRAvos

P: Hã, com litêra, escravo e tudo. Então, aproveita que já falamos sobre Chica da Silva, você cresceu aqui em DiamanTIna ouvindo todo mundo falar sobre o nome de Chica da Silva, na sua cabeça, como é que cê é: imagina Chica da Silva?

...

CA: EU olho muito o lado assim figurativo das pessoas assim o que ela é e o que ela tem que ser, por exemplo, cê cê imagina assim uma pessoa negra, a pessoa negra vai vai ter aquele aquele mesmo rosto, aquela aquela mesma figura, como a pessoa branca, porque a pessoa negra ela é descendente de africano, uma pessoa branca, nós somos descendentes de portugueses. Então, nunca vai mudar isso num lado. Existe muita mulher negra bonita como existe as pessoas feias. Eu imagino Chica da Silva assim, já que que, pela época, se João Fernandes encanTOU com com a pessoa. Os europeus americanos eles vêm para o Brasil porque eles gostam das pessoas negras, todo todo a maioria dos europeus, porque eles são muito BRANco, então pra eles [...]

P: Os alemães então, né?

CA: É o alemão, é:: holandês, eles vê as pessoas diferente, porque lá não tem isso, lá é muito louro, muito BRANco. Então, eles chegam aqui, eles admiram, então, não sei o o assim nesse

aspecto se Chica da Silva era bonita, se era feia. Eu acredito que ela não deveria ser feia, um, pelo seguinte, porque eles falam que Padre Rolim, que ela é filha de Padre Rolim

P: É uma versão, né?

CA: É uma versão, que fala que é filha de Padre Rolim com a empregada dele... Aí já nisso aí já tem uma miscigenação, né?

P: É

CA: De de algum de algum traço diferente, então eu acho que não deveria ser [...]

P: Ela não deveria ser muito feia não, né?

CA: Eu acho que não

P: Hã. E como pessoa huMAna, quer dizer, ela ocupando aquela a: aquela posição é:: ela é tida como você vê aquela mulher perversa ou [...]

CA: A gente, que eu vejo muito assim pelo lado assim, eu assisti tanto o filme quanto a novela... Qual que seria a verdade daquilo ali? Será que ela seria aquilo mesmo? Que pegar é::: um contratador e fazer aquilo tudo... Mas aí você já vê o outro lado, porque que o contratador saiu de Diamantina? Porque que a coroa portuguesa veio buscar ele? Alguma coisa teve. Ela deveria mandar mesmo nele.

P: Tirasse da influência dela, né? [...]

CA: Porque um lado é a ficção, o outro lado é a verdade

P: Mas isso isso essa ficção-verdade, então, esses dois aspectos despertam em você assim uma certa dúvida a respeito?

CA: Muita, muita

P: E você já escutou na sua casa os seus parentes falarem sobre esse assunto?

CA: Não, lá nunca ninguém nunca conversou sobre Chica da Silva. E eu assim, eu gosto de ver, eu gosto muito de ler sobre Diamantina, adoro ler sobre Diamantina e entro na internet, tudo tudo que eu sei foi buscando na internet, conversando com pessoas dentro de bares é:: através de livros, de/ desses livros diamantinenses. Ainda mais do: “Memórias do Distrito de Diamantina”, que já é de uma pessoa que viveu na época

P: É, com Felipe dos Santos

CA: Então, lá ele num num figura Chica da Silva como ela era feia, bonita, não sei o quê, ele fala sobre a cidade, como que a cidade era

P: É, mas a:: a imagem que você tem, então, é: [...]

CA: Não é uma pessoa feia

P: Não é feia, e como pessoa humana, será que ela fez aquelas maldades todas que dizem [...]

CA: Acredito que sim. Pelo que: pelo menos que: ela fez maldade não com os escravos, mas com as pessoas que eram da corte, porque ela sofreu isso. A mãe dela sofreu isso. Então, acredito que ela deve ter feito mesmo. Pelo poder que ela tinha [...]

P: Ela não gostava dos portugueses, né?, daqui [...]|

CA: Eu acredito que sim

P: E agora é:: transferindo mais para a atualidade, é a questão aí do do Juscelino, que é outra figura também da história de Diamantina. Às vezes a gente coloca os dois juntos, o Juscelino e Chica da Silva não é uma união muito boa não, né?

CA: Não.

P: Mas, mas a de Juscelino você já viveu mais

CA: Vivi, Juscelino até [...]

P: E Diamantina com relação a Juscelino em questão da cultura, qual a oportunidade que Diamantina teve?

CA: Eu acho que Diamantina não teve oportunidade, eu acho que ela tá perdendo oportunidade

P: Por que que você acha?

CA: Porque o seguinte: aqui, em termo da da política mesmo é:: em vez dos políticos se unirem pra poder fazer deputados, eles se afastam e brigam e ninguém elege. Nós tivemos aí, depois de não sei quantos anos, agora o Luís Henrique sendo deputado. Mas será que ele é único? Será que ele vai ficar lá sozinho? Será que é: o prefeito, não vão ter ligação? Eu acho assim, que Diamantina ela po/ ela pode ser partidária e tudo, mas já que temos um lá em cima, vamos ajudar ele, vamos integrar. Fazer essa integração entre prefeito e deputado, porque só assim eu eu eu já vejo assim há: governadores antigo que não saíram de Diamantina, que era Eduardo Azeredo, Itamar Franco, eles não saíam de Diamantina porque eles gostavam. O próprio Aécio, sempre vem em Diamantina. E eles trouxeram muita coisa pra Diamantina, mas será que Diamantina soube receber isso?

P: Aproveitando a oportunidade, né? E: com relação a Juscelino, foi daqui [...]

CA: Isso que é o maior peso na política de Diamantina hoje. Porque a senhora pega aí é: na maioria de discurso de tantos deputados, tantos governadores, todos eles falam de Juscelino. Você pega na época mesmo da:, que eles queriam caçar Juscelino aí, tinha lá muitas pessoas, igual ACM, todo mundo era contra o Juscelino, mas até hoje eles falam de Juscelino, que Juscelino era audacioso. Então, isso aí o:: Juscelino pra eles é mártir... na política. Porque todos eles falam de Juscelino. | E Diamantina tá perdendo oportunidade através disso. TODOS querem conhecer Diamantina. TODOS querem vim em Diamantina [...]

P: É só falar eu sou de Diamantina, eu moro em Diamantina [...]

CA: Eu fui pra Brasília em cavalgada, eu cheguei num vi lá a cavalgada tinha mais de CINCO mil pessoas, era é:: 48 anos de Brasília, que eles estavam fazendo um: já uma: uma festa pros cinquenta anos de Brasília. Nós chegamos lá, aí eu vi coronel da polícia, o povo perguntando: "será porque que o povo de Diamantina pode fazer isso?". Eles falaram/ o próprio colega dele disse: "Eles PODEM" [...]

P: Quer dizer, tem uma força, o nome de Juscelino tem uma força [...]

CA: O nome Juscelino no Brasil, no Brasil não, eu acho que no MUNdo é uma força... Eu mesmo gosto muito de Juscelino, leio muito sobre Juscelino. Eu já SAÍ de Juscelino na banda do sapo seco, em homenagem a ele, que foi o cinquenta anos dele de de | na política, que foi é: 2006, que era os cinquenta anos dele é: presidente do Brasil. Isso aí lá na casa de Juscelino tem uma redoma que Serafim mandou fazer com a máscara, o retrato do: coisa eu saí com um carro de 1928, um carrinho antigo, um fordin

P: Então, você é ligado mesmo a [...]

CA: E nós colocamo um carro igual Juscelino entrando, eu olhando, chamei as pessoas pra poder jogar papel picado entre a baiúca e a boutique Sirilo, e lá tem a placa que: Serafim pediu pra fazer e tudo e tem essa redoma lá dentro

P: Agora é:: mudando um pouco de de assunto, mas eu sei que cê cê entende do assunto, a questão da iGREja da maçonaria aqui cê tem alguma, o que cê escutou, não precisa que se: que seja:: o que é que você escuta a respeito disso aqui

CA: Eu eu assim eu: apesar é: meu avô era muito católico, ligado muito a dom [...]

P: É o:

CA: Gustavo [...]

P: Gustavo, seu Gustavo

CA: É, então [...]

P: Praticamente médico na farmácia dele

CA: É eu já cresci dentro de Diamantina assim, que a maçonaria era coisa do diabo... É: e a maçonaria era do diabo na casa do meu avô, era a casa do meu avô aqui e a maçonaria mais pra frente. E eu sempre via as pessoas entrando lá e eu não sabia o que que era aquilo, eu não entendia, eu era menino, novo, oito anos. Aí cheguei lá na casa do vovô lá, minha mãe tava lá, daí eu perguntei: "Mamãe, aquele povo ali é estranho, eles ficam parado na porta e de uma hora pra outra entra pra dentro, eu acho esquisito" [...]

P: Que que eles tão fazendo ali, né?

CA: “Que que é aquilo ali?” Aí ela chegou pra mim, tava ela, vovô, aquilo é coisa do diabo. Eles colocam uma caveira no centro e ficam reunido ali é tipo assim é::.. a palavra perdeu aqui, cultivando o di/ o diabo

P: É: prestando homenagem ao | diabo

CA: Nisso aí eu cresci com isso, mas depois e::, nessa época, quem eu vi entrando lá era Zé Dilota [...]

P: Eu lembro dele

CA: Essas pessoas assim mais velhas é:: [...]

P: E cultas

CA: E cultas é é o que eu falo até pra senhora, Diamantina perdeu muito isso, porque Diamantina, antes, era cheia de pessoas cultas e Diamantina hoje não tem pessoas cultas. Eu eu acho assim, no meu pensamento, porque, antes, é todo mundo estudava na Europa. Cê pega assim é: é: Felisberto Caldeira Brant. Esse povo vinha da Europa, por isso que deu essa Revolução no Brasil, porque eles estudavam lá fora e os portugueses tinham medo deles vim e fazer a Revolução, porque eles já vinham com outro pensamento, OUtras ideias e a Revolução foi feita através disso [...]

P: Tem uma parte do meu trabalho que eu tô vendo exatamente isso: os livros que entraram aqui, as ideias que vieram com com os estudantes lá, né? [...]

CA: Foi foi através deles que vinham da Europa e vinham com outros ideais, outras propostas e: e: começaram a: chegar perto do do das pessoas que viviam no Brasil e falar: “nós temos que fazer isso porque eles tão dominando a gente e tirando nossa riqueza pra levar pra lá”

P: Então, cê admite aí que houve uma influência nessa culTUra poLÍtica [...]

CA: E justamente nessa época que veio a maçonaria, porque eles lá se tornaram maçons... Aí eles vieram nesses ideais. A: inconfidência mineira a maioria era maçons. O próprio Padre Rolim era maçom.

P: É, tem até uma versão de que ele teria sido padre que era pra se livrar da | inquisição [...]

CA: Da inquisição de tudo e correu. Então, foi fugitivo, foi pro lado do Serro. É: o Dom Pedro, ele foi iniciado na maçonaRIA assim RÁpido pra ele poder entrar [...]

|

P: Aqui, na maçonaria também tem uma ligação com os ourives, esse pessoal que::... esse pessoal que:: trabalha com ourivesaria antiga... é:... esse pessoal que trabalha com ourivesaria tinha alguma ligação com a maçonaria aqui:, libera:va?

CA: Não, não sei, porque o único ourives que eu... o único ourives que eu conheci era o pai de Dona Dulce... E: agora os recentes, os ourives recentes hoje, né?, que:: são pessoas que que a gente conhe:ce e:: não tem muita ligação [...]

P: Não tem muita ligação não, né?

CA: Não, não. O próprio Tony Empada [...]

P: Ele é maçom, o Toninho?

CA: Não, não, não é não

P: E:: a igreja com a maçonaria, atualmente, vocês tem alguma alguma rixa ainda?

CA: Não, eu acredito que não. Eu converso muito como Padre Darlan, o Padre Darlan sabe que eu sou e: e: eu gosto muito da Guarda Romana

P: Ah, mas nós vamos falar sobre a Guarda Romana

CA: Eu gosto muito da Guarda Romana, eu frequento a Guarda Romana. O próprio povo da Guarda Romana, que comanda lá sabe que eu sou maçom. É:: algumas pessoas que a guarda pertence à ordem do Terceiro do Carmo, algumas pessoas da ordem sabem que eu sou maçom. É:: e eu converso muito com o Padre Darlan e tudo. Já perguntei pra ele se existe isso hoje, porque antigamente existia, o próprio o: o: Dom João ele já chegou querendo acabar com muita coisa. É:: o Dom Sigaud, o Dom Sigaud era totalmente contra a maçonaria

P: Meu avô teve uma história aqui na época da Revolução, né?, que ele/ acho que:: falam que ele perseguiu muita gente aqui [...]

CA: Por causa da maçonari:a. O: meu avô mesmo era muito ligado à maçonaria, ah:: ligado a Dom Sigaud, ele era totalmente contra a maçonaria, tanto que quando eu entrei minha mãe me perguntou assim: “Será que pai vai me perdoar?”

P: É e você tá com essa dívida com ele

CA: Eu acho que não porque agora ele tá lá em cima, ele tá vendo o que a maçonaria, não é o que eles pensam, a maçonaria é totalmente diferente de tudo que todo mundo pensa

P: Você acha que a maçonaria ajudou aqui o a:: [...]

CA: Ela não ajudou, ela sempre ajuda

P: Aqui a história de Diamantina, a cultura de Diamantina [...]

CA: Muito, muito, muito, muito

P: Então, ela é positiva aqui | a presença dela aqui em Diamantina [...]

CA: Nossa Senhora, eu acho que ela antigamente era MUIito melhor do que ela é hoje

P: Por que que você acha?

CA: Porque QUEM era maçom na época, essas pessoas eram mais ligada na cultura de Diamantina, em presTAR serviço a Diamantina. E: a maçonaria é ninguém sabia quem eram os maçons. Hoje não, hoje todo mundo sabe quem é maçom [...]

P: Ela era meio escondido, né?, era: uma coisa meio [...] |

CA: Hoje, todo mundo sabe quem é maçom em Diamantina, antigamente você não sabia quem era maçom [...]

P: Eu sempre ouvi falar maçom, igreja etc. etc. e:: a Guarda Romana, como é que fica nisso, a Guarda Romana, o que que ela tá fazendo aqui?

CA: A Guarda Romana já é uma uma coisa da: Semana Santa, né? Já é uma parte reli/ bem religiosa, ela pertence à ordem do Terceiro do Carmo, ela foi ela foi criada por DOIS coronéis, não é coronel pol/ de polícia, é coronel de fazenda [...]

P: É aqueles que eram donos do dinheiro, do poder | [...]

CA: Donos do dinheiro e eles tinham eles chegaram, fez uma aposta com o outro, quem trouxesse uma comida de Curralinho, que é extração, até Diamantina QUEnte...

P: Hum?

CA: Ganhava a aposta. O outro tinha que fazer alguma coisa pra igreja...

P: Hum?

CA: Um veio no carro de boi trazendo a comida. Eles fizeram a comida lá e vieram e tinha que servir pros pobres em Diamantina. Um, trouxe no carro de boi, o outro pegou os escravos dele tudo e de mão em mão... veio trazendo de mão em mão. Esse que trouxe de mão em mão, ganhou...

P: Hum?

CA: O outro, então, tinha que fazer alguma coisa pra igreja. O que que ele fez? Ele foi e fez a Guarda Romana... Ele montou uma guarda, não é, não chamava Guarda Romana, não sei se chamava Guarda Romana. Isso aí eu já não sei, mas montou uma guarda. Essa guarda o seguinte: era pra/ foi participar da Semana Santa, mas eu eu acredito que não existia a música. A música ela já é mais recente, porque a música é de um enTErro de um: de um europeu

P: É uma música tradicional, né?

CA: A música é europeia. Que foi num enTErro e pegaram essa música e adaptaram no meio da Guarda Romana onde que se toca as arabatas bata através do batido do surdo [...]

P: E: a representação da Guarda Romana aí no espelho da igreja, na Semana SANta, cê acha que isso aí enrique:ce ou [...]

CA: Nossa, isso pra mim é o: é a porta aberta da Semana Santa é a Guarda Romana [...]

P: Por que chama a atenção [...]

CA: É o que chama a atenção, porque por ela ser figurativo, o o que o povo gosta de ver é a Guarda. Tem tem as apresentações, tem uma apresentação na porta da catedral depois que a que a Semana Santa passa, tem uma apresentação na porta da catedral e depois tem a do final que é na porta do palácio... E por que que é na porta do palácio? Porque a guarda pertence à ordem do Terceiro do Carmo e: [...]

P: E da igreja

CA: É, da igreja e:: e a GUARda ela não tá ali representando o: que era antigamente do: da: dos romanos através de Cristo, não. A guarda tá ali pra proteger a Nossa Senhora, que é a Nossa Senhora da Soledade, que pertence à Igreja do Carmo. E por que que ela tá tá pra pra pra proteger a Nossa Senhora? Porque a guarda é da Igreja do Carmo, ela pertence à ordem do Terceiro do Carmo

P: Então, tem uma visão também assim de de de proteger a própria fé que tá ali [...]

CA: A própria fé

P: Fé da Nossa Senhora do Carmo [...]

CA: Da Nossa Senhora do Carmo

P: E aquela igreja ali, cê sabe alguma coisa sobre a igreja? | Porque tem também a quantidade de versão sobre aquela igreja [...]

CA: Aquela igreja ali é uma igreja construída pelo Contratador pra Chica da Silva. Ela é de 1758. Ela lá ela tem 34 quilo de ouro

P: 34?

CA: 34 quilos de ouro. Ela é toda revestida, não é OUro bruto, não, ela é um tipo um papel [...]

P: Lâminas

CA: Um papel, aquela aquela parte toda é tipo um papel, uma peLÍcula de ouro tudo que vê de dourado ali é ouro. É é: uma das primeira é: o Contratador trouxe o João Fer/ é:

P: João Fernandes

CA: Não, é: João Fernandes trouxe o: o pintor lá esqueci o nome dele

P: Ataíde?

CA: Não!

P: Não, é::

CA: Eu esqueci o nome dele. José Francisco? Como é que é gente? Eu esqueci o nome dele. Tanto que ele tá enterrado dentro da igreja é a: é o: o túmulo [...]

P: Gaveta lá, tem uma gaveta lá

CA: A gaveta número um é dele. Eu esqueci o nome dele, eu esqueci. Ele foi que chegou em Diamantina e pintou lá. Depois, de lá ele foi pintar a igreja São Franci:sco

P: Hum... E:: ela foi [...]

CA: Ele era português, ele é português

P: E:: ela foi construída PAra Chica da Silva e por que é que não ficou com Chica da da Silva?

CA: Porque aqui ó, senhora pega lá, por que que a torra é atrás? Três versões: a primeira, porque Chica da Silva, o negro não podia passar além da: da torre da igreja, então, a torre era atrás pra ela poder ir até o altar. A segunda: atrás da igreja do Carmo, onde que era a casa daquele povo Lages

P: É da Neide Lages

CA: Neide Lages, ali era:: era onde que os os padres ficavam, então lá tinha uma mesa, que chama mesa mineira. E na na própria igreja hoje ela tem essa mesa debaixo da torre

P: É?

CA: Ela ela é o seguinte: é uma mesa comprida com duas gavetas laterais e duas no meio. Então, eles almoçavam lá. A hora que batiam na porta, eles puxavam a gaveta e colocavam os pratos dentro da da gaveta pra não oferecer a ninguém e fechavam a gaveta. E de lá mesmo, dava o horário de tocar o sino do meio-dia, eles já puxavam

P: Comodistas, hem?

CA: E a terceira versão é: que eles falam que a: como era de/ a: torre era na frente atrás por causa de Chica da Silva, ela foi pra frente, eu tenho retrato da torre na frente e tenho retrato dela atrás também [...]

P: Ué, foi na frente?

CA: Ela era na frente

P: Eu pensei que já construíram [...]

CA: Não, ela foi construída atrás, depois passaram ela pra frente, depois voltaram com ela pra trás

P: Hum:

CA: Eu tenho retrato dela na frente

P: Uai, nunca soube que tivesse esse re/ esse:

CA: TEM, a torre já foi na frente e atrás

P: E aí a Chica da Silva ficou na igreja ou não ficou lá? | Ela frequentou?

CA: Eu acho que ficou. É: tem uma santa lá San/ é: Santa Quitéria. Ela pertenceu à capela de Chica da Silva. A capela de Chica da Silva [...]

P: Ela tá lá lá lá dentro da igreja?

CA: Dentro da igreja, dentro da igreja. É a santa mais cara que tem dentro da igreja hoje

P: Santa Quitéria

CA: Santa Quitéria, ela é toda bordada em ouro...

P: Mas, é nessa é:: [...]

CA: Isso eu tô falando pra senhora que eu sei dessa história pelo seguinte: quando eu era menino, eu ficava muito lá com Antônio Maria. Então, Antônio Maria me ensinou a história. Então, eu contava essa história pra turista. Então, eu sei muito da história da Igreja do Carmo e da Igreja do Rosário, que era Antônio Maria que tomava conta da Igreja do Carmo e da Igreja do Rosário. Então, isso aí eu aprendi

P: E que eu vi lá no cemitério, Geraldo Celso

CA: Geraldo Celso, ele que criou Antônio Maria

P: Pois é, eu lembro dele criando ele, acho que ele faleceu, né?, fizeram lá uma [...]

CA: Faleceu

P: Uma bonita inscrição lá pra ele e ele tomava conta da igreja também, né? [...]

CA: É, e ele era carmelita, né? E e ele escreveu até pro Papa, o João Paulo, porque ele queria usar a túnica de carmelita

P: É é: [...]

CA: E e o Papa concedeu ele a usar a túnica [...]

P: Ele vivia de de túnica [...]

CA: É, de igreja [...]

P: Da igreja e com o hábito, o hábito de carmelita. A gente achava até que era meio meio louco, né?

CA: É, todo mundo olhava e [...] | Antigamente o povo fazia isso, hoje não, né?

P: Ele era ele foi casado, né?

CA: Ele foi casado e tudo, tinha um tanto de filhas

P: Não sabia que ele que ele tivesse sido casado, pra mim era um solteirão [...]

CA: E adotou o Antônio Maria

P: É, Antônio Maria eu lembro muito dele. Bom, agora é: vamos fazer uma: ligaÇÃO de novo, você já falou no princípio e tudo, mas assim é: do que tem aqui em Diamanti:na de construção, cê não vê nenhuma influência portugue:sa, não tem nada que te chame a atenção?

CA: Sim, eu eu acho que: deve ter sim. Ó a senhora pega ali, o próprio Apocalipse Restaurante, o Hotel Dália, é: aquela casa em frente à Igreja do Rosário ali perto do teatro, que hoje é uma pousada, e aonde que era que é o Itaú hoje que era a Clínica Diniz. TODOS são do mesmo modelo e são MUIto antigos.

P: É, mas não são não são coloniais

CA: Não são coloniais

P: Vê influência de quê ali, então, de quem?

CA: Eu eu acredito que seja portuguesa, não não tenho certeza. Eu eu acredito que seja portuguesa, porque o: o maior domínio nosso aqui é português [...] |

P: É interessante

CA: Não é não é inglês, não é alemão, é português. Então, acredito que seja portuguesa

P: E as antigas, essas que são coloniais mesmo, com esse tipo de po:rta, de saca:da

CA: Aí, vão lá. É:: a maioria das sacadas, se a senhora ver ali ó, a Rua Direita, a Rua da Quitanda, TODAS foram feitas po:r João Paulo... as grades das sacadas

P: É?

CA: Todas foram feitas por João Paulo

P: Então, é coisa bem recente

CA: É coisa é:, já é coisa bem recente, tanto que a maioria dos desenhos são os mesmos

P: Hum... Então, como que era antigamente, não era sacadas, não eram de ferro, não? [...]

CA: Eu eu tenho um retrato lá da da Rua Direita anti:go na época da Sé e tudo, a: Rua Direita não era daquele jeito, não

P: Isso foi, então, uma reforma feita mais tarde: [...]

CA: É uma reforma a própria a ali ali onde que é Salvador da Márcia hoje... não tinha aquele calçamento grande ali, não, aquilo foi Charalano que mandou fazer, ué

P: Que era a casa de São Paulo

CA: Que era a casa de São Paulo ali ele que mandou fazer aquele aquela escadaria e tudo ali

P: Hum, é, então, teve mesmo um: e aquela aquela casa ali que hoje é da |

CA: Ali tem uma a sala de lá é é pintada igual igreja, tem uma pintura no forro [...]

P: E diz que é uma pintura com uma:: um quadro francês, né?, uma uma cena francesa [...]

CA: Não, eu nunca entrei, nunca entrei, nunca vi [...]

|

P: Eu já entrei lá, mas nunca prestei atenção

CA: Eu sei, a gente passa a gente passa na rua e vê lá a pintura lá, mas o: que quer dizer, qual o significado, eu não sei

P: Agora vamos passar pra aqui as SUAS atividades aqui em Diamantina, atualmente, essa Diamantina, porque tem uma Diamantina antiga, tradicional, esse QUAdro que você vê de Diamantina. Agora, tem vocês vivendo aqui e a sua profissão, por exemplo, na na é: na área artística. A: a: questão da ligação com as pessoas que te dão serviço, com a visão que se tem de arte hoje em Diamantina

CA: Bom, Diamantina, se pegar hoje ela ela pode ter sido há muito tempo atrás artística, hoje ela não é artística, porque os ar/ os arTISta mesmo diamantinense, igual Marco Moura, Aluísio Alcântara, é Adriana Reis é:: que são uns artistas mais faMOsos em Diamantina [...]

P: Da atualidade

CA: Da atualidade e tudo, eles o seguinte, eles você não vê um CAMpo pra eles muito grande aqui em Diamantina. O campo deles é mais é Rio-São Paulo que que dá valor à arte, que dá valor ao desenho. É: a minha geração, você já pega aí Messias, cê pega Marcelo Brant, é::... é: Messias, Marcelo Brant é:: Dona é: Helena Flecha [...]

P: Helena Flecha, com os desenhos, né? | de bico de pena [...]

CA: De bico de pena. Quem mais? Eu tô esquecendo um bocado de gente assim porque na hora [...]

P: Mas tem uma representação boa, né?

CA: Tem. Aí é o seguinte, a nossa geração é: ela precisa do turista de fora pra/ de Rio e São Paulo pra VER a nossa ARTE e comprar

P: É pelo mercado mesmo [...]

CA: É dentro do mercado diamantinense, eu acho que o mercado mineiro não existe... A arte, o valor. Não falo não existe a arte, eu falo o valor que se deve ser pago através do da arte. É: Marta e Aluísio mesmo s/ e:: Adriana são pessoas que ganharam muitos prêmios fora

P: Mas não são reconhecidos aqui

CA: E não são muito reconhecidos aqui. Eles são mais reconhecidos fora | [...]

P: O espírito do diamantinense mudou?

CA: Não é que mudou. E e hoje é o seguinte, eu pego assim o meu lado lá de Messias, que a gente sempre criava tudo à mão e o computador hoje chegou, hoje, todo mundo trabalho aí, faz é: faz cartazes, o que a gente fazia tudo manualmente, eles fazem tudo no computador. Ele pega lá entra na internet, ah gostei dessa gravura joga essa gravura ali e não sei o quê [...] |

P: É recorta e cola

CA: E tá pronto, é uma arte

P: Quer dizer, vocês que tomam tempo, e trabalho de criação | [...]

CA: E tá assim ó: pega o cartaz, aí a pessoa pergunta: “mas por que que você criou esse cartaz?”, aí você vai explicar o porquê disso. A outra pessoa pega um cartaz faz um cartaz e não sabe porque que criou o cartaz. Ele sentou e fez uma misturada lá e ficou bonito. Aí todo mundo agradece [...]

P: Chamou a atenção

CA: Então, então a pessoa ela hoje prefere uma coisa boNIta do que uma ARte

P: E isso é o que tá acontecendo aqui?

CA: E isso é o que tá acontecendo. Eu acredito que não seja SÓ aqui em Diamantina. Eu acredito que é a maioria, porque hoje a internet ela, você entra dentro da internet, você entra no Google lá, você pede um bocado de coisa lá | [...]

P: E como é que você tá nessa história da tecnologia e da arte antiga aqui?

CA: Eu através/, como chegou muita gente DESSE jeito aqui, é o próprio Messias já saiu de Diamantina ele ele não tá mais em Diamantina. Eu no meu serviço em termo da arte ele deu uma caída GRANde [...]

P: Você faz é o: serviço de é: desenho propriamente, não, você faz é [...]

CA: Eu faço serviço de desenho. Tud/ a maioria das coisas que eu faço eu desenho no computador

P: Hum, já no computador?

CA: Já no computador

P: Você já aderiu à tecnologia? [...]

CA: À: tecnologia.

P: Se não você vai perder tempo [...]

CA: Eu acho que/ tem muito tempo que eu não desenho à mão. Eu acho que se eu for desenhar à mão, eu acho que já perdi um bocado da da destreza

P: Mas e: esse amor que cê tem à arte, essa tenDÊNcia, tudo, você não fica meio frustrado, não, de? [...]

CA: FICO, porque a gente vai perdendo, vai se envolvendo naquilo ali [...]

P: É a mesma coisa o escritor: parou de escrever e fica pegando texto [...] |

CA: Eu tive eu tive uma professora que ela:, eu não sei se ela ainda dá aula na Guignard

P: Quem que é?

CA: Glória Lamonier. Ela deu aula pra mim. Eu tenho até: ela ela fez um desenho pra mim, inclusive pra trocar [...]

P: Você fez curso em: [...]

CA: Eu fiz o curso no Festival de Inverno e ela deu aula pra mim, aqui em Diamantina. Aí é: eu fiz um desenho lá que quando eu fiz o o qo primeiro curso que eu fiz no Festival foi desenho, e eu fiz com um professor que ele chegou pra mim e falou assim: "ó nós vamos fazer um desenho que chama desenho cego". Desenho cego é uma pessoa senta de frente pra outra em uma mesa grande igual aqui, coloca o papel aqui e você só olha pra pessoa e desenha a pessoa sem olhar para o papel. Aqui fica um um tipo uma coisa pra você não vê o que que você tá fazendo. Então, você vai olhando pra pessoa e vai imaginando. E eu fiz esse desenho e essa professora foi e gostou TANto que mandou eu fazer isso em silk. Quando eu fiz isso em silk, TOdos os professores que tavam dando aula no curso da: da do Festival de Inverno vieram me pedir gravura, por causa desse desenho... que ele que ele assim não é traço certo, é uma e eles não gostam, o artista, quando ele é artista, ele não gosta do tracinho reto [...]

P: Não é cópia, né? Não gosta da cópia

CA: Não gosta de cópia e não gosta de linha reta. A linha pra ele tem que ser rabisCAda

P: Hum, é interessante. Mas você tava de qualquer forma mesmo sentindo essa diferença, cê tem se dado bem aqui?

CA: Muito, muito

P: E você trabalha: é com: presta serviço a: às pessoas que querem propagan:da [...]

CA: Presto, presto, sim. Eu presto serviço até pra "Voz de Diamantina". Eu faço a diagramação do jornal. Eu faço a montagem toda do jornal. Eu trabalho lá tem sete anos já

P: E vocês estão com com máquinas mais modernas?

CA: Não, a: o jornal é o seguinte, o jornal ele é impresso na gráfica particular. Ele não/ a gráfica do ponto Santo Antônio ela é um museu hoje, ela só tem um maquinário, lá não funciona, não

P: Ah, eu pensei que ainda tivesse gráfica lá

CA: O jornal ele é impresso na na antiga Estrela Polar, que hoje é Gráfica Urgente

P: É Gráfica Oriente que chama lá?

CA: Gráfica Urgente

P: Urgente?

CA: Urgente

P: E de quem é, é da igreja?

CA: Não, ela é do rapaz que f/ foi é: foi aluno do Epiu

P: Epil é que também/ não há mais a gráfica no Epiu, não?

CA: Há, sim | A gráfica do Epiu cresceu muito, porque o Epiu tava na beira do do:: [...]

P: Da falência

CA: Da falência. Hoje, o Epil já cresceu e muito [...]

P: Cresceu, que bom!

CA: Aí já é uma coisa boa da sociedade diamantinense, que viu que tava perdendo e cresceu o Epiu

P: É, ajudou mesmo, né?

CA: Ajudou a crescer. Isso aí em termo diamantinense nisso aí de de ajuDAR a crescer ou que tá acabando. Eu não sei/ uma coisa que Diamantina hoje tá perdendo, eu não sei como é que tá é a fábrica

P: Mas não já fechou, não? Disse que ia fechar

CA: A fábrica fechou. É isso que eu tô falando. Eu não sei como o diamantinense deixou isso. A própria associação comercial deixar uma coisa disso, acontecer isso, porque a senhora pega aí é: são quantas pessoas desempregadas aí?

P: E os diretos e os indiretos, né?

CA: Nisso aí é MUIta gente e e aqui, a daqui fechou, mas a de Gouveia, não

P: Deve ser questão financeira, né? | Pra um lugar pro outro não, né?

CA: Eu acredito que sim. E: muito assim ó, a senhora pega lá, a fábrica ela é em Contagem, na Cidade Industrial, que eu já fui até na fábrica lá... Hoje, é aquele povo mais/ é mais, hoje são fi:lhos, netos, eu acho que eles não querem isso mais

P: É tem fonte de renda mais é: assim interessante, né?

CA: Tem até Biribiri, que tá lá

P: Uma pena, né? Bom, vamos agora em/, eu já tomei o seu tempo demais, vamos encerrar o seguinte: é: você que tá jovem aqui hoje o que que você pensar desse futuro de Diamantina com essa hisTÓria que ela tem, quer dizer, história de tradição, história é: mais recente política e, no momento, o que que você pensa de futuro de Diamantina?

CA: Eu assim tem eu acho que tem MUIto menino hoje novo que gosta de Diamantina, mas têm muitos que: eu acho que eles não são ligados a isso. Pode ser que venham depois a questionar isso. É:: nós pegamos aí, em termos de política... diamantinense... hoje, ocê não consegue ver um prefeito igual nós tivemos Antônio Carvalho, João Antunes [...]

P: Antônio de Carvalho [...]

CA: Que eram pessoas/ seu Felício dos Santos, que eram pessoas assim, ué, nós vivemos quarenta anos com três prefeitos, que era só os três, depois há pouco tempo que foi o Gustavo Botelho, depois, João Antunes, aí entrou o Gustavo Botelho. E hoje, quem que é?

P: E o senhor acha que vai isso vai dificultar [...]

CA: Aí o que que acontece, hoje é o Padre Gê... mas não tem vínculo nenhum com a política. Temos agora aí ó, que que tá se falando o nome do filho de Ian Costa, o Frederico, que que é uma pessoa nova, uma pessoa com ideais GRANdes e tudo, mas é uma pessoa que não tava em Diamantina, não é uma pessoa conhecida em distri:to, é: que só onde dão os votos pra Diamantina. Então, o quê? Qual é o ideal hoje da pessoa jovem do: [...]

P: Diamantinense?

CA: Diamantinense, ele tem que/ igual voltando há tempos atrás, ser muito culto pra pessoa acreditar nele e ele crescer já com aquela meta de: ser um político pra poder/ não um político diamantinense, um político lá fora, igual o Juscelino foi, porque o Juscelino não foi político em Diamantina, ele foi político lá fora, porque ele não foi nada em Diamantina | [...]

P: Ele ficou conhecido aqui depois

CA: Ele não foi nada, ele não foi prefeito, ele não foi vereador, ele não foi nada em Diamantina. Ele foi o quê? Deputado, governador, senador, presidente da república... Ele não precisou de Diamantina para sair na política, não

P: É, e já que você vê essa questão que as pessoas precisam ser cultas atualmente diamantinenses e tudo | E:: a Universidade aqui não vai | favorecer, não?

CA: Eu acho assim ó, a Universidade daqui é muito forte. Eu acho que as pessoas que frequentam a Universidade hoje que tão com a cabeça meio perturbada, eu não sei, eu acho assim, igual chega num evento em Diamantina igual há pouco tempo querer fazer manifestação em vespeRAta, isso é uma agressão a Diamantina. A pró/ as próprias pessoas que são diamantinenses tá tá vendo aquilo ali e não fazendo nada

P: Isso na na Universidade?

CA: Isso dentro da Universidade, há pouco tempo teve no meio da vesperata eles foram fazer uma manifestação por causa de preço de passagem de ônibus pra Universidade. Invadiram a vesperata que [...]

P: Desrespeito à tradição, né?

CA: Eu acho que é um desrespeito ao diamantinense, não à tradição, não, ao diamantinense, à cultura diamantinense

P: E será que o professorado que tá aí não não na Universidade não dá atenção a esse aspecto cultural [...]

CA: Eu acho assim ó, em termos dos dos professores, a senhora pega agora mesmo tá todo mundo em greve, eu acho que tem que tá em greve, mas não desrespeitar é: os direitos de todo mundo. Faz a sua manifestação, faz / isso é direito do ser humano, isso é democracia, todo mundo tem que ter, tem que em que manifestar, tem que/ mas na hora certa, no momento certo, do jeito certo. Não chegar e ficar agredindo... as culturas diamantinenses aproveiTANdo do que acontece em Diamantina pra ir agredir

P: Você, apesar de ser novo, você tem uma visão voltada para o passado, né?, mas o pessoal daqui [...]

CA: Não, é poucos, é poucos

P: Então, tá bem escolhido aqui | pra poder falar sobre isso

CA: Eu é o seguinte, eu convivi eu convivo muito com as pessoas mais velhas, sempre gostei de conviver com as pessoas mais velhas, e: é:: eu tenho muita pouca muito pouco assim relacionamento com as pessoas novas

P: É? Interessante, tem umas pessoas que são assim, né?, gostam da maturidade, gostam das pessoas

CA: Isso é um aprendizado.

APÊNDICE B – ENTREVISTA 2

C: Entrevistada	**Data**: 1º de fevereiro de 2011
P: Pesquisadora	**Tempo**: 22:56

P: é: C. eu ouvi seu depoimento sobre a sua pesquisa sobre o Rose mostrando justamente o seu emPEnho no trabalho de pesquisa sobre Diamantina a cultura a arquitetura e: estou interessada em que você me faça alguns depoimentos sobre essas influência é da Europa aqui em Diamantina particularmente a influência dos ingleses que você teve uma uma ligação direta você teve um um trabalho BEM fundamentado em cima dessas realiDAdes aqui passadas e que a gente percebe que você gostou disso e aprecia e valoriza então quando: Ares da Mata Machado diz assim: "a presença dos europeus de europeus em Diamantina muito contribuiu para elevar o grau de cultura eram todos ingleses na designação popular menos os franceses que se distinguiam" qual seria essa ação dos ingle:sés que você bem conheceu aqui em Diamantina a ponto de influenciar a vida o comércio o desenvolvimento de: Diamantina através dessas personagens que você conheceu

C: é: você se referiu aí à:: Helena Morley né Alice Dayrell né e eu a conheci pessoalmente ela se hospedava em casa de meus pais ela ia com a gente ao Biribiri que ela no livro dela "Minha vida de menina" né ela se refere ao Biribiri e inclusive ela fala que o Biribiri pra ela era um cantinho do céu e ela vivia curiosa com relação à beleza que era Biribiri à arquitetura do Biribiri à música do Biribiri e o encanto que era lá então depois disso quis a divina providência que eu me casasse justamente com o construtor do Biribiri o arquiTEto que construiu o Biribiri o povo que levou pra lá a música também a educação naquele tempo porque o Biribiri foi construído pelo inglês John Rose que eu poderia dizer a você que: eu fui considerada uma bandeirante cibernética que:: na era da informática que eu fiz surgir a pessoa de John Rose né que estava esquecida ou desconhecida aqui em Diamantina então ele foi naturalizado diamantinense-inglês ou inglês-diamantinense como disse pra mim o bisneto dele né o Murilo Teixeira então é justamente esse trabalho que me chamou atenção em que eu fui como se diz levada a resgatar a vida dele né como me disse a a Celina que é diretora da arquitetura da UFMG falou comigo: "Conceição você fez John Rose renascer" e eu havia lido outra coisa dizendo que é mais bonito renascer do que nascer e isso me trouxe uma grande alegria né que eu pude fazer esta figura tão importante que foi pra nós aqui em Diamantina e ver a influência inglesa dele aqui em Diamantina que foi grande demais e tem a família dele da qual eu fui escolhida pra casar com o bisneto dele e: quando eu fiz a a árvore genealógica que eu TENtei né eu consegui encontrar MUIta gente da família dele que estava residindo em Belo Horizonte como tem muita gente da família dele por esse mundo afora não é e aqui em Diamantina ainda tem várias pessoas que são da família dele inclusive um bisneto dele que chama John Rosa

P: mas o que ele fez por Diamanti:na pro progresso de Diamanti:na pro desenvolvimento de Diamantina você poderia citar justamente o que você falou você discorreu no seu livro

C: é eu comecei fazendo é: como se diz os cartões postais de Diamantina foram confeccionados por ele não é eu é: fotografei VÁrios é: e procurei a documentação comecei faz| fazendo a documentação DEle né que eu fui a Biblioteca Antônio Torres entrevistei famílias dele fiquei conhecendo netos dele inclusive minha sogra é neta do John Rose né e ele passou para os filhos dele toda aquela obra que ele fazia aqui porque ele não fazia essas coisas

sozinho ele fazia tudo com os filhos e as duas filhas que eram entalhadeiras eram musicistas eram professoras de música em Diamantina e no Biribiri também

P: e esses cartões postais a que você refere você poderia citar: que: quais foram as construções as principais só pra gente ter isso documentado que realmente é ele contribuiu pra arquitetura diamantinense

C: certo por exemplo eu vou começar aqui com o fórum de Diamantina o fórum de Diamantina hoje no tempo dele né era: uma cadeia velha e:: o primeiro bispo de Diamantina Dom João Antônio dos Santos necessitava de uma casa para residir e uma casa também a família dele então John Rose fez a arquitetura daquela casa que a gente hoje tem e vê a maravilha que é um cartão postal de Diamantina que o prédio do fórum de Diamantina tá situado na Rua de São Francisco né tenho também a vila Biribiri que ele montou a vila montou a fábrica fez também fundição e nessa fábrica nessa fundição ele confeccionava tudo para Diamantina sinos ele confeccionava: é: é: muita coisa aqui para Diamantina e uma das coisas que chamou mais atenção foi a capela do Biribiri né que foi feita por ele e eu: tenho um documento também falando a esse respeito a Santa Casa também de Diamantina que é outro cartão postal de Diamantina né que foi também feita por ele iniciada em 1866 tendo como: o tesoureiro o Herculano Carlos de Magalhães Castro o célebre cula que eles falam cruzeiro do cula né então esse Herculano Carlos até batizou um filho de John Rose que também recebeu o nome de Herculano e eu vendo também na: no inventário de John Rose o Herculano provou que ele conheceu as filhas de John Rose entrou nessa também o Joaquim Felício dos Santos né o Joaquim Felício dos Santos cuja sepultura está lá no Biribiri do lado esquerda da capela de quem entra o Joaquim Felício dos Santos foi o: advogado que fez a curatela dos filhos de John Rose e quem foi Joaquim Felício dos Santos ele era irmão de João Antônio dos Santos ele que deu autorização junto com Dom João e com o irmão dele Felício dos Santos para construir a vila Biribiri... tem muita coisa pra falar [...]

P: mais alguma obra dele aqui [...] |

C: tem

P: eu gostaria que você falasse por exemplo na questão do Colégio Nossa Senhora das Dores [...]

C: é: o passadiço da Casa da Glória foi construído por ele e o prédio também é:: era feito só um andar e ele fez os dois andares e uniu os dois andares com o passadiço da Casa da Glória... foi também trabalho dele a pedido das irmãs porque ele construiu o: passadiço a pedido DAS irmãs porque quando Dom João Antônio dos Santos doou o prédio que ele residia é: antes quando ele chegou pra cá como primeiro bispo que era o prédio da Casa da Glória um andar só o John Rose então construiu os dois andares de cima tanto de uma casa como da outra e: depois quan/ quando as irmãs adquiriram o prédio da frente que: era um prostíbulo e: então elas achavam muito sem jeito aquelas jovens os pais entregavam as filhas para serem educadas pelas irmãs é: vicentinas né então elas adquiriram o prédio na mão de Rodrigo de Souza Reis e então foi esse trânsito que elas tinham que fazer atravessando a rua na chuva com lama e também o inconveniente de muito jovem ficar atrapalhando o que elas estavam fazendo e elas não queriam que as meninas fossem vistas também | né [...]

P: eu fui uma dessas meninas ((risos)) eu estudei lá | [...]

C: pois é não queria que as meninas fossem vistas então houve o pedido de Dom João Antônio dos Santos ao prefeito de Diamantina que desse autorização para ser construído esse passadiço então Dom João Antônio dos Santos conseguiu autorização do prefeito mas com o visto de um outro: que era: era uma pessoa que pertencia lá ao distrito para fazer a uma vistoria pra ver se valia a pena se era uma coisa segura se era uma coisa que não ia atrapalhar a paisagem de Diamantina e afinal de contas saiu essa maravilha toda que é o passadiço que é feito em estilo inglês mas cuja cobertura é de folha de franzis de latão pelo Pedro Falce que:: morava justamente onde John Rose morava na rua do hospital ele morava do lado direito e John Rose morava do lado esquerdo então o filho de John Rose João Miguel Rose casou-se com a FIlha do Pedro Falci que chamava Cristina Falci então deu origem a minha sogra Maria Cristina Falci Rose pelo casamento

P: muito bem você já falou então aí sobre a questão da influencia na sua própria famí:lia na sua própria pesso:a na sua própria afetividade de toda essa história que foi desenvolvida aqui por um inglês | [...]

C: sim e tem mais porque o meu pai Pedro Duarte ele:: foi para o Biribiri aos nove anos de idade e: porque o pai dele que chamava Algemiro Pompulone Duarte e o irmão João Gerundino Duarte que compraram a fábrica do Biribiri na família de Dom João lá residia ainda a família do John Rose dos ingleses a família estava lá residindo e o filho de John Rose que é o Herculano que o chamado é:: Herculano Bob Rose Herculano Roberto Rose foi ele que ensinou meu pai a trabalhar como: é artífice também na fundição na fábrica como técnico têxtil e meu pai chegou até aos quatorze anos de idade a ganhar o prêmio brasileiro de produção em um dia como técnico têxtil fazendo na fundição do Biribiri fundada por John Rose todas as peças necessárias para a fa/ para a fábrica e também para Diamantina sinos grades muitas coisas meu pai fez e aprendeu com o filho de John Rose agora isso e mais alguma coisa você vai achar no meu livro

P: ótimo agora vamos diversificar um pouco as informações você falou aí seu pai aí né Pedro Duarte e: quando eu cheguei a Diamantina em 48 é:: a gente ouvia eu era interna no colégio a gente ouvia falar Pedro Duarte ele era uma pessoa representativa da sociedade de Diamantina inclusive financeiramente e socialmente agora eu gostaria que você falasse um pouquinho o que que você sentiu como filha é:: de uma pessoa de desta:que um diamantinen:se é o que que você sentiu assim de influência da Europa aqui nos costumes na na arte na na vida família:r na religiã:o já sei que você é de uma família religio:as você voc/ [...]

C: sim hoje eu sou ecumênica

P: você é capaz de de localizar influências vindas | não só da Inglaterra como também de Portuga:l da França [...]

C: é Portugal também teve uma influência grande também a gente sabe disso mas o que eu me refiro agora no momento que eu quis falar é justamente que meu pai Pedro Duarte essa influência inglesa que teve no Biribiri foi muito grande pra ele também porque ele aprendeu a trabalhar ele aprendeu a viver ele desenvolveu nesse ambiente que havia sido preparado pelos Rose pela família Rose não é meu pai como aprendiz do filho do John Rose o Herculano porque meu pai e minha mãe não o conheceram mas sofreram a influência da educação dele no Biribiri por exemplo sobre a música que lá no Biribiri eu conheci pessoas que tocavam harmônio por partitura e quem ensinou essa pessoa que EU conheci pessoalmente foi a filha de John Rose a Francisca Rose que tocava piano tocava harmônio tocava harpa e dava uns

saraus em Diamantina como dava uns saraus em Biribiri também o que acontecia em Diamantina acontecia no Biribiri também essa cultura não é essa cultura existente que ele trouxe da Europa porque ele já veio o John Rose já veio da Inglaterra com uma bagagem de cultura MUIto grande não só a arquitetônica né a mecânica mas também essa outra cultura que ele fez também fazer do bem sem olhar a quem eu tive uma entrevista com um senhor é de: São Roberto que era da família do Barão de São Roberto que foi o John Rose também que montou a fábrica de São Roberto né aqui em Gouveia não é essa bonDAde de John Rose porque diz que quanto mais inteligente melhor é a sua bondade então isso foi uma herança porque os meus avôs trabalhavam com ele Algemiro Pompulone Duarte e João Gerundino Duarte que que eles faziam eles faziam o marketing da fábrica do Biribiri entre Biribiri o Rio de Janeiro até falam que eles eram tropeiros porque eles transportavam a::s fazendas as coisas que se fazia o pano que se fazia no Biribiri eles levavam pela hoje Estrada Real né a/ em tropa até o Rio de Janeiro para ser vendido lá no Rio de Janeiro

P: é muito interessante isso toda toda essa influência né é: tem uma última perguntinha aqui que seria você se colocar como pessoa mesmo gostaria de que você posicionasse sobre essa influência dando o seu ponto de vista sobre o assunto fazendo a sua avaliação seus comentários pessoais sua apreciação e: eu gostaria que você incluísse nessa influência toda não é a influência que sua família socialmente recebeu de Diamantina sua mãe era uma pessoa da socieda:de [...]

C: minha mãe era muito da sociedade e ela ao lado do meu pai no Biribiri eles desempenharam né uma função muito elevada e eles conquistaram o terreno conquistaram a riqueza e também uma outra coisa que pessoalmente eu falo eu não fico envaidecida não mas eu fico alegre e feliz de ter sido de uma família dessa de ter conhecido esta família Rose porque hoje eu conheço muita gente nas minhas pesquisas e entrevistas eu procurei esta família para fazer a árvore genealógica do John Rose né e a dedicação também a meu esposo né e a gratidão à divina providência de ter me colocado dentro dessa família a viver na família Duarte e a viver também na família Rose né que foram famílias unidas porque eu mesma cito aqui que meu pai tinha um um orgulho muito grande uma alegria muito grande uma dedicação muito grande com esta família essa semana mesmo eu me recordei e vi é sobre um senhor que chamava Tico Rocha que era casado irmão de Dona Edite que era viúva de Eupídio Coelh né era esposa de Eupídio o: Tico Rocha ele era filho de uma descendente de John Rose bisneta de John Rose a Maria ela é mãe do Titi o Titi é primo do de John Rose | [...]

P: que tinha um bar lá em baixo | [...]

C: é ainda tem ele também é bisneto de John Rose e: a gente vê a influência da cultura não só de música como também a cultura é na tradição porque John Rose fez [...]

P: costumes diários os hábitos família:res você sentiu alguma coisa

C: sim senti muito muito mesmo e depois o meu pai é: eu notei uma coisa que eu não coloquei aqui no livro mas uma observação nas minhas pesquisas que meu pai até o uniforme que usava é:: lá na fábrica do Biribiri que o Herculano usava era uma camisa de manga comprida branca e uma calça cáqui sabe eu via o meu pai com essa e eu ficava encabulada porque que toda vez que meu pai vai trabalhar na fábrica do Biribiri ele vai sempre com esse uniforme com essa roupa é uma tradição da roupa ter influência né e depois a dedicação de meu pai né tanto que ele ganhou nome de Pedro Duarte missionário do bem e embaixador da cordialidade

P: interessante | isso eu não sabia [...]

C: ele foi chamado e agora no centenário dele de Pedro Duarte que foi dia 05 de outubro de 2005 que ele nasceu em 1905 né no centenário dele é eu fiz até um concurso aqui em Diamantina entre todas as escolas que mostrassem o talento delas falando sobre a pessoa de Pedro Duarte quem foi ele e porque que ele recebeu esse título "Pedro Duarte missionário do bem e embaixador da cordialidade" então foi uma um como diz uma revolução em Diamantina esse centenário porque ele fez a doação do campo de aviação do terreno construiu o campo de aviação trouxe o primeiro avião pra Diamantina criou a: escola de aviação em Diamantina ele trouxe pra Diamantina o TIro de guerra doou o terreno para a sede do tiro de guerra a IDEIA do tiro de guerra FOI de Pedro Duarte em Diamantina doou terreno pra construir a praça de esportes quer dizer esse dinaMISmo dele ele herdou muito eu acho dessa família Rose também porque eram pessoas múltiplas diNÂmicas e meu pai as conheceu todas

P: muito bem estava percebendo que você é [...]

C: sou entusiasta

P: é entusiasmadíssima com John Rose e com razão né porque você passa a conhecer melhor as pessoas você passa a aMAR mais passa | a admirar

C: justamente e eu ter casado com o bisneto dele também por encaminhaMENto da divina providência

P: isso

C: porque foi tudo providencial como eu falei no meu livro

P: viveram tão bem né |

C: vivemos juntos nós que nós ficamos nos conhecendo agora cinquenta e qua/ cinquenta e OITO anos que nós ficamos conhecendo 58 anos e nós vivemos juntos o Geraldo e eu com 52 anos de casado e hoje fazem dois anos que o Geraldo transmutou partiu para o céu.

APÊNDICE C – ENTREVISTA 3

E: Entrevistado	**Data**: 1º de abril de 2011
P: Pesquisadora	**Tempo**: 59:39

P: Vamos fazer aqui, que eu vou repetir a pergunta que eu já fiz, é o seguinte é: eu quero saber qual é a representação que tem pra você, você como historiado:r, como estudioso da história de Diamantina, a presença do europeu na formação cultural do povo de Diamantina, considerando que: Diamantina fiCOU com uma característica bem específica em todos os aspectos culturais, desde a a religião, desde a formação intelectual, desde a formação social e: qual foi a representação então aí que você FORmou do elemento aí europeu aqui em Diamantina

E: Ela é fortíssima. Ela é fortíssima a partir do momento que quando nós falamos de história de Minas Gerais a gente fala de mais de 12 mil anos, porque se nós formos observar o crânio da Luzia, esses fósseis que tem encontrado em Minas Gerais, o homem já estava aqui há muito mais de 12 mil anos. O que nós herdamos dos indígenas que tavam aqui é muito forte. Na comunidade de Diamantina até se fala muito a sua vó foi pega a laço, pega a laço foram as mulheres que foram pegas dentro das tribos indígenas e trazidas para a comunidade dos colonizadores e elas não trouxeram não apenas é: elas trouxeram não apenas a sua presença física mas como o seu conhecimento também. No:s arquivos de Portugal já foram encontrados frases como: “Da fome do Itambé livra-nos domimé”, uma brincadeira feita porque, se não se tivesse incorporado a cultura indígena, os portugueses, os primeiros que chegaram por aqui, eles tinham morrido de fome. Então, as ervas medicinais que nós usa:mos, várias representações mentais como Deus castigando e punindo as pessoas vem do indígena, a culinária nossa no sentido de mandioca, de milho e de muitos aspectos não são centenárias, são milenares, porque foram incorporados da cultura indígena e é TÃO forte a questão europeia, mas tão forte, que, apesar de cerca de mais de 12 mil anos que nós temos de história aí presente nas nossas vidas todos os dias, que é herança do indígena que está presente ainda na nossa vida, né?, em atos que fizemos que são inúmeros, nós começamos a falar de história de Diamantina a partir do momento que chegam os exploradores em PROL da Europa. NinGUÉM se fala dos milhares de anos que tiveram de colonização pré-europeia. NinGUÉM fala da/ dessa iMENsa carga histórica que nós tivemos. É como se tivesse uma amNÉsia coletiva de se falar de história baseado no primeiro explorador que chegou por aqui. O primeiro vai chegar lá pra 1535, que passa por aqui por cima sem ter parado, a gente não entende como, só se tava atrás de índio, que foi o Plínio Spinoza, que por sinal chegou descendo o rio Jequitinhonha e subindo o São Francisco, com certeza passou por aqui. Mas as bandeiras que vão realmente ficar por aqui elas vão chegar no final do século XVIII. Aí nós vamos notar que inclusive quem chega aqui o: aqueles que chegam por aqui, os primeiros aventureiros, eles não são portugueses, eles o que estão chegando aqui são paulistas, em sua maioria paulistas, que estão chegando inclusive com indígenas que já estavam junto com eles, com mamelucos, filhos de brancos com indígenas. A partir desse momento nós vamos conceber nossa própria história, esquecendo milhares de anos. Só disso aí já é um aspecto fundamental de da gente perceber o que que significa a presença europeia, de fazer uma amnésia coletiva de milhares de anos de nossa história

P: Pra se lembrar só: a: da | da presença europeia [...]

E: Só mu::ito recente, uma história mu:ito recente. Então, o que que vai é:: nosso próprio sentido de fé da maioria baseado em Cristo. Ora, quando: quando Cristo nasce aqui já tinha homem há milhares e milhares e milhares de anos. Então, essas concepções, elas foram ofuscadas justamente por causa duma força duma cultura nova que é a cultura europeia. Que chega a proporcionar uma amnésia. Nesse ponto [...]

P: Interessante

E: Né? Nesse ponto, eles chegam e nós vamos notar que os primeiros que estão chegando não são tão portugueses legítimos porque, ou aproveitam o nome que já estava em tupi guarani ou vai ou os que estão chegando que são os mamelucos eles vão ver a: eles vão eles vão ver e nomear em tupi guarani: Itambé, Ivituruí, e todas essa palavras provam que os primeiros que chegam são os sertanistas é de São Paulo, e mu:ito interessante isso porque pela visão do indígena, pela visão do indígena o pai, a mãe é uma simples pessoa que gera. Na verdade, ele é legítimo do pai. Sendo dessa forma, que é uma das bases da lenda do acaiaca, que foi descrita por Joaquim Felício dos Santos, em 1866, existe uma coisa mais ou menos o seguinte: esse fato do índio considerar o pai aquele que realmente é o seu legado, nós sabemos que a maioria dos casos foram de filhos mamelucos nascidos de portugueses ou de filhos de portugueses radicados em São Paulo com com os índios. Então, a consideração pelo lado paterno é muito forte, até por causa desse aspecto da da cultura indígena. Eles vão chegar aqui na região em busca do ouro, chegam em busca do ouro. A partir do momento que faz o descobrimento do ouro aqui na região não tem nenhuma diferença da comunidade de Diamantina com nenhuma outra comunidade nascente de Minas Gerais. A:: estrutura é a mesma: descobrem o ouro, eles vão / se eles vão se fixar nesse local, fazendo as primeiras casas e aí a notícia corre. Descobriu o ouro, descobriu o ouro. JaMAIS essas bandeiras que entram, elas entravam por meio da mata, elas seguiam rios que eram como estradas naturais e forneciam o: o necessário pra esses homens. Só que os índios também estavam na beirada desses rios, então, o confronto foi inev/ inevitável. E esse confronto até hoje é narrado nos cantos de marujada e principalmente nos cantos de caboclos, onde diz é:: “quem matou papai, vovô:, foi um grande ma:tador, foi um gran:de matador”. Quem matou papai, vovô, foi um grande matador, foi um gran:de matador, é esse bandeirante que está chegando. E MUIto interessante também que: NUNca na nossa família falou assim: “Seu bisavô foi pego a laço”. Não, é só a sua bisavó. É sempre no feminino [...]

P: Interessan:te

E: Um homem foi morto na batalha. Com toda a certeza, porque existia uma REsistência também por parte deles é: pela aculturação. De Diamantina apenas dois carijós, como diz, estavam registrados em Não existe mais registros deles dentro das irmandades, que são os registros mais antigos que nós temos aqui... Dessa forma, eles chegam, constituem o arra/ o arraial em prol do ouro, a aí a vida da cidade de Diamantina é completamente diferente. A GRANde modificação vai dar principalmente com a descoberta dos diamantes. Aí pronto!

P: Aí que tá a [...]

E: Outra coisa, outra história completamente diferente, MUIto diferente, é: com todo respeito e com as minhas admirações, mas mesmo contrariando as teorias de Dona Junia Furtado, nós tivemos uma história completamente diferente do que se diz respeito a:: questão da colonização iBÉrica no mundo, não apenas a colonização de Portugal, mas a colonização de

Portugal e Espanha no mundo. Nós tivemos uma história completamente diferenciada e os traços e as provas delas elas estão aí. Primeiro, os primeiros relatos que foi até / todo mundo conhece, quando chegou descobriu o diamante aqui, por que que essa descoberta foi TÃO importante? Porque [...]

P: A Europa vibrou, né?

E: A Europa vibrou. Foram 100 missas em Montedéu, dentro de Lisboa, e essas comemorações são descritas lá também [...]

P: O Papa

E: O Papa faz felicitação, procissões pelas ruas em agradecimento. Porque taMAnho louvor de ter descoberto diamante aqui? Por que a colônia espanhola não produzia diamante. E outro fator muito grande: a Europa Ocidental só conhecia os diamantes que vinham do Oriente. Então, pra Portugal ter encontrado diamante foi a GRANde descoberta realmente. Aí o que que vai fazer? A priMEIra providência: fazer uma intendência, cria a intendência dos diamantes, já em 1734. Cria a intendência dos diamantes que seria um órgão específico pra poder fazer a dinamização da produção e a tributação em cima. E aí já vai começar uma história diferenciada porque vai vir um intendente pra Diamantina especializado nessa questão da produção dos diamantes. E por que que Diamantina ainda fica vinculada à comarca do Serro Frio? Porque a dinamização e a exploração dos diamantes é de interesse de Portugal, ter registros de terra aqui jamais. Então, a comarca fica no Serro.

P: Hum

E: E a intendência fica em Diamantina... Num era interessante pra que Diamantina se tor/ é: fosse sede de comarca. Por causa de todos os aspectos de posse. Se nós formos observar cidades que existem aqui perto, tem cidades que chama Datas. O que que é datas? São lotes de terra. São as datas lo/ lotes de terra, tanto que era se chama Datas del Rey. Então, a partir do momento que surge essa notícia da descoberta dos diamantes aqui, história conturbada, realmente existe os registros de Bernardo da Fonseca Lobo oficiais mesmo. Ele recebe um título de tabelião. É: depois de uma longa história de já ter mandado diamante pra governador, de já ter mandado diamante todo canto, ninguém tomava providência, e ele via pessoas chegando aqui de forma despistada procurando po/ por essas pedras, ele vai lá. Isso aí é um fato realmente verdaDEIro, um fato que existem provas documentais é a respeito disto. Explode, descobriu o diamante. Até os próprios, até os próprios engenhos do nordeste começam a voltar mão-de-obra, todo mundo querendo correr pra cá.

P: Virou o: | ponto de [...]

E: Muito grande o ponto aqui foi de efervescência. O que que Portugal faz? Fecha isso aqui [...]

P: Ninguém pode entrar

E: Demarcado. Mas antes já tinha chegado muitas pessoas porque o crescimento foi rápido, mas em 1734 vai fechar as fronteiras daqui. Fecham essas fronteiras e nos primeiros relatos a gente já vê: quando era um português chegando, as autoridades portuguesas, os guardas que tomavam conta faziam vista mole e todas essas pessoas entravam que eram portuguesas. Aí o

que que vai acontecer? Entram os portugueses em detrimento das outras pessoas que já eram do próprio Brasil. Assim como teve o processo da: dos bandeirantes descobriu o ouro e ter a guerra dos emboabas que eles reivindicaram os direitos e os portugueses vieram tomar, no caso daqui não teve nem reação, porque não foi possível. Uns descobriram os diamantes, mas outros se apoderaram dele. E esses outros quem são? Lógico que são agentes da metrópole. Nisso, a gente já vê uma relação direta e mais próxima por causa dos interesses que existiam de Portugal. Agora, nesse ponto é:: nós vamos ter várias questões, que são questões que chegam a nível internacional. Eles chegaram até a pensar em se montar um estado teocrático dentro de: dent/ dentro de Minas Gerais, chegaram até a se pensar nisso. Então, a hisTÓria de Minas Gerais por causa do diamante e do próprio ouro, do ouro até e por causa do diamante ela vai ser diferenciada. Nem as ordens da igreja puderam entrar aqui dentro. Não pôde ter seminário dentro de Minas Gerais no século XVIII e até metade do século XIX. Aqui não se pôde ter franciscanos, beneditinos, mercedários. A igreja se divide em ordem primeira, que são os homens que fazem os votos de pobreza, obediência e castidade, se divide nas ordens segundas, que são as mulheres, que também fazem esses três votos, e existem as ordens terceiras

P: Terceiro do Carmo?

E: Leigos. E aí o que que vai acontecer? Portugal imediatamente trava a entrada das ordens primeiras e segundas aqui, que são beneditinos, mercedários, carmelitas, todos eles não puderam entrar. Qual o clero que entrou aqui dentro? Entrou aqui dentro de Minas Gerais como entrou em Diamantina o clero, o regular, que estava vinculado aos bispos. Por quê? Porque o bispo era indicado pelo rei de Portugal e os padres que estariam aqui seriam padres vinculados aos bispos e não às ordens religiosas que fugiam um pouco do controle do rei

P: Tinham filosofia própria, né?, organização específica [...]

E: Fecha, fecha. Esse é um caso típico mineiro e o que que vai acontecer em Diamantina? Lógico, se divide todas as pessoas de Diamantina em irmandades religiosas, aquilo que dentro da Europa eram corporações de ofício. Lá era São José São José dos dos São José dos Marcine:iros, lá era Santa Lu/ Santa Luzia é: das costure:iras, dos alfaia:tes, né?, Santa Cecília dos Músicos [...]

P: Ligadas às profissões, às artes, às [...]

E: Santo Ivo dos advoga:dos e um exemplo, né? Então, era dividido dessa forma na Europa, em corporações de ofício, aqui não. Aqui foi dividido pela etnia e pela condição social. Nossa Senhora do Carmo dos Brancos Ricos, é São Francisco de Mulatos em Ascensão e Brancos Pobres, Irmandade do Rosário dos Negros, Irmandade das Mercês dos Mulatos, Irmandade do Amparo dos Pardos, é: São/ o o Senhor do Bonfim dos Militares, e vai dividir toda a sociedade através de/ é: desses diversos segmentos. A pessoa tinha toda a vida vin/ é vinculada a essas irmandades porque não tinha associação civil. A assistência social era feita por essas irmandades. Então, se a pessoa quebrava uma perna era a irmandade dele que cuidava dele. Então, assistência social também era feita, a pessoa nascia e morria dentro dessas irmandades, enterrado, inclusive, dentro das próprias igrejas. NEsse contexto, nós vamos ver que descobre o diamante e desperta o interesse não apenas de Portugal, desperta o interesse do mundo. O contrabandista ele já estava aqui próximo, porque existia da mesma forma que existia o MInerador, existia também o capangueiro. Quem que era o capangueiro? O capangueiro era o comprador de diamantes furtivo, clandestino, que comPRAva esses

diamantes para poder repassar pros judeus. As mesmas quantidades, dizem, de diamantes que chegavam de forma oficial, na Europa chegavam de forma extra-oficial

P: Com contrabando

E: Pelo contrabando. É aquilo que fala muito bem o padre Antônio Vieira: "Entre o furto e o fruto não existe nem tanta diferença de letras, a diferença é muito pouca". Então, é dessa forma existia dois lados que exploravam esses diamantes. Existe interesse e uma cobiça muito grande por diversas nações a: respeito desse diamante que sai daqui. Até que para tentar moralizar a coisa, isso aqui virou um pandemônio, eles vão criar o sistema de contrato em 1739, que foi uma experiência muito singular. Apenas a companhia, a empresa do contratador exploraria os diamantes e o intendente dos diamantes seria o fiscal do contratador, o que na verdade quase nunca funcionou. Desta forma, vai acontecer que é: o contratador ele vai explorar todos os diamantes e [...]

P: João Fernandes, foi ele?

E: Veio o João Fernandes. Na verdade, foram só duas famílias que exploraram durante: os seis contratos. João Fernandes de Oliveira, pai, pega o primeiro contrato e segundo contrato e segundo contrato:, aí entra Felisberto Caldeira Brant [...]

P: Felisberto Caldeira que que sofreu muito, mas [...]

E: Brasileiro, perseguido e preso PEla família Fernandes de Oliveira que estava no Serro [...]

P: Voltou depois [...]

E: Ele tava no Serro fazendo mil arengas com o ouvidor que passou a os Felisberto os Caldeira Brant aqui dentro de Diamantina. No QUARto contrato, terceiro/ no quarto contrato volta o João Fernandes de Oliveira, pai, mas na metade passa para o João Fernandes de Oliveira Filho, que é o desembargador, que vai ficar o quarto, o quinto e o sexto contrato. Dessa forma, esses homens eles vão se enriquecer de uma maneira muito grande, mas, agora, o que que tem a ver assim dessa presença europeia de uma forma diferenciada dentro de Diamantina nesse tempo? Porque entrou em Diamantina, principalmente com a descoberta dos diamantes, já existia uma restriÇÃO de brasileiros, de aventureiros como era no ouro de se entrar aqui dentro, na des/ na própria descoberta do diamante já começou a barrar e quando chega o sistema de contrato essa coisa aperta mais, porque só ficou dentro do Tijuco aquelas pessoas que interessou ao sistema do contrato. Eram pessoas celeiros, carpinteiros, pedreiros. Os tropeiros para entrar aqui tinham que ter passaporte, pra poder entrar, pra poder abastecer Diamantina e: as pessoas que tinham interesse, que estavam vinculadas ao contrato foram as pessoas que praticamente permaneceram por aqui. E com o resto dessas pessoas, o que que aconteceu? O êxodo. Eles saíram da região de Diamantina. Foram ao/ foi aonde fundou a cidade de Grão Mogol, foi aonde que fundou a cidade de Lençóis na Bahia. Foram as pessoas que foram praticamente expulsas de Diamantina durante a época do contrato. O intendente tinha poder civil e criminal e expulsava as pessoas daqui. Existiu um certo intendente que chegou a falar, quando argumentaram leis pra ele, "se me mostra leis eu te mostro léguas", e mandou a pessoa embora. Ele:: eles eles tinham todo esse poder realmente resguardado, e a partir de 1739 vai ter um êxodo da região de Diamantina das pessoas que são deportadas daqui. Chega uma certa forma, que isso está escrito no livro "Devoção e escravidão", de Julieta Escaram, na tese de doutorado dela, que: a:: pediram para contar quantos irmãos tinha

na Igreja das Mercês dos Mulatos. Depois de mui:to tentar foi passado uma uma carta falando que era impossível, porque eram mandado gente de lá tudinho embora de Diamantina, então não dava pra contar quantas pessoas que tinham lá. Existia, sim, esse poder muito grande por parte desses intendentes e eles usaram largamente disso no sentido de colocar as pessoas pra fora daqui de Diamantina

P: Então, o que qual é o sentimento do do diamantinense, do tijuca:no, do povo da região com relação a esses estrangeiro que veio?

E: Existe um sentimento também que nem todas as leis são obedecidas e ficaram também pessoas do Brasil por aqui. O que vai acontecer é que nesse momento existiam aqueles que reagiram contra essa determinação. Até então nós falamos de mineiros, é o único estado do Brasil onde as pessoas que moram nele são denominadas por uma profissão e por trabalho: mineiro. Então, até aí nós falamos de mineiro. Vai ser justamente do começo do contrato pra frente que nós vamos falar garimpeiro, porque quem que são os garimpeiros? São os homens que reagiram contra o sistema de contrato. Subiram para as grimpas das serras, foram chamados de grimpeiros e da palavra grimpeiro veio a palavra garimpeiro. São os que resis/ os que resistiram. E não podemos negar também que os quilombolas também resistiram e eles estavam aqui dentro. Esses quilombolas é eles sustentavam os quilombos não através de plantar arroz ou feijão ou milho, era através da exploração dos diamantes. Então, NIsso nós vamos ver que vai haver de certa forma uma um uma preSENça maior de pessoas da metrópole dentro de Diamantina por causa de interesses. Nós assistimos à própria chegada da família Baracho, que é um filho deserdado de rei de Portugal. Então, nisto eles vão vir para a a a região de Diamantina. A fluência de portugueses aqui em nós é maior do que nas outras cidades por causa do interesse nos diamantes. Desta forma, nós vamos ver essa manifestação se dar através da cultura que vai ser empregada aqui dentro de Diamantina. Isso começa já no sistema de contrato, isso já vai começar a partir de 1739. O que nós notamos? Se nós formos olharmos todas as igrejas de Diamantina pelo lado de fora, nós não vamos ver a característica barroca nela, muito pouca característica barroca nas igrejas de Diamantina vistas pelo lado de fora. As igrejas de Diamantina elas são maneirismo, elas são do maneirismo, antes do barroco. Dentro das igrejas existem peças e obras que são barrocas. Bom, nesse ponto nós notamos que isso se dá por causa da INStabilidade da vida em Diamantina, a instabilidade foi muito grande por causa das ordens de despejos que poderiam ser dadas, por causa da pessoa, “por que tanta história de tesouro em Diamantina?” Aonde [...]

P: Os tesouros escondidos

E: Os tesouros escondidos. Aonde se acha os tesouros era lugar que escravo não tinha acesso, não. Eram as pessoas que eram contrabandistas de diamante que recebiam ordem de despejo daqui e seriam revistados na saída. Então, deixava dentro da casa em algum ponto o diamante escondido, “um dia eu volto”, e muitas vezes morria por lá e nem a esposa sabia [...]

P: É a história que a gente escuta que eram os escravos que estavam tirando: os diamantes e escondendo, né?, não é?

E: A maior parte era lugar que escravo jamais tinha acesso. POde haver, sim, tesouro escondido por escravo, mas, os que já foram encontrados, a gente nota que são lugares na casa onde eles não tinham acesso, somente o dono da casa teria, e essa questão dos despejos que houveram aqui. Nesse ponto, nós vamos notar uma intensa presença desses portugueses dentro de Diamantina. O que que nós poderíamos até constatar? Aleijadinho não teve aqui.

Ataíde não teve aqui. Eles tiveram em Felislândia, e não tiveram aqui. No meu ponto de vista enquanto historiador, eles não puderam entrar aqui dentro. Eles não entraram aqui. Se nós formos olharmos as imagens que existem dentro da Igreja do Carmo e as imagens que existem dentro da Igreja do Rosário s/ a maior parte das igrejas são importa/ das imagens são importadas de Portugal. É o barroco legítimo europeu aqui dentro e esse barroco legítimo europeu a gente nota isso nas iMAgens que estão aí. Nós podemos notar isso também na própria pintura de Diamantina das igrejas, na pintura, no douramento, na talha. É fora nós temos o Ataíde que é: maravilhoso, temos o Aleijadinho que é fantástico. Dentro de Diamantina, os primeiros mestres todos portugueses. José Soares de Araújo, guarda-mor português que veio de Braga, e eles chegam a colocar no termo de contrato dele, é o mais perito na dita arte que se encontra no Ocidente. No Ocidente. Ele veio e trabalha nas pinturas de Diamantina. Nós vamos encontrar pelo menos essa: essa coisa mais forte até na questão da música, porque todo o ofício manual ele era considerado impróprio pra uma pessoa nobre. Ele era considerado impróprio pra uma pessoa nobre. Os nossos próprios anjos que estão no nas pinturas de Diamantina, quanto mais corpo mais tem ele tem, mais impuro eles falam que ele é. Todos os anjos de corpo inteiro, eles tão trabalhando. Todos os anjos que tem apenas a caBEça, que são os querubins, eles estão só contemPLANdo ao lado de Nossa Senhora. Os outros estão carregando corpo, | estão carregando [...]

P: Mais nobres

E: São os mais no:bres. Então, é existe esse sentimento da a próprio tempos e tempos depois, no próprio "Minha vida de menina" fala que a mãe dela não gostava dela carregar embrulho na rua, "isso não é coisa de você, isso não é coisa sua". Imagine isso no século XVIII? Os músicos eles eram mulatos, porque a profissão de músico é manual e nós vamos ver nesses mulatos um fenômeno como Lobo de Mesquita, que é um muLAto da Igreja Nossa Senhora das Mercês, filho de português com escrava, que vai fazer um barroco, uma música barroca com estrutura de um barroco mineiro, mas em qualidade inquestioNÁvel, sendo considerado o maior músico sacro do século XVIII nas Américas. Então, essa influência ela está muito perto, ela é muito forte por causa de/ seguir aqui em Diamantina os há/ os hábitos da aristocracia, as festas são famosas. Se, por um lado, as construções das casas não significa uma u::ma uma: um fausto tão grande, isso significa a instabilidade da vida do garimpo e das pe/ e da permanência das pessoas por aqui. Nós notamos em Ouro Preto, Mariana e Caeté as BAses das casas todas de pedra, a CANtaria, que é o serviço que faz as casas completamente estruturada. Em Diamantina, não, nós notamos madeira e BArro, o que dá a Diamantina um aspecto mu::ito alegre... que as casas elas são brancas, as madeiras pintadas de de [...]

P: Coloridas

E: Cores vivas, o que existe uma leveza quando andamos pela rua de Diamantina, uma mesma leveza que nós não andamos/ notamos andando em Ouro Preto. Nós sentimos por sinal um peso [...]

P: Ouro Preto é pesado, não é? Uma estrutura pesada, triste, né?, eu acho lá

E: Estrutura de permanência, de poder, que se manifesta até nos próprios materiais que foram feitas nas casas. Aqui, apenas o prédio do fórum ali existe uma base de baixo de pedra, as outras casas nós não temos, porque isso significa o modo da vida. E estamos cercados de pedras por todos os lados. Não foram as pedras que faltaram, nem os artistas. Isso reflete a instabilidade da vida dessas pessoas daqui, onde [...]

P: E isso no espírito das pessoas, na formação da personalidade das pessoas, isso interferiu?

E: Mas é cla:ro, mas é claro. Manifestações manifestações do século XVIII. Quando nós falamos de Lobo Mesquita, manifestações do século XVIII em Diamantina acontecem até hoje, não representadas, mas elas acontecem até hoje nos MESmos lugares que elas foram criadas. A linha condutora que uniu os homens em Diamantina ela não foi rompida, porque as músicas de de Lobo Mesquita com os motetos ela é tocada até hoje na procissão e no mesmo local que ela foi feita pra poder ser tocada. Na questão dos passos, a imagem ainda para no mesmo lugar, a imagem que foi comprada pra poder sair de procissão ainda é utilizada na procissão no dia certo e na hora certa. Então, em/ é jamais nós poderemos ver a arte em Diamantina como é: barro::co, rococó::, é: classici:smo, pré-mo/ não! Aqui não foi assim, porque manifestações do barroco acontecem até hoje dentro de Diamantina. É como se fosse mais ou menos uma correlação ao ciclo econômico no sentido brasileiro. Nós falamos ciclo do ouro, ciclo do café, ciclo do açúcar, até hoje café dá dinheiro, até hoje o ouro dá dinheiro, até hoje o açúcar dá dinheiro

P: É, não extingue um pra poder começar o outro, né?

E: Não extingue uma, então a arte barroca não se extinguiu, de forma nenhuma. Através da benzeção, através da reza, através da procissão, através da música, através do canto, através dos hábitos e da culinária dentro de casa, isso não se perdeu. Prova que numa festa do divino a pessoa fica três, quatro meses fazendo uma roupa pra sair na festa do divino e não é cola quente de escola de samba, não. É ALta cosTUra, ainda nos moldes que se fazia no século XVIII. Então, essa cultura ela veio de uma forma grande e quando, pelo menos no parecer de Antônio de Paiva Moura, por que que se ainda veste de século XVIII numa festa do divino em Diamantina? É justamente vinculação com esse fausto português que teve por aqui... Aí dessa forma nós vamos ver até uma forma MAIS opressiva por parte da coroa portuguesa a partir de 1771. O contrato não deu certo. O contratador também fazia contrabando. E:: [...]

P: João Fernandes foi embora

E: João Fernandes vai embora em 17/ em 1771 começa o o sistema da real extração de diamantes

P: 70 que ele vai embora, né?

E: Ele vai embora em 70 em 71 começa, né? E aí o que que vai acontecer nesse momento? A PRÓpria coroa portuguesa vem pra dentro de Diamantina. A própria coroa portuguesa ela vem aqui pra dentro pra poder fazer a: garimpagem dos diamantes... Acabou o contrato a própria | coroa veio

P: A coroa mesmo, né?

E: Por conta da própria coroa eles fazem uma estaTAL. A real extração dos diamantes é uma estatal. Juntam as leis que interessavam pra eles e aí o que que acontece? Juntam todas as leis que interessavam, fizeram o regimento diamantino, que era um código | de leis específico aqui pra região. Colocaram uma autoridade aqui dentro com um poder maior, que seria um intendente respaldado pelo regimento diamantino. Nesse momento, o que que vai acontecer? É a área do distrito diamantino já estava delimitada. O que que é povo, autoridade

competente, código de leis... e e área, né?, povo, autoridade competente, leis e área demarcada? Isso é estado

P: É

E: Isso é estado.

P: Oficializou mesmo [...]

E: É a característica de estado. Então, quando se fala em disTRIto diamantino que a partir daí é:: fortalece mais essa questão do distrito diamantino, não é um disTRIto como hoje nós dizemos, um distrito: é como: área rural de uma de um município, não. Distrito diamantino é porque foi um disTRIto realmente especial ligado diretamente à metrópole de Lisboa e isso se respalda essa ideia pelo próprio regimento diamantino, o Livro da Capa Verde, isso é inegável. Nós tivemos ESSA característica de esTAdo dentro do estado. POde-se falar que o governaDOR ele influenciava aqui dentro através da tropa, pode-se falar que existia uma elite aqui dentro de Diamantina que já era nativa e que já estava lutando por interesse de inconfidência e por interesse financeiro. LÓgico! Mas o que que vai ser a própria independência do Brasil? Quando a elite que já tinha o poder econômico não tinha o poder de governo se junta a português brasileiro e faz a independência. Mas o primeiro imperador foi português. Os portugueses aqui dentro eles não foram mandados embora nem perderam os seus bens, que por sinal isso fez parte do tratado de reconhecimento de Portugal da independência do Brasil. Se juntaram as pessoas aqui por interesses econômicos e fizeram a independência do país. Nessa fase do da real extração dos diamantes, nós vamos ter uma força MUIto grande da coroa portuguesa, uma elite já estabelecida dentro de Diamantina que luta contra esses intendentes, o Vieira Couto [...]

P: O Vieira Couto

E: Pertence a essa elite

P: Ele e o: o: Jo/ Joaquim, irmão dele, né?

E: É, eles pertencem | a essa elite [...]

P: Sofreram, mas brigaram muito

E: Sofreram, mas brigaram demais porque de vez em quando aparecia uns/ um intendente que eles todos iam eles todos iam com a fachada dele porque era um intendente mole. Então, a elite ficava sossegada. Quando chegava um aqui que resolvia colocar lei pra poder funcionar, a elite se organizava e ia contra ele. O que [...]

P: João Inácio

E: João Inácio. O que que É a história do Isidoro? Isidoro era amicíssimo da família Vieira Couto, que pas/ | é lógico, o escravo da coroa. O governador de Minas Gerais foi lá encontrar com Isidoro e quem trouxe o governador de Minas Gerais em Diamantina foi a família Vieira Couto. Apresenta Isidoro para o governador como um homem que era um garimpeiro fugitivo, mas aí ele presta serviços à coroa portuguesa. Isidoro vai levar na nova Lorena, onde

descobriram novos diamantes uma nova região onde ele tirava um ou outro diamante e apresenta aquela região para o governador, que hoje constitui a área de Aricanduva

P: Aricanduva, que chamava Lorena

E: Que chegou a chamar Lorena, né? Nesse ponto, é: depois, quando muda de governo e a situação muda, a questão política, os Vieira Couto trabalhava dentro da intendência dos diamantes, e eles brigando com o intendente... A rainha deu pra pro Vieira Couto a incumbência de fazer uma pesquisa de mineiração

P: É

E: E o intendente indo contra ele, o Câmara, Câmara também indo contra ele e começa esse inferno e a família Vieira Couto tava aqui dentro. Quando pega Isidoro e vai açoi/ açoitar Isidoro foi a seguinte técnica: "Se eu pego Isidoro e acabo com ele no tronco e ele denuncia os Vieira Couto, eu acabo com os Vieira Couto". Aí o que que acontece? Isidoro MOrre | no tronco [...]

P: Mas não denuncia

E: Aos POUcos, nas maiores torturas, mas não denuncia ninguém. Esse é o mito do europeu bom, do negro bom, o negro que morre por mim, mas não me denuncia... considerado até mártir, Isidoro mártir, como se fala com os santos. São Ivo mártir, São não sei quem mártir. Então, é: claro que teve um lado uma bravura muito grande do Isidoro porque ele era um descontente com o sistema tanto que ele era um garimpeiro, isso não tira os seus méritos, jamais, nunca, muito pelo contrário. Agora, o que que vai acontecer é que essa presença dess/ dessa cultura europeia aqui ela se fortifica muito sim com esses hábitos, é: descrito através das festas que eram dadas por Chica da Silva durante o tempo de contrato, descrito através das festas que eram dentro de sua chácara da da sopa, pelo próprio intendente Câmara. Eu já fui lá, já vi o Câmara escavou a pedra a adega dele, ainda tá lá até hoje. Existe os resquícios disto lá, uma casa muito grande e ali, sim, ele tinha o hábito de plantar coisas que vinham da Europa. Ele despachava muitas vezes lá, de sopa, o: soldado pedestre levava os documentos pra ele e voltava. Existiu essa questão dessa dessa efervescência aqui. Isso torna, no caso, a comunidade de Diamantina DIferenciada, isso torna a comunidade de Diamantina diferenciada em sentido assim de vinculação com uma cultura europeia? É LÓgico! É lógico pelo seguinte: se a gente for se nós formos observar na própria quantidade das músicas produzidas em Diamantina, se nós [...]

P: Isso inclui a: assim o povo também, né?, a representação popular também, não é?, não é só da elite

E: A representação popular o povo [...]

P: Isso que eu quero saber com você assim, onde fica o povo aí, quer dizer, nós temos uma elite brigando por interesse financeiro e e esse povo que convive aí com essa história toda, como é que sentiu na pele toda essa: influência, né?, e toda essa luta entre as a elite e os portugueses e os europeus, né?

E: O povo sente isso e assimila MUIto essa cultura porque os artistas são do próprio povo

P: Isso, interessante isso

E: Eles vão assimilar porque quem é o artista? Quem é o músico? Quem que vai ser o autor de/ o o o ator do teatro? Quem que vão ser essas pessoas que produzem a cultura? É o povo! Eles produzem essa cultura, fomentado e: através da mecenas desses poderosos e da própria igreja da própri/ das próprias IRmandades, né? Então, o que que vai acontecer? Que existe realmente essa presença muito grande dessa vinculação, né?, dessa vinculação é: da cultura aqui. O: quando o Câmara ele funde a barra de ferro e vai fazer o desfile dela em carro de boi em Diamantina, ele vai colocar os estandartes na: na sacada sobre é: uma valorização do poder absoluto

P: É interessante que a festa, né?, que: dos estanDARtes todos [...]

E: E ali ele vai ressaltar o direito divino dos reis, o poder absoluto do rei, ele faz aquilo baseado no quê? Naquelas ideias francesas, principalmente. Naquelas ideias dos reis poderosos da França. Naquelas ideias ali do absolutismo. Mais tarde, quando já chega em 1789 já tá o povo do tijuco protestando, o povo do tijuco traMANdo a independência e esse povo tá sendo respaldado por quê? Pelos livros subversivos que estão chegando... Os estudantes vão estudar fora, pegam os livros subversivos que estavam rolando lá pela Europa, que chegavam da França com as ideias Iluministas dentro de Portugal, traz isso pro Tijuco, e eles estão até hoje aqui dentro da biblioteca, eu não tenho todos, eles estão lá, os livros estão lá e neles escrito: “Coimbra, tanto do tanto”, que o que prova que são os estudantes daqui que já estavam lá e que trouxeram esses livros pra cá. Eles vão trazer Voltaire, eles vão trazer Diderot, vão trazer toda obra de/ é: essas obras que eram consideradas proibidas e nós notamos [...]

P: Enciclopedistas, né?

E: Os enciclopedistas e nós vamos notar principalmente que isso chega até o povo. TiraDENtes é uma das acusações de Simão Pires Sardinha, o filho de Chica da Silva, é que traduziu o livro subversivo pra Tiradentes. A arma de fogo que o Tiradentes estava com ela foi fornecida pelo filho de Chica da Silva, tenente-coronel Simão Pires. A guerra acabou | estava com ele

P: Não sabia disso, não

E: Na hora que começa o movimento da inconfidência, o Simão Pires some daqui porque o o some do Brasil porque o João Fernandes já estava dentro de Portugal e com muito poder e vai ficar lá com ele, e ele nem é filho direto de João Fernandes

P: Ele é filho do: do primeiro [...]

E: Do primeiro! Do primeiro amante da Chica da Silva. Aí o que que vai acontecer? Nesse ponto, nós notamos que a lit/ a a literatura está chegando ao povo, Tiradentes leu. Hoje tá mais do que provado através do: dos anais do Museu da Inconfidência, onde pegaram a cópia da defesa do advogado, ele fazendo os raBIScos da defesa do lado, e em Tiradentes ele colocou “recém-chegado da Europa”. O período de licença que ele pede nas forças, ele estava na Europa. Isso é uma prova [...]

P: É uma influência mesmo da Revolução Francesa e da: da França. A França tava dominando na época, né?

E: Com certeza ele não era nenhum nenhum bode expiatório como diz, não. Ele era uma pessoa que tinha ideias libertárias, já tinha tido já tinha passado pela Europa, já conhecia essas ideias. Essas ideias chegavam ao povo. Com certeza absoluta essas ideias chegavam ao povo, porque uma das missões do padre Rolim, inclusive, foi estar dentro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário como capelão da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Negros e é LÓgico que ele que estava enc/ encarregado de fornecer pólvora para o movimento, que a pólvora era feita através de car/ é salitre, enxofre e carvão. Ele dentro de uma Igreja de Nossa Senhora do Rosário em determinado momento ele diz: "Ah, se eu estivesse junto dos meus mulatos"... Quando ele foi preso, lógico. Junto com ele existe um escravo chamado Alexandre, Alexandre Silva, a Chica da Silva é meia-irmã do padre Rolim. Ela é filha do José da Silva Oliveira Rolim, por isso o sobrenome dela Silva, ela é meia-irmã dele. Então, o que que acontece? Junto com ele sempre tem um escravo chamado Alexandre Silva. Um escravo que nos autos da devassa fala que ele tem o cabelo preso atrás. Se existe o cabelo preso atrás, não seria um cabelo tão crespo. Provavelmente, era um escravo mulato. E esse escravo, segundo consta nos autos da devassa, era um escravo que escrevia as cartas do padre

P: Hum

E: O escravo Alexandre Silva, ele escrevia as cartas do padre. Chica da Silva tem documentos com a assinatura dela Francisca da Silva Oliveira... Então, nós TEmos provas claras de que o conhecimento chegava até as pessoas... através dessas normas, são várias o a as provas que chegam. E LÓgico que os artistas que prosseguiram o trabalho dos primeiros mestres portugueses tiveram uma influência direta de uma de uma escola europeia. Eles vão ter essa influência direta. Onde nós temos em Diamantina essas pro/ os espetáculos dessas procissões. Os santos iluminados antigamente por archotes de rua e santos que se mexiam. Nós temos todos os santos que foram comprados pra poder fazer esses autos de encenação de rua. Isso é um uma cultura europeia mui::to PERto do diamantinense, o diamantinense vai ser conhecido por isso. Termina esse período. Se, por um lado, foram as ideias que chegaram aqui para a questão do Absolutismo que veio da França, mais tarde chegam as ideias do Iluminismo, que é justamente o contrário, que também vem do mesmo lugar da França. Agora, quando nós observamos, nós vamos ver a descrição de Saint Hilaire, que é tão adorada por todo mundo

P: É e a gente vê/ em qualquer livro você encontra a citação dela a respeito de Diamantina, né?

E: Encontramos mais ilustração do que no resto do pai:s, um gosto mais vivo pela literatu:ra. Agora, ali mostra no próprio Saint Hilaire a presença do pensamento europeu de uma forma um pouco intensa. Eles são evolucionistas. Aquilo que eles veem GRANde coisa de civilidade, grande coisa de progressão, é aquilo que se aproxima de Paris. O que não se aproxima de Paris, eles mandam ver em cima. Os negros dançavam na porta da Igreja do Rosário parecendo um bando de macaco... Citação deles também Speeks, Marx e tantos desses aí que faz uma forma completamente pejorativa a respeito daquilo que não se aproxima de Paris, mas eles encontram aqui dentro mui::to daquilo que se aproxima de Paris, que é um o centro do mundo, no casos desses viajantes e eles citam isso de todas as formas. Passado esse momento, que é a própria independência do Brasil, passado esse momento, que é a própria independência do Brasil, nós vamos ver que quando se abre e Diamantina se faz um: estado, antes já falam que seguiam aqui as normas da aristocracia francesa, gosto por

literatura, modo de viver, modos de etiqueta, de vestir, chapéu tricórnio e aí vai, que se seguia a MOda, Chica da Silva com todas as suas cabeleiras, quando quando é de/ existe/ já existia o processo de músico aqui em Diamantina, nós vimos, o processo crimiNAL de músico, porque o sujeito NÃO entregou pra ele a cabeleira a tempo dele tocar na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, e ele perdeu um contrato como músico e não ganhou por causa de um atraso de uma cabeleira. Ele NÃO poderia tocar sem a cabeleira dentro da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, ele era um mulato. Então, a gente nota o que que significa essa influência. Até pela pr/ não só pela própria música que ele tocava, mas a maneira como que ele vestia. A música que ele toca e a maneira como se como ele se veste retrata, na verdade, a anterior do que ele é. Então, essa influência ele é forte. Depois, é: tempos mais tarde nós vamos ver a chegada dos lazaristas franceses. Chegam os laba/ os lazaristas franceses, o Dom João, ele vai é: incumbir a formação no seminário de Diamantina pelos lazaristas franceses, e nós temos que ver o que que significa o seminário nessa época. Era a ÚNICA forma de estudo que poderia ter de um estudo mais avançado na região. Para o seminário com um pou/ um pouquinho mais tarde, né?, para o Colégio Nossa Senhora das Dores, vinham pessoas do sul da Bahia estudar aqui. É nesse momento que até a/ quando e o garimpo nessa fase ele entra em declínio muito grande, porque depois da abolição da escravatura, em 1888, o negro já não se submetia ao serviço | como antes, existia uma necessidade de uma revolução tecnológica dentro do garimpo, o garimpo passa a não ser mais a primeira pauta dentro do distrito de Diamantina. Nós vamos ter a vinicultura, nós vamos ter as fábricas que surgem, nós vamos ter o desenvolvimento da educação, principalmente. Justamente por causa do desenvolvimento da educação, da segunda metade do século XIX, é que Diamantina passa a ter uma titulação de Atenas do Norte. Atenas por causa do conhecimento. Lógico! Proporcionado principalmente pelos educandários. É aí que o Colégio Nossa Senhora das Dores ele vai ter essa função de receber todas essas essas moças que vinham de TÃO lon:ge pra poder estudar aqui. E vamos ver duas vertentes nele: primeiro, aquelas que vinham pra poder estudar dentro do colégio que poderiam pagar, não importa se era filha de fazendeiro que era que era com a ama:nte, não importa. Chegando aqui com o enxoval, chegando aqui pra poder pagar, eram recebidas pelas irmãs. Mas também existiam aquelas lá dentro que eram serviçais do colégio, mas tinham o direito de estudar lá dentro, que eram TANtas órfãs que passaram por ali, que eram serviçais do colégio e é: estudavam ali dentro. A própria avó a própria bisavó da minha namorada, Fina Pão, que começou a família Pão daqui de Diamantina. Ela vem pra poder estudar com a as irmãs

P: Eu também

E: Eu também!

P: Fui interna aqui sete anos lá, vindo de Itamarantiba, da fazenda

E: Da fazenda, houve uma briga muito grande lá no caso da Fina Pão porque saiu com uma quantidade de toucinho e quando chegou em Diamantina, o toucinho por causa do sol ele perdeu peso, o/ disseram que o tropeiro queria queria a: tirar lucro lá nas costas de um sujeito que estava roubando, o sujeito muito honesto pegou uma arma e matou o sujeito, ele [...]

P: Eles acer/ eles acertavam contas era assim, né?, no revólver [...]

E: Acertavam conta é dessa forma, foge, desaparece e a família ficou à míngua. Ela veio a ser criada pelas irmãs, trouxeram ela e colocaram ela dentro do colégio. Agora, quando coloca elas dentro do Colégio Nossa Senhora das Dores, ela as irmãs arranjaram casamento pra ela. E

falaram com ela da janela lá de uma de uma daquelas do colégio: “aquele é seu noivo”. Ele estava lá em baixo. Ela pediu pelo AMO:R de Deus que ela não queria sair do colégio, aquela coisa, não! Vai casar, casou e foi com ele. E: não quis cumprir suas funções matrimoniais lá com ele, procurou o confessor dentro do colégio e o confessor falou: “Se isso for pecado, o pecado é meu, não é seu”. Tiveram MAIS de quatorze filhos. Aí a família muito grande até hoje em Diamantina, mesmo uma pessoa que chegou como órfã em Diamantina pra prestar serviços dentro do Colégio Nossa Senhora das Dores, teve uma instrução muito forte [...]

P: E habilidade pra pra: é: costura e bordado, né?, elas bordavam maravilhosamente bem

E: Bordavam deMAIS, tinham toda uma série de de de atributos dentro do colégio, como também dentro do Seminário existia. Agora, o que que nós vamos ter dentro do Seminário? Dentro do Se/ dentro do Seminário, nós vamos ter uma escola cantórum, uma escola cantórum da MAIS fina música que poderia existir, uma educação diretamente com os padres e aí vai, os padre vieram de fora. Eles tinham que aprender outros idiomas, eles aprendiam aquilo ali, o francês, eles aprendiam latim, tinham noções de grego e daí ia, era o culto à sabedoria, um culto muito forte à sabedoria, à própria igreja do Seminário reflete isso, é um neo-gótico com vitrais que foram importados diretamente da França. Nós vamos ter esse apogeu a a aqui dentro de Diamantina e Diamantina era conhecida, como até hoje é, como uma cidade onde o pessoal tem uma cultura, uma cultura muito grande. Mas nós não podemos esquecer que existiram inici/ iniciativas é: particulares dentro de Diamantina também. Quando, antes de se criar o Colégio Nossa Senhora das Dores, Dona Tereza de Jesus Corte Real recolhiam as órfãs na casa atrás da Igreja da Luz, foi ela que fez a Igreja da Luz. Ela colhi/ recolhia as órfãs ali e ali elas eduCAvam essas órfãs. Pra se ter uma ideia, numa população de Minas Gerais onde a maior parte das pessoas comiam com a mão, cada órfã que casava, recebia um faqueiro, garfo, faca, colher. Então, ali dentro elas tiveram uma formação diferenciada. Pra no casamento ter ganhado garfo, faca, colher, ganhado os talheres, era o presente que elas ganhavam quando elas casavam. Nós temos, por exemplo, o Ateneu de São Vicente, que funcionou é: aqui em Diamantina. Nesse ponto, nós vamos nós vamos ver o quê? Realmente, esta é é essa apoteose de cultura é muito forte. E quando nós vamos notar o que que significam as pinturas das igrejas de Diamantina? As pinturas das igrejas de Diamantina significa a própria mentalidade dos homens que tão aqui em baixo. Ali você tem o teocentrismo, ali você tem o antropocentrismo, que é justamente a característica do barroco

P: Divinização do homem

E: Tudo fechado, tudo fechado e mulatos brincando lá em cima. Na época da da: que foi fazer a restauração da Igreja Nossa Senhora do Carmo, a igreja dos brancos, o José Soares de Araújo fazia o TRAço, ele fazia o TRAço da pintura, quem pintava era a escola dele que já era de mulatos. Ali em cima tem... anjo, que é mulher, com os órgãos genitais pra fora [...]

P: Que isso!

E: E lá em cima na Igreja do Carmo, uma coisa que nunca foi divulgado, está lá, eles brinCAvam com a questão da arte, com a questão do barroco. Eles tinham uma noção, uma concepção própria de um barroco que já não era mais de um europeu, era uma escola barroca-diamantinense, como foi a música, como foi a pintura. Dentro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário eles brinca:ram brincaram muito. Quanto mais corpo um anjo tem, mais branco ele é, quanto mais vai perdendo o corpo, mais preto vai ficando. Eles brincaram muito com essa questão das cores. Eles conseguem fazer uma nova esCOla aqui é em Diamantina. Então,

todas essas questões, e baseadas numa tendência natural de Diamantina pela educação, depois volta o garimpo com o pri/ primeira pauta, por causa da Revolução Industrial inglesa, mas nós/ pela: segunda fase da Revolução Industrial Inglesa, chegam as bombas aqui dentro de Diamantina, as dragas, e as pessoas muitas pessoas que vieram com essas dragas tão aqui até hoje, são os Spandler, eles tão aí [...]

P: São americanos, alguns ingleses | e alemães, [...]

E: Ingleses, americanos | chegaram aqui [...]

P: No meu tempo de colégio, McCarter, McCarter, que era uma americano, né?, que era em Curralinho

E: Em Curralinho ele teve uma grande mineração lá. Diamantina foi o primeiro lugar que teve luz na América do Sul. Fizeram a em cima da cachoeira das andorinhas, colocaram o reator e o primeiro lugar que viu a a luz dentro da América do Sul foi a o distrito de Curralinho. Eles esticam esse fio até Diamantina, é milagre, né?, esticar esse fio até aqui, e o proprietário morava onde é o grupo Júlia. O movimento que era o passeio no centro de Diamantina, no começo da noite, passou a ser na frente da casa dele pra ver uma lâmpada acesa, mas era uma novidade em em sentido de mundo. Ali se jogava um jogo que todo mundo ficava olhando, era de jogar as bolinhas dentro de um buraco, que era a sinuca que estava chegando, que era uma grande novidade, por isso a rua se chama Rua Jogo da Bola. Então, todas [...]

P: Tem muita história pra contar, né?

E: É são dias e dias e dias de história [...]

P: ((risos)) Só voltando, então, pra você contar mais

E: De FAtos que diz respeito a essa ligação que existe europeia aqui em Diamantina. Os fatos são demais. Agora, a nossa cabeça, dentro dela ainda vai existir a presença dessas prime:iras tendências europeias que chegaram. Agora mesmo, a maior parte dos meus amigos estão em período de completa contrição. Ninguém tá bebendo, tá fazendo quarentena, é não bebe nada, estão fazendo abstinência porque não é uma época de muita farra. Eles estão fazendo, eles estão no lado completamente é: teocentrista, eles estão num teocentris:mo [...]

P: Deus é acima de tudo [...]

E: Deus, é época de quaresma e fazendo sacrifício. Sexta-feira da paixão, meia-noite eles já tão tomando o que não tomaram na quaresma inteira. É o antropocentrismo e o teocentrismo muito perto. Sexta-feira da paixão durante: a hora da procissão, do enterro [...]

P: Já começa a liberação

E: Já é aquela coisa, aquele clima na cidade. Passou de meia-noite já tá preparando para queimar Judas, pra dançar na rua, pra jogar bala, pra fazer festa, pra beber. Nós ainda temos perto de nós essa coisa do teocentrismo, do antropocentrismo mui:to perto da gente

P: Essa expressão é:: “se Deus quiser”, “eu vou se Deus quiser”. Gente, ninguém, às vezes, nem está pensando em Deus propriamente, mas a expressão é reflexo do do teocentrismo, né?

E: Com fé em Deus

P: Vou se Deus quiser

E: Quando Deus quiser, se Deus quiser, e o outro responde: “Ele quer”.

APÊNDICE D – ENTREVISTA 4

L: Entrevistado	**Data**: 31 de janeiro de 2011
P: Pesquisadora	**Tempo**: 47:46

L: A influência europeia é: especialmente a portuguesa, mas também a francesa e a inglesa é: em Diamantina, de modo geral, foi muitíssimo grande. Bom, começa da da própria arquitetura, não é?, da da cidade, não é?, que é:: muito muito semeLHANTte, no caso de Portugal, muito semelhante à arquitetura portuguesa, né? Évora, por exemplo, em Portugal, é quase que isso aqui é quase que um um retrato de lá. Então, isso já faz a gente viver dentro desse desse ambiente de de de cultura europeia. Mas, é: a a a influência a influência europeia, no caso, vamos só dizer europeia. Eu até anotei alguma coisa assim sobre a arquitetura, né? É, por exemplo, deu-se mineração, né?, os ingleses que minerando por aqui, na extração foram os ingleses que mineraram. É um um dos que teve influência grande, né?, foi o Seu Seu McCarthur, John Rise McCarthur, você já deve ter ouvido falar. Ele mangava ná ná perto de Curralinha, perto de São/ é é, como é que chamava o local dele lá? Ah, esqueci agora. Bom, mas é ele, por exemplo, é ele era a sul-africano [...]

P: É?

L: E ele é casado com Dona Angelina, que era uma americana, cunhada do general Douglas McCarthor, a irmã de Dona Angelina é era esposa do ger/ do famoso general Douglas McCarthor é na na grande guerra, comandante das forças aliadas lá no Pacífico, né? É e eles e eles por exemplo que: McCarth, por exemplo, é: foi um dos que foi o idealizador, o criador da mineração tijucana, que depois se tornou fez a fizeram a a, como diz, a o requerimento de pe/ de várias pesquisas no Jequitinhonha, formou essa mineração tijucana que acabou justamente isso tornando quase que um propulsor de lá lá de Senador Mourão, não é?

P: Mesmo em Curralinho tem uma influência, não é? [...]

L: Curralinho é grande, lá já foram os os ingl/ bom, McCarth lá ele ele minerou também, ele tinha mineração lá, não é?, eles tinham lá, mas tinham os outros ingleses antes de McCarth que já mineraram lá, é: lá em Itaipava, perto daquela naquela região lá. É é aqui na no Mendanha teve o Seu o Seu Spandler, não é?, que que minerou aqui no Mendanha, não é?, tirou, inclusive, MUIto diamante aqui no Mendanha no no no desemboque

P: Desemboque

L: É, local que chamava desemboque minerou por lá. Então, é em Sam/ em Sampaio em em em..., como é que chama? São João da Chapada, Campo Sampaio, então, realmente houve essa essa influência inglesa na na inglesa, a sigla europeia, mas aí, no caso, é mais a inglesa na na na na mineração... Outra influência grande, acho que até Ligia tava lembrando até, ela até que me lembrou isso aí, foi a our/ ourivesaria que nós já falamos aqui. Vieram vários portugueses pra cá, não é?, da família de Seu Cos/ Seu Cosme [...]

P: Seu Cosminho ali

L: E eles, então, eram especialistas, lá em Portugal eles eram especialistas nessa parte de de filigrana e tal. E implantaram isso na na nossa na nossa região, não é? Quer dizer, joias lindas, coisas lindas [...]

P: E contribuíram muito, né?, pra parte [...] |

L: E ensinaram várias outras pessoas, não é? É: a a nessa parte até da da ourivesaria é aqui também se tornou um centro de lapidação, não é?, o o tem um espanhol, Francisco Recodér, não sei se você conheceu

P: Não esse não não não esse

L: Esse Recodér ele se cas/ você deve conhecer sim, ele se casou com a Egléia Couto, filha do Doutor Sóter

P: Ah, sei, agora já tô me lembrando [...]

L: Francisco Recodér ele veio pra cá e aqui ele se encantou com a Egléia, naquele tempo em que o que o namoro era de longe, não podia, é é eles tinham

P: Flerte

L: Doutor Sóter era proprietário de onde é hoje o o ali no centro, perto da prefeitura, aquele Oreon Centro, um centro de: sei lá de psicossocial social, centro social, um negócio assim. Era o antigo Park Hotel [...]

P: Ah, sei sei

L: Doutor Sóter até morava naquela casa e eu me lembro de Francisco na parte de baixo e a Egléia lá na na na sacada lá, os dois namoravam era assim de longe, não podia: negócio e tal. É ainda tem a história que ele era muito amigo talvez pelo pelo fato da posição geográfica, sei lá, ele era muito amigo do meu pai, né? E e ele, então, é: depois a gente Doutor Sóter mandou fazer uma pesQUIsa sobre quem ele era, se deixar de autorizar o namoro dos dois, né? E o pai dele era de de era um homem rico lá na na Espanha, em Barcelona que eles moravam... Então, só depois dessa pesquisa que veio a::: resposta [...]

P: A autorização | [...]

L: A autorização do namoro dos dois. E até quem pediu quem pediu o: casaMENto até Doutor Sóter pediu a mão de Egléia, foi até paizinho que pediu foi lá pedir a ele e tal. E depois vieram a se casar e foram muito bem. É, mas o mas o Francisco ele começou a, inclusive, a: a eu não sei se lá em Portugal na Espanha ele já já lapidava, já tinham lapidação. Foi até que ele aqui ele montou uma lapidação e ele também comprava diamante e tal, né? E lapidação essa que até Zequinha Campos depois passou a: trabalhou com ele e aprendeu e tal, montou, posteriormente, Zequinha veio a montar a lapidação dele e foi é lá na avenida e foi justamente ele foi aluno, digamos assim, aluno de Francisco... Então, foi assim uma uma importação de de/ dessa cultura mi/ mineralógica, né? Essa cultura de de de lapidação que: veio pra cá, aí já foi no caso influência espanhola e francesa. Mas, é bom de vários outros, né? Seu Américo foi é um um artista também, não é?, Seu Cosminho, então [...]

P: É, Cosminho ainda me lembro dele

L: É é, então, foi, é realmente, uma influência grande e que enriqueceu muito não só a assim até o comércio até a cultura de Diamantina voltada pra esse lado. E e um português acabou chamando o outro e tal e vieram justamente os nerds. Meu pai até não veio nessa esteira de de de de ourivesaria nem nada, ele veio pra cá é na como gerente das Casas Pernambucanas

P: Ah, ele foi ligado ao comércio já?

L: É, já já ligado ao comércio foi ele ele existia uma Casas Pernambucanas aqui que era localizada ali embaixo da da casa que falam a casa do Doutor Silva, não é? A casa nossa da família ali no centro, não é? | É ali na esquina. Então, as Casas Pernambucanas era ali e meu pai ele: ele ele veio como gerente [...]

P: Ele veio de Belo Horizonte pra cá, ele estava residindo [...] |

L: Não, ele veio do Rio pra cá

P: Do Rio

L: Veio do Rio

P: Ele já ele já residia no Rio?

L: É, ele veio ele mudou-se novo, ele veio pro Brasil ele veio com quatorze anos

P: Hum

L: Meu pai é interessante ele: só teve só tinha curso primário, né? Mas ele: foi um autodidata extraordinário, porque lia muito, lia muito e e, então, é: ele, realmente... É uma família de: que era lá de Bortelho, conterrâneos dele que moravam lá no Rio, ele veio pra ficar com eles. É um uma senhora que se casou, era o segundo casamento dela, mas esse segundo marido se tornou muito amigo do paizinho e ele era um homem muito culto, influenciou muito paizinho em negócio de leituras, de de escolha de livros e tal. Eu acho que ajudou muito na educação dele também, né? Na educação não só cultural como de de maneira de educação no no/ no sentido de ter ter linhaleza de traços [...]

P: Cordia:lidade, | delicadeza

L: Educadíssimo. E: então, esse Seu Marques influenciou muito grande, influenciou muito ele. E paizinho, então, veio aqui com as Casas Pernambucanas e daí conheceu lá a família de: minha mãe e, então, começou a namorar. Dizem até que eram três irmãs, tia, que é minha segunda mãe, né? [...]

P: Sei, Dona Edith

L: Minha mãe, titia e tinha uma outra que morou no Rio, as três. E dizem que nenhuma delas sabia com qual delas que ele tava namorando

P: Ah, era as três ((risos))

L: Bom, no final das contas acabou ficando com mãezinha e depois aconteceu [...]

P: Casou-se com a Dona Edith, né? |

L: Mas aí, ah bom, mas aí ele ele, em 1923, ele saiu fechou a Casas Pernambucanas e, ele com meu avô, é formaram a Guerra e Costa, em 1923. Por sinal eu vou te mostrar até um inventário de 19/ de dezembro de 1923, quando eles compraram o inventário da: da firma Teódolo Leão e Cia., que era onde é a minha casa hoje, né?, que era onde eles eles montaram a casa Guerra e Costa... É até o nome da firma era Guerra, Diniz e Costa, porque, inicialmente, Carlinho Diniz, não sei se cê conheceu ele era casado com Julinha, que era minha tia, irmã da minha avó, não é? Morava ali na na Rua do São Francisco com onde morou Milton Vale, eles moraram ali. Eu sei que Carlinho inicialmente, Carlinho inicialmente foi sócio e saiu, então ficou só Guerra e Costa. E tem um inventário aí, achei interessante que com com até é: é: eu notei algumas palavras, por exemplo, daquele tempo que usava no comércio, que mostra a influência francesa, então, eNORme no comércio. Mas, interessante. Então, aí, 1923, dezembro de 1923, eles compraram o fundo e compraram inclusive a casa, compraram tudo, né?, e, a partir daí, então, ficou sendo a firma Guerra e Costa e mais tarde [...]

P: Tem a ver com aquela Casa Guerra em Belo Horizonte?

L: Não, não, | não, não. Onde tinha uma papelaria até da viúva | [...]

P: Viúva Guerra, tem ainda um prédio lá

L: Não, não tem, não. É que fica ali no centro, né?

P: No centro

L: Não, não tem nada a ver. O esse Guerra o Guerra é do meu avô lá da lá da da Bahia de Vit/ de Vitória da Conquista

P: Hum

L: E é Botelho Guerra até. Interessante, né? Não tem nada a ver também com também com o Botelho daqui, não. E o Costa é justamente do meu pai, Gomes da Costa, né? Às vezes, me perguntam se tem alguma coisa a ver com o general Gomes da Costa. Também eu acho que não, tem nada a ver, acho não, tem nada a ver. Bom, mas, então, essa essa: essa influência europeia, no caso, especialmente a portuguesa, por exemplo, sobre sobre a sobre nós, né? Meu pai com a educação que ele tinha é, sei lá, também a gente, de certa forma, é educado dentro daquele parâmetro, dentro daquele daquela maneira de ser, né?

P: É, até uma pergunta que eu ia te fazer. Você foi foi educado, não é? tendo os princípios, os parâmetros portugueses, cê notava ou nota alguma diferença é: entre vocês e as famílias que não tiveram essa: influência, que: eram tipicamente miNEIras e do sertão, vamos dizer assim?

L: Sim, a bem da verdade, sim. [...]

P: Em que aspectos, essencialmente, cê percebia isso?

L: É, por exemplo, um dos aspectos que a gente nota seria no no costume que a gente aprendeu desde cedo de ter é sempre as refeições à mesa, com a família junta, não é? A gente: tomava café junto, almoçava junto, não é?, jantava junto, então, juntos to/ toda [...]

P: Reunidos

L: Todos os filhos juntos. E nisso, a gente aprendia a pegar num garfo, a pegar numa faca, a pegar num, enfim, numa colher [...]

P: Boas maneiras

L: A educação como se na mesa. Ao mesmo tempo também em questão de comida, né?, o que que a a: influência portuguesa nas comidas, e e como meu avô era baiano, aí já teve influência baiana, né? [...]

P: Baiano com português, né?

L: Fazia vatapá, minha avó ensino pra titia, que ensinou pra Ligia a fazer vatapá... Mas, é nisso a gente notava o nosso costume nem aqui, nem muita gente, ou quase pouca gente tinha, cada um almoça a hora que quer, cada um vai lá no no no fogão e tira sua comida e tal, enfim

P: E com relação a estu:do, educação à leitu:ra, havia alguma cobran:ça, alguma influên:cia ou...

L: Não, a cobrança eu não diria, não, porque, bom, é é o curso o curso primário, né?, eu eu, por exemplo, fiz o curso primário aqui no Mata Machado, né?, não tinha nada, não. Eles contam nisso aí eu tem/ eu tenho muito pouca lembrança, mas é uma das coisas que que me falaram é o seguinte: que é eu não gosTAva eu não gostava que de levar um lanche separado que que que me dessem o lanche e que eu tinha separado dos meus colegas, que eu gos/ que eu não aceitava isso, que eu queria tomar a sopa, o lanche que davam lá no grupo

P: Igualdade de condições que cê queria, né?, não queria desTAque, né?

L: É, mas mas é: sobre sobre é: fora disso esse curso primário foi aqui, então, não tinha não via diferença nenhuma na, agora o curso secundário e e é científico eu fiz no Rio, eu fiz no São José, Colégio dos Maristas [...]

P: Maristas

L: E Aécio fez no militar. É ele foi primeiro, ele é quatro anos mais velho que eu, mas minha mãe é, segundo ouvi falar, não quis que eu que eu fosse pro militar, ela queria que eu fosse pro São José, não sei porquê, educação religiosa, não sei. E foi, realmente, foi um um curso primoroso, eu acho, um ginasial e científico excelente que eu tive, uma base [...]

P: Os Maristas sempre foram muito exigentes, né? | Até hoje

L: Muito bom. A base excelente, excelente. E aí eles também ti/ a base da congregação marista é: francesa, né? Eles fundaram lá na França e eles pro Brasil eles tem, vários lugares eles tem colégio ainda até hoje em Belo Horizonte, né?, inclusive [...]

P: Tem, Colégio Marista

L: É, inclusive por isso até o o os me/ os meus filhos e agora os netos tão estudando lá no Dom Silvério | esta educação marista, embora não seja a melhor coisa, ma/ mas com os irmãos, então, então, já é um pouco diferente. Mas, mas, então, sob esse aspecto da da educação é:, digamos assim, eu podia notar que: eu a minha é a melhor, mas eu num num não, tinha aquilo mais pra mim, não é?, não queria que: eu ficasse diferente dos outros porque eu era mais bem educado [...]

P: Você não procurou assim destacar dos outros [...]

L: De forma nenhuma, por isso, | não [...]

P: Nem por ser filho assim de português você nunca teve comportamento de achar que era superior a [...]

L: Não, de forma nenhuma | [...]

P: Aos diamantinenses [...]

L: Não, de forma nenhuma. Não me julgava assim, não me sentia assim e não era nada for/ assim forçado nem nem, ao contrário, eu me sentia completamente integrado plenamen/ plenamente como um diamantinense erradicado aqui

P: Teve uma fala aqui da Helena Morney, né?, que a tia dela diz assim: “mostre pra suas colegas que esse cabo de guarda-sol é inglês” [...]

L: É

P: Tudo que era inglês era superior, mas você não teve esse problema de o que era [...]

L: Não. Essa ideia do que era de Portugal, o que era da França, não. Agora, no comércio, uma coisa interessante, no comércio havia essa essa essa: essa culTUra, vamos dizer assim, dizer que as coisas importadas e talvez fossem mesmo, não, eram! Eram melhores. Você pegava, por exemplo, um canivete, né?, feito um Roger inglês era muito melhor que os nossos aqui, não é? FerraMENtas e tal. Tinha é ferramenta eu me lembro enxó Belota, enxó [...]

P: Ah, Marta Belota

L: É é, Belota, essa daí é espanhola, era muito melhor, não sei se é espanhola ou italiana, acho que espanhola, é muito melhor do que qualquer enxó nacional que a gente tinha. Hoje, eu acredito até que não exista mais essa diferenciação que a gente nossa indústria já chegou num nível que pode se equiparar. Mas, havia, realmente, a impressão é: tinha negócio de Lima KF. KF era muito melhor do que do que as nacionais, entendeu? Então, realmente, no comércio tinha muita coisa importada era considerada melhor e ERA melhor do que a nossa [...]

P: Quer dizer, a valorização do que era importado era [...]

L: É, bom, nossa indústria ainda era incipiente, né?, ainda tava começa:ndo, a gente ainda não tinha o desenvolvimento que os europeus as indústria/ os europeus tinham, né?, então, era natural que nossa fosse pior, não é?, era mais barata, né?, então... Agora, é falando sobre a influência, por exemplo, europeia na na no comércio eu eu tava notando aqui é, por exemplo, mui/ muita: muito tecido era com nome francês, né? Isso aí eu fui ver no tal inventário que eu falei da venda da [...]

P: Hum

L: Em 1923, da venda pra pra Guerra e Costa, não é? É tá lá um tecido de nome pongê, eu nem sei direito o que era pongê

P: Voal, tinha o voal

L: Voal, é lá tem o voal, é eu anotei aqui voal. É fular, é bom, paletó, casaco era mantô

P: Mantô

L: Mantô, né? É tinha um lá brim é prêcheux, brim cáqui perdan. É grampo chambrione, grampo de papel chambrione. Corrente de plaquê, era corrente de relógio plaquê, não sei bem o que é. É: nessa nessa nesse inventário tem lá é, por exemplo, doze verre do, quer dizer, copo de água, né?, mas mas escrito assim: verre do

P: Hum

L: Então, havia havia uma uma influência muito grande da [...]

P: Na própria língua, na própria/ na terminologia [...]

L: No comércio. Muito muito interessante essa influência, várias classificações de tecidos, como de ferramentas, como de outras coisas com palavras estrangeiras. Hoje, não é tanto assim. Alguma coisa mais de moda, normal, mas [...]

P: Pret à Porter |

L: Outra, acho que uma outra influência que houve da da estrangeira aí na parte de é no/ fazer vinho, né? No palácio eles faziam vinho lá, os padres faziam vinho [...]

P: Os padres e as irmãs também, né?

L: As irm/ as irmãs também?

P: Tinham, tinham vinho, uma produção de vinho lá. A gente ganhava vinho dia 15 de setembro, dia de Nossa Senhora das Dores, aquele vinho fraqui::nho, era feito no colégio

L: Ah, uai das irmãs eu não me lembro de ter | [...]

P: Eu me lembro. Quem tomava conta lá era a irmã FranCISca. Isso em 1950:: 52:: por aí. Tinha uma fábrica de vinhos lá... Já devia ser bem mais simples do que as anteriores aí, né?

L: É, lá nas bicas lá é paizinho que inventou de plantar um parreirais, né?, nós plantamos lá. Mas foi uva de mesa mesmo, branca e rosada. E é aí ele já tinha morrido. Eu: foi Seu Orlandinho até que me estimulou fazer vinho: “ah, por que que você não faz vinho?”. O vinho você tem a uva o ano inteiro, não é?, então, só chupar uva naquele tempo, com isso você prolonga o: efeito e o benefício da uva. E ele, então, é me emprestou inicialmente e posteriormente ele me vendeu é um tipo uma engenhoca toda de madeira, não é?, em que você: joga o cacho de uva e tal, você aciona uma manivela e tem as engrenagens toda em madeira, ela tritura aquele aquele [...]

P: Uva com a casca e tudo

L: A uva com a casca e tudo e tal, sai o caldo e o bagaço sai separado e aquilo posteriormente, então você põe num outro barril. Tem um processo. Ele é que foi me ensinando, né?, de fazer [...]

P: Vinho

L: De fermentar e eu me lembro que o primeiro ele me explicou e tal e o primeiro que eu fiz quando eu fui fui tirar e tal o negócio virou foi vinagre [...]

P: Azedou

L: Azedou o negócio todo. É que nesse processo da fermentação eu esperei totalmente parar de fermentar. Sei que tinha uma até interessante que a gente levava uma vela, não é?, lá na no o barril o negócio fermentando, você leva uma vela pra saber se ainda tava fermentando. Então, a fermentação aí apaga a vela, então tá fermentando ainda. Às vezes, você não tá vendo, mas apaga a vela, chegava com a vela. Mas aí [...]

P: Que isso!

L: É interessante, chega lá com a vela, apaga, bom, tá fermentando ainda. Mas aí que a gente não deve esperar até o final, não, né?, até apagar de todo porque aí não tá fermentando nada, porque aí acaba justamente azedando, então, você tira um pouquinho antes. Aí passa pra um outro barril e: e nesse barril, que é aberto, o barril fica deitado assim é aberto por cima e ele fermentando e ele vai, então, propr/ essa fermentação vai purificando o vinho, ela vai jogando o que tem uma casca de ovo, caroço, alguma coisa e tal e você tem que todo dia atestar, até um um [...]

P: Atestar

L: É, você tem que atestar, você além daquele vinho que tá ali dentro do barril, você deixa um uma quantidade de vinho separado que você completar, você tem que completar toda tarde justamente pra ele continuar a fazer essa expulsão das impurezas que tem ali, não é? Então, é: depois de uns dois, três dias para de fazer essa expulsão, você não precisa mais completar, não é? Aí você passa pra um outro um outro um outro tonel. Aí Seu Orlandinho já usava uma coisa de vidro iMENso, né?, então, punha já punha | E em cima você põe azeite. Você fechava em cima com azeite. É que o azeite não deixa penetrar ar, mas alguma coisa que tenha sai, algum gás, sei lá, alguma coisa lá do vinho. Até justamente deixa um tempo pra poder depois você ter e aí depois você tira. Então [...]

P: A produção de vinho começava assim, com essa engenhoca | E o vinho ficava bom?

L: O vinho ficava excelente! Bom, mas eu [...]

P: Puro?

L: Puríssimo, né? Um perfume uma deLÍcia o vinho e o perfume e e, agora, quando se não tinha produto nenhum conservante, então, você tinha que gastar naquele ano, né?, não dava pra ficar mais tempo, porque aí não ficava bom, ele perdia, então [...]

P: Interessante isso porque: [...]

L: Isso Seu Orlandinho que me estimulou nisso aí

P: É uma forma de ter um vinho bom em casa sem [...]

L: É uma cultura italiana que influenciou, né?

P: Italiana, tá vendo a presença aí? Diamantina soube usufruir, sabe?, dessa influência | é toda que houve aí

L: Mas é é, bom, eu acho que de de é da parte da analogia...

P: Mais o que que você notou aí que vai querer falar?

L: Analogia educ/ a educação [...]

P: A educação eu gostaria que cê falasse, principalmente assim comparando assim o passado e aquel/ a história da igreja que você tava dizendo aí e eu também, quer dizer, o Seminário e o Colégio Nossa Senhora das Dores

L: O Colégio Nossa Senhora das Dores, o Seminário aqui tem justamente essa essa as irmãs no caso do do colégio, bom, isso aí você [...]

P: Mas aí qual apreciação, que como é que você julga essa interferência deles aqui na região [...]

L: Sempre foi altamente positiva. Um detalhe que que eu eu noto que: curioso eu acho que isso vem da educação de base que as professoras, não sei, talvez seja essa essa promoção, não é?, sem elas tarem bem preparadas é: e a pessoa se forma e no final vão ensinar pra outros alunos. Uma coisa que eu noto muito e sempre eu vim pelejando com meus netos e tal, maneira de pegar no lápis, na caneta, uns abraça a caneta, sabe? | Isso sempre me incomodou

P: São hábitos, hábitos

L: Me incomoda eu ver a pessoa pegando errado no no na caneta, no no lápis, quer dizer, é uma uma isso vem curso primário, né?, que as pessoas não ensinaram, talvez elas | mesmas pegavam errado, então não notava nada, demais da conta tem Mariana, minha neta, pega feio toda vida na caneta, ô Mariana vê se ocê, ah, mas agora não tem jeito mais e tal

P: Já habituou, quando se está | começando é que tem que formar o | hábito, né? [...]

L: E com isso, então, a letra do pessoal naquele tempo, você pega letras lindas, bonitas, tanto das moças, não é?, das mulheres, os professores tinham letra bonita, como os alunos, né? Hoje, as letras são um desastre completo, né? Isso: é nesse tempo era uma influência cultural eu acho que havia, o que havia os livros de caligrafia, não sei o quê [...]

P: Aqueles cadernos. Agora a liberdade, né?

L: Agora as letras estão enormemente enormemente é: essa essa influência eu acho que foi altamente benéfica e altamente: assim enriqueceDOra da da gente. Eu no meu colégio eu tinha um professor é: que ele, não sei, gostava de mim, né?, e ele no no às vezes, não era sempre, às vezes no no no: no no recreio, né?, era depois do almoço, né?, tinha o recreio, a gente almoçava e depois, meio-dia mais ou menos, meio-dia e quinze assim até uma hora tinha esse recreio. E esse professor me chamava e ele ele escrevia no quaro pra eu copiar [...]

P: Pra fazer a letra

L: Pra fazer a letra e eu ficava danado | [...]

P: A gente encontra agora aqueles livros antigos [...]

L: Eu ficava furioso, quer dizer, mas, interessante, hoje eu agradeço justamente esse esse cuidado que ele tinha comigo, né?

P: Mas isso era, havia uma preocupação com tudo, né?, você tinha que aPREsentar o texto | não só com as ideias boas, mas com a apresentação, a letra boa, né?

L: É, a letra porque que isso tudo tinha tinha influência, né?

P: E: com relação aí nós falamos em Seminário, a questão dessa influência é: na educação da regiÃO, na iGRE:ja, é: como é que você vê essa história toda: [...]

L: Nesse tempo, por exemplo, vamos pegar até a história de Juscelino, né?, no Seminário [...]

P: Ele era seminarista

L: O Seminário é onde tinha educação, não é?, aqui na cidade. Pra pessoa ser bem educada, né?, ter um estudo mais evoluído e:ra Seminário, tinha que ir pra Seminário. Fora disso, não tinha nenhum lugar pra ir, não, né? Então, realmente, é é nisso aí o: a educação religiosa influiu beneficamente na cultura toda local, quer dizer, muitos foram ser padres, mas a maioria não, foi tomou outro rumo. Mas, tendo uma base já bem sólida de de educação [...]

P: Conhecimen:to, né?

L: Conhecimentos, né? Então, acho que: é [...]

P: Que foi positivo, né?, foi positiva a influência deles. E vamos a um assunto assim meio complicado que é a questão assim dessa influência francesa através da congregação dos

lazaristas. Esses lazaristas saírem daqui é: isso, socialmente, politicamen:te: é: significou alguma coisa pra região, pra cidade, pra/ até pras famílias [...]

L: Aquilo foi um episódio lamentável na história nossa de Diamantina e na história da igreja, né?, na história, de modo geral, religiosa, porque: é: assim Dom Sigaud ele era uma figura controvertida até, polêmica, mas ele ele tem um lado, ele teve uma influência, um lado muito positivo assim dentro da da região, não só de Diamantina, dentro da região, posteriormente, mas, nesse período da revolução, 64, ele tava ligado naquele movimento TFP, né?, Tradição, Família e Propriedade. Ele com com o bispo lá de de mais o Plínio Corrêa e mais um outro bispo que eu esqueci o nome dele agora, eram os três desse movimento TFP. Bom, e e: e ele na na revolução ele se envolveu plenamente achando que, bom, e eles tinham o comunismo como fantasma lá que nos perseguia, que nos ameaçava. E esse TFP, então, pra ele comunista é o mesmo que o diabo, né? E: eles tinham imagem, então, assim completamente eu acho radical, distorcida e extremista, né?, e extremada da da dessa da doutrina e de quem, enfim, era simpatizante. E, no caso, é: os lazaristas que eram tidos como, pelo menos lá pra Dom Sigaud, sei lá, ele devia saber mais do que a gente na época o porquê, é: enfim, os lazaristas que dirigiam o Seminário na época, eles, então, so/ sofreram uma uma perseguição enorme que os militares invadiram o Seminário, não é? Contam até uma história, não sei se é piada ou não, que veio lá uma caixa com/ comprida lá que aí um deles falou: “aqui, ó, isso daqui deve ser metralhadora que tá aqui dentro”. Na hora que abriram que era um um sírio pascal, que ali uma aquela vela enorme lá. Não sei se isso é verdade, não, mas contam isso. Enfim, o fato é que deram uma busca lá no Seminário fizer uma uma:::: uma revista completa dentro do Seminário e com isso: isso culminou com a com a, eu não vou dizer expulsão, mas, pelo menos, com a saída | [...]

P: Dispensa

L: Despejo, dispensa ou despejo dos lazarista, né? Eu acho que isso, realmente, não deixou de ter a sua a sua consequência é: ficou um tempo sem sem ter nada, sem formar ninguém. O Seminário deu uma uma queda grande, né? De formação de novas vocações, de novos padres. Acho que depois acho que já acomodaram, chegaram num acordo. Mas, só voltando a falar em Dom Sigaud é: Dom Sigaud teve essa participação assim negativa em que ele se tornou um quase que um um | um elemento da revolução, não é?, um elemento, como se fosse um um um: paramilitar, não é?, e: essa essa atuação dele trouxe uma série de incompreensões pra ele e uma série mal querenças pra ele e uma série talvez até de ódios também e que ele, então, ficou sempre com uma imagem de extremismo, não é?, de radicalismo, uma imagem altamente negativa. Mas ele, posteriormente, ele é:, inclusive com o próprio Juscelino, ele teve atitudes assim de de uma simpatia de de de de é de carinho, de cortesia, né?, de: atenÇÃO que eu me lembro com uma dessas visitas que Juscelino fez já depois de ter sido caçado e tudo que ele veio aqui, é uma missa em que Dom Sigaud celebrou essa missa e a homilia de Dom Sigaud nesse dia foi uma homilia extraordinariamente bonita, foi belíssima a homilia dele e ALtamente elogiosa a Juscelino. Uma pena não ter sido gravado essa homilia dele [...]

P: É, devia ter sido pra [...]

L: É, pena, bom, não se sabia o que que ia ter nem nada, se não poderia ter sido, né? | Mas não foi gravada, mas foi, realmente, uma homilia extraordinária. Bom, é:, nesse tempo também, é: havia aquele negócio de Rádio Diamantinense aqui em Diamantina, né?, e: é, eu não sei se nós tamo desviando da: [...]

P: Não, não, porque aí tá dando uma sequência que a história do do Seminário, né?, que houve uma: uma incompreenSÃO que acabou que a his/ a história mudou de rumo [...]

L: É, então, havia a Rádio Diamantinense, né?, que Juscelino era até um dos acionistas e tal e ele num podia ser acio/ acionista de rádio, porque se não cassava a concessão. Ele, então, doou foi o Seminário, tem até fotografias lá no no Seminário e outra no Palácio. Ele doou as ações dele, foi lá pra pra doar pra pra Mitra, pra Dom Sigaud, pra arquidiocese. Então, as ações ele doando as ações dele da Rádio Diamantinense para a Mitra arquidiocesana. Dom Sigaud, que era o arcebispo aí no caso, | pra mostrar a influência [...] |

P: Quer dizer que no final | não teve mais perseguição [...]

L: É, eles se tornaram amigos, tem fotografia dos dois juntos muito bem e tal [...]

P: É porque a impressão que se deu é que ele, realmente, teria causado algum prejuízo a diamantinenses | de um modo geral [...]

L: Não, eu diria que não. Eu acho que não. O papel dele, posteriormente, ele foi um dos líderes do pla/ do plantio de mamona pra sair por aí pra ver se incentivava incentivava os produtores, quem tinha fazenda, quem tinha terra por aí. Incentivava a plantar mamona, porque nesse tempo tinha fábrica de torta aqui, que precisava da mamona pra fábrica e uma das dificuldades é essa mamona. Então, ele incentivou ele foi. Eu lembro que nessa viajem eu fui junto com João Antunes... João Antunes, João Meira e: pra incentivar o pessoal a plantar mamona. É, acabou não dando certo, quem plantou acabou não dando certo isso. Posteriormente, ele também foi um dos líderes da fundação da é: Reflorauge, | não é?, que foi justamente a a: [...]

P: Reflorestamento

L: O reflorestamento | [...]

P: Desenvolveu, né?, desenvolveu muito

L: É, que justamente desenvolveu a região toda e hoje tá se transformando numa numa quem tá mexendo com reflorestamento tá rico, né? Então, ele foi uma criatura, como eu disse, polêmica, teve vários aspectos, pode ter tido vários aspectos negativos, mas ele ele não ficava só dentro da dentro da do | Palácio, não, ele contribuiu, se preocupava. E mexeu com cooperativa, Cooperativa dos Produtores Rurais. Ele teve uma at/ atuação assim na na atividade leiga uma atuação importante pra cidade

P: É, o nome dele ficou, realmente, tendo valor | nos outros aspectos aí, apagando um pouco essa questão lá interna, né? Foi uma questão bem interna, né? A gente que estava assim fora num num tinha assim muito conhecimento, não, né?, na questão do Seminário. Bom, já tá: gente já se esf/ já se esforçou demais aí. Essa última questão que gostaria que se posicionasse a respeito sobre essa influência, dando o seu ponto de vista sobre o assunto, fazendo a sua avaliação, seus comentários pessoais, sua apreciação, foi contribuição interessante só que nós recebemos da Europa ou você tem alguma crítica a fazer e principalmente focalizando a história de Diamantina, do Tijuco... A gente, em geral, quando hoje assim, o que foi esse

europeu no princípio de Diamantina, ele só contribuiu pro melho/ pro melhoramento, pro crescimento ou houve alguma parte negativa?

L: Eu não sei se eu diria que eu sou até suspeito [...]

P: Mas, aí eu queria o seu pos/ o seu posicionamento, qualquer um [...]

L: Suspeito exatamente por quê? Por causa dessa minha ascendência portuguesa, né? Ascendência essa que eu tô até consolidando agora porque eu já me tornei cidadão português

P: É? Uai, que ótimo!

L: Eu queria cidadania portuguesa também, então, é: tem uma das filhas, Maria Carmen, que sempre viaja muito e ela ficava em cima de mim pra eu pedir essa cidadania porque ela também vai pedir, pra poder entrar na Europa mais à vontade, né? Bom, mas aí então eu não sei se por causa dessa ascendência portuguesa, eu acho que foi altamente positiva, sempre foi positiva pra nós. Nós temos tido essa influência sob/ sob acho que sob todos os aspectos. Sob o aspecto educ/ educacional, educativo, nem se fala, acho que isso foi muito bom. Sob o aspecto comercial foi bom. É: sob sob: até sob um aspecto político também, porque: a a::: a educação portuguesa nos ensinou a a:: a assim a arte da controvérsia. Você conversar com o adversário, você você:, enfim, é: discutir com o adversário suas ideias, você trocar ideias com com pessoas de outros partidos. Acho que isso tudo a gente: dentro desse caldeamento, dessa educação europeia que a gente teve. Acho que foi positivo, eu eu acho que dentro da história de Diamantina, o que a gente vem aprendendo, vem recebendo até hoje a influência europeia pra nós foi muito bom, foi muito boa, foi positiva.

APÊNDICE E – ENTREVISTA 5

T: entrevistada	**Data**: 1º de fevereiro de 2011
P: Pesquisadora	**Tempo**: 32:58

P: então T. eu estou aqui pra conversar com você a respeito das suas experiências suas lembran:ças sobre essa Diamantina maravilhosa nossa e especialmente é: pra ver o que que você sente diante dessa história de Diamantina de::sde o tempo que ela foi nós dizemos que ela foi explorada às vezes no garimpo mas que foi enriquecida também com a cultura europeia e:: nós que vivemos uma experiência junto a às irmã::s aos pa::dres que são de congregações religiosas temos assim uma representação disso então eu gostaria que você falasse assim livremen:te o que que significou pra você no aspecto que você quiser na religião ou no aspecto da cultu:ra é: na história que a gente tem de Chica da Silva a história que a gente tem de uma DiamanTIna que estava MUIto ligada a europa e isso representou muito na formação cultural de Diamantina pelo que a gente tem percebido então como é que você se posiciona o que que você acha disso conta o que você quiSeR do jeito que você bem entender pra mim tudo é uma contribuição especial

T: é eu acho que: Diamantina foi muito privilegia:da muita coisa boa aconteceu e também não deixou de ser também um pouco pisoteada né pela coroa quanto sofrimento que te:ve mártir quanta coisa de mineração que teve aqui que apesar de ter sido uma coisa que: projetou Diamantina que até hoje projeta né quando fecharam esses garimpos agora foi essa há mais tempo né foi essa coisa Diamantina no final das contas ficou fechado mesmo né mas acho que ainda tem uns garimpo por aí ter tem mas eu acho que sem dúvida nenhuma foi uma grande benefício pra Diamantina e agora que que eu acho que com a parte do ensino de faculdade essa coisa tá tomando outra outro aspecto que por exemplo a parte de: construção em Diamantina virou uma coisa agora né que cê não tem nem vê como é que controla por todos os lados [...]

P: explodiu né | esse movimento

T: isso foi ago:ra com faculda:de essa universidade agora foi que se que é: beneficiou Diamantina na parte de construção né mas o povo de Diamantina eu acho que tem umas coisas assim arraigadas que não deixa de ser contribuição do português eu ach/ eu acredito que seja outro dia eu tava pro/ eu tava é: pensan:do eu fui numa novena aqui no Santo Antônio novena São São Paulo Apóstolo que agora a Paróquia lá é São Paulo Apóstolo então a gente vê como é/ como são diferentes as festas religiosas no CeNtro e na periferia porque o centro não deixa de ter aquela formação anti:ga aquela coisa é difícil fazer problema por exemplo aquela parte de colaboração do po:vo de: essa parte hoje que a igreja quer tanto de reuniões de família sabe de ruas e tudo nos bairros e nessas outras tem muito mais receptividade do que no centro no centro às vezes não conseguem fazer uma novena de natal numa rua

P: e a que que você atribui isso | [...]

T: eu acho que isso é essa coisa anTIga de Diamantina não sei se é origem de Portugal dos portugueses mas que é coisa que que GUARda sabe essa coisa antiga essa tradição acho que no centro é muito mais difícil pra tudo [...]

P: são mais fecha:dos | [...]

T: mais fecha::dos [...]

P: mais formais né

T: é é e tem umas coisas que eu até não acho muito não mas outro dia falaram isso eu não achei até não houve a cantata da colônia na Catedral primeiro dia no sábado e no domingo fizeram no Seminário durante o dia até foi nós duas foi onze horas no Seminário eu achei que a Catedral até estava cheia achei bem mas o povo do Seminário coisa muito mais é apl/ é como é que é

P: APLAude muito mais tem uma receptividade

T: APLUde é é a receptividade é maior e a acústica do Seminário também ajudou sabe mas a do Seminário foi LINda eu fui ver também a que teve em Belo Horizonte eu fui também mas então o povo fala assim: “no Seminário é diferente” é diferente eu acho que o povo aqui aplaude mas não participa tanto como o povo lá do Seminário por exemplo essa essa novena que eu fui lá também o povo canta tu:do não é igual a Catedral a Catedral já tem até melhora:do conforme o vigário agora mesmo nós já tá numa fase até melhor mas eu não aguento aquele povo chato aderir e não achar isso não e esse/ pra mim eu acho que que é uma coisa assim que é de origem portuguesa essa [...]

P: a formação [...]

T: a formação [...]

P: mais aristocrá:tica não é um pessoal mais |

T: é mais distante

P: mais fri::o

T: vai às vezes à missa e tudo mas assim como comunidade sabe Diamantina é difícil você lembra a quanto tempo eu fiz a semana da comunidade aqui cê lembra

P: lembro

T: a semana da comunidade a primeira se não vem gente de Belo Horizonte pra me ajudar eu não dou conta não porque eu acho que a: comunidade de Diamantina tem melhorado mesmo mas ainda tem um ranço é difícil [...]

P: um ranço cê considera um ranço mesmo dessa | dessa história [...]

T: eu acho que é uma/ eu acho que é mais comodiDAde que a pessoa tem é mais por comodidade não tem assim essa disponibilidade pra coisa você vai conversa e tudo mas sabe

eu acho que pra mim é de origem portuguesa Diamantina que Diamantina lucrou né lucrou ou não não sei mas lucrou muita coisa né acho que assim essa coisa assim aqui no centro é muito assim e eu acredito que isso seja por causa do português [...]

P: é tem uma separação entre povo separação entre eLIte né é essa questão é muito interessante você falar a gente sempre escutou né a eLIte de Diamantina seria [...]

T: eles falam assim ti/ teve até um tempo que falaram porque tinha duas festas de São Judas aqui é: aquela menina começou uma lá em cima Egléia Marita lá na Igreja da Luz há muitos anos depois aqui Osni mais Padre Manoel inventaram uma aqui na Igreja do Amparo do Carmo do: Bonfim mas então eles falaram por isso cê falou que eu lembrei falaram que era São Judas do po/ dos pobre e São Judas dos ricos então o padre foi e cortou esse negócio de São/ de dois São Judas São Judas só lá em cima | que foi onde começou e continua sendo mas falava assim que era dos pobres e dos ricos [...]

P: e essa separação entre classes aqui na época do: do diamante né do Tijuco no arraial do Tijuco

T: era muito forte né

P: era muito forte havia uma separação grande [...]

T: é porque essa esses essa: essas festas todas né saraus e festa pra todo lado e da França não sei mais de onde né era muito diferente muita coisa e que o povo não participava né

P: e na na educação assim vamos ver uma parte que nos interessa bem de perto e que você entende bem nós tivemos o Seminário a formação dos seminaristas antigos era da congregação dos lazaristas né eram franceses | [...]

T: a origem toda era francesa [...]

P: então o que que cê: quê que cê lembra sobre isso e que ideia ficou na sua cabeça sobre a presença deles a ausência deles e delas também né das irmãs e na educação você foi delegada de ensino superintendente de ensino direto:ra de escola a educação naquela época a educação hoje em Diamantina e eu acho que isso a sua contribuição nesse setor é pra mim MUIto importante mais do que a questão histórica

T: bom a educação fica parecendo até que a gente é muito velha né não deixa de ser não mas do tempo que eu estava na educação e hoje eu acho que piorou demais mesmo não sei se eu não tenho muito contato mas eu... acho que: não sei se falta amo:r se falta educação eu não acho que o povo de hoje tem aquele amor que nós tínhamos pelo ens/ pela escola não

P: como professores como direto:res [...]

T: como professores como diretores mesmo às vezes a gente frequenta fica muito tempo sem ir a escola quando me chama até que eu vou eu fui até no Joaquim Felício esse ano ano passado teve uma uma festa lá do grupo e tal chamou as ex-diretoras já tinha pos/ colocado nossos quadros lá na parede e resolveram [...]

P: fotografias

T: é as fotografias que estavam na parede perderam então resolveram pedir outras então eu dei Dena não quis dar Dena deu então teve uma festa lá regeneração dos retrato aniversário do grupo então a gente sente assim eu até tive uma boa impressão porque eu achei que tava pior sabe eu tive uma boa impressão de lá depois não sei eu não vi assim mas eu achei que: essa menina que tá/ que tá lá agora eu não sei nem o nome dela a diretora eu achei que: parece que ela tá dando uma uma formação boa lá sabe eu ti/ tive melhor impressão assim apesar de que a gente vê muita coisa e acha que não é do tempo da gen:te que tudo é diferente hoje agora na Isabel Mota de vez em quando eu vou com o nome da minha mãe né então [...]

P: você vai falar sobre ela

|

T: às vezes me chamam lá pra alguma coisa e tal eu fui um dia agora tem muito tempo que eu não vou mas então eu fui pra uma festa lá deu vontade de vir embora porque muita gente é: tem noturno e diurno o povo todo e não ti/ não tem assim um controle de disciplina Neusa eu não aguento festa assim [...]

P: é nesse ponto muito bastante [...]

T: mudou muito mesmo né eu lembro Geraldo And/ Geralda Andrade Geralda Ávila Geralda Ávila deu uma coisa um aspecto muito importante àquele gru/ àquela escola ficou lá muito tempo e muito mesmo e era assim não era BRAva era uma pessoa que tinha coisa normal né então esse de agora até achei que ela tava entusiasmada tanto assim depois até não voltei mais não voltei porque não tive ocasião né porque às vezes a gente vai fazendo né mas eu acho que: aqui também me chamaram esse ano passado pra uma FeSta

P: no Mata Machado

T: é Mata Machado me chamaram pra uma festa pra ver exposição lá de trabalhos aniversário do grupo e tal festa eu estranhei de não ter missa não teve nada de religião porque a moça é de outra/ é: não sei que igreja não sei se é igreja sei lá ela não é católica não mas a gente sempre acostumou com aquilo né

P: a tradição

T: a tradição tinha sempre um crucifixo na sa/ né porque de modo geral as escolas todas apesar de ser pública sempre teve né mas então a gente estranha um pouco e eu não sei agora assim quanto a: como é que a gente fala aproveitamento dos alunos e eu acredito mais no ant/ no antigo

P: no antigo né e a esse antigo nosso aqui de Diamantina da região né porque a gente é de outras cidades e vinha pra estudar aqui é: teve alguma marca você acha que teve alguma MARca dessa influên:cia é: dos padres das irmã:s é: com a: os princípios religiosos e a parte intelectual a formação intelectual a formação moral ou isso foi foi secundário

T: eu acho que o colégio não deixou de deixar uma marca em nós todos né Neusa né Neusa a saída do colégio acho que não foi assim não foi muito boa pra Diamantina não acho que deu

uma queda assim nessa parte principalmente nessa parte da formação da professora né porque eu lecionei no colégio acho que você também lecionou né

P: lecionei

T: pois é eu também dei no colégio psicologia uns tempos dei prática de ensi:no

P: cê foi minha professora de prática de ensino

T: fui na faculdade né no colégio

P: foi no colégio

T: ah foi a primeira turma que eu peguei

P: foi

T: era Helena Lopes ela passou pra mim

P: é fizemos o o estágio lá no Maira Augusta Caldeira Brant

T: uma turma na ocasião da festa do colégio uma minha turma lá fez uma história do colégio assim num painel foi muito interessante de dez em dez anos sabe entrevista com uma pessoa de cada foi um trabalho muito interessante assim no colégio enquanto eu dei aula também eu dei enquanto as irmãs tavam aí eu não sei mas eu acho que havia muita receptividade assim dos alunos as turmas até eram grandes é: tinha turma de quarenta e tantos alunos né eu achava que havia muita receptividade assim e que saía muita gente boa como professora né tem um tem tem uma Neusa Araújo que foi aluna tem tem [...]

P: essa Neusa Araújo eu conheço |

T: Mirela que foi diretora da faculdade aí ela fez fez odontologia mas fez primeiro normal foi minha aluna no normal

P: é eu não sabia que ela tinha [...]

T: fez ela fez normal no colégio e foi fazer vestibular e passou quer dizer depende muito do aluno também né mas muita gen:te que foi aluno da gente e tudo que eu acho que hoje a formação não acho que é a mesma não | eu tenho minhas dúvidas [...

P: e o Seminário

T: oO Seminário

P: é você conhece bem de perto também não

T: não não conheço muito de perto não agora o Seminário por exemplo na escola no Joaquim Felício teve muita influência do Seminário na parte religiosa porque eles eram muito amigos da gente ia muito lá [...]

P: vizinhos né

T: Padre Almeida ia até cantar com os meninos na escola então aquilo dava uma coisa boa pra gente uma presença né Padre eli ia lá sempre vários problemas ele me ajudou a resolver lá na escola sabe então a gente a a educa/ essa formação religiosa era muito melhor do que é hoje também hoje não sei nem como é que tá o ensino religioso falar com você a verdade

P: você desligou você | tomava conta de tudo isso

T: é: parece que agora não tá muito tá muito estranho não sei como é que tá não não sei como é que tá não nem sei como é que está eu participei também há pouco que isso minha filha

((interferência externa conversa paralela à entrevista))

P: bom mas que houve uma mudança houve né que houve mudança houve [...]

T: houve mudança e eu não não vejo pra melhor não não sei se é pessimismo meu mas eu não às vezes eu vejo uma professora e tudo mas tem coisa que a gente não eu não sei bem localizar como foi tudo mas meu Deus a gente tem mania de falar “no meu tempo não era assim” né

P: e sua experiência por exemplo de língua francesa a a: como que aquelas irmãs as irmãs incentivavam o trabalho com o francês foi do seu tempo lá você [...]

T: o franc/ o francês eu tinha muito medo primeiro era o irmã Vinhedo que dava o francês morria de medo da professora então eu a língua alguma coisa eu assim eu coisa mas eu não gostava não depois ou antes teve a irmã Josefina que deu francês aí eu comecei a gostar da coisa da língua mas quando veio a irmã Vinhedo a Rejane é que primeiro fazia chama:da e tal sabe era a Rejane depois a irmã vinha cê lembra dela né

P: não

T: não é do seu tempo não

P: eu cheguei no colégio | tinha a irmã Machado irmã Vinhedo tinha saído irmã Machado que tinha | tinha assumido a direção [...]

T: mas então e eu num aprendi alguma coisa de francês mas eu tinha muito medo dela então pra mim não foi bom não

P: mas havia por exemplo: a questão da bibliografia dos li:vros que são é em francê:s havia um incentivo assim pra estudo de pscicologi:a em francês

T: lmbro não

P: fazia não né

T: não lembro mesmo

P: mesmo as disciplinas que vieram do currículo a gente tinha uma bibliografia assim

T: pois é mas não lembro disso bibliografia não lembro mesmo como eu tava te falando minha memória também não tá ótima não | eu não lembro de bibliografia mesmo sabe francês só ela só irmã Vinhedo a gente morria de me:do a Rejane vinha fazer chamada e aquela coisa né não lembro de bibliografi:a de coisa não

P: mas é:: de qualquer forma havia essa formação assim com com algumas características de de da Fran:ça da Inglaterra havia às vezes elas conversa:vam

T: tinha tinha aquelas coisas que elas ficavam da França ainda né quando eu comecei no colégio elas falavam que ainda tinha aque/ aquela coisa falava era em francês pra acordar assim e elas respondiam: “meu olho não quer abrir”

P: ((risos)) essa eu não conhecia não | [...]

T: eu sei que elas contavam isso né elas chamavam cedo né pra missa tinha que ir a missa todo dia isso foi do seu tempo ainda a missa né cedo | então disse que abria o olho e falava assim: “meu olho não quer abrir” eu acho que no começo tinha muito influência francesa sim eu acho que sim

P: é e a: vão voltar um pouco para a questão da da história aí como é que você se posiciona como é que é na SUA viSÃO por exemplo pra valorização é: da figura de Chica da Silva dentro da história é: e o que que ela representou na história de Diamantina porque eles costumam apresentar assim: Diamantina é a cidade de Chica da Silva e Juscelino Kubitschek né

T: é eu acho que valorizaram demais a Chica né acho que ela ser escrava e tudo ela foi escrava depois foi líber/ libertada mas eu acho que há muito exagero não sei num acredito que era TANta coisa que havia não mas eu acho que há um bocado de exagero que parece que ela era muito endeusada... é conta aquelas histórias dela que eles chamam que ela chama de marido [...]

P: é João Fernandes

T: é que até você sabe disso né nesses livros todo tem ela foi elogiar a dentadura de uma ele foi elogiar de uma escrava ela não que tirasse os dentes todo e mandar pra ele num pratinho você sabe disso não sabe

P: tem até que isso consta na história

T: tem nessas histórias tem isso ela era muito assim eu acho que ela era muito perseguidora não sei eu até já li livro dela [...]

P: qual é a visão que você tem que passou pela história estudada né é essa de que ela era perseguido:ra que ela: [...]

T: eu acho que ela teve muita promoção assim e ela foi má a impressão que eu tenho é essa eu já livro sobre ela mas vou te falar a verdade a minha memória num [...]

P: ah mas não tem que ficar [...] |

T: num gravou muita coisa não mas a visão que eu tenho dela assim eu acho pensando assim eu acho que ela: eu nunca vi assim uma his/ não sei se tem uma história que eu não lembro mas nunca vi assim coisa dela assim de bonda:de não sei eu não lembro de ter visto

P: é o que ficou na sua memória foi isso

T: na minha memória foi essa | a dona a dona do Tijuco e tudo era rique:zas e festas e comedorias e etc.

P: é vão é ver aqui o professor Aires da Mata Machado quando ele fala aqui sobre a questão da história ((folheando páginas))

T: Primeiro você começa é com Felício

P: é Felício é: primeiro foi Felício dos Santos segundo o Paulo Lagoa que vai falar sobre Chica da Silva e o Ares da Mata Machado ele fala assim: "A presença de europeus em Diamantina muito lhe contribuiu para lhe elevar o grau de cultura eram todos ingleses na designação popular menos os franceses que se distinguiam" quer dizer ele está afirmando que contribuiu para a cultura e: a gente sabe que também o: os europeus exploRAram Diamantina exploraram suas riquezas né nós temos assim autores que acham que foi uma época de muita tiraNIA e que houve muita exploração das riquezas de Diamantina né pelos europeus agora o que eu quero saber é o seguinte: o que é que fica na sua memória da participação deles ou que é mais positivo ou é dividido ou que é mais negaTIvo como é que fica na sua representação aí

T: eu acho que Diamantina ganhou muito nesse ponto de cultu:ra o Tijuco aliás né porque: você vê essa parte mesmo de mú:sica agora Diamantina quer o conservatório mas ficou muito tempo paralisado e: naquele tempo nos tempos antigos toda casa de Diamantina tinha piano é o que se fala né tinham os saraus nas casas era tinha muita preocupação com mú:sica com ARte que o tempo ficou perdido agora eu acho que melhorou um pouco mas teve um tempo que eu me lembro quando começou o conservatório todo mundo foi comprar piano porque não tinha mais né

P: nas casas

T: é e pelo que a gente ouve falar na história e tudo mesmo a Helena Morley né ela fala também muito nisso nessa parte da d: do ensino de línguas também né francês [...]

P: ela falou: "pra quê que eu vou traduzir as fábulas de La Fontaine né se eu vou se/ se eu vou ser professo:ra aqui nessa região | [...]

T: é mas eu acho que Diamantina lucrou muito com isso eu acho que ainda tem assim uma não é tanto mas tinha: eu eu a/ eu acho que: já houve tempo assim de mais cultura em Diamantina do que hoje no sentido assim porque hoje tem muita escola muita coisa mas eu acho que havia mais preocupação do po:vo não sei [...]

P: e você acha que foi influência dessa ligação direta com a europa

T: eu acho que foi pra mim essa parte de a:rte de tudo a impressão que eu tenho é que foi por cau/ que foi por causa disso Diamantina ficou com essa depois ficou um tempo meio parada

agora parece que deu um surto de novo né em vespera:tas em festa em vários gru:pos eu acho que: [...]

P: tá renascendo

T: tá renascendo

P: renascendo da ar/ o gosto pela arte

T: tem a arte miúda hoje por exemplo que dá assim né por influenciar nas crianças a parte artí:stica que é muito importante você vê quantas pessoas que faz o trabalho social também então tem a banda mirim também que faz muita coisa eu acho que hoje tem tem mais coisa mas teve um tempo que teve muito paralisado MUIto [...] |

P: agora vão aqui um assunto muito especial pra você que é a questão da Dona Bela Dona Bela há poucos dias você começou a me falar no telefone né sobre el/ ela tem uma ligação com o:: europeu né

T: os pais eram portugueses | os pais e os avós

P: os pais portugueses então quero saber na sua formação na formação do dos descenden:tes e: algum costu:me da época que estava sendo como que uma MARca da cultura francesa ou da: cultura portugue::as | europeia de um modo geral

T: era Francisca como é que chamava vovó Francisca o nome dela eu esqueci sei que ela falava assim: “ô Chico cadelo veio almoçare” pra chamar o marido de modo carinhoso ela era portuguesa mas falava era assim né “ô Chico cadelo” o nome carinhoso pra dar pra ele era cadelo “vem almoçare” na na parece que na tinha uma espécie de alçapão que ela conversava com ele lá em baixo então da casa ela chamava ele pra almoçar assim mamãe contava isso agora eu tive muito pouco relacionamento com essa... mas eu tive pouco relacionamento com ela eu conheci umas duas tias tia Isabel e a outra esqueci o nome mas mamãe ia lá de vez em quando e tal mas eu não sei assim uma coisa

P: e sua mãe assim você notava alguma MARca dessa influência portuGUesa na for/ na formação dela na parte intelectuAL sei que eu me lembro dela indo ao coLégio uma uma professora assim conceituAda e trabalhando pela educação aqui em Diamantina [...]

T: é minha mãe ela foi assim privilegiada na família porque foi a única que estudou foi a mais ve/ ela foi a mais velha era muito difícil estudar estudar no colégio né foi só ela que estudou formo/ ela é formada nessa época ela estudou aqui no colégio ela teve muita influência assim das irmãs sabe mas assim português da parte de Portugal assim não sentia não [...]

P: não deu pra perceber não

T: não e ela saiu daqui e foi dar aula em Conc/ em Conc/ em Conceição do Mato Dentro quando ela formou ela ia pra cha/ ia pra Senador Gumestino que era em Mercês né por causa de política ela era Mota parente de Chico Mota num não pode ir pra lá não deixaram ela foi dar aula no colégio Conceição do Mato Dentro e de lá ela foi nomeada pra São José do Passabem lugar longe [...]

P: onde que é isso

T: fica perto de Itambé do Mato Dentro São José do Passabem aquelas bandas lá de Itabira pra lá então ela foi foi dar aula lá e era assim muito conceitua:da era professora de fora né e eu falava que: pelo que ela contava eu falava que ela fazia papel de delegada porque até tomar arma da mão de rapaz lá ela tomou [...]

P: ação completa social

T: ela era muito conceituada lá fazia as festas toda de igreja e tudo ela fazia e lá ela se casou com meu pai né

P: ele é de lá né

T: meu pai é de São José do Passabem o meu avô não queria que ela casasse que não conhecia o moço nem nada né e ela pediu o bispo daqui pra ajuda:r pra [...]

P: conversar com o pai dela

T: ele interferiu e ela casou tanto que o pai dela não foi no casamento não ela casou foi lá foi uma das irmãs que foi sabe mas minha mãe assim ela foi professora primeiro em lugares pequenos difíceis então ela mostrou muito amor ao lugar né e ficou até com certos eu falo que ela tinha certos defeitos assim na fala por causa de falar muito pra aRROZAL cafezal o povo falava cafezal arrozal então ela falava tanto que no fim ela ficou com essa coisa assim sabe ficou com essa pronúncia assim mais forçada [...]

P: mais forçada |

T: Passabem Itambé do Mato Dentro eu nasci em Pe/ em Prudente de Morais tenho irmã que também nasceu em Prudente de Morais depois viemos pra Diamantina porque ela deu aula lá não sei quantos anos não sei bem depois viemos pra Diamantina que a família dela era toda daqui né aí conseguiram transferência dela pra aqui meu tio João Mota até que conseguiu e viemos pra aqui e ela veio pro grupo Mata Machado

P: ah então veio pro grupo:

T: veio pro grupo Mata Machado é e: aí que ela aposentou né mas ela sempre foi assim muito dedica:da professo:ra trazia os menino pra casa fazia os álbuns que pena até que eu tinha um mas agora não sei onde é que ele anda eu dei um pra escola ela fazia uns álbuns com os meninos assim é fazia os estudos depois fazia eugita por exemplo tem até umas coisa que tem o nome de eugita então tinha aqueles álbuns fazia cada álbum mais lindo depois que a tia me deu e dei pra escola pra ficar lá pra escola que tem o nome dela de modo que ela sempre foi uma boa professora muito BRAva aqui no Mata Machado ela pegou cada aluno levado aqui | mas foram muito levados sabe ela pegou umas turmas bem difícil mas foi uma profissão até o fim | Meu pai falava que ele era marido de professora depois ele virou pai de professora

P: pai de professora é você né

T: ele era marido depois pai ele falava assim: “eu era marido agora sou pai” depois ficamos só nós dois né

P: ô T. é: é muito interessante a gente ouvir de você que viveu essa vida aqui em Diamantina com essas experiências todas principalmente na área de educação e isso é uma contribuição muito interessante pra mim que tô fazendo essa pesquisa porque não é ler o texto em si a gente encontra muita informação histórica é diferente saber o que que é que as pessoas pensam sobre a história de Diamantina

T: pois é eu não sei se deu pra passar não sei se tinha mais alguma coisa que eu podia falar... Depois deram o nome dela deram o nome dela pro grupo né isso aí eu acho que teve uma influência do Seu Joaquim Moreira que era presidente da ABN na ocasião sabe acho que teve uma influência não sei como foi não porque na verdade ela foi uma professora dedicada isso ela foi né [...]

P: aí quer razão maior do que essa ser professora dedica:da